GANHADORA DO PRÊMIO ORANGE

ANN PATCHETT



ESTADO *de* GRAÇA

intrínseca

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Ann Patchett

Estado de graça

tradução de maria carmelita dias

intrínseca

Copyright © 2011 Ann Patchett

TÍTULO ORIGINAL
State of Wonder

ADAPTAÇÃO DE CAPA
ô de casa

PREPARAÇÃO
Clarissa Peixoto

REVISÃO
Taís Monteiro

REVISÃO DE EPUB
Camila Dias

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

E-ISBN
978-85-8057-255-1

Edição digital: 2012

Todos os direitos reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99/3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br


You
Tube


intrínseca

Para minha amiga Jo VanDevender

UM

A notícia da morte de Anders Eckman chegou por aerograma, uma fina folha de papel azul forte que tanto fazia as vezes de papel de carta como, estando dobrado e colado nas extremidades, de envelope. Quem imaginaria que ainda existia esse tipo de coisa? Aquela folha simples viajara do Brasil até Minnesota para comunicar o falecimento de um homem, uma nesga de material tão insubstancial que apenas o selo parecia ancorá-lo a este mundo. O Sr. Fox segurava a carta quando entrou no laboratório a fim de dar a notícia para Marina. Assim que ela o viu à porta, sorriu, e ele, diante daquele sorriso, hesitou.

— O que foi? — perguntou ela afinal.

Ele abriu a boca e a fechou em seguida. Quando tentou novamente, tudo o que conseguiu dizer foi:

— Está nevando.

— Ouvi no rádio que ia nevar.

A janela do laboratório onde Marina trabalhava dava para o saguão e, por isso, ela nunca via como estava o tempo até a hora do almoço. Marina esperou um minuto até que o Sr. Fox dissesse o que tinha ido dizer. Ele não teria saído do seu escritório, a uma distância de uns dez prédios, para ir, na neve, falar sobre a previsão do tempo; mas permaneceu no mesmo lugar, sob o caixilho da porta aberta, incapaz de entrar ou de sair.

— Você está bem?

— Eckman faleceu — conseguiu dizer ele antes de sua voz falhar, e então, sem mais explicações, entregou-lhe a carta para mostrar como sabia pouco sobre aquele fato terrível.

* * *

Havia mais de trinta prédios no campus da Vogel, laboratórios e escritórios de diversos tamanhos e funções. Havia laboratórios com estações para vinte

técnicos e cientistas trabalharem simultaneamente. Outros laboratórios possuíam paredes e mais paredes de gaiolas com ratos, macacos ou cães. O laboratório que Marina compartilhava havia sete anos com o Dr. Eckman era tão pequeno que bastava ao Sr. Fox estender a mão em direção a ela. Foi o que fez, e Marina apanhou a carta e se sentou lentamente na cadeira de plástico cinza ao lado da divisória. Naquele momento, percebeu por que as pessoas dizem *Talvez seja melhor você se sentar*. Sentiu, por dentro, um leve colapso físico, não um desmaio, mas uma espécie de encolhimento, como se ela fosse um metro de madeira e seus tornozelos, joelhos e quadris estivessem se dobrando, formando ângulos menores. Anders Eckman em seu jaleco, alto, os espessos cabelos louros que começavam a ficar grisalhos. Anders lhe trazendo uma xícara de café quando ia buscar uma para si mesmo. Anders lhe entregando os arquivos que ela pedira, recostado na ponta de sua mesa, repassando com ela os dados sobre proteínas. Pai de três filhos. Com pouco menos de 50 anos. Os olhos de Marina se voltaram para as datas: 15 de março na carta, 18 de março no selo e hoje 1º de abril. Não apenas ele estava morto, como já estava morto havia duas semanas. Eles tinham aceitado o fato de que não teriam notícias suas com frequência e agora ela percebia que já havia tanto tempo que ele se fora que se acostumara a não pensar nele na maior parte do dia. O desconhecimento sobre a localização do afluente do Amazonas onde a Dra. Swenson conduzia sua pesquisa na Amazônia fora salientado várias e várias vezes para o pessoal de Minnesota (*Amanhã esta carta vai ser entregue a uma criança que irá descer o rio flutuando sobre uma tora escavada*, Anders lhe escrevera certa vez. *Nem posso chamar de canoa. Nunca houve estatísticas sobre a probabilidade de ela chegar ao destino*). Ainda assim, era um país, era parte do mundo. Certamente alguém naquele lugar tinha uma conexão de internet. Será que se deram o trabalho de procurar?

— Ela não ligaria para você? Tem de existir algum tipo de satélite global…

— Ela não usa o telefone ou diz que não funciona lá.

Por mais próximos que estivessem no cômodo silencioso, ela mal ouvia a voz do Sr. Fox.

— Mas para isso… — Ela se deteve. Ele não sabia. — Onde ele está agora? — Marina perguntou. Não conseguia dizer *o corpo dele*. Anders não era um corpo. A Vogel estava cheia de médicos, médicos trabalhando, médicos em seus escritórios tomando café. Os depósitos, os armários, as gavetas das escrivaninhas

estavam repletos de drogas, de pílulas de toda espécie que se pudesse imaginar. Era uma indústria farmacêutica; o que eles não tinham encontravam uma maneira de produzir. Sem dúvida, se soubessem onde ele estava, encontrariam algo para fazer em favor dele, e com esse pensamento seu desejo pelo impossível eclipsou qualquer dado científico que ela conhecesse. Os mortos estavam mortos, estavam mortos, estavam mortos e, ainda assim, Marina Singh não precisava fechar os olhos para visualizar Anders Eckman comendo um sanduíche de salada de ovo na lanchonete dos funcionários, como ele fizera com tanto entusiasmo todos os dias em que estivera ali, desde que ela o conhecera.

— Você não lê os relatórios sobre colesterol? — perguntava ela, sempre pronta a desempenhar o papel de coadjuvante para o colega.

— Eu escrevo os relatórios sobre colesterol — respondia Anders, deslizando o dedo pela borda do prato.

O Sr. Fox levantou os óculos e pressionou o lenço dobrado nos cantos dos olhos.

— Leia a carta.

Ela o fez, em silêncio.

Jim Fox,

Chove torrencialmente, o que não é incomum por aqui, mas ano após ano nunca deixa de me surpreender. A chuva não altera nosso trabalho, a não ser pelo fato de fazê-lo demandar mais tempo; podemos trabalhar mais lentamente, mas não paramos. Caminhamos com segurança no sentido de obter excelentes resultados.

Mas por agora o trabalho não é nossa preocupação principal. Escrevo para relatar uma triste notícia sobre o Dr. Eckman, que morreu por causa de uma febre há duas noites. Dada a nossa localização, a chuva, a burocracia mesquinha do governo (o nosso e o daqui) e a natureza de nosso projeto, que tanto depende do tempo, preferimos enterrá-lo aqui mesmo, de uma forma que respeitou suas tradições cristãs. Devo dizer que a tarefa não foi fácil. Quanto ao propósito da missão do Dr. Eckman, posso assegurar-lhes que estamos fazendo grandes progressos. Vou guardar o pouco que ele deixou para sua esposa, a quem eu gostaria de enviar essa notícia com os meus sentimentos. Apesar dos contratempos, nós perseveramos.

Annick Swenson

Marina leu de novo, desde o início. Quando terminou, ainda não sabia o que dizer.

— Ela está dizendo que Anders é um contratempo?

Marina segurava a carta pelos cantos como se fosse um documento a ser submetido a prova. Estava claro que o papel fora molhado em algum momento e

tinha secado depois. Ela via que, pela forma como estava enrugado em algumas partes, ele tinha pegado chuva. A Dra. Swenson sabia tudo sobre a relação entre papel, tinta e chuva, por isso escrevia as cartas com um lápis de grafite escuro e duro, enquanto do outro lado de Eden Prairie, em Minnesota, Karen Eckman estava em sua residência, uma construção colonial de tijolos, de dois andares, pensando que o marido se encontrava no Brasil e voltaria para casa logo que conseguisse fazer a Dra. Swenson dar ouvidos à razão.

Marina olhou o relógio. Eles deviam sair logo, antes que desse a hora de Karen apanhar as crianças na escola. De vez em quando, se por acaso Anders olhasse para seu relógio e fosse duas e meia da tarde, ele dizia a si mesmo em voz baixa: *Hora da saída da escola*. Três pequenos Eckman, três meninos que, como a mãe, não tinham noção de que o pai estava morto. Para relatar toda essa perda, a Dra. Swenson conseguira usar apenas pouco mais da metade de uma página, sendo que em metade da página se dera o trabalho de mencionar duas vezes as condições climáticas. O restante do papel era um grande mar de vazio azul. O que mais poderia ter sido dito naqueles centímetros que sobraram, o que mais poderia ter sido explicado, tudo isso estava além de uma medida científica.

O Sr. Fox fechou a porta e se aproximou da cadeira de Marina. Colocou as mãos nos ombros dela e fez uma leve pressão; as persianas das janelas que davam para o saguão estavam fechadas, então ela encostou o rosto na mão dele e, por um momento, ficaram assim, iluminados pela pálida luz fluorescente. Foi um consolo para ambos. O Sr. Fox e Marina nunca tinham conversado sobre como lidariam com o relacionamento deles no ambiente de trabalho. Não tinham um relacionamento no trabalho, pelo menos não diferente do das outras pessoas. O Sr. Fox era o CEO da Vogel. Marina era uma médica que trabalhava no desenvolvimento de estatinas. Eles tinham se encontrado, de verdade, pela primeira vez, no final do verão anterior, num jogo de softbol da empresa, médicos contra funcionários. O Sr. Fox se aproximara para cumprimentá-la por seu arremesso, e isso levou-os a uma conversa sobre a admiração que compartilhavam pelo beisebol. O Sr. Fox não era médico. Ele fora o primeiro CEO vindo do setor manufatureiro. Quando ela se dirigia a ele na frente de outras pessoas, tratava-o como Sr. Fox. O problema era chamá-lo de Jim quando estavam sozinhos. Esse se mostrou um costume muito mais difícil de adotar.

— Eu não devia ter mandado Eckman — disse o Sr. Fox.

Ela ergueu o rosto e pegou a mão dele. O Sr. Fox não tinha motivo para usar jaleco. Naquele dia vestia um terno cinza-escuro e gravata azul-marinho listrada e, apesar de ser um traje digno de um homem de 60 anos, ele sempre parecia um peixe fora d'água quando se afastava do setor administrativo. Naquele dia, Marina notou, ele parecia pronto para um funeral.

— Você não o forçou a ir.

— Pedi a ele que fosse. Acho que ele poderia ter recusado, mas era pouco provável.

— Mas você nunca pensaria que algo assim fosse acontecer. Você não mandou Anders para um lugar perigoso.

Marina não tinha certeza de que isso era verdade. É claro que havia cobras venenosas e peixes de dentes afiados, mas ela imaginava que tais animais ficavam distantes dos locais onde os médicos conduziam suas pesquisas científicas. De qualquer maneira, a carta dizia que ele havia morrido de algum tipo de febre, e não da picada de uma cobra. Havia vários tipos de febre mesmo ali em Minnesota.

— A Dra. Swenson já está lá há cinco anos. Nada aconteceu a ela.

— Nada aconteceria a ela — disse o Sr. Fox sem demonstrar qualquer sinal de bondade na voz.

Anders quisera ir para a Amazônia. Essa era a verdade. Quais eram as chances de um médico que trabalhava com desenvolvimento de estatinas receber um convite para ir ao Brasil no exato momento em que o inverno estava se tornando insuportável? Ele era um dedicado observador de pássaros. Todo verão partia para Boundary Waters com os filhos e, numa canoa, munidos de binóculos e blocos de anotações, remavam em busca de aves, como o pica-pau da crista vermelha e o pato-de-rabo-alçado-americano. A primeira coisa que Anders fez quando soube da viagem foi comprar pela internet guias da Floresta Amazônica e, no momento em que chegaram, ele abandonou qualquer pretenso trabalho. Colocou as amostras de sangue de volta na geladeira e se dedicou às lustrosas e pesadas páginas dos guias. Mostrou a Marina as aves que esperava ver, jaçanãs com garras longas como suas mãos, anus-brancos com topetes de penugem parecendo escovas de limpeza no topo da cabeça. Seria até possível lavar um vidro de conserva com o topete de um anu-branco. Anders tinha comprado uma máquina fotográfica nova com uma lente capaz de dar close em um ninho a uma

distância de quinze metros. Não era o tipo de luxo a que ele sucumbiria em circunstâncias normais.

— Mas essas não são circunstâncias normais — comentou ele, e tirou uma foto de sua parceira junto à mesa de trabalho.

Com o clarão do flash, Marina levantou os olhos de um saurá-de-pescoço-preto, um pássaro do tamanho de um polegar que vivia em uma porção de lama em formato de cone, pregado na ponta de uma folha.

— É uma quantidade inacreditável de pássaros. — Ela examinou cada foto cuidadosamente, maravilhada com o esplendor da biodiversidade. Quando viu as araras-azuis, por um segundo experimentou certa tristeza por não ser ela a escolhida pelo Sr. Fox para a tarefa. Foi um pensamento único e ridículo. — Você vai estar ocupado demais com os pássaros para conseguir tempo para falar com a Dra. Swenson.

— Acho que vou descobrir uma porção de pássaros antes de encontrar a Dra. Swenson, e, depois que isso acontecer, duvido que ela vá fazer as malas no mesmo dia e correr para a Johns Hopkins. Essas coisas exigem sutileza. O próprio Sr. Fox disse isso, o que me deixa com muitas horas do dia livres.

Encontrar a Dra. Swenson era um problema. Eles tinham um endereço em Manaus, mas aparentemente não ficava nem um pouco perto do local onde ela estava desenvolvendo sua pesquisa. Ela acreditava que a localização dessa área tinha de ser protegida e mantida no maior sigilo a fim de preservar tanto a natureza pura dos sujeitos da pesquisa quanto o valor das drogas que ela desenvolvia. Ela defendeu isso com tanta convicção que nem o Sr. Fox sabia sua exata localização, exceto que estava próximo a um afluente do rio Negro. A que distância de Manaus esse afluente se iniciava e em que direção ele corria, ninguém sabia dizer. Pior que isso era a sensação de que encontrá-la seria a parte fácil da tarefa. Marina olhou fixamente para Anders e ele ergueu a câmera novamente.

— Pare com isso — disse ela, tapando a lente da câmera com a mão. — E se você não conseguir trazer a Dra. Swenson de volta de jeito nenhum?

— É claro que vou conseguir — falou Anders. — Ela gostou de mim. Por que você acha que o Sr. Fox me escolheu para ir até lá?

Era possível que a Dra. Swenson tivesse gostado dele no dia em que ela passara na sede da Vogel, sete anos antes, quando se reunira em volta de uma

mesa de conferências com Anders e mais quatro médicos e cinco executivos que compunham o Grupo de Avaliação de Probabilidades, para discutirem o orçamento preliminar para o desenvolvimento de um programa no Brasil. Marina podia dizer-lhe que a Dra. Swenson não fazia ideia de quem ele era, mas para quê? Certamente ele sabia disso.

* * *

O Sr. Fox não conhecia Karen Eckman. Ele a encontrara em festas da empresa, mas disse a Marina que não conseguia se lembrar do rosto dela, fato que agora parecia imperdoável à luz do que acontecera. Marina percebeu o olhar de gratidão dele quando ela pegou o casaco pendurado no cabide perto da porta; nunca deixaria que ele fosse sozinho. A tarefa era digna de capelães militares, policiais, indivíduos que sabiam algo a respeito de como bater nas portas das famílias para dar notícias que fariam cair o mundo das pessoas que moravam na casa. *Anders faleceu*.

— Ela vai ficar contente por você estar lá — disse o Sr. Fox.

— Contente não é bem a palavra — emendou Marina.

Marina acompanhava o Sr. Fox para ajudá-lo e também como sinal de respeito pelo amigo falecido. Porém, não tinha a ilusão de ser a pessoa que Karen Eckman escolheria para receber a notícia. É verdade que ela conhecia Karen, mas apenas tão bem quanto uma mulher de 42 anos sem filhos pode conhecer uma de 43 com três filhos, e assim como qualquer mulher solteira que trabalha com um homem pode conhecer a esposa dele, que fica em casa. Marina compreendia por que Karen insistira em conhecê-la mesmo que não desconfiasse dela conscientemente. Karen costumava bater papo quando Marina atendia ao telefone no laboratório. Ela a convidara para seu *open house*, no Natal e para o churrasco do Dia da Independência, quando servira chá a Marina, fizera perguntas interessadas sobre a pesquisa de proteínas e dissera ter gostado muito dos sapatos dela, um par de sapatilhas de cetim amarelo, vagamente exóticas, que uma prima enviara de Calcutá alguns anos antes, sapatos que ela mesma adorava e guardava para ocasiões especiais. Quando Marina, por sua vez, indagou sobre os meninos, o que eles estavam fazendo na escola, se iam acampar ou não, Karen deu respostas curtas, sem entrar em muitos detalhes. Não

era o tipo de mãe que bombardearia a educada colega do marido com conversas intermináveis sobre reuniões de escoteiros. Marina sabia que Karen não tinha medo dela. Afinal de contas, Marina era extremamente alta e ossuda, com olhos impenetráveis e densos cabelos negros, que a deixavam muito longe de parecer sueca; o que se passava era simplesmente que Karen não queria que Marina a esquecesse. E Marina não se esquecia dela, mas, como o que importava entre elas nunca era mencionado, ela nunca tivera a oportunidade de se defender contra aquilo de que nunca fora acusada e sobre o que não tinha culpa alguma. Marina não era o tipo de mulher que se apaixonaria pelo marido de outra, muito menos do tipo que invadiria a casa no meio da noite para roubar o anel de noivado que pertencera à avó, o laptop, a criança. Na verdade, na última festa de Natal, após dois copos de ponche, ela sentiu muita vontade de encostar em Karen na cozinha, colocar os braços em seus pequenos ombros, inclinar a cabeça quase tocando a da outra. E quis sussurrar no ouvido de Karen "Estou apaixonada pelo Sr. Fox", só para ver os olhos azul-claros da outra se arregalarem num misto de prazer e surpresa. Como ela desejava agora ter ficado bêbada o suficiente naquele dia a ponto de fazer a confidência. Se houvesse feito isso, Marina Singh e Karen Eckman teriam se tornado realmente grandes amigas.

Do lado de fora, a neve tinha caído em grandes porções, o bastante para enterrar qualquer folha da grama nova da primavera. Os crocos que ela vira ainda naquela manhã, com as pontas amarelas e roxas se erguendo da sujeira, agora estavam congelados e sólidos como carpas num lago. Os pequenos brotos de olaias compunham prateleiras pesadas de neve. O Sr. Fox e Marina avançaram pela neve parcialmente derretida e escorregadia sem pensar que, pela primeira vez desde que iniciaram seu relacionamento, estavam deixando o prédio juntos. Completaram o longo caminho do quadrante sul do campus da Vogel para o estacionamento, a quase quatrocentos metros de distância. Marina não levara as botas de neve. Não estava nevando quando ela saíra para trabalhar.

— Vou lhe contar outra coisa — disse o Sr. Fox quando entraram no carro, a neve sendo removida pelo limpador de para-brisa e o sistema de descongelamento ligado no nível máximo. — Nunca pensei que ele ficaria fora tanto tempo. Quando ele partiu, avisei que podia demorar o tempo que fosse

necessário, que resolvesse tudo por lá, mas achei que não fosse levar mais de duas semanas.

— Ele custou muito a encontrar a Dra. Swenson, e isso atrapalhou a programação dele desde o início.

Anders partira no dia seguinte ao Natal. A empresa queria que ele fosse antes, mas o Natal era inegociável para os Eckman. Marina havia mostrado ao Sr. Fox as poucas cartas que recebera de Anders, já que não guardavam nenhum segredo. Ele quase só mencionara Manaus e depois as excursões que fizera à selva, com um guia, para observar os pássaros. Para ela, Anders quase só falara da chuva. Se o Sr. Fox também havia recebido cartas de Anders, e Marina tinha certeza de que sim, nunca as mencionara.

— Duas semanas, então. Não três meses. Eu teria dito a ele para voltar...

— Você não tinha como falar com ele.

— Exatamente. — O Sr. Fox deixou os olhos vagarem pela paisagem branca que surgia entre os limpadores de para-brisa. — Eu disse a ele que havia uma mensagem a ser entregue à Dra. Swenson e que, logo que ele fizesse isso, devia entrar em um avião, mesmo que ela não o acompanhasse. Era a única tarefa que ele tinha.

— Jamais seria tão fácil assim — comentou Marina, tanto para si mesma quanto para ele.

Ninguém acreditava seriamente que dizer à Dra. Swenson que ela precisava levar sua pesquisa de volta a Minnesota resultaria efetivamente em fazê-la empacotar seu laboratório inteiro e retornar; nem Anders, nem o Sr. Fox, nem Marina. Na realidade, não era essencial que ela voltasse. Se ela quisesse reabrir canais de comunicação, provar que a droga estava quase pronta, deixar a empresa instalar uma equipe de médicos para fornecer relatórios precisos e regulares do progresso da droga, a Vogel a deixaria em sua estação de pesquisa durante anos, liberaria verbas à vontade. Contudo, agora Anders estava morto e a noção de sucesso se reduzia a uma doentia insensatez. Simplesmente pensar na Dra. Swenson fazia Marina ter a sensação de uma mão fria apertando seu coração. Ela se via voltando no tempo, quinze anos antes, ao salão de conferências da Johns Hopkins, num assento seguro no corredor de uma fileira do meio, e de lá estar a Dra. Swenson, andando lentamente em frente ao tablado, falando sobre o colo do útero, *o colo do útero*, com tanta intensidade que

ninguém tinha coragem sequer de olhar para o relógio. Nenhum dos cem alunos da turma iria sugerir que a aula estava se alongando, que deveria terminar e dar lugar às próximas. Ainda que fosse uma residente do segundo ano, Marina assistia à palestra para os estudantes de medicina do terceiro, porque a Dra. Swenson tinha deixado claro tanto para os residentes quanto para os alunos que, quando ela falava, eles tinham de prestar atenção. Marina não sonharia em perder uma aula ou sair da sala por uma questão tão irrelevante quanto o tempo. Ela permanecia presa a seu lugar enquanto as transparências de células atípicas projetadas na parede passavam com tanta rapidez diante dela que quase compunham um filme. A Dra. Swenson sabia tudo o que Marina precisava saber, tinha respostas às indagações que ela ainda nem havia formulado em sua mente. Uma mulher pequena, ainda menor pela distância, que fazia cem pessoas ficarem grudadas em seus lugares com uma voz cujo tom nunca se dava o trabalho de elevar. E, como todos tinham medo dela e medo de perder qualquer palavra que ela pudesse dizer, ficavam ali pelo tempo que ela decidisse. Marina acreditava que toda a sala existia enquanto ela existisse, numa interseção de terror e exaltação, uma sensação que deixava a mente em alerta máximo. Sua mão passava página após página enquanto anotava cada sílaba que a Dra. Swenson pronunciava. Foi naquela aula que Marina aprendeu a fazer anotações como um taquígrafo, uma habilidade que lhe seria útil por toda a sua vida.

Ela ficou impressionada com a maneira como, após todos esses anos, ainda se recordava da Dra. Swenson na sala de aula. Em sua mente, nunca a via em uma cirurgia ou dando um plantão, mas a uma distância física segura.

* * *

Karen e Anders Eckman moravam em uma rua sem saída onde os vizinhos dirigiam vagarosamente sabendo que algum garoto poderia aparecer descendo a ladeira em um trenó ou disparar de entre os arbustos em uma bicicleta.

— É aquela ali. — Marina apontou para os tijolos vermelhos, e o Sr. Fox estacionou o carro junto ao meio-fio. Marina e Anders provavelmente tinham um salário parecido. Eles nunca haviam conversado sobre isso, mas realizavam o mesmo trabalho. Anders tinha alguns anos a mais que Marina na empresa; talvez ganhasse um pouco mais. Porém, a casa de Marina, que era bem pequena e,

ainda assim, grande demais para ela, já estava totalmente quitada. Ela contribuía regularmente para ações de caridade e deixava o restante do dinheiro no banco, enquanto Anders tinha gastos com o financiamento da casa, aulas de piano, tratamentos dentários, acampamentos de verão, contas relativas a educação. Como ele conseguia, com mulher e três filhos, e quem pagaria essas despesas agora que estava morto? Durante alguns minutos, ela ficou sentada no carro, imaginando as várias festas de aniversário, comemorações de Natal, infinitas imagens dos meninos com os presentes, laços, fitas e papel de embrulho rasgados em pilhas de vermelho, verde e prateado, até que finalmente a neve espalhou um manto sobre o para-brisa e encobriu a vista.

— Mas que surpresa! — disse Karen Eckman ao abrir a porta, as mãos segurando a guia com enforcador de um imenso golden retriever; ela era uma mulher miúda e aquela não parecia uma batalha que pudesse ganhar. — Não! — gritou. — Senta! — Ela usava um gorro de tricô branco que cobria as orelhas e seu casaco estava logo atrás dela, jogado sobre uma cadeira no hall de entrada. Marina não se lembrava do nome do cachorro, embora houvesse uma foto dele na mesa de Anders junto às de Karen e dos meninos. O cão empurrou a cabeça quadrada contra os quadris de Karen e deu dois latidos secos diante da inesperada sorte de ter convidados no meio do dia.

— Você está de saída — falou o Sr. Fox, como se isso talvez significasse que eles também devessem sair.

Karen balançou a cabeça.

— Não, não, tudo bem. Tenho tempo de sobra. Eu ia dar um pulo no mercado antes de buscar os meninos da escola, mas posso deixar para mais tarde. Entrem. Está um frio congelante. — O cão arremeteu para a frente quando eles entraram, esperando uma oportunidade de pular, mas Karen, que tinha no máximo uns dez quilos a mais do que o animal, conseguiu arrastá-lo para o lado. — Para trás, Pickles — ordenou. — Senta!

Pickles não se sentou e, quando o soltou, Karen esfregou as mãos para aliviar as marcas que a guia havia deixado. Na cozinha, tudo estava em perfeita ordem: não havia uma única xícara na pia, um único brinquedo no chão. Marina já estivera ali antes, mas apenas em festas, quando todos os cômodos e corredores estavam repletos de pessoas. Com a casa vazia, ela podia ver como era grande. Seriam necessárias muitas crianças para preencher todo aquele espaço.

— Aceitam um café? — Karen perguntou.

Marina se virou para dirigir a pergunta ao Sr. Fox e descobriu que ele estava exatamente atrás dela. Ele não era mais alto do que ela, e até ria disso quando estavam sozinhos.

— Não, obrigada — recusou Marina.

O dia não estava muito claro, mas o pouco de luz que havia era refletido pela neve e lançava uma ampla faixa prateada na mesa da cozinha. Através da grande janela, Marina viu um parquinho numa parte mais alta do quintal, um castelo rústico com neve acumulada no telhado inclinado. Pickles se encostou em Marina e, com a cabeça, deu batidinhas na mão dela, até que ela se inclinasse para afagar o pelo macio de suas orelhas.

— Posso prender Pickles — disse Karen. — Ele é muito espaçoso!

Pickles olhou para ela, a visão embaçada com o êxtase do afago nas orelhas.

— Gosto de cachorros — falou Marina, pensando que era vital que ele estivesse presente. O cão faria o papel de um sacerdote. O papel da mãe de Karen, da irmã, de qualquer pessoa que ela escolhesse para estar perto quando tudo desabasse. O cachorro faria o papel de Anders.

Ela se virou e fitou o Sr. Fox novamente. Cada segundo que eles passavam na casa sem dizer o que tinha acontecido era uma mentira. Mas o Sr. Fox tinha se voltado para a geladeira. Ele observava as fotos dos meninos: os dois menores com cabelo louro pálido; o maior, um pouquinho menos louro. Reparou em uma foto de Anders abraçando a mulher e, nessa imagem, eles não pareciam muito mais velhos do que as crianças. Havia fotos de pássaros, também, um grupo de tetrazes da pradaria no campo, um pássaro de um azul tão vibrante que parecia editado no Photoshop. Anders tinha muitas fotos de pássaros.

Karen tirou o gorro e colocou os cabelos lisos e louros atrás das orelhas. O rubor das bochechas por causa do frio já havia desaparecido.

— As notícias não são boas, não é? — disse, girando os anéis no dedo, um de brilhante modesto e a aliança de platina. — Estou contente em vê-los, mas imagino que não tenham passado só para dar um “oi”.

Por um milésimo de segundo Marina sentiu uma ligeira sensação de alívio. É claro que ela já sabia. Mesmo que ainda não tivesse sido avisada, ela saberia em seu íntimo. Marina queria muito abraçar Karen e depois dar os pêsames. Pelo

menos, estava pronta para isso. Em sua garganta ardiam as palavras para exprimir sua solidariedade.

— Não são boas notícias — confirmou Marina, ouvindo o embaraço na própria voz.

Esse era o momento em que o Sr. Fox contaria a história, para explicar de uma forma que nem mesmo Marina entenderia; mas nada aconteceu. O Sr. Fox continuou a fitar as fotos na geladeira. Tinha voltado as costas para as duas, os braços para trás, a cabeça inclinada para a imagem de uma mobelha-grande.

Karen levantou os olhos e balançou ligeiramente a cabeça.

— As cartas estão loucas — disse. — Recebo duas em um dia e depois mais nada durante uma semana. E não obedecem a ordem alguma. Recebi uma carta uns dois dias atrás sem data, mas deve ser bem recente. Ele parecia meio fora de si. É certo que está me escrevendo menos agora. Acho que não quer me dizer que tem de ficar mais tempo.

— Karen, escute.

Pickles ergueu a cabeça, como se “escute” fosse um comando. Sentou-se.

— Não é trabalho para dele — continuou Karen e, enquanto olhava para Marina, apontava para as costas do Sr. Fox. — Ele não gosta da selva. Quer dizer, ele diz que os pássaros são espetaculares, mas o resto está deixando Anders louco, as folhagens e as plantas. Em uma das cartas ele comentou que parecia que elas iam sufocá-lo à noite. No local onde Anders nasceu, em Crookston, quase não havia árvores. Vocês já estiveram em Crookston? É uma pradaria, mais nada. Ele sempre dizia que árvores o deixavam nervoso... ele estava brincando, mas assim mesmo... Não é a pessoa ideal para isso. Não é um tipo de mediador treinado para negociar casos difíceis. Eu compreendo por que o senhor mandou Anders. Todo mundo gosta dele. Mas, se o preço das ações da Vogel está inflacionado, então é problema da Vogel. Não é obrigação dele resolver isso. Ele não conseguiu resolver e o senhor não pode deixar que ele continue lá tentando.

Marina imaginou que Karen fazia esse discurso mentalmente toda manhã e toda noite enquanto escovava os dentes, sem imaginar que algum dia teria a oportunidade de recitá-lo para o próprio Sr. Fox.

— Ele nunca vai dizer isso ao senhor, mas, mesmo que ele não tenha conseguido trazer aquela desequilibrada, já está na hora de ele voltar para casa.

Temos três filhos aqui, Sr. Fox. O senhor não espera que eles terminem o ano letivo sem o pai por perto...

Dessa vez, Marina reconheceu a sensação desde o início, as juntas se dobrando involuntariamente, e conseguiu puxar a cadeira alta no centro da cozinha. Certamente, agora era a hora de o Sr. Fox entregar a carta para Karen; então, com uma onda de tristeza, Marina se lembrou de que a carta estava no próprio bolso. Ela puxou a cadeira atrás de si.

— Sente-se, Karen — pediu. — Sente-se perto de mim.

A ocasião não lhe trouxe à mente suas próprias perdas. O que se passava na cabeça de Marina era a inerente crueldade de contar. Não importava se a notícia seria dada com gentileza, com tristeza ou compaixão; seria um baque que dividiria Karen ao meio.

— Anders? — disse Karen, e depois repetiu, mais alto, como se o marido estivesse no cômodo ao lado, como se ela tanto acreditasse quanto negasse o que acabara de saber.

Todo o frio que varria Minnesota atingiu Karen Eckman, e ela tremeu e gaguejou. Os dedos das mãos começaram a tremelicar. Ela pediu para ver a carta, mas depois se recusou a tocar aquele papel, tão fino, tão azul, meio dobrado. Pediu a Marina que lesse em voz alta.

Ela não tinha como recusar; porém, assim mesmo, por mais que tentasse editar as palavras quando saíam de sua boca, não conseguia dar-lhes um toque de solidariedade.

— Dada a nossa localização, a chuva — disse hesitantemente, deixando de fora a parte dos governos e das burocracias mesquinhas. — Preferimos enterrá-lo aqui mesmo. — Não conseguiu dizer que o enterro não tinha sido fácil. Ela devia ter lido o primeiro parágrafo, ainda que fosse tão banal. Sem ele, o que restava nem parecia uma carta. Soava mais como um telegrama lacônico.

— Ela enterrou Anders lá? — perguntou Karen. Seus pulmões se esforçavam para respirar, mas foi em vão. Não havia ar na cozinha. — Meu Deus, o que você está me dizendo? Ele já está debaixo da terra?

— Karen, diga o nome de alguém para quem eu possa ligar. Alguém precisa vir ficar com você. — Marina tentou pegar as mãos de Karen, mas ela as retirou.

— Tire Anders de lá! Você não pode deixar que ele fique naquele lugar. Ele não vai ficar lá.

Era o momento de prometer qualquer coisa, mas, por mais que se esforçasse, Marina não conseguia encontrar uma única frase de consolo.

— Não tenho como trazer Anders — falou Marina, e era uma confissão terrível, porque agora ela podia ver claramente a lama e as folhas, o solo se fechando com a chuva, os brotos de vegetação e de relva espessa crescendo até que fosse impossível encontrar o local onde ele fora enterrado. Ela podia sentir o pânico sufocante de Anders com toda aquela vegetação e o mesmo pânico se apossou dela. — Não sei como fazer isso. Karen, olhe para mim, você tem de me dizer para quem eu devo ligar. Você precisa me deixar chamar alguém.

Karen, porém, não entendia, não conseguia ouvir ou não se importava em tornar as coisas mais fáceis para Marina. As duas estavam sozinhas nisso. O Sr. Fox tinha se afastado do cômodo por causa do barulho, o lamento desesperado de Karen Eckman. Ela escorregou da cadeira e afundou no chão para chorar agarrada ao golden retriever, demonstrando sua dor abraçada ao torso musculoso do cão, enquanto o pobre animal tremia e lambia o braço da dona. Chorou naquela posição até molhar o pelo de Pickles.

Que idiotas eles eram pensando que sabiam o que estavam fazendo! Marina tivera de dar notícias de falecimento aos familiares no hospital, quando trabalhava como residente, não com frequência, apenas se o médico assistente estivesse muito ocupado ou fosse arrogante demais para ser incomodado. Por mais que aquelas filhas, aqueles pais, irmãos e esposas houvessem chorado, por mais que tivessem se agarrado a ela, nunca fora tão difícil se desprender. Tudo o que tinha a fazer na ocasião era simplesmente erguer a cabeça e logo aparecia uma enfermeira que sabia como abraçar os parentes e o que dizer. Atrás dela havia listas cheias de números de telefone que tinham sido compilados com antecedência. Eram sacerdotes de qualquer religião, conselheiros de luto, grupos de apoio que se reuniam às quartas-feiras. O máximo que lhe tinham pedido era que prescrevesse uma receita de sedativo. Marina fizera o anúncio do falecimento de Anders sem pensar em nenhuma infraestrutura para o caso. E o que aconteceria com os meninos, de pé na frente da escola, com a neve se acumulando em seus ombros enquanto esperavam a mãe? Como Marina pudera se esquecer deles? Por que não tinham tentado encontrar alguém antes, uma dezena de pessoas prontas em volta de Karen enquanto ela absorvia a violência da notícia? Todas aquelas pessoas da festa de Natal, as mulheres com suéteres de

rena, os homens com gravatas vermelhas, as pessoas que Marina vira rindo na cozinha poucos meses antes, recostando-se umas nas outras com seus copos de *eggnog* com uísque, todos eles eram desesperadamente necessários agora! E ainda que não tivessem sido sagazes a ponto de chamar familiares e amigos, será que pelo menos não podiam ter pensado em encher os próprios bolsos com algumas cartelas de Xanax? Não havia como esperar a situação terminar. Dar tempo ao tempo só deixaria os meninos em pânico quando um professor os levasse de volta ao prédio da escola e mandasse que esperassem lá dentro. Eles pensariam que a mãe tinha morrido; é nessa direção que vai a mente de uma criança: sempre para a perda da mãe.

Marina levantou-se do chão, embora não se lembrasse de ter sentado. Foi até o telefone, procurou uma agenda de telefones, um arquivo, qualquer coisa com números. O que encontrou foram duas cópias do *Minneapolis Star Tribune*, um bloco de anotações com uma folha em branco na frente, uma caneca de café com os dizeres “Eu amo minha biblioteca”, cheia de canetas e lápis e um pedaço de papel preso em um quadro de cortiça no qual estava escrito “Telefones de emergência para babá”: o celular de Karen, o celular de Anders, o número do escritório de Anders, do centro de controle de venenos, da ambulância, do Dr. Johnson, de Linn Hilder. Essa deve ser a sensação que se tem quando a casa está no meio de um incêndio, pensou Marina. É por isso que punham um número tão fácil quanto 911 para chamadas de emergência que certamente virão, porque, quando as chamas avançam depressa, atingindo cortinas e indo na direção de alguém pelo piso de madeira, a pessoa não vai se lembrar de qualquer número de telefone. Mesmo que quisesse muito ajudar a mulher de seu querido amigo, Marina também queria sair daquela casa. Pegou o telefone e discou o número no final da lista. Precisou sair da cozinha com o telefone para falar com a mulher do outro lado da linha. Linn Hilder era a vizinha da rua de baixo cujos filhos eram amigos dos meninos Eckman. Nossa, menos de vinte minutos antes Linn Hilder pusera a cabeça para fora da janela do carro e oferecera carona aos meninos e eles tinham dito que “não, Sra. Hilder, mamãe está chegando”. Linn Hilder agora chorava tão convulsivamente quanto Karen.

— Ligue para alguém — pediu Marina em voz baixa. — Chame qualquer pessoa que venha à sua mente e a mande vir para cá, por favor. Ligue para a escola. Vá até lá e busque os meninos.

Quando voltou para a cozinha, viu que Pickles estava deitado no chão à direita da dona, com a cabeça encharcada descansando no colo da esposa de Eckman; à esquerda de Karen, estava o Sr. Fox, que milagrosamente tinha se aproximado na breve ausência de Marina. Ele afagava a cabeça da viúva em um ritmo lento e reconfortante.

— Está tudo bem — dizia com voz calma. — Tudo vai ficar bem.

Ela repousava a cabeça no peito dele e as lágrimas tinham escurecido as riscas da gravata antes azuis, agora pretas. E, embora nada estivesse bem, longe disso, ela parecia capaz de ouvir a repetição das palavras e tentava manter um ritmo regular de respiração.

* * *

Marina e o Sr. Fox deixaram a casa uma hora mais tarde, depois de a mãe de Karen ser localizada, depois de sua irmã chegar com o marido, trazendo a notícia de que o irmão viria de Iowa, depois de Linn Hilder ter buscado os meninos na escola e os levado para a própria casa até que alguém imaginasse uma maneira sensata para lhes dar a notícia. Desde que o Sr. Fox aparecera na porta do laboratório com o envelope azul na mão, em momento algum ocorreu a Marina que poderia haver um sentimento de culpa relacionado à morte de Anders. Aquilo fora um acidente, da mesma forma que ser puxado pela correnteza do rio Amazonas teria sido um acidente. Contudo, ao caminharem e sentirem o golpe do vento gélido, tendo apenas Pickles acompanhando-os até a rua, ela começou a imaginar se as pessoas lá dentro consideravam o Sr. Fox responsável. Os dias ainda eram curtos e o sol já estava baixo. Certamente, se não fosse pelo Sr. Fox, os meninos Eckman estariam fazendo o dever de casa ou construindo um boneco de neve no quintal. Anders estaria olhando o relógio em seu laboratório, dizendo que sentia fome, seu corpo já se encaminhando para a porta em seu mundo real e próspero. Ela pensou que, mesmo que Karen Eckman e seus familiares e amigos não culpassem o Sr. Fox na pior hora do luto, a culpa ainda poderia surgir mais tarde, depois que o tempo e o sono tornassem seus pensamentos mais claros. Ela certamente o culpava por tê-la deixado sozinha no momento de dar a notícia a Karen e por não ampará-la enquanto ela cuidadosamente se dirigia, pelo caminho ainda cheio de neve, até o carro. Será que o culpava por enviar Anders

para morrer no Brasil? Ela estava se esforçando para abrir a maçaneta da porta do carona, que estava quase congelada, enquanto o Sr. Fox entrava rapidamente no lado do motorista. Ela limpou a neve da janela com a mão e bateu com os nós dos dedos no vidro. Ele estivera olhando fixamente para a frente e agora se virava na direção dela, parecendo surpreso ao vê-la, como se tivesse se esquecido de que não chegara sozinho. Inclinou-se e abriu a porta do carona.

Marina se jogou no assento de couro exatamente da mesma maneira como se teria deixado cair no piso em frente à casa, se fosse obrigada a esperar mais um minuto.

— Só me leve de volta até meu carro — disse Marina.

Suas mãos tremiam, e ela as prendeu entre os joelhos. Tinha passado a maior parte da vida em Minnesota e nunca sentira tanto frio como agora. Tudo o que mais queria no mundo era ir para casa e se enfiar em uma banheira de água quente.

Parara de nevar, mas o céu sobre a pradaria estava pesado e cinzento. A rodovia interestadual, quando a alcançaram, não passava de uma faixa batida de asfalto de onde se acabara de retirar a neve entre duas extensões brancas niveladas. O Sr. Fox não levou Marina para o estacionamento, mas se dirigiu a St. Paul e, uma vez lá, foi para um restaurante onde, no passado, eles tinham tido a incrível sorte de não esbarrarem com algum conhecido. Ela notou para onde iam e não disse nada. Conseguia entender, de algum modo obscuro, que, depois de passarem por tudo aquilo, era melhor que ficassem juntos. Já eram quase seis horas quando se acomodaram em um reservado na parte de trás do salão. Logo que pediu uma taça de vinho tinto, Marina percebeu que queria a bebida ainda mais do que o banho. A garçonete trouxe duas taças e colocou-as lado a lado à sua frente, como se ela estivesse esperando um amigo. Para o Sr. Fox, trouxe dois copos de *scotch* com muitas pedras de gelo.

— Dose dupla no happy hour — disse a garçonete sem mostrar sinais de estar particularmente alegre. — Aproveitem.

Marina esperou que a mulher se afastasse e então, sem preâmbulos, repetiu para o Sr. Fox a única frase do monólogo de Karen que ficara grudada em sua mente de forma tão clara que todas as outras começaram a se misturar.

— Se o preço das ações da Vogel está inflacionado, então é problema da Vogel.

Ele a fitou com o que talvez se possa chamar de um sorriso pálido — só que não era realmente um sorriso.

— Não me lembro de já ter ficado tão cansado quanto hoje.

Ela concordou com a cabeça. Esperou. Por um bom tempo, ele esperou também.

— Você sabe que o preço das ações *está* alto — disse ele finalmente.

— Sei disso. O que não sei é por que está alto ou o que isso tem a ver com Anders.

O Sr. Fox esvaziou o primeiro copo com facilidade e depois pousou os dedos levemente nas bordas do segundo. Ele faria 61 anos dentro de um mês, mas os acontecimentos do dia o tinham colocado seguramente além dessa idade. Na tênue luz do lustre pendurado a uma altura baixa, com uma cúpula Tiffany falsa, ele aparentava ter 70. Sentava-se encurvado, os ombros contraídos, e os óculos tinham criado um pequeno sulco vermelho na parte superior do nariz. A boca, que em outros tempos fora generosa e agradável, agora cortava seu rosto com uma única linha estreita. Marina trabalhava na Vogel havia mais de seis anos antes de eles irem àquele restaurante pela primeira vez. Era muito tempo pensando no Sr. Fox como seu patrão, seu superior. Nos últimos sete meses, eles estavam tentando redefinir o relacionamento.

— O problema é o seguinte — disse ele com uma voz sombria. — Já há algum tempo surgiu uma... — Ele hesitou, como se o frio, a exaustão e o *scotch* combinados tivessem roubado a exata palavra que ele buscava. — Surgiu uma situação delicada no Brasil. Não que fosse uma situação que Anders pudesse resolver. Não pensei que ele fosse conseguir isso, mas achei, sim, que ele traria uma quantidade de informações suficiente para eu mesmo poder lidar com ela. Eu via Anders como a pessoa que faria as coisas andarem. Ele explicaria à Dra. Swenson como era crucial que ela concluísse a pesquisa e passasse diretamente, com ajuda de outros cientistas, para a fase de desenvolvimento da droga. Depois ele me esclareceria, com base no que teria visto lá, que tipo de planejamento razoável poderíamos esperar. O fato de Anders ter morrido no meio de toda essa situação é terrível, nem preciso lhe dizer isso, mas a morte dele... — nesse momento, o Sr. Fox fez uma pausa para refletir sobre as próprias palavras e tomar mais um gole do segundo copo — ... a morte dele não altera o problema.

— E o problema é que essa droga, que há pelo menos um ano você diz que está prestes a ser enviada para análise do FDA, não existe? Não é que a Dra. Swenson não esteja trazendo a droga do Brasil. Você está dizendo que não há nada para trazer.

O Sr. Fox era velho demais para Marina. Era cinco anos mais novo que a mãe dela, fato este que a mãe seria a primeira a ressaltar se Marina estivesse propensa a lhe contar sobre o relacionamento.

— Não sei se é assim. O motivo da viagem era exatamente esse. Precisávamos de mais informações.

— Então, você mandou Anders em uma espécie de missão de reconhecimento? Anders Eckman? Qual é a qualificação dele para isso?

— Era para ele ser o nosso embaixador. Ele não estava escondendo nada, não havia nada a ser escondido. A missão dele era explicar à Dra. Swenson a importância que havia em ela concluir sua parte no projeto. Desde que foi para lá, ela se desligou de... — O Sr. Fox parou e balançou a cabeça. A lista era comprida demais. — Tudo. Não tenho certeza de que ela entende o conceito de tempo.

— Quando foi a última vez que você teve notícias dela?

— Sem contar a carta de hoje? — Ele se deteve como se calculasse o tempo, mas Marina suspeitou que estivesse apenas protelando a resposta. — Vinte e seis meses.

— Nada? Há mais de dois anos você não tem qualquer notícia? Como é possível?

O que Marina queria dizer era como era possível que ele tivesse deixado a situação chegar a tal ponto, mas não foi assim que ele interpretou a pergunta.

— Parece que a Dra. Swenson não acha que deva prestar contas às pessoas que financiam o trabalho dela. Eu lhe dei uma liberdade de ação tal que seria objeto de risada em qualquer outra empresa farmacêutica. Foi por isso que ela concordou em vir trabalhar para nós. O dinheiro é depositado mensalmente em uma conta no Rio de Janeiro, conforme nosso acordo original. Financiei a construção de uma estação de pesquisa que nem sei onde fica. Enviamos todo o material em uma barcaça, refrigeradores e paredes de latão, telhados e portas, mais geradores do que você pode imaginar. Mandamos tudo o que era necessário para montar um laboratório em condições de operar integralmente, e ela recebeu

a barcaça em Manaus, subiu a bordo e a levou ela mesma rio abaixo. Nenhum dos operários conseguiu lembrar em que local eles haviam descarregado o material.

— Se Anders encontrou a estação, então não é impossível encontrá-la.

A Dra. Swenson nunca pensaria em prestar contas para a Vogel, muito menos em pensar que trabalhava para eles. Ela seria capaz de desenvolver uma droga com o propósito de satisfazer a sua própria curiosidade ou o interesse da ciência, mas jamais passaria por sua cabeça que o trabalho pertencia às pessoas que assinavam os cheques. Qualquer um que tivesse passado uma hora com ela, de maneira atenta, teria percebido isso.

— Então, ponha um ponto final. Corte as verbas e espere ela aparecer.

O Sr. Fox, que estivera segurando o copo de *scotch* quase cheio dois centímetros acima da mesa, pousou-o. Seu olhar indicava que Marina não estava entendendo nada.

— O projeto tem de ser concluído, não abandonado.

— Então, não abandone. — Marina fechou os olhos. Ela queria mergulhar no vinho tinto, nadar nele. — A verdade é que não quero mais falar da Dra. Swenson ou da Vogel ou do desenvolvimento de uma droga. Sei que eu puxei o assunto, mas foi um erro. Vamos dedicar o dia a Anders.

— Você está absolutamente certa — falou o Sr. Fox em um tom sem concessões. — Não é a hora de falar sobre isso, nem amanhã, nem depois de amanhã. Mas já que o dia é dedicado a Anders, vou lhe dizer o seguinte: se encontrarmos a Dra. Swenson, não apenas vamos ter a oportunidade de resolver os problemas da Vogel, como também poderemos ter respostas para algumas perguntas sobre a morte de Anders.

— Que perguntas?

— Acredite em mim — disse ele —, vai haver perguntas.

Marina imaginou então se ele também sentia algo mais, se acabaria se sentindo culpado.

— Você não vai para o Brasil — disse ela.

— Não — concordou ele.

Era aquela luz horrível que fazia com que ele parecesse tão velho, o *scotch* e a atmosfera pesada do dia. Ela queria que eles saíssem agora e, quando retornassem para Eden Prairie, ela o levaria até sua casa. Ela o culpava à toa.

Debruçou-se por cima da mesa, naquele canto escuro e recuado do restaurante, e lhe tomou a mão.

— O presidente da empresa não deve partir para o Brasil.

— A Amazônia não é inerentemente perigosa. É uma questão de precaução e bom senso.

— Sei que você está certo, mas isso não significa que você deva ir.

— Não vou, prometo. Annick Swenson não vai me ouvir mesmo. Percebo agora que ela nunca me ouviu, nem nas reuniões, nem nas cartas de autorização, nem nos contratos. Eu escrevo com frequência desde que ela partiu... e não houve qualquer e-mail, nenhuma mensagem de texto, ela não faz nada disso. Eu me sento e coloco tudo no papel. Deixei muito claras quais eram as obrigações dela e qual era o nosso comprometimento com o projeto. Mas não há indícios de que ela leia minhas cartas.

— Então, o que você precisa é encontrar alguém que ela escute.

— Exatamente. Não pensei nisso quando mandei Anders. Ele era amável e inteligente e parecia querer ir, o que contou muito na decisão. Só achei que precisava ser alguém da Vogel, alguém que não fosse eu.

Ah, Anders! Ser enviado em uma missão para a qual você não servia. Ser visto, após sua morte, como um erro de julgamento.

— Então, agora, encontre a pessoa certa.

— Você — disse ele.

Marina sentiu um leve choque na mão que ele segurava, como se algum objeto pontudo houvesse penetrado em Fox rapidamente e a atingido. Ela retirou sua mão e a esfregou com força.

— Ela conhece você — continuou ele. — Vai ouvi-la. Eu deveria ter pedido para você ir desde o início. Você era a escolhida do conselho, e eu argumentei contra. Disse aos outros que eu havia pedido para você ir e você tinha recusado. Foi egoísmo da minha parte. Esse tempo que estamos passando juntos... — Ele ergueu o olhar para ela, mas a sensação foi insuportável para ambos e ele baixou os olhos novamente — ... tem sido importante para mim. Eu não queria que você fosse para longe. Foi culpa minha, Marina, enviar Anders em vez de você, porque você teria cumprido a tarefa.

— Mas ele *morreu* — falou ela. Não queria fazer o tempo voltar e escolher entre Anders e ela mesma, pensar qual dos dois era mais descartável no grande

esquema da vida. Marina tinha a certeza de saber a resposta. — Você preferiria que tivesse sido eu?

— Você não teria morrido. — Ele estava completamente convencido disso. — Não importa o que Anders fez, foi negligente. Ele não foi mordido por um crocodilo. Ele teve uma febre, ficou doente. Se você tivesse ficado doente, você teria o bom senso de entrar em um avião e voltar para casa.

Marina não aprovou a sugestão da culpa de Anders. A situação já estava suficientemente ruim com o colega morto sem que ele fosse culpado por isso.

— Vamos deixar o pobre Anders fora da história por um minuto, se possível. — Ela tentava ater-se à lógica. — A falha no seu argumento é que você acha que eu conheço a Dra. Swenson. Não a vejo há uns... — Marina parou, fazia tanto tempo assim? — Treze anos. Conheço as teorias dela sobre endocrinologia reprodutiva e, até certo ponto, cirurgia ginecológica, mas não sei o que ela pensa atualmente sobre isso, e sim o que ela pensava treze anos atrás. Eu não *a* conheço. E, se acha que ela me conhece, você está enganado. Ela não me conhecia naquela época e não há motivos para pensar que me conheça agora, de repente. Ela não sabe meu nome, meu rosto, minhas notas.

Será que a Dra. Swenson a conhecia? Marina a vira levantar os olhos para as pessoas na sala de aula, observar os rostos de todos os alunos, todos os residentes, ano após ano após ano. Havia centenas de alunos em uma única sala e, com o passar dos anos, o número rapidamente chegou aos milhares; mas por um curto espaço de tempo a Dra. Swenson chegou a conhecer Marina Singh.

— Você se subestima.

Marina balançou a cabeça.

— Você superestima a Dra. Swenson. E a mim. Seríamos estranhas uma para a outra. — Era uma meia-verdade. Era verdade só em um sentido.

— Você era aluna dela, uma aluna brilhante que foi bem-sucedida no mesmo campo. É uma conexão. A conexão que você tem com ela é maior do que a de qualquer outra pessoa.

— A não ser pelo patrão dela.

Ele levantou as sobrancelhas, mas não o bastante para fingir surpresa.

— Agora você acha que eu devo ir?

— Será que somos as duas únicas pessoas disponíveis para essa missão? Acho que nem eu nem você devemos ir. — Ela agora compreendia Anders com

clareza. Ele mostrara tudo para ela e, ainda assim, ela deixara de entender completamente do que se tratava.

— A Dra. Swenson descobriu uma aldeia de um povo da Amazônia, uma tribo — Anders tinha contado —, na qual as mulheres dão à luz até o fim da vida.

— Que curioso! — Marina estava lidando com números e escutava Anders como frequentemente fazia: sem lhe dar muita atenção.

— É óbvio que a expectativa de vida deles é mais curta do que a nossa em cerca de uma década, mas isso vale para toda a região amazônica: dieta deficiente, pouco ou nenhum cuidado médico.

— Muitos filhos.

Anders saiu de trás da mesa na cadeira de rodinhas. Com suas longas pernas e o espaço reduzido do laboratório, ele se deslocava pelo cômodo facilmente apoiando os calcanhares.

— Os óvulos dessas mulheres não envelhecem, você entendeu? O restante do corpo segue o caminho normal de decadência, ao passo que o sistema reprodutor permanece sadio. É o fim da fertilização *in vitro*. Fim das despesas, fim das inseminações que não funcionam, fim das doadoras de óvulos e das barrigas de aluguel. Trata-se de ovular eternamente, menstruar para sempre.

Marina olhou para cima.

— Quer parar com isso?

Anders colocou um grosso relatório encadernado na sua mesa: *Endocrinologia reprodutiva no povo lakashi*, da Dra. Annick Swenson.

— Suponha que você é uma farmacologista clínica trabalhando para uma grande empresa de desenvolvimento de produtos farmacêuticos. Imagine alguém oferecendo o equivalente do *Horizonte Perdido* para os ovários americanos. — Ele segurou a mão de Marina como se fosse lhe propor casamento. — Adie suas decisões de ter um filho por quanto tempo quiser. Não falamos aqui de ser mãe aos 45 anos, mas sim aos 50, 60, talvez até mais velha. Você poderá ter filhos para sempre.

Marina sentiu que as palavras apontavam diretamente para ela. Tinha 42 anos. Estava apaixonada por um homem com quem não se permitia ser vista saindo do escritório; embora não tivesse puxado esse assunto com o Sr. Fox, não

era impossível pensar que eles pudessem chegar a ter um filho. Improvável, talvez, mas não fora de cogitação. Ela pegou o pesado relatório.

— Annick Swenson.

— É a pesquisadora. É uma famosa etnobotânica no Brasil.

Marina abriu o sumário.

— Ela não é etnobotânica — falou, dando uma olhada na lista de capítulos: “Início da puberdade nas mulheres lakashi”, “Taxas de natalidade em tribos comparáveis”...

Anders fitou a página que ela examinava como se a informação estivesse impressa.

— Como você sabe disso?

Marina fechou o relatório e o lançou de novo em cima da mesa. Desde o começo, ela se lembrava de não querer participar daquilo.

— Ela foi minha professora na faculdade de medicina.

Essa foi toda a conversa. O telefone tocou, alguém entrou e ficou por isso mesmo. Marina não foi chamada para participar das reuniões do conselho de revisão ou para se encontrar com a Dra. Swenson na única ocasião em que esta visitara a Vogel. Não havia qualquer motivo para que fosse chamada. Os compromissos dos membros dos conselhos de revisão eram revezados e, nesse caso específico, seu número não fora selecionado. Não havia motivo algum para o Sr. Fox ter conhecimento de sua ligação com a pesquisadora do povo lakashi, a menos que Anders tivesse algum dia mencionado isso.

— Afinal, como ela é? — Anders perguntou dois ou três dias antes de partir.

Marina pensou um momento. Ela visualizou a professora no tablado da sala de aula, observada a uma distância segura e confortável.

— Ela era uma professora de medicina à moda antiga.

— Do tipo lendário? Um suicídio a cada aula?

Anders examinava seu livro de pássaros na hora, tão distraído com os sanhaços que nem reparou na expressão de Marina. Ela se pegou evitando fazer uma piada com algo que não tinha um pingo de graça e ao mesmo tempo tentando não oferecer qualquer brecha, por menor que fosse, que pudesse levar a uma conversa significativa. Então respondeu apenas “Isso.”

* * *

No fim, nem Marina nem o Sr. Fox conseguiram enfrentar um jantar. Terminaram as bebidas, as duas de cada um, e retornaram ao estacionamento da Vogel, onde Marina pegou o próprio carro e partiu para casa. Não houve mais discussão, nenhum plano para a Amazônia ou para aquela noite. Tanto um quanto outro estavam certos de que a melhor resposta seria irem para a cama juntos, se abraçarem noite adentro como uma forma de desviar a ideia da morte, mas ali, no estacionamento, eles se afastaram naturalmente, ambos cansados demais e tão perdidos nos próprios pensamentos que não tinham como ficar juntos.

— Eu ligo para você para desejar boa-noite — disse o Sr. Fox.

Marina aquiesceu e o beijou e, quando estava em casa e na cama, depois do banho que ela tão desesperadamente desejava, ele de fato telefonou e lhe desejou boa-noite, mas apenas boa-noite, sem comentários sobre o dia. Quando o telefone tocou novamente, cinco minutos ou cinco horas depois de ela ter apagado a luz, Marina não pensou que fosse o Sr. Fox. Seu primeiro e surpreendente pensamento foi de que se tratava de Anders. Tinha algo a ver com um sonho que ela estava tendo. Anders ligava para dizer que o carro tinha quebrado na neve e que precisava que ela fosse buscá-lo.

— Marina, desculpe, acordei você.

Era uma voz de mulher e então ela percebeu que era a voz de Karen. Marina remexeu-se para arrumar a camisola que se enroscara em volta de sua cintura.

— Tudo bem.

— O Dr. Johnson me deu umas pílulas para dormir, mas não fizeram efeito.

— Às vezes isso acontece — disse Marina. Ela pegou o pequeno relógio na mesa de cabeceira e viu os minúsculos ponteiros verdes brilhando no escuro, 3h25.

— Fizeram efeito para os outros. Todo mundo na casa está dormindo profundamente.

— Quer que eu vá até aí? — Ela podia voltar agora e se sentar no chão da cozinha com Karen e Pickles. Podia se deitar no lado de Anders da cama e segurar a mão de Karen no escuro até que ela adormecesse. Dessa vez ela estaria pronta e saberia o que fazer.

— Não, não precisa. Minha família está aqui, ainda que estejam todos dormindo. É que fiquei pensando sobre tudo, sabe? É óbvio que fiquei pensando

nisso. — Sua voz estava extraordinariamente calma no outro lado da linha.

— Claro.

— E tenho uma porção de perguntas agora.

— É claro — falou Marina, incapaz de pensar em uma única pergunta a que fosse capaz de responder.

— Bom, por que ela diz na carta que está guardando o pouco que ele deixou lá para a esposa? Ela acha que vou até a Amazônia para pegar o relógio dele? — A voz de Karen vacilou um pouco, mas ela rapidamente retomou o controle. — Você não acha que ela teria enviado tudo por correio?

A máquina fotográfica, a carteira, o passaporte, o relógio de pulso, talvez os guias de viagem e algumas peças de roupa, mas ela duvidava disso. A Dra. Swenson devolveria as coisas que ela considerasse importantes, o que significa que ela poria aquilo tudo de lado e esqueceria.

— Talvez ela tenha pensado em entregar os objetos para a próxima pessoa que fosse até lá. Seria mais seguro. Imagino que um monte de coisas se perde no correio.

Ocorreu-lhe, então, que mesmo essa carta poderia perder-se, ou poderia chegar três dias antes, ou dentro de um mês. Durante quanto tempo teriam esperado passivamente por notícias de Anders enquanto levavam a própria vida adiante?

— Mas e se ela não está enviando as coisas porque ainda estão com ele?

Marina esfregou o polegar e o indicador nos cantos internos dos olhos. Ela tentava se recompor do sono massageando a parte superior do nariz.

— Desculpe, não estou entendendo.

— E se ele não estiver morto?

Marina afundou a cabeça no travesseiro.

— Ele está morto, Karen.

— Por quê? Porque recebemos uma carta de uma mulher louca que está no Brasil e com a qual ninguém consegue falar? Preciso de mais do que isso. Essa é a pior coisa que já me aconteceu. É a pior coisa que vai acontecer aos meus filhos em toda a vida deles, e sou obrigada a acreditar nas palavras de uma estranha?

Deveria haver uma equação para probabilidade e evidência. Em algum momento, a probabilidade se torna tão alta que eclipsa a necessidade de

evidência, mas talvez não fosse exatamente assim no caso de se tratar do próprio marido.

— O Sr. Fox vai mandar alguém lá. Eles vão descobrir o que aconteceu.

— Mas vamos dizer que ele não tenha morrido. Sei que você não acredita nisso, mas vamos considerar assim mesmo. Digamos que ele esteja doente e precise de mim para ir até lá e encontrá-lo. Nesse caso, não dá tempo de esperar o Sr. Fox reunir o comitê para arrumar outra pessoa que vá ao Brasil sem ter ideia do que está fazendo.

Pouco a pouco, a visão de Marina se adaptou à escuridão. Ela conseguia distinguir os contornos do quarto, da penteadeira, do abajur.

— Vou falar com ele. Prometo. Vou garantir que ele faça o que tem de ser feito.

— Eu vou para lá — disse Karen.

— Não, você não vai. — Era um tipo de impulso, agora Marina compreendia. Podia ser que, no dia seguinte, Karen não se lembrasse de nenhuma palavra daquela conversa.

O telefone ficou mudo por algum tempo.

— Eu iria — falou ela. — Juro por Deus que iria se não fossem os meninos.

— Olhe — disse Marina —, isso não é algo que possamos descobrir agora. Você tem de descansar um pouco. Temos de dar ao Sr. Fox a chance de investigar.

— Dei ao Sr. Fox tudo o que eu tinha — retrucou ela.

Naquela tarde, Marina pensou que Karen nunca mais falaria com ela de novo e que sempre a culparia por trazer uma notícia tão triste. O fato de que ela era a pessoa para quem Karen Eckman ligara no meio da noite dava uma sensação de perdão, e por esse perdão Marina se sentia profundamente grata.

— A que horas você tomou o comprimido para dormir?

Marina esperou. Observou o ponteiro grande brilhante ultrapassar o três, o seis, o nove.

— Karen?

— Você poderia ir.

Então Marina entendeu qual era o propósito da conversa. Quando Karen disse isso, uma visão de Anders surgiu nítida na mente de Marina: as costas voltadas contra uma barreira impenetrável de folhagens, os pés dentro da água.

Ele segurava uma carta. Procurava rio abaixo pelo garoto na tora escavada. Ele estava morto. Marina podia não ter muita fé na Dra. Swenson, mas a doutora não era o tipo de pessoa que anunciaria uma morte que não tivesse ocorrido, pois isso seria uma inútil perda de tempo.

— Você é a segunda pessoa a me dizer isso hoje.

— Anders disse que você a conhecia. Contou que ela foi sua professora.

— É verdade — concordou Marina, sem querer entrar em muitos detalhes. Marina era de Minnesota. Ninguém acreditava nisso. Mesmo podendo ter assumido um emprego em qualquer outra parte, ela voltara porque adorava o lugar. Aquela era uma paisagem que ela entendia, só céu e pradaria. Ela e Anders tinham isso em comum.

— Sei que estou pedindo muito — falou Karen. — E sei como você se sente mal por causa de Anders, de mim e dos meninos. Sei que estou usando tudo isso contra você e que é injusto, mas ainda assim eu gostaria que você fosse.

— Compreendo.

— Sei que compreende — disse Karen. — Mas você vai?

DOIS

Antes de mais nada, Marina marcou uma consulta com um epidemiologista em St. Paul e tomou uma vacina contra febre amarela, válida por dez anos, e outra contra tétano. Pegou uma receita para um medicamento antimalária, Lariam, com a recomendação de que começasse a tomá-lo imediatamente. Depois disso, seria um comprimido semanal durante a sua estadia, e mais um por semana por quatro semanas quando voltasse para casa.

— Preste atenção — advertiu o médico —, isso pode fazer você sentir como se estivesse prestes a pular do telhado.

Marina não estava preocupada em pular do telhado. Suas preocupações eram com passagens de avião, malas a fazer, dicionários inglês-português, a quantidade de antiácido suficiente para a viagem. De vez em quando pensava na parte superior do braço esquerdo, onde, desde que tomara as duas vacinas, tinha a sensação de que as agulhas haviam se rompido e estavam alojadas como arpões em seu úmero. Ela deixava que as preocupações de ordem prática tomassem temporariamente o lugar dos pensamentos sobre Anders, Karen e a Dra. Swenson, nenhum dos quais ela podia controlar no momento. Foi apenas depois da terceira noite em que vinha tomando Lariam que seus pensamentos voaram nitidamente em direção à Índia e a seu pai. No processo de preparar sua ida à Amazônia, ela inadvertidamente resolveu um mistério que parecia a coisa mais distante em sua mente: *O que havia de errado com a sua infância?*

E então a resposta inesperada: *Esses comprimidos.*

O pensamento surgiu na noite em que Marina literalmente pulou da cama, ensopada e tremendo, o sonho ainda tão nítido que mal conseguia piscar com medo de que voltasse, apesar de ela não ter como evitá-lo. Esse, Marina sabia de cor. Era o mesmo que havia marcado toda sua juventude, presente incessantemente e depois ausente por anos, retornando no momento em que ela estava suficientemente despreocupada para poder esquecê-lo. Parada no escuro, ao lado da cama, com os lençóis, o travesseiro e a camisola encharcados, ela teve

a clara e repentina compreensão de que havia tomado Lariam quando criança. Sua mãe nunca lhe contara, mas certamente havia sido aquilo, com a mesma posologia: o primeiro comprimido uma semana antes da viagem, depois uma vez por semana durante a estadia e por mais quatro semanas depois da volta. Aqueles comprimidos significavam, tanto quanto procurar os passaportes nas gavetas ou tirar as malas do porão, que estava na hora de ver o pai. "Comprimidos da Índia", como sua mãe chamava. *Venha e tome seus comprimidos da Índia.*

Marina tinha apenas lembranças superficiais de morar em um apartamento em Minneapolis com os pais, mas ela podia evocar essas memórias sem nenhum esforço. Olhe, lá está seu pai parado na porta da frente sacudindo a neve do cabelo escuro brilhante. Lá está ele na mesa da cozinha, escrevendo em um bloco, um cigarro que lentamente vira cinzas no cinzeiro a seu lado, os livros e papéis ordenados de maneira tão precisa que, na hora do jantar, eles tinham de se sentar no chão da sala e comer na mesa de centro. Lá está ele na beira da cama dela à noite, puxando as cobertas até seu queixo e as enfiando sob o colchão nos dois lados da cama.

"Confortável aí no casulo?", pergunta ele. Ela faz que sim com a cabeça no travesseiro, a única parte livre, e encara o rosto amável a poucos centímetros de distância do seu, até não conseguir mais manter os olhos abertos.

Marina não se esqueceu do pai na ausência dele nem aprendeu a aceitar a situação com o tempo. Ela sentia saudades. Sua mãe frequentemente dizia que ela era inteligente como o pai e quanto ele se orgulhava de Marina se destacar nos assuntos que mais a interessavam: ciências da terra e matemática, quando era uma menininha; cálculo, estatística e química inorgânica, quando mais velha. Sua pele era clara e pálida em comparação à do pai e muito escura quando encostava o punho no da mãe. Ela puxara ao pai nos olhos negros e redondos, com cílios fartos, nos cabelos pretos e na ossatura angulosa. Ver o pai lhe dava a possibilidade de ver a si mesma, o conforto do reconhecimento físico após uma vida passada entre os familiares da mãe, todos aqueles primos translúcidos que olhavam para ela como se fosse uma lhama vagando no meio de um jantar festivo. Os atendentes do mercado, as crianças da escola, os médicos e os motoristas de ônibus, todos perguntavam de onde ela era. Não adiantava dizer *Daqui mesmo, de Minneapolis*, embora fosse verdade. Então, ela lhes dizia que era da Índia, mesmo que às vezes não entendessem (*Lakota?*, perguntou o

frentista do posto de gasolina e Marina teve de fazer um enorme esforço para não revirar os olhos porque sua mãe tinha explicado que isso era o máximo da indelicadeza, além de não ser uma resposta apropriada, mesmo para perguntas muito estúpidas). Ser filho de mãe americana e pai estrangeiro — um estudante que voltou para seu país de origem com seu diploma de doutorado mas não com sua família após terminar o curso — acabou por se tornar parte da história de um presidente, mas, na infância e juventude de Marina, não havia muitos exemplos que pudessem explicar sua situação com facilidade. Com o tempo, ela acabou por se convencer de que na prática *era* indiana, porque, afinal de contas, seu pai nascera e vivia na Índia e ela o visitava a cada dois ou três anos, quando conseguiam poupar dinheiro suficiente para a viagem. Essas comoventes viagens eram discutidas e planejadas como grandes eventos; porém, à medida que Marina contava os meses, depois semanas, depois dias até chegar a hora, aquilo que ela almejava encontrar não era apenas o pai, mas todo o país, aquele lugar onde ninguém se virava para olhar para ela, exceto para admirar sua bela postura. Mas, então, pouco menos de uma semana antes de partir, os sonhos voltavam.

Nos sonhos, ela segura a mão do pai. Eles caminham pela Indira Gandhi Sarani em direção à praça Dalhousie ou seguem pela Bidhan Sarani em direção à universidade onde o pai leciona. Quanto mais longe vão, mais pessoas começam a sair dos prédios e dos becos. Talvez a energia elétrica tenha acabado novamente, e os bondes não funcionem e todos os ventiladores em todas as cozinhas tenham parado, de modo que as pessoas saíram de seus apartamentos e foram para a rua, porque a multidão cresce cada vez mais, à medida que mais gente vai se juntando nas extremidades. É preciso aturar o calor do dia e depois o calor de tantos corpos, seu suor e seu perfume, o acentuado aroma de especiarias levado pela fumaça dos fogareiros dos vendedores e o cheiro acre dos cravos enlaçados em guirlandas, e tudo isso junto começa a oprimi-la. Marina não consegue mais enxergar para onde vai, as pessoas a empurram, quadris envoltos em sáris vermelhos e *dhoti-punjabis* esbarram nela por todos os lados. Ela estica a mão e toca em uma vaca. Entre as conversas aos gritos, ouve a persistente música das joias, dos braceletes enfileirados e das pulseiras cobertas com minúsculos sinos, brincos que tilintam com o vento. Às vezes, quando a multidão se desloca, os pés de Marina erguem-se no ar e, por um instante, ela

fica suspensa a alguns centímetros do chão, seu pouco peso distribuído por vários pontos, pelas outras pessoas, enquanto ela se arrasta atrás do pai como uma pipa voando baixo. Ela sente o sapato se desprender do pé e pede que o pai pare, mas ele não a ouve por causa do burburinho ao seu redor. Ela ainda consegue ver o sapato amarelo brilhando no solo duro e lotado, menos de dois passos atrás deles. Está completamente imóvel, sem ter sido pisoteado, e, embora saiba que não deve fazer isso, ela solta a mão do pai. Abaixa-se para pegar o sapato, mas a multidão já o engoliu e, por mais rápido que ela retorne, a multidão também já engoliu seu pai. Ela chama por ele, *Papi! Papi!*, mas o repique dos sinos e os gritos dos pedintes abafam o som de sua voz. Ela não sabe nem se ele percebeu que ela não está mais lá. Outra criança pode ter agarrado a mão dele, pois na Índia as crianças são muito rápidas. Então Marina está novamente sozinha no mar de Calcutá, cercada pela corrente humana de palavras em híndi que ela não compreende, seu corpo sendo levado enquanto ela chora, e nesse ponto ela acordava, suada, enjoada, o cabelo negro grudado no couro cabeludo. Então ela corria para o quarto da mãe, se jogava na cama dela e gritava: “Não me obrigue a ir!”

A mãe a pegava nos braços e colocava a mão fresca em sua testa. Ela perguntava como tinha sido o sonho, mas Marina sempre dizia que não conseguia se lembrar, era algo horrível. Na verdade, ela se lembrava, mas não queria contar, com medo de que as palavras de alguma forma consolidassem as imagens e as tornassem reais. A partir de então, o sonho se repetia toda noite: ela sonhava no avião indo para Calcutá e acordava gritando. Sonhava no apartamento que o pai alugava para ela e a mãe, não muito distante de seu escritório na universidade, de modo que elas não incomodassem a segunda esposa e os filhos com ela. Eles se separavam ao subir no ônibus, o pai a deixava ir enquanto nadavam no mar em uma praia repleta de pessoas. Depois de tantos sonhos tão parecidos, ela ficava apavorada com a ideia de dormir. Ficava apavorada durante o tempo todo em que permaneciam na Índia, tanto que no final de cada viagem seus pais concordavam que aquilo era demais para ela. O pai de Marina dizia que tentaria ir a Minnesota com mais frequência, o que nunca acontecia. Uma vez que ela retornava para casa, depois de uma semana ou duas, as multidões que assombravam seu sono começavam a se dissipar, primeiro aos poucos, depois de forma completa. Lentamente, Marina as

esquecia, e depois também a mãe as deixava de lado, e no espaço de um ano novamente ficava decidido que ela já era uma garota crescida e talvez fosse a hora de elas começarem a pensar em uma próxima viagem à Índia.

Seria possível que ninguém tivesse se dado o trabalho de ler os numerosos efeitos colaterais do Lariam? Marina gostava de pensar que ela teria resolvido o quebra-cabeça se o pai não tivesse morrido enquanto ela estava na faculdade. Na época, ela não ia a Calcutá havia três anos. Se ele estivesse vivo e ela tivesse voltado à Índia, já teria idade suficiente para pesquisar ela mesma o medicamento, embora fosse verdade que um paciente estava menos propenso a questionar um conjunto de sintomas que se acostumou a aceitar. Ela cresceu acreditando que a Índia lhe provocava pesadelos, que a visão do pai provocava pesadelos, quando o tempo todo o responsável era o medicamento antimalária. A droga, e não as circunstâncias de sua vida, destruíra suas chances de estar com o pai.

— É óbvio que eu sabia que era o Lariam — disse a mãe ao telefone. — Seu pai e eu sempre nos preocupamos com isso. Você tinha uma reação terrível!

— Então por que não me disse que o remédio causava aqueles efeitos? — perguntou Marina.

— Não se diz a uma criança de 5 anos que ela vai ter pesadelos. É como convidá-la a ter mais pesadelos.

— A uma criança de 5 anos... — repetiu ela — ... concordo. Mas você poderia ter me explicado quando eu tinha 10 anos ou, pelo menos, 15.

— Eu não podia falar nada quando você tinha 15 anos. Se eu tivesse contado que os pesadelos aconteciam por causa dos comprimidos, você não teria tomado.

— Seria o fim do mundo?

— Acho que seria, sim, se você tivesse pegado malária na Índia naquele tempo. Seria o fim do mundo se você tivesse morrido de malária. Estou surpresa que isso ainda seja um problema. Imaginei que já tivessem inventado uma droga melhor a esta altura.

— Sim e não. Os novos medicamentos não enlouquecem o paciente, mas também não protegem contra todos os tipos de malária.

— Então, por que cargas-d’água você está tomando Lariam de novo? — perguntou a mãe. Tratava-se da pergunta mais importante e, no entanto, só agora parecera ocorrer a ela. — Vai voltar para a Índia?

O que era tão interessante sobre os pesadelos era como eles quase não tinham se modificado. Aos 42 anos, ela ainda segurava a mão do pai, as pessoas em volta deles se elevavam como uma onda, e ela era forçada a se separar dele. Aquilo nunca lhe aconteceu realmente, aquele afastamento físico, e ainda assim seu subconsciente se apegava àquele medo. As situações pelas quais Marina passara, as memórias que considerava candidatas lógicas a pesadelos, essas coisas nunca entraram em sua vida noturna, e ela achava que deveria agradecer por isso. Em sua própria casa, ela foi em direção ao banheiro e acendeu as luzes. Suas mãos tremiam, e ela passou uma toalha no rosto e no pescoço, tomando o cuidado de não se olhar no espelho. Era surpreendente descobrir que conhecer a origem de seus pesadelos não lhe oferecia absolutamente nenhum consolo às duas da manhã. De fato, tudo em que pensava agora era o aviso descuidado do médico de que ela poderia querer pular do telhado. Seu pior medo, a mão do pai escapando da sua, permanecera invariável, embora intocado por vinte e cinco anos em uma farmácia longe dela.

* * *

— E quanto ao funeral? — Marina perguntou a Karen Eckman.

Elas não tinham se visto durante a semana toda, desde o dia em que Marina aparecera com o Sr. Fox no dia da nevasca. Agora que ela ia partir em viagem na manhã seguinte, as duas mulheres acharam que era importante se despedirem, embora por razões diferentes. Marina queria saber se Karen tinha desistido da ideia de que Anders pudesse estar vivo, depois de alguns dias refletindo sobre a morte dele. Karen queria ter certeza de que Marina não recuaria.

Foi depois do jantar que Marina apareceu, o dia já tinha escurecido. Os meninos haviam escovado os dentes e viam televisão na sala de estar. Eles tinham permissão de assistir a um programa toda noite antes de irem para a cama, um luxo da infância antes restrito aos fins de semana. Marina disse “olá” para os garotos quando entrou, e eles mal voltaram a cabeça: os dois menores balbuciaram juntos um “olá” em voz baixa quando a mãe insistiu; o mais velho não disse absolutamente nada. O Sr. Fox cometera um erro ao contar a Marina que ela fora a primeira escolha para procurar a Dra. Swenson em vez de Anders. Ela agora via o mundo todo em termos de cenários alternativos.

— Um serviço memorial. Chama-se serviço memorial quando não há um corpo — esclareceu Karen.

— Desculpe — falou Marina. — Serviço memorial.

Karen se debruçou por trás do arco que dava para a sala de estar. Os garotos, vestindo suéteres e pijamas de flanela, se afundavam no enorme sofá de veludo. O menor e mais pálido deles se deitava sobre Pickles como se o cão fosse um tapete. Olhavam fixamente para a televisão como se estivessem ligados por fios ao aparelho.

— É incrível o que eles ouvem — disse Karen em voz baixa. — Nem precisam estar prestando atenção, mas seus ouvidos captam tudo; depois, quando os coloco para dormir à noite, um deles vai perguntar: "Quando teremos um funeral para o papai?" — Karen se serviu de uma taça de vinho e balançou a garrafa na direção de Marina, que aquiesceu.

— Funeral — o menino do meio gritou sem olhar para elas. Por um segundo, ele deu um risinho.

Marina pensou no solo barrento onde Anders estaria enterrado e pegou a taça.

— Desculpe — disse Marina a Karen.

— Benjy, pare com isso — ralhou Karen. — Não, não, é apenas algo sobre o qual tento estar atenta... Anders chegou a contar que me formei em literatura russa na faculdade? Acho que eu devia encontrar uns amigos russos. Assim, poderíamos conversar em qualquer lugar. Ou talvez pudéssemos conversar sobre Tchecov em qualquer lugar. — Ela levou o vinho para o outro lado da cozinha e abriu a porta veneziana que dava para o enorme armário de despensa. Marina a seguiu. Até mesmo a despensa era completamente organizada, caixas brilhantes de cereais alinhadas lado a lado, da maior para a menor. Karen voltou ao assunto, com a voz mais baixa. — Às vezes, na rua, acho que eles ouvem as conversas das pessoas ao redor. Se você os ouvisse conversar, você pensaria que eles sabem tudo o que está acontecendo. Quer dizer, eles não entendem tudo, mas, em um lugar ou outro, ouviram e se lembram. Você não se pergunta quando foi que parou de ser capaz de ouvir tudo? — perguntou Karen.

— Nunca pensei nisso. — Marina não fazia ideia de como sua capacidade de ouvir havia se deteriorado ao longo da vida.

Karen pareceu ausente por um minuto, como se parte dela tivesse saído da despensa, e depois, com a mesma rapidez, tivesse voltado.

— Recebi uma carta hoje.

Não havia dúvidas, mas ela pronunciou o nome de Anders, o coração vibrando como o de um beija-flor.

Karen tirou uma daquelas cartas-envelope azuis do bolso do suéter. Ela a deixou com a parte da frente visível sobre a palma da mão e as duas juntas fitaram o envelope com a impressão de que a qualquer minuto um par de asas poderia se desdobrar dele. Lá estava a caligrafia clara e caprichada de Anders na frente. *Karen Eckman… Eden Prairie*. Marina gostava de dizer a Anders que ele era o único médico que ela conhecia que escrevia como uma menina de colégio católico.

— É a segunda que recebo esta semana — contou Karen. — A outra veio na terça-feira, mas ele a escreveu mais tarde, em primeiro de março. Ele estava mais doente naquela ocasião.

Marina abriu a boca. Era para ela dizer algo, mas não conseguia imaginar o quê. Ele estava morto, estava doente, não estava tão doente. A história retrocedia até que a única conclusão a se tirar seria de que Anders tinha melhorado. Deixava a selva e retornava a Manaus. Pegava um voo de Manaus e recomeçava seu caminho a partir de casa, só que agora elas saberiam o suficiente para se recusarem a deixá-lo ir. Marina imaginava quantas cartas ainda vagavam e quando elas chegariam, com sua rota postal levando-as erroneamente em um pequeno desvio pelo Butão. Não havia necessidade de conjecturar muito para encontrar uma explicação lógica a respeito de como aquilo acontecera; então, por que Marina sentiu que precisava inclinar a taça e tomar todo o vinho de um gole só?

— Essa experiência, de ir até a caixa de correio e achar uma pilha de catálogos, contas e uma carta do marido falecido... nada em minha vida até agora me preparou para isso. — Karen desdobrou o papel e fitou as palavras, mas, com a mesma rapidez, desviou o olhar. Em vez disso, fitou Marina. — Faz você entender por que e-mail é melhor — falou. — Você recebe um e-mail de seu falecido marido e sabe que ele está vivo em algum lugar por aí. Você recebe uma carta de seu falecido marido e não sabe de nada.

— Você pode me dizer o que ele escreveu? — Marina estava aos sussurros. Talvez os meninos ainda não soubessem das cartas. Ela queria perguntar se havia algo sobre a Dra. Swenson e onde eles estavam trabalhando. Queria saber onde ela deveria procurar quando chegasse à floresta.

— Não é sobre nada, na realidade — disse Karen, como se quisesse se desculpar. Passou a carta para Marina.

15 de fevereiro

Você ficaria muito inquieta se eu dissesse que frequentemente fico com medo neste lugar? O que você precisa não é de franqueza, mas do tipo de marido que seja capaz de agir com bravura. Mas, se eu agisse com bravura agora, depois de tanto dizer como estou tão infeliz, se eu pagasse a Nkomo ou a um dos Saturn para coletar alguma bravura para mim e colocar em uma folha de papel para que eu pudesse copiar, com minha escrita covarde, você perceberia imediatamente que se tratava de uma farsa. E então você pegaria um avião, alugaria um barco, contrataria um guia e viria até aqui para me encontrar, porque você saberia (uma vez que nunca, em toda a sua vida, presenciou um único ato de bravura meu) como devem estar as coisas. Desse modo, não vou amedrontá-la tentando reunir coragem. De qualquer forma, você sempre foi a verdadeira corajosa da relação. É por isso que você está em casa com os três meninos enquanto estou de férias. É por isso que, no último verão, você foi capaz de extrair aquele prego do calcanhar de Benjy com o alicate. Não sou corajoso. Estou com uma febre que aparece às sete da manhã e permanece por duas horas. Às quatro da tarde, ela volta e me sinto um monte de cinzas delirante. Quase todo dia agora sinto dor de cabeça e tenho medo de que algum animal amazônico minúsculo esteja escavando um buraco no meu córtex cerebral. E a única coisa que quero no mundo, a única coisa que daria significado ou sentido a esta existência, seria ter a chance de deitar minha cabeça no seu colo. Você passaria a mão nos meus cabelos, sei que você faria isso por mim. Essa é a sua coragem, essa é a minha boa sorte. Malditas sejam estas ridículas folhas de papel. Elas nunca têm espaço suficiente. Rezo como um fundamentalista lamuriante agora que estou no Brasil e hoje à noite vou rezar para que o transportador de correspondência leve esta aqui para você para que você possa sentir todo o meu amor. Beije os meninos por mim. Eu beijo a parte interior do seu punho.

— A.

Marina dobrou o envelope e o devolveu a Karen, que o colocou de volta no bolso. Ela pousou a mão em uma prateleira, perto de várias embalagens de pipoca de micro-ondas, para se firmar. Era incalculavelmente pior do que a carta da Dra. Swenson. Aqui estava Anders anunciando o início de sua própria morte, sua fala tão clara e evidente que ele poderia muito bem ter surgido na despensa e lido a carta em voz alta.

— Quem são Nkomo e os Saturn?

Karen balançou a cabeça.

— Às vezes ele menciona alguns nomes, mas não os conheço. Nem consigo pensar em quantas cartas se perderam. A carta da Dra. Swenson poderia ter sido extraviada, a que falava da morte dele. — Com o dedo, Karen desenhou um círculo imaginário em volta da tampa de uma lata de ervilhas. — Acho que vou esperar para providenciar o serviço memorial depois que você voltar. Eu gostaria que você participasse.

Marina olhou para ela, piscou, concordou.

— Jamais digo a eles — disse ela, voltando os olhos para a porta semiaberta da despensa, em direção aos meninos — que não tenho certeza de que o pai deles morreu. Sei que os meninos precisam de uma resposta, mesmo que seja a pior possível. A esperança é algo terrível, sabe? Não sei quem decidiu classificar a esperança como uma virtude, porque não é. É uma praga. É como nadar com um anzol na boca e alguém ficar puxando, puxando... Todo mundo acha que estou em frangalhos porque Anders morreu, mas, na verdade, é pior que isso. Ainda tenho a esperança de que essa Dra. Swenson, por algum motivo que não consigo imaginar, tenha mentido sobre tudo isso, de que ela ainda esteja mantendo Anders lá, que o tenha perdido em algum lugar. — Então Karen interrompeu sua fala, um brilho repentino de clareza iluminou seu rosto e o pânico abandonou sua voz. — E digo isso e sei que não é verdade. Ninguém faria uma coisa dessas. Mas isso significaria que ele está morto. — Ela fez a pergunta diretamente a Marina: — Ele está morto? Simplesmente não consigo ter certeza. Eu sentiria, não é? — Seus olhos se encheram d’água, e ela esfregou as lágrimas com dois dedos.

Nada seria mais atraente do que uma mentira agora, uma dose única de possibilidade. Porém, se Marina lhe dissesse uma mentira, ela seria um novo anzol na boca de Karen Eckman. Ela disse que Anders estava morto.

Karen colocou as mãos nos bolsos e fitou o limpíssimo piso de tábuas corridas. Ela assentiu.

— Ele escrevia para você? — perguntou.

Marina entendeu a pergunta, mas deixou para lá.

— Ele me mandou um cartão-postal de Manaus e duas cartas logo que chegou na floresta. Quase só falou dos pássaros. Eu as mostrei para o Sr. Fox. Posso dá-las a você, se quiser.

— Para os garotos — disse. — Seria bom pensar em manter tudo junto. Pensando no futuro.

Marina não costumava ser claustrofóbica, e a despensa era espaçosa como um elevador de hotel, mas ela queria abrir a porta e sair dali. Os vidros de vagens em conserva, as garrafas de suco de cranberry e os pacotes de mingau instantâneo em diversos sabores começavam a oprimi-la, tomando cada vez mais espaço.

— Não sei quanto tempo vou ficar fora.

— Bem, faça o que for preciso, mas não fique lá. — Karen tentou dizer isso despreocupadamente. — Esse é o grande erro.

Depois de se despedirem, Marina deixou a casa dos Eckman e caminhou sozinha, sob a infinita vastidão da noite aveludada. Ela se deteve por um momento, na escuridão, para tirar qualquer vestígio do pequeno e iluminado cômodo onde estivera. Imaginou se haveria um tempo em sua vida, em dez ou vinte anos, em que não pensaria mais naquela carta. *Essa é a sua coragem, essa é a minha boa sorte*. Provavelmente não. Na morte, seu colega de trabalho se tornara responsabilidade dela. Embora entendesse a opinião de Karen sobre a esperança, Marina não se importaria de ter esse sentimento, nem que fosse apenas um pouco. Como ela ficaria feliz de ir ao Brasil e encontrar Anders! No entanto, sua tarefa era confirmar a morte do colega e terminar seu trabalho. Em todos aqueles anos juntos no menor laboratório da Vogel, trabalhando nos mesmos relatórios, eles tinham se acostumado a completar os dados um do outro.

Marina encheu os pulmões com o ar gelado e sentiu o odor tanto do inverno quanto da primavera, restos de neve suja com pequeníssimos indícios do verde que chegava. Era algo que ela e Anders também tinham em comum: ambos combinavam perfeitamente com Minnesota. Ela até que gostaria de desenvolver um medo de voar que a impedisse de ir além dos estados de Dakota, de carro. Como sua mãe, e todos os ancestrais por parte dela, inesgotáveis louros que reclamavam seus direitos pelas pradarias verdejantes, Marina fora talhada para Minnesota, o solo e a noite estrelada. Em vez de crescer curiosa e agitada, ela desenvolvera um profundo desejo de permanência, como se seu centro de gravidade fosse tão baixo que a conectasse diretamente a essa porção específica de terra. Os ventos gélidos corriam pelas planícies sem nada no caminho que os

detivesse, a não ser Marina, que ainda ficou ali um minuto, congelando, antes de finalmente entrar no carro.

Em casa, ela encontrou o Sr. Fox esperando na entrada da garagem, com o motor e o aquecedor ligados. Quando a viu, ele baixou o vidro do carro.

— Tentei ligar para você — disse.

— Fui me despedir de Karen.

Ela podia ter contado sobre a carta, mas restava tão pouco tempo e, afinal de contas, o que diria? A semana não tinha se passado da forma como ambos gostariam. Tinham se visto basicamente no escritório, na presença do conselho da Vogel. Dadas as circunstâncias, o conselho quisera que Marina recebesse um relato completo e detalhado do que esperavam da viagem. Será que ela entendia exatamente o que queriam dela? Voar até Manaus, ir ao apartamento da Dra. Swenson lá — eles tinham um endereço, Anders havia encontrado algumas pessoas que sabiam onde ficava, blá-blá-blá. Marina se arrastava por não dormir e andava agitada por causa do Lariam. Ela se viu participando dessas reuniões sem prestar atenção a nada, movimentando sua caneta da Indústria Farmacêutica Vogel em desenhos que lembravam letras cursivas. Mesmo quando fornecia respostas razoavelmente articuladas às perguntas nervosas, ela não prestava atenção alguma. Em vez disso, pensava no pai e em como ela não havia comparecido no momento da morte dele porque não quisera largar as aulas da faculdade no meio do semestre. Como acontecia com tantas outras questões críticas de sua juventude, ela fora poupada sobre a gravidade da situação. Haviam lhe dito apenas que ele estava doente e que esperava que ela pudesse visitá-lo em breve. Ao receber tal informação, Marina imaginou que ainda haveria muito tempo, quando, na realidade, não houve tempo algum. Ela pensava na mãe, a quem pediram para não participar do funeral, o que a fez ficar esperando no hotel em deferência pela segunda esposa. Ela pensava em Anders e seus guias de pássaros e ficava imaginando se a Dra. Swenson os teria guardado. Anders ficaria tão feliz se ela fizesse um esforço de procurar alguns pássaros enquanto estivesse lá! Certamente, quando, na carta, a Dra. Swenson disse que estava guardando os bens dele, isso incluiria os binóculos. E a máquina fotográfica! Ela usaria a máquina para tirar fotos de pássaros para os meninos.

— Posso entrar? — perguntou o Sr. Fox.

No escuro, no frio do início de abril, Marina aquiesceu, e ele a seguiu até a porta de casa e se colocou bem próximo atrás dela. Ele passou para a esquerda e logo ligeiramente para a direita, e então parou e pressionou o corpo contra as costas dela enquanto Marina fuçava a bolsa em busca das chaves. Ele queria protegê-la do vento. Foi esse gesto de ternura que a fez engasgar e, antes que conseguisse se controlar, ela começou a chorar. Estaria chorando por Karen e pela carta? Por Anders, enquanto ele a escrevia, ou por aqueles meninos de pijama? Será que chorava por causa do Lariam, que já a fizera chorar com histórias de jornais e canções de rádio, ou seria porque ela daria quase qualquer coisa para deixar essa viagem ao Brasil de lado? Marina se virou e passou os braços em volta do pescoço do Sr. Fox, e ele a beijou ali mesmo, sob a luz do pórtico, onde qualquer motorista que passasse os teria visto. Ela o beijou e se agarrou a ele como se uma multidão quisesse separá-los. O frio e o vento não importavam. Nada importava. Eles tinham feito tudo errado. Tinham tomado decisões terríveis em relação à espera para ver no que ia dar o relacionamento, em não ficarem juntos abertamente. Haviam concordado que não tinha motivo para se tornarem o tópico das conversas de outras pessoas, principalmente se o namoro não fosse adiante. O Sr. Fox sempre se apressava em dizer que achava que aquilo não ia funcionar. O problema, dizia ele, era a idade. Ele era velho demais para ela. Mesmo quando estavam deitados na cama, o braço dele sob os ombros de Marina, a cabeça dela repousando no peito dele, ele falava que iria morrer muitos anos antes dela e acabaria deixando-a sozinha. Seria melhor que ela encontrasse alguém de sua idade agora e não desperdiçasse com ele aqueles bons anos de sua vida.

— Agora? — ela costumava perguntar. — Tenho de encontrar alguém neste exato minuto?

E então ele a apertava mais contra si e beijava o topo de sua cabeça.

— Não — respondia ele, deslizando a mão aberta pelo braço dela. — Eu diria que não neste exato minuto. Você pode adiar um pouquinho.

— Pode ser que eu morra primeiro, sabe? É bem possível. — Marina dizia isso porque, na verdade, queria muito que aquele relacionamento desse certo e porque era um fato médico: é bastante comum os mais jovens irem mais cedo.

Ao chegar em casa naquela noite, porém, ela analisou conversas como essa sob uma perspectiva diferente e, assim, eles se beijavam e ela pensava mais na

morte dela do que na dele. Em termos lógicos, a morte de Anders não significava nenhum presságio para Marina. No entanto, ele estava morto e jamais teria imaginado tal cenário como um possível resultado de sua viagem. Karen não pensara que isso fosse concebível ou nunca o teria deixado sair pela porta da frente. O Sr. Fox se arrependia muito, muitíssimo, de algum dia ter pedido a Marina para ir e disse isso a ela. Ela respondeu que se arrependia de ter concordado. Mas ela sempre tinha sido uma excelente aluna, excelente médica, excelente funcionária, amante e amiga e, quando alguém lhe pedia que fizesse algo, ela agia pensando que aquilo fora pedido porque era importante. Ela havia alcançado seu sucesso porque raramente declinava de qualquer solicitação que lhe fizessem — e como seria diferente com a Amazônia? Eles esbarraram na mesa de centro enquanto tentavam entrar na casa sem acender as luzes. Encostaram em uma parede no corredor escuro. Caíram na cama, no quarto dela, e ali permaneceram até se exaurirem de todos os atos de amor, de raiva, de desculpa e de perdão em que conseguiam pensar para substituir aquilo que não conseguiam descrever em palavras. Foi depois disso tudo, quando já tinham terminado e adormecido, que Marina começou a gritar.

Levou um tempo até que ela pudesse se recompor. Pelo menos um minuto se passou antes que estivesse totalmente acordada e, assim, ela se manteve no mundo de seu sonho, no qual a única opção era gritar. Quando abriu os olhos, o Sr. Fox estava lá, segurando seus braços e parecendo ele mesmo prestes a berrar. Ela quase lhe perguntou o que havia de errado e então se lembrou.

— Estou tomando Lariam — contou Marina. Sua boca estava seca e as palavras grudavam nos dentes. — É um efeito colateral. Pesadelos.

Ela estava no chão, com a colcha sobre os ombros nus. Cobriu o rosto com as mãos e achou que dava para ouvir o suor escorrendo pelo pescoço. O voo do aeroporto de St. Paul–Minneapolis saía às 6h45 da manhã e ela ainda tinha que terminar de arrumar as malas. Queria garantir que iria regar as plantas e tirar todos os alimentos perecíveis da geladeira. Agora ela já estava acordada, completamente desperta. Continuaria de pé.

O Sr. Fox, agachado na frente de Marina, colocou as mãos gentilmente sobre os joelhos dela.

— Com o que você estava sonhando afinal? — perguntou.

E, ainda que ela o amasse e quisesse contar e ele a verdade, não conseguia imaginar como colocar o pesadelo em palavras. Disse-lhe o mesmo que dizia a mãe: era algo genericamente ruim, ela não se lembrava.

Quando o Sr. Fox a levou ao aeroporto, a temperatura estava em sete graus negativos. Marina desligou o rádio antes que tivessem a oportunidade de anunciar a sensação térmica. A escuridão da manhã parecia mais intensa do que a da noite. Ambos estavam confusos por suas decisões e pela falta de sono. Não levaram em consideração o fato de que ainda era muito cedo e que os motoristas daquele trânsito violento para o qual tinham destinado um tempo extra ainda não estavam despertos. Quando ele entrou na faixa reservada a passageiros do embarque, eram 5h15 da manhã.

— Vou com você — falou ele.

Ela balançou a cabeça.

— Vou direto para o portão de embarque. De qualquer modo, você precisa ir para casa se aprontar para o trabalho. — Ela não sabia por que dissera aquilo. Queria, na verdade, que ele ficasse para sempre.

— Tenho um presentinho de despedida — disse ele. — Ia entregá-lo ontem à noite, mas minha atenção acabou se desviando para outros assuntos. — Debruçou-se sobre ela para abrir o porta-luvas, de onde tirou uma pequena bolsa preta. Abriu o zíper e tirou um telefone de aparência complicada. — Sei o que vai dizer: você já tem um telefone. Mas pode acreditar, não é como este. Garantiram-me que é possível fazer uma ligação de qualquer lugar do mundo com isto aqui. Você pode verificar mensagens, mandar e-mail, e ainda tem GPS. O que vai indicar perto de que rio você está. — Ele parecia encantando com tudo aquilo. — Já está carregado e pronto para usar. Programei meus números. Coloquei todas as instruções na bolsa. Pensei que talvez você pudesse ler durante o voo.

Marina olhou a face prateada e brilhante do aparelho. Sem dúvida podia filmar e editar um curto documentário sobre uma farmacologista que vai para a Amazônia com o aparelho.

— Certamente vou precisar.

— O atendente da loja me disse que você poderia fazer uma chamada até da Antártica.

Marina se virou e o mirou, atônita.

— Só estou dizendo que quero manter contato com você. Quero saber o que está acontecendo.

Ela assentiu e colocou o aparelho e o pequeno manual do telefone na bolsa. Por um momento, os dois ficaram em silêncio. Marina achou que eles finalmente iriam se despedir.

— Sobre os sonhos — falou ele.

— Eles vão parar.

— Mas você vai continuar a tomar o Lariam?

Eles estavam banhados pela luz que atravessava as lâminas de vidro do aeroporto. Por que os aeroportos sempre tinham aqueles tetos ridiculamente altos? Será que serviam para incutir nos passageiros a sensação de já estar voando? O Sr. Fox olhou-a com um semblante sério, e ela respondeu:

— É claro.

Ele suspirou e lhe segurou a mão.

— Ótimo — disse e apertou a mão dela. — Ótimo. Você deve ficar extremamente tentada a jogar o remédio no lixo se ele provoca esses pesadelos. Não quero que você adoeça lá… — ele se interrompeu.

— E tenha uma febre — ela completou.

De súbito, o Sr. Fox pareceu se concentrar na mão de Marina, como se estivesse fazendo um estudo de forma e tamanho. Era a mão esquerda, claro, já que ele estava no lado esquerdo do carro, e, com a própria mão esquerda, deslizou as pontas do dedo no dedo médio dela, como se estivesse colocando um anel, só que não havia anel algum.

— Você vai até lá, descobre o que puder e pega o primeiro voo de volta para casa. — Ele levantou o olhar em direção a ela. — Promete?

Ela fez que sim. Ele ainda segurava o dedo dela. Ela queria perguntar a ele o que isso significava, se significava o que ela achava que significava; mas, se ela estivesse errada, não suportaria a resposta naquele momento em particular. Saíram do carro juntos. Marina, com o sentido aguçado de uma nativa, diria que a sensação térmica alcançara uns bons graus negativos, embora a locutora do rádio tivesse dito que no dia seguinte as temperaturas subiriam até quase cinco graus Celsius. Eram as incoerências da primavera. O Sr. Fox tirou a mala dela do porta-malas, abraçou-a, beijou-a e extraiu mais uma porção de promessas de que ela seria cuidadosa, de que voltaria logo e, depois de tudo isso, entrou no carro e

partiu. Marina permaneceu no ar frio, observando as luzes traseiras do carro até que não conseguisse mais distinguir quais eram as dele. Então, puxou a mala de rodinhas para dentro do terminal principal do aeroporto e a empurrou até ficar próxima a um conjunto de cadeiras. Primeiro abriu o zíper da bolsa do telefone que acabara de ganhar e, após retirar o aparelho e o manual, buscou, com uma dose real de expectativa, por um anel. Tratava-se do único local onde ele poderia ter escondido um anel e, se ele tivesse feito isso, bem, significaria alguma coisa, porque ela supunha que usaria o telefone para ligar para ele e dizer que sim, que se casaria com ele. Porém, quando desembaraçou o fio do carregador e não encontrou nada além de sua própria tolice, ela resolveu guardar tudo. Colocou o manual na bagagem de mão para o caso de conseguir se forçar a lê-lo no avião e depois empurrou o telefone para dentro da mala. Enfiou a mão cuidadosamente entre as blusas, as calcinhas e os sapatos até encontrar a bolsinha que se parecia bastante com a bolsa do telefone, a bolsinha que ela usava para os medicamentos: aspirina, antiácido, remédio contra insônia, antibiótico de largo espectro. Ela pegou o frasco de Lariam e, sem pensar duas vezes, jogou-o na lixeira ao lado. Pensou que talvez houvesse algum defeito em sua imaginação, pois ela nem sequer havia considerado o fato de que os comprimidos poderiam ser descartados.

Infelizmente, jogar os comprimidos fora não significava que o mesmo aconteceria com os pesadelos, pelo menos enquanto ainda houvesse vestígios de Lariam em seu sangue. Assim, tendo dormido pouco mais de três horas, ela tentaria ficar acordada no voo. A Vogel lhe comprara um bilhete de primeira classe para Miami e em seguida para Manaus, e o enorme assento acolheu-a, fez com que ela se inclinasse e repetiu diversas vezes que ela repousasse. Às 7h30, o passageiro sentado a seu lado, usando um terno grafite, pediu à comissária de bordo um *bloody mary*. Ela ficou imaginando se o bilhete de Anders tinha sido na primeira classe ou, mais importante ainda, se tinham lhe dado um celular com GPS. Ela duvidava das duas coisas. O ar circulado carregava um leve aroma de vodca e suco de tomate. A cabeça de Marina pendeu para o lado e lá estava o Sr. Fox novamente, segurando seu dedo anular, dizendo a ela para vir para casa. Sentiu sua cabeça pesar.

O nome da esposa do Sr. Fox era Mary. Ela falecera aos 55 anos, por causa de um linfoma não-Hodgkin. Foi no ano que Marina entrou na Vogel. Se

gostasse de psicologia barata, e ela não gostava, talvez pudesse pensar que, apesar dos protestos em contrário do Sr. Fox, o principal motivo que o fizera se aproximar dela tivesse sido sua idade, que fazia com que, provavelmente, ele não fosse passar pela mesma situação de novo, embora isso não explicasse de jeito nenhum por que ele a mandava agora para o Brasil. Nas fotografias de Mary que o Sr. Fox mantinha — uma que ficava na cozinha e a retratava sozinha, e outra no gabinete de trabalho e a mostrava com as duas filhas em um passeio de barco —, ela parecia ser alguém com quem Marina simpatizaria. Possuía um rosto alegre, os olhos bem abertos, os espessos cabelos alourados presos em um rabo de cavalo. Mary fora professora de matemática em uma escola preparatória de Eden Prairie, na qual as duas meninas haviam estudado.

— Por causa dela, economizamos bastante em anuidades escolares — comentou o Sr. Fox, segurando a foto. — Ellie — ele apontou para a filha menor — é a cara da mãe. Está fazendo residência em radiologia na Clínica Cleveland e se casou com um professor de inglês. E esta aqui, Alice, não está casada. — Moveu o dedo para a menina mais morena. — Ela trabalha como investidora internacional em Roma. Foi para a Itália quando estava no terceiro ano em Vassar e ficou encantada. Diz que deveria ter nascido italiana.

Marina olhou-as nas fotos. As meninas ainda eram pequenas, talvez com 6 e 8 anos. Era difícil imaginá-las hoje, uma médica e a outra trabalhando em um banco. Na foto, Mary estava mais jovem do que Marina era hoje, com a saúde reluzindo como os pequenos pontos cintilantes na água atrás delas. As três estavam na margem de um rio em frente a uma canoa emborcada, com galhos de pinheiro emoldurando a foto. Elas seguravam os remos e sorriam, sorriam para o Sr. Fox, que ainda não tinha 40 anos quando apertou o botão daquela câmera.

— Achei que elas iam ficar aqui para sempre — disse ele, colocando a foto de volta na estante. — Talvez as meninas saíssem de casa para cursar a faculdade, mas depois voltariam e morariam por perto, se casariam, teriam filhos. Naquela época, eu não dava muita importância para o fato de que um dia morremos, mas, se me perguntassem, eu diria que Mary ia viver pelo menos uns dez anos a mais do que eu. Ela era uma aposta mais segura. Ela, com sua alimentação saudável, com suas caminhadas, ela que nunca fumou e tinha tantos amigos... Eu teria apostado cada centavo meu nela. — Ele bateu de leve com os

dedos no topo do porta-retratos. — Hoje parece ridículo, não é, essa espécie de ingenuidade?

Para Marina, de todo modo, parecia que a ingenuidade era crucial. Foi o que permitiu a Karen se casar com Anders e ter aqueles três meninos, com a crença de que o marido estaria sempre ali para tomar conta dos filhos. Tanto ela quanto Anders tinham sido ingênuos em não cogitar que um deles pudesse morrer jovem, quando ainda eram tão importantes para os filhos e um para o outro. Se tivessem pensado por um minuto que as coisas acabariam assim, nunca teriam tido a coragem de começar. O próprio nascimento de Marina fora engendrado por pura ingenuidade: de sua mãe, por pensar que o amor poderia vencer a pressão de um país inteiro; de seu pai, por pensar que poderia deixar um país para trás por causa de uma americana de Minnesota. Se os dois não tivessem sido tão autênticos e esperançosos, Marina nunca teria nascido. Ela reinventava seus pais como um casal de práticos cínicos e repentinamente todo o filme de sua vida rebobinou em sua mente até que por fim a pequena heroína desapareceu por completo. A ingenuidade pode ser o fundamento da reprodução, a base para a sobrevivência da espécie. Mesmo Marina, que compreendia isso tudo, ainda era capaz de pensar que o Sr. Fox estava, indiretamente, sugerindo que eles pudessem se casar.

Ela já tinha sido casada, embora achasse agora que aquela experiência não contava muito. A união durara do início do terceiro ano de residência ao final do quinto e, no espaço de dois anos e meio, os dois praticamente nunca estiveram acordados ao mesmo tempo. Com frequência, Marina pensava que, se não fosse pelo casamento, que foi modesto, teria sido apenas um relacionamento fracassado com um homem bom em quem, na verdade, ela nunca mais pensou. Ela também fora ingênua achando que eles conseguiriam fazer o casamento dar certo naquele momento particularmente difícil de sua formação, apesar de todos que os conheciam terem dito o contrário. Ela estava certa de que o amor venceria as barreiras e, como isso não aconteceu, ela perdera não só o casamento, mas também a ingenuidade. Marina e o marido compraram juntos um “kit divórcio” numa papelaria e preencheram amigavelmente os formulários na mesa da cozinha. Ele ficou com os móveis do quarto; ela, com os da sala. Em um gesto de bondade, ela ofereceu a mesa da cozinha e as cadeiras onde se sentavam, e ele, sabendo que ela fazia isso de bom grado, aceitou. A mãe dela foi até

Baltimore para ajudá-la a procurar um apartamento menor e embalar metade dos presentes de casamento que ela nem quisera desde o início. O que Marina queria muito era uma oportunidade de se deitar no sofá da sala e talvez beber uma dose de *scotch* enquanto chorava a tarde toda, mas não tinha tempo para isso. Completara 30 anos na semana anterior. Em seis horas precisava estar de volta no hospital. O término que ela sentia com tanta intensidade, aquilo que a fazia querer dormir no sofá no meio do dia, não era o fim de seu casamento, mas o fim de sua residência em ginecologia e obstetrícia. Após quatro anos de um programa de cinco, ela mudara para farmacologia clínica, matriculara-se em um doutorado e se obrigara a mais três anos de estudos. Embora a mãe tivesse ido a Baltimore para ajudá-la com o divórcio, Marina não lhe contou com o que exatamente ela estava rompendo. Não contou à mãe que a vida que ela arruinara não fora a própria, nem a de Josh Su, mas a de outra pessoa, alguém que ela nem sequer conhecia. Não contou à mãe sobre o acidente, tampouco sobre a inquisição que se seguiu. Só falou sobre a mudança para farmacologia quando já tinha frequentado um ano do programa e a mencionou de forma tão casual que parecia a coisa mais natural do mundo. Não contou à mãe sobre a Dra. Swenson.

Marina puxou o casaco em volta dos ombros. Sob o avião, havia uma barreira de nuvens brancas que impediam os passageiros de apreciar a paisagem lá embaixo. Não era possível dizer onde estavam agora. Ela deixou a cabeça pender para trás e pensou que nenhum mal podia vir de uma soneca. Sabia como fechar os olhos por dois minutos. Era um truque que aprendera na época da residência: adormecer no canto de um elevador e então acordar no andar certo. Ela balançava a cabeça rapidamente e depois caminhava direto para o quarto do paciente, não exatamente recuperada, porém com mais vigor. Ela apertou o botão no braço da cadeira e reclinou o assento. Programou seu despertador interno para cinco minutos e se rendeu ao sono que a perseguia desde os pesadelos que a tiraram da cama naquela manhã. Contudo, daquela vez, as portas do elevador se abriram e ela não estava em Calcutá. Estava na Vogel, olhando para o saguão, com o piso de cerâmica e as luzes fluorescentes, e subitamente mudou de ideia sobre tudo. Devia ter avisado Anders sobre a Dra. Swenson. Era difícil antever que efeito sua história teria em relação à viagem à Amazônia, mas ainda assim ela optara por não contar a ele, como uma forma de se proteger, não porque ele não pudesse saber do que se tratava. Anders teria ficado agradecido por qualquer

informação — ela percebia isso agora —, e era possível que esse fato adicional pudesse ter modificado seu destino. Pelo menos ele teria sido cauteloso. Quanto mais pensava no assunto, mais rápido ela caminhava pelo saguão. Todas as luzes dos laboratórios e escritórios estavam apagadas. Todo mundo já tinha ido para casa.

Menos Anders.

Ele estava em sua mesa, de costas para a porta. Marina sempre chegava ao trabalho antes dele, que tinha de deixar as crianças na escola. Raramente ela chegava de manhã e o encontrava sentado lá, e a alegria que experimentou ao ver a silhueta alta e ereta, os cabelos desbotados, a fez gritar.

— Fiquei com medo de não encontrar mais você! — falou ela. Seu coração batia rápido, 150, ela calculou, ou 160 batimentos por minuto.

O olhar no rosto dele indicava surpresa.

— Você quase não me pega aqui. Eu estava a caminho do estacionamento e percebi que tinha esquecido meu relógio. — Ele colocou a pulseira do relógio no pulso esquerdo e prendeu a lingueta. Anders sempre tirava o relógio de manhã; os dois faziam isso: lavavam muito as mãos e colocavam e tiravam as luvas de látex várias vezes. — O que aconteceu com você? Estava correndo? — Ele se aproximou, pôs a mão em seu ombro e começou a sacudi-la, primeiro gentilmente e depois com força. — Senhora — disse ele, como se nunca tivessem se visto antes. — Senhora?

Marina abriu os olhos. O homem de terno sacudia seu ombro e a comissária de bordo examinava seu rosto a uma distância excessivamente próxima. Quando Marina abriu os olhos, sua primeira visão foi a boca da mulher, o batom de um rosa amarronzado forte, obsceno.

— Senhora?

— Sim? — respondeu Marina.

— Acho que a senhora teve um pesadelo. — A comissária se afastou um pouco, ampliando o campo de visão de Marina. A que horas ela teria acordado hoje para colocar tanto rímel? — Gostaria de um copo d’água?

Marina aceitou. O problema com o Lariam era distinguir o que era sonho e o que era vida real: ela conhecia a Vogel, Anders e o laboratório. Era o avião que parecia propício a pesadelos.

— Também não gosto de voar — falou o homem de terno e levantou seu *bloody mary*. — Este é meu remédio.

— Não me importo de voar — replicou Marina. Havia algo que ela queria ter dito a Anders.

— Sem dúvida não é o que parece — comentou o homem. Talvez estivesse preocupado, entediado ou então era amável em excesso, ou gentil como o povo do meio-oeste costuma ser. Nada estava claro. Ela pegou o copo d'água que lhe foi oferecido e bebeu de um gole só.

— Tenho pesadelos... — disse Marina, e acrescentou: — ...em aviões. Não vou dormir de novo.

O homem olhou para ela com ceticismo. Afinal, estavam juntos naquilo agora, companheiros de assento.

— Bom, se você dormir, devo acordá-la ou deixá-la dormindo?

Marina pensou um pouco. Seria ruim de qualquer maneira. Ela não queria gritar na frente dele; tampouco queria que ele sacudisse seu braço. A intimidade de dormir ao lado de um estranho, ainda mais se mexendo e fazendo barulho, era insuportável.

— Pode me deixar dormir — falou e virou os ombros para longe dele.

Ela ia contar a Anders sobre a Dra. Swenson. O subconsciente era uma coisa engraçada, pensando que poderia reescrever a história. Nunca teria ocorrido a ela contar a Anders o que acontecera quando ele estava vivo e, agora que estava morto, Marina tinha certeza de que deveria ter dito. A imensa culpa acumulada, adormecida dentro dela em todos os momentos de sua vida, deslocou-se, espalhou-se. Não era lógico que a culpa pudesse despertar mais culpa? Marina Singh estivera envolvida em um acidente muito tempo atrás e, depois disso, ela se desligara do programa de ginecologia e obstetrícia. Nunca contara isso à mãe, que pensava que a filha tinha passado por uma ilógica mudança de desejo no final de sua formação, nem ao Sr. Fox, que nunca soube que ela já tinha tido outra especialidade além da farmacologia. Em relação às pessoas que de fato sabiam os detalhes do que acontecera — Josh Su, os amigos da época —, ela encontrara um meio de não vê-las mais. Não conhecia mais a Dra. Swenson. Com uma grande dose de esforço, encontrara uma maneira de parar de repetir a história para si mesma. Não mais traçava os eventos pelo mapa de sua memória, estudando os vários lugares onde tinha sido livre para fazer diferentes escolhas.

Marina Singh era a residente sênior e a Dra. Swenson, a médica assistente. Naquela noite em particular ou, como o comitê de revisão a chamara, a “noite em questão”, ela trabalhava no County Receiving Hospital, em Baltimore. Era uma noite cheia, mas não a mais cheia de sua vida. Algum tempo depois da meia-noite, uma mulher deu entrada no hospital dizendo estar em trabalho de parto havia três horas. Já era mãe de dois filhos e disse que não tinha tido pressa de ir para o hospital.

— Como você está agora? — perguntou a comissária de bordo.

— Estou bem — disse Marina. Seus olhos estavam secos e ela se concentrava em mantê-los abertos.

— Bem, não se sinta constrangida. Este simpático cavalheiro acordou a senhora no tempo certo.

O simpático cavalheiro sorriu novamente para Marina, e algo naquele sorriso sugeria uma leve esperança de recompensa por sua boa ação.

— Alguns companheiros de assento não são tão prestativos — comentou a comissária. Ela se demorava. Não havia muito o que fazer na primeira classe, pouca gente com quem se ocupar. — Normalmente, deixam o outro roncar, gritar e se descontrolar até que se possa ouvir do banheiro de trás.

— Estou bem agora — Marina disse novamente e virou o rosto para a janela, imaginando se havia algum lugar vago no final do avião.

Ela tentou discernir o que tinha acontecido naquela noite, desde o seu depoimento. Tentou se colocar de volta naquele momento real, em vez de contar o evento interminável e exaustivamente. A paciente tinha 28 anos e era negra. Seu cabelo era alisado e puxado para trás. Era alta, ombros largos, imensamente grávida. Marina estava surpresa de se lembrar de como gostou da mulher. Se a paciente sentia medo, nunca demonstrou. Ela falava dos outros filhos entre as contrações e, às vezes, durante: eram duas meninas, e agora teriam um menino. Marina enviou uma mensagem para a Dra. Swenson e lhe disse que as contrações estavam com intervalos de quatro minutos e a paciente não tinha começado a dilatar. O batimento cardíaco do bebê estava instável. Marina informou à Dra. Swenson que, a não ser que a situação melhorasse, elas precisariam fazer uma cesariana.

A Dra. Swenson respondeu, e foi muito clara a esse respeito, que Marina deveria esperar e que não fizesse a cirurgia sem ela.

— Você consegue ver algo lá embaixo? — perguntou o homem de terno.

— Não — respondeu Marina.

— Não sei como você aguenta. Não consigo ficar no assento da janela. Se não houver outro jeito, fecho a persiana. Repito mentalmente que estamos em um ônibus. Antes eu não conseguia voar de maneira alguma e então frequentei um curso de auto-hipnose para pensar que estou em um ônibus. Funciona, desde que seja acompanhado de um drinque. Quer um?

Marina balançou a cabeça.

— Algum caderno do jornal?

Marina olhou para ele. Era pálido, com maçãs do rosto altas e rosadas, um companheiro de viagem que queria que ela perguntasse por que ele iria a Miami e se aquele seria seu destino final. Ele queria que ela lhe contasse que estava indo para a América do Sul, de modo que ele ficasse impressionado e perguntasse o que ela planejava fazer lá — e ela não faria nada disso. Ela não faria nada por ele.

Marina já realizara cesarianas antes, mas, naquela noite, mandaram que ela esperasse, monitorasse e ligasse novamente em uma hora se a situação não melhorasse. O batimento do bebê diminuía e aumentava, diminuía e aumentava, e a paciente ainda não tinha dilatação. Marina enviou outra mensagem para a Dra. Swenson, e então esperou e esperou, mas não houve resposta. Quando olhou no relógio, percebeu que só tinham se passado 45 minutos, e não uma hora. Regras eram regras. Ela não tinha seguido as regras. Isso era exatamente o que Marina sempre admirara na Dra. Swenson, até que foi ela a pessoa a tentar entrar em contato com a médica por telefone. A paciente era tagarela, e elas tinham tempo para conversar. Ela se declarou exausta, mas não tanto por causa do parto. Disse que tinha passado a noite em claro porque a filha de 2 anos estava com dor de ouvido. Seu marido a deixara na porta do hospital. Ele estava levando as meninas para a casa da mãe dele, que ficava a duas horas dali. Duas para ir e duas para voltar, mas, no ritmo em que ela estava indo, ele estaria de volta para o parto; assim, ela não se incomodava de esperar. Queria que ele estivesse ali. Ele não estivera presente nos dois primeiros partos, foram as circunstâncias, ela disse, não foi culpa dele. Sua voz era forte, mais alta do que o necessário naquele pequeno quarto.

— A mulher sempre se esquece de como é ter um filho — falou ela —, mas eu não me lembrava de ser tão difícil. — Depois deu uma risada. — Este é o segredo, sabia? A mulher não se lembra porque, se lembrasse, ninguém teria filhos de novo e então o que ia acontecer? Seria o fim de tudo.

Uma hora e meia. Duas horas. Três horas. Nenhum retorno aos telefonemas. Marina ainda fez o parto de dois outros bebês enquanto a mulher esperava, e ambos os partos foram tão fáceis que nem precisariam de um médico. As mulheres em geral sabiam como expulsar um bebê. Mesmo quando não sabiam, não havia como interromper. Marina voltou para verificar a paciente mais uma vez. A médica estava aterrorizada, a paciente estava paciente. De volta aos dias em que Marina passava este filme em sua cabeça hora após hora, dormindo e acordada, esta era a parte a que ela assistia com maior cuidado. Ela deixava a fita em câmera lenta e observava cada quadro separadamente. Não estava com medo de que a paciente pudesse morrer ou de que perdesse o bebê; estava aterrorizada de fazer algo errado aos olhos da Dra. Swenson. Ela achava que, se tivesse seguido as instruções e esperado mais quinze minutos para telefonar na segunda vez, nada disso estaria acontecendo. Era óbvio que agora já tinha aprendido a lição. Era óbvio que a Dra. Swenson já estava chegando. As enfermeiras compreendiam isso perfeitamente. Mesmo quando estavam preparando a paciente para a cirurgia e ligando para o anestesista para acordá-lo, elas diziam que estavam deixando tudo pronto para a Dra. Swenson, de modo que ela começasse a cirurgia assim que chegasse. Marina deveria ter chamado outro médico, mas nem pensou nisso. Ela estendera demais o tempo tentando se resguardar. Se não tivesse esperado tanto, se não tivesse esperado até que tudo estivesse virando um desastre no qual não havia alternativa senão seguir adiante, ela teria um pouco mais de tempo.

O avião fez uma descida acentuada e depois se endireitou. Era um bolsão de ar, um átimo, mas por um milésimo de segundo todas as pessoas a bordo ouviram a mesma voz na cabeça: É agora. O homem de terno agarrou o pulso de Marina, mas, no momento em que a mão dele tocou seu braço, tudo passou, tudo esquecido, tudo de volta ao normal.

— Sentiu isso? — perguntou ele.

Ela não tinha começado direito. A verdade mais profunda da história se encontrava em algum ponto no passado, anos antes, no início de sua residência,

ou na faculdade de medicina, na primeira vez em que viu a Dra. Swenson no tablado da sala de aula. Não havia palavras para descrever toda a admiração que sentia pela médica, por sua inteligência, por sua capacidade. Sua opinião era compartilhada por todos os alunos. Os alunos da Dra. Swenson estavam sempre ansiosos e impacientes. Ela não se dava o trabalho de decorar os nomes dos alunos, mas eles levavam suas vidas estritamente de acordo com as regras dela. A Dra. Swenson era mais rigorosa com as mulheres do grupo. Chegava a contar histórias de sua própria experiência na faculdade de medicina e de como, quando se aproximava, os homens juntavam os braços para bloqueá-la. Faziam uma barricada humana contra ela, chutavam-na quando ela passava por entre eles; e agora todas as mulheres entravam nas aulas sem problemas e sem compreender ou apreciar o trabalho que fora feito anteriormente em seu favor. Não que Marina quisesse algum dia ser como ela, não era da natureza de Marina. Ela simplesmente queria ver se era capaz de passar cinco anos de sua vida correspondendo às exigências da Dra. Swenson — e não era. De súbito, sentiu-se embriagada. Em algum lugar muito, muito distante, podia sentir a presença de um homem a seu lado. Ele a tinha deixado em paz. Ela nunca teria contado a história para Anders, mesmo que isso o fizesse ficar mais precavido, mesmo que pudesse significar salvar a vida dele. Afinal de contas, ele era pai de três filhos. Por estar tão esticada, a pele do abdômen da paciente estava surpreendentemente fina, como um balão prestes a estourar. Marina se lembrava de que havia um reflexo na pele. Ela fez uma incisão e perfurou a gordura até atingir a fáscia. Achou que não dava para esperar mais. Suas mãos trabalhavam em velocidade tripla e logo surgiu o útero. Ela pensou que estava salvando a vida do bebê por conta de sua rapidez, mas, no instante em que percebeu que ele estava em apresentação occipital posterior, olhando para a frente, a lâmina já tinha atingido a pequenina cabeça no centro, na linha do cabelo, cortando até o meio da bochecha. Marina costumava ter a sensação em seu próprio rosto da incisão reta, o bisturi cortando através do olho. O pai da criança pôde perceber que havia algo errado quando voltou ao hospital naquela noite para descobrir que a esposa se encontrava sedada e o filho tinha uma cicatriz no rosto e estava cego de um olho. Marina foi encontrar o homem no corredor e lhe contou o que havia feito. Ela viu sua perplexidade da mesma maneira como ela ficara perplexa. Ele não tinha

permissão de ver o bebê no momento. Os especialistas estavam com o bebê, mas algumas coisas não tinham solução.

Sua residência não foi cancelada. Marina se lembrava disso com enorme espanto. Quando o processo acabou e a sentença foi dada, ela teve permissão para voltar. A paciente gostara dela, esta foi a pior parte. Elas passaram a noite toda juntas. A mulher queria o dinheiro do acordo, mas não queria a cabeça de Marina. Disse que, a não ser por aquele erro, Marina fizera um bom trabalho. Aquele erro. Portanto, Marina ficou encarregada de infligir uma punição a si mesma. Ela não conseguia tocar uma paciente ou encarar os colegas. Ela não podia voltar para a Dra. Swenson, que dissera no depoimento que a residente sênior tinha sido instruída a não prosseguir sozinha. Durante aquelas três horas, o batimento cardíaco do feto continuava diminuindo, mas toda vez revertia. Aumentava. Talvez em mais uma ou duas horas a paciente tivesse tido a dilatação necessária. Talvez em dez minutos o bebê tivesse morrido. Ninguém sabia essa resposta. Marina era um navio naufragando e, na segurança da terra firme, a Dra. Swenson virou as costas e foi embora. Marina suspeitava que, no final, a Dra. Swenson não tinha ideia de quem ela era.

Anders nunca recusaria a viagem. Não quando havia uma oportunidade de deixar o inverno para trás, conhecer a Amazônia e fotografar os carcarás. De qualquer modo, ele já tinha partido, tinha morrido, ela voava para o Brasil na esperança de descobrir o que acontecera a seu corpo. Marina tinha ficado acordada a noite toda com a paciente, ficara a noite toda cegando a criança, e agora seus olhos fechavam, abriam, fechavam. Este era o custo de procurar a Dra. Swenson: relembrar. Ela foi ao laboratório da Vogel, mesmo tendo prometido ao homem sentado a seu lado no avião não ir lá. Caminhou pelo vestíbulo escuro até chegar ao laboratório e lá apanhou a foto dos garotos Eckman que ficava sobre a mesa de Anders, todos os três capturados em meio a uma explosão de alegria, a qual, a partir de agora, passaria a pertencer a outra vida. A foto, na qual os pequenos participantes estavam tão alegres que pareciam lançar uma luzinha própria no cômodo escuro, estava nas mãos de Marina quando a porta se abriu novamente. De que Anders tinha se esquecido desta vez? Carteira? Chaves? Não importava. Ela apenas queria que ele voltasse.

— Venha agora, Mari — disse seu pai. — Está na hora de ir.

Foi tão perfeito que Marina quase gargalhou alto. É claro que ele estava ali agora, óbvio. Havia uma parte do sonho que não a fazia acordar, esta parte, em que o pai entra e fala seu nome. A parte em que eles ficam juntos por um tempo, só os dois, antes de as coisas darem errado. A forma como as coisas terminavam sempre apagava a genuína felicidade precedente e isso não deveria acontecer. A verdade era muito mais complicada. Era formada de tristeza e de grandes recompensas, e ela precisava se lembrar disso.

— Estava apreciando esta foto — comentou ela e a mostrou para ele. — Os meninos não são lindos?

O pai concordou. Ele estava com uma aparência boa em sua *kurta* amarela, calças engomadas e o cinto trançado. Parecia saudável e tranquilo. Marina não pensara nisto antes, mas agora eles tinham quase a mesma idade. Ela compreendia que o tempo seguia adiante, mas ela teria gostado de parar exatamente neste momento.

— Você está pronta?

— Estou — respondeu ela.

— Ótimo, muito bom, me segure, então. — Ele abriu a porta e os dois saíram juntos no saguão vazio da Vogel. Por um momento, experimentaram uma tranquilidade extraordinária, e Marina tentou apreciá-la, pois sabia que não iria durar. Uma a uma, as portas se abriram, e os colegas saíram para conhecer seu pai e lhe apertar a mão. Atrás deles vinham os indianos, em número cada vez maior, até o ponto em que parecia que Calcutá inteira se lançava atrás deles, elevando as vozes acima do rumor contínuo das conversas das outras pessoas.

— Sei onde fica a escada — falou Marina no ouvido do pai. — Podemos chegar lá.

O pai não conseguia ouvir; o barulho era ensurdecedor. Eles continuavam indo para a frente, empurrando, segurando-se um ao outro pelo maior tempo possível.

TRÊS

Quando sentiu o cheiro do mofo que vinha do ar-condicionado tropical, Marina percebeu quanto estava agasalhada. Retirou o casaco leve e o cardigã que vestia por baixo, enfiando-os na mala de mão onde mal cabiam enquanto todos os insetos da Amazônia levantavam as cabeças das folhas que mastigavam para voltar as anteninhas em sua direção. Ela era um belo petisco, ou uma refeição completa, uma mulher vestida para o clima de primavera do hemisfério norte. Marina entregou o passaporte a um homem no balcão em cuja camisa havia todos os crachás e etiquetas que atestavam seu cargo. Ele lançou um olhar severo para a foto e para o rosto dela. Quando indagada, respondeu que estava no Brasil a negócios. Embora a resposta ensaiada para a pergunta "Quanto tempo vai ficar?" fosse *duas semanas*, ela mudou de ideia no instante em que abriu a boca.

— Três semanas — respondeu, e o homem carimbou uma página vazia em um caderninho cheio de páginas vazias.

Marina se espremeu para encontrar um lugar na abarrotada esteira de bagagens e observou o rio de coisas empacotadas passando por ela. Enormes valises se empilhavam umas sobre as outras, como sacos de areia prontos para barrar a maré que enchia. Marina esperava, atenta à sua discreta bagagem; desviou o olhar apenas tempo suficiente para ajudar um estranho a arrastar um baú para o chão. Lembrou-se de Calcutá, da loucura da coleta das malas, o que dava apenas uma prévia da loucura das ruas lá fora. Ela, a mãe e o pai juntos, na multidão que se amontoava, o pai protegendo as duas da aglomeração de homens jovens com carrinhos de bagagem. Avós enroladas em sáris protegiam a bagagem da família sentando-se sobre as malas macias fechadas com zíperes quase arrebentando apesar das várias tiras exteriores. Marina expulsou a imagem da cabeça, focando sua atenção totalmente no presente. Tentou manter-se esperançosa com o esvaziamento do saguão: as malas, a multidão, um por um, todos se foram. Um par de óculos de natação infantis continuou na esteira e ela o observou passar de novo e de novo. Fez uma lista mental dos itens que uma

pessoa mais esperta traria na bagagem de mão: um dicionário, a bolsa com o telefone, o Lariam, que estava em uma lata de lixo no aeroporto de St. Paul–Minneapolis.

Os infelizes passageiros que se amontoavam no guichê de bagagens extraviadas se imprensavam contra as pilhas de malas não recolhidas; juntos, aumentavam a temperatura da saleta uns oito graus além do calor que já fazia naquela vasta caverna. Um pequeno ventilador preto pousado na mesa agitava o ar em um raio de sessenta centímetros. Um por um, os passageiros se aproximavam da moça no guichê, conversando rapidamente em português. Quando chegou a vez de Marina, ela entregou a passagem e o endereço do hotel sem uma palavra, e a moça, que tinha bastante experiência nessas situações, empurrou-lhe uma folha laminada com fotografias de diversas valises. Marina apontou a mala que mais lembrava a dela. A impressora cuspiu um pedaço de papel que a moça entregou a Marina, circulando com a caneta um número de telefone e um número de ocorrência.

Marina passou pela segurança e pela alfândega e entrou no saguão cheio de gente que olhava para além dela. Garotas nas pontas dos pés acenavam. Motoristas de táxis acotovelavam-se procurando passageiros, diretores de cruzeiros e guias de aventuras na Amazônia reuniam seus grupos. Uma variedade de lojas baratas e de casas de câmbio clamava por atenção com cores brilhantes e luzes ainda mais brilhantes e, no meio de tudo, um homem de terno escuro segurava um cartaz com duas palavras escritas em caligrafia caprichada:

Marina Singh.

Marina tinha tanta certeza de que estava sozinha no mundo que a visão do seu nome escrito em negrito e com a ortografia correta (raramente alguém tinha energia para incluir o “h” no final) a fez parar. O homem que segurava o cartaz parecia observar tudo e, apesar de haver cerca de quinhentas pessoas no aeroporto para escolher, rapidamente se dirigiu a ela.

— Dra. Singh? — perguntou.

Ele se encontrava um pouco distante. Ela não ouviu seu nome, mas fez leitura labial e acenou com a cabeça. Ele se aproximou e o mar de pessoas se dividiu à sua volta. O homem estendeu a mão.

— Eu sou Milton.

— Milton — repetiu. Ela teve que lembrar a si mesma que um abraço seria inapropriado.

— A senhora se atrasou. Eu estava preocupado.

Ele realmente parecia preocupado. Seus olhos a observaram atentamente procurando algum sinal de que as coisas não estavam bem.

— Minha bagagem foi extraviada. Tive de ir até o guichê de reclamações. Para falar a verdade, eu não sabia que alguém viria aqui me receber.

— A senhora não tem bagagem? — perguntou Milton.

— Tenho um sobretudo. — Ela bateu de leve no casaco e viu que uma das mangas estava quase arrastando no chão. Colocou de volta na bolsa.

Marina percebeu um olhar de pesar e responsabilidade no rosto dele.

— Poderia me acompanhar? — Ele pegou a maleta e colocou a mão suavemente no braço dela, conduzindo-a alguns passos na direção da multidão.

— Preenchi todos os formulários — disse ela.

Ele balançou a cabeça.

— Temos de voltar.

— Mas não podemos retornar para a área da segurança.

Retornar e passar por uma porta de segurança, uma porta claramente marcada com a indicação de que todo o tráfego deveria ser em um só sentido, era como voltar no tempo, mas lá estava Milton, a mão agora pousada no ombro do guarda. Inclinou o corpo um pouco para a frente e cochichou alguma coisa no ouvido do homem armado, que ergueu a mão de modo a deter as pessoas que vinham para deixar que Milton e Marina passassem. Os dois andaram na contramão através do setor de alfândega, onde viram um homem de uniforme com as mãos dentro da bolsa de uma mulher. Ele então estendeu uma das mãos para Milton, que a apertou, e eles passaram.

— Vou precisar do seu papel — Milton disse a Marina, e ela o entregou.

Já tinham chegado às esteiras. Entraram no guichê de reclamações, que agora estava abarrotado, com pessoas que tinham perdido suas malas em voos posteriores ao dela. Elas se empurravam, irritadas e tristes, pensando que eram as únicas.

A moça atrás do balcão os viu, ou os sentiu, assim que eles atravessaram a porta, e levantou a cabeça.

— Milton — disse, sorrindo, e então disparou a falar. Marina captou o começo do que ela dizia, mas logo perdeu o fio da meada. — Isso é um sonho! — continuou a moça, em português, e acenou para eles avançarem, onde ela e Milton travaram uma conversa entusiasmada.

Quando um homem que esperava já há bastante tempo por uma palavra de reconhecimento começou a reclamar, a moça fez um som de desaprovação com a língua e o silenciou. Milton entregou o papel impresso, ela leu o relatório digitado por ela mesma como se fosse um conto de mistério instigante, e então soltou um longo suspiro. Milton tirou um cartão de visitas da carteira e rapidamente dobrou uma nota em volta dele, sempre falante. A moça pegou o cartão, e ele beijou as pontas dos dedos dela. Ela riu e disse algo para Marina que pode ou não ter sido essencialmente importante. Marina a olhou de volta, completamente muda.

O ar lá fora estava tão pesado que parecia possível segurá-lo. Os pulmões de Marina nunca haviam experimentado tanto oxigênio, tanta umidade. A cada inalação ela sentia que partículas invisíveis de plantas entravam em seu corpo, pequenos esporos que pousavam entre os cílios e se juntavam parecendo criar raízes. Um inseto voou próximo a seu ouvido, emitindo um som tão agudo que a cabeça de Marina estalou como se tivesse sido atingida por um golpe. Outro inseto picou seu rosto assim que ela levantou a mão para espantar o primeiro. Eles não estavam no meio da floresta, mas em um estacionamento. Por um instante, um relâmpago iluminou uma nuvem agourenta alguns quilômetros ao sul e rapidamente os deixou no escuro.

— A senhora tem tudo de que precisa na maleta? — perguntou Milton esperançosamente.

Marina balançou a cabeça.

— Livros — disse ela — e um casaco.

E mais o manual para o telefone celular que agora estava perdido. Um travesseiro de pescoço para dormir no avião. Uma cópia de *The Wings of the Dove*, que ela trouxera porque pensara que o livro era longo o suficiente para durar o voo inteiro. Uma cópia do *New England Journal of Medicine*, que continha um capítulo do relatório da Dra. Swenson: “Endocrinologia reprodutiva no povo lakashi”.

— Então precisamos comprar algumas coisas para a senhora ainda hoje — falou ele. Seu cunhado tinha uma loja na cidade. Milton pegou o celular, assegurando que o cunhado estaria disponível para encontrá-los com as chaves da loja, apesar da hora, sem problemas, e Marina, que queria muito uma escova de dentes, aceitou.

Milton era cauteloso ao dirigir, contornando os buracos que podiam ser contornados. E passava cuidadosamente por cima daqueles que não podiam. As pessoas se aglomeravam nas esquinas das ruas movimentadas esperando para atravessar o sinal, mas, quando os sinais mudavam de cor, continuavam paradas. Garotas que pareciam vestidas para dançar empurravam carrinhos rente às paredes repletas de panfletos colados. Uma mulher idosa com uma vassoura varreu o entulho para o meio de um cruzamento. Marina olhou para tudo aquilo pensando em Anders, se ele teria visto aquelas mesmas pessoas na noite em que chegara. Não podia imaginar que as coisas em Manaus mudassem muito de uma noite para a outra.

— O senhor buscou o Dr. Eckman também? — perguntou Marina.

— Eckman — repetiu Milton, como se o nome em inglês não lhe fosse familiar.

— Anders Eckman. Ele veio logo após o Natal. Trabalhamos na mesma empresa.

Milton balançou a cabeça.

— Muitos médicos de lá vêm ao Brasil?

Exatamente três, Marina pensou, mas então disse:

— Não muitos.

Claro que ninguém pensaria em contratar um carro com motorista para Anders. Ele teria carregado sua bagagem e apanhado um táxi comum, teria aberto seu livro de expressões em português e procurado a frase: “Qual o preço até o hotel?” Ocorreu a Marina quanto ela estava perto dele agora. Ela pensou que estivera no mesmo aeroporto, seus pés haviam pisado o mesmo asfalto que ele. Estavam afastados por parcos meses, um saindo pela porta de trás enquanto o outro entrava pela da frente. Foi quando lhe ocorreu uma ideia totalmente diferente.

— Você já trabalhou para uma mulher chamada Dra. Swenson?

— Dra. Swenson, com certeza. Ótima cliente. A senhora também trabalha com a Dra. Swenson?

Marina sentou-se mais ereta e, com isso, sentiu o cinto de segurança travá-la. Ainda que o pessoal da Vogel não tivesse se ocupado em providenciar um motorista para Anders, certamente teria essa preocupação em relação à Dra. Swenson; ou ela própria teria achado um. Seria um carro tão limpo como aquele, um motorista tão competente quanto o seu.

— Você sabe onde ela mora?

— Aqui em Manaus, sim. Não é longe do seu hotel. Mas a Dra. Swenson raramente fica em Manaus. O trabalho dela é na floresta. — Milton então parou de falar e Marina o viu olhar para ela pelo espelho retrovisor. — A senhora a conhece, certo? — Ele não deveria estar falando das pessoas para quem trabalha. Ele não deveria estar falando da Dra. Swenson.

— Ela foi minha professora na faculdade de medicina — explicou Marina, oferecendo uma parte do seu passado tão facilmente que pareceu mentira. — Há muitos anos. Trabalhamos para a mesma empresa agora. Vim até aqui para encontrá-la. Preciso conversar com ela sobre seu projeto.

— Então a senhora conhece — falou Milton com a voz aliviada.

— Tenho o endereço dela na cidade, mas ninguém consegue encontrá-la no seu local de trabalho. A Dra. Swenson não usa celular.

— Ela sempre me liga do telefone público nas docas quando vem para a cidade.

— E não importa se você está levando outra pessoa... — ela falava por experiência própria, embora distante.

Milton assentiu, mantendo o olhar à frente.

— Ela nunca avisa quando vem e quando vai. Às vezes, passam-se meses e ela continua na floresta. Cresci em Manaus. Eu nunca passaria tanto tempo lá.

— Nada incomoda a Dra. Swenson — comentou Marina.

— Não — concordou Milton —, exceto não ser apanhada nas docas — acrescentou, após alguma consideração.

Algumas curvas depois, Milton a levou a outra parte da cidade, onde as pessoas andavam pelas ruas discutindo ou de mãos dadas, ignorando que era noite e que não havia nada acontecendo ao redor delas em qualquer direção. Mais à frente, um homem esperava sentado em um degrau baixo de cimento, e

Milton parou o carro. O homem imediatamente se levantou e abriu a porta de Marina. Era alto e magro e vestia uma camisa de algodão rosa na qual caberiam dois dele. Cumprimentou-os em português, numa voz entrecortada. Percebia-se que não estava satisfeito por ir até ali tão tarde a pedido de Milton.

— Negócio é negócio — disse Milton, em português, desligando o motor. Ele apresentou o cunhado, Rodrigo, a Marina, enquanto Rodrigo pegava a mão dela para ajudá-la a sair do carro.

Rodrigo disse algo a Milton quando abriu a porta do prédio. Milton então acendeu as luzes. Lá dentro cheirava a serragem. Ele checou a porta, certificando-se de tê-la trancado. Rodrigo apagou as luzes e Milton as acendeu de novo. Rodrigo cobriu os olhos com as mãos como se tentasse manter-se na escuridão, falando rápido o tempo todo em uma língua que Marina não entendia. Marina piscou, suas pupilas dilataram e ela se sentiu cegar, e então o ambiente foi inundado pela luz elétrica. A loja não era nada mais do que um grande quadrado com piso de tábuas de madeira e estava abarrotada de qualquer item concebível: comida enlatada, roupas, remédios, óculos escuros, cartões-postais, sacos de sementes, sabão em pó. As cores das caixas e das garrafas até o teto alto a deixaram tonta. O teor geral da discussão entre os dois homens era claro, embora ela não entendesse as palavras. Eles se alternavam no acender e apagar das luzes, e ela precisava ser rápida enquanto o ambiente estava iluminado. Pegou uma escova de dentes vermelha, desodorante, pasta de dentes, xampu, repelente de insetos, protetor solar, duas camisas de algodão, camisetas, um chapéu de palha. Colocou um par de calças na frente da cintura e as jogou no balcão. A mala deveria chegar de manhã ou ela nunca mais a veria de novo. Pegou roupas de baixo que vinham num plástico e um pacote de elásticos de cabelo.

— Então, quando foi a última vez que você viu a Dra. Swenson? — perguntou Marina.

— A Dra. Singh conhece a Dra. Swenson — comentou Milton para o cunhado.

Marina escutou ambos os nomes. Em um gesto que lhe pareceu particularmente indiano, Rodrigo pressionou as palmas juntas na frente dos lábios e fez uma pequena reverência com a cabeça.

— Ela é uma excelente cliente — explicou Milton. — Compra todas as provisões para o acampamento aqui. Precisa ver a maneira como entra na loja. Ela fica no meio, bem onde a senhora está, aponta para o que quer, e Rodrigo traz para ela. Sem lista. É impressionante.

— Muito decidida — disse Rodrigo, em português. — Muito rápida.

— Antes, era um dos outros médicos que costumava vir pegar os suprimentos. A Dra. Swenson trabalhava intensamente com os seus remédios e então mandava alguém para a cidade; então, dois dias depois, ela aparecia nas docas. Dizia que não tinham comprado quantidade suficiente ou os itens certos. No final, ela me disse que mandar outra pessoa era perda de tempo. Às vezes ela envia Easter com um bilhete dizendo se precisa de algo especial, mas não é sempre. Ele não sabe fazer todas as compras sozinho.

Rodrigo discordou. Milton o ignorou.

— Rodrigo a conhece muito bem. Há itens que ele encomenda só por causa dela.

— Outros médicos? — perguntou Marina.

Do lado de fora, ela ouvia vozes e o chacoalhar da maçaneta da porta seguido por batidas no vidro. A multidão queria entrar.

— Faz menos de um mês que ela veio aqui.

Milton olhou para Rodrigo e perguntou em português:

— Um mês?

Rodrigo confirmou.

— Isso não é conveniente para a senhora — disse Milton. — Achei que ela estivesse fora há três meses.

Marina imaginou três meses naquela cidade que ela ainda não tinha visto à luz do dia, usando aquelas roupas, memorizando o manual do aparelho de celular perdido. Ela ia comprar um barco e guiá-lo ela mesma se chegasse a esse ponto. Perguntou se haveria alguém que soubesse como encontrar a Dra. Swenson.

Milton balançou a cabeça de um lado para o outro como se ponderasse os pensamentos.

— Se alguém soubesse, seriam os Bovender, mas não acredito que saibam.

— A Dra. Swenson não lhes diria nada — disse Rodrigo, em português. Ele entendia o diálogo em inglês, mas não sabia falar. Ele trouxe uma capa impermeável com capuz dobrada em um saco plástico transparente e um guarda-

chuva pequeno. Entregou a Marina e acenou com a cabeça seriamente, como se insistisse para que ela adicionasse às compras.

— Você tem alguma outra ideia? — perguntou Milton ao cunhado, em inglês.

— Os Bovender — falou Marina.

— É o jovem casal que fica no apartamento dela. Sem dúvida, a senhora vai conhecê-los. É difícil não reparar neles. São viajantes. — Milton fechou os olhos. — Qual é mesmo a palavra?

— Boêmios — disse Rodrigo em tom de reprovação.

Milton abriu os olhos.

— São jovens boêmios — traduz para Marina.

Rodrigo fazia uma lista de tudo o que Marina estava levando, escrevendo os preços com um lápis. Ela mediu um par de chinelos amarelos na sola do próprio sapato, então devolveu e tentou outro. Pegou um cartão de telefone pré-pago. Anders devia ter encontrado os Bovender com facilidade se eles estavam morando no apartamento da Dra. Swenson. Ele tinha o endereço de correspondência, teria ido lá primeiro. Na loja, ela ouviu um som irregular de pancadas leves, batidas que não vinham das pessoas que se alternavam tentando forçar a porta. Parecia que alguém batia com um relógio de pulso num balcão. Ela olhou para o teto e viu alguns insetos de carapaça dura se lançando bruscamente contra a lâmpada fluorescente. De onde ela estava, não pareciam ter asas.

— Estoque! — gritou Milton para as pessoas amontoadas do outro lado do vidro. Ele continuou gritando com elas em português. Rodrigo apagou as luzes de novo. No escuro, acomodou as compras de Marina em finas sacolas de plástico.

— O que eles querem? — perguntou Marina.

Milton se virou e olhou para ela.

— Não querem nada — respondeu, apontando para a maneira como a situação deles era diferente. — Só querem passar a noite.

Quando Rodrigo finalmente abriu a porta para Marina e Milton saírem, ficou claro que a multidão não era tão grande quanto parecia através do vidro. Talvez vinte pessoas, algumas delas crianças. Ali, na rua, elas pareciam se dissipar, como se nunca tivessem tido a energia necessária para forçar a entrada. Mesmo

assim, ficaram por perto para expressar seu desapontamento, o que fizeram de maneira quase indiferente.

Quando Rodrigo abriu a porta do carro para Marina, ela subitamente percebeu que não pagara pelas mercadorias. As sacolas contendo tudo o que ela apanhara estavam enroladas em seus dedos e ela as estendeu para os dois homens.

— Eu não paguei — disse para Milton.

As poucas pessoas que ainda não tinham ido para casa inclinaram-se em direção a ela, esperando conseguir decifrar o conteúdo das sacolas.

Ele balançou a cabeça.

— Vai tudo para a conta, não é?

— Que conta?

— Da Vogel — respondeu Rodrigo.

Ele apanhou uma das bolsas e mostrou a ela a cópia carbono de uma nota, um nítido relatório impresso com tudo o que ela estava levando.

Marina começou a falar algo, mas deixou para lá. Se ela achava estranho uma loja qualquer de Manaus ter uma conta direta com uma empresa farmacêutica americana, o mesmo não acontecia com os dois homens. Ela agradeceu aos dois e disse boa-noite a Rodrigo, que, com a tradução de Milton, desejou um retorno seguro à bagagem dela. Marina sentou-se no banco traseiro durante o curto trajeto para o hotel, já que ele havia aberto a porta de trás do carro. Ao chegarem ao destino, Milton juntou as poucas coisas que ela possuía e a acompanhou.

Marina tinha uma reserva no Hotel Indira. Ela não podia imaginar que quem quer que tivesse feito a reserva possuísse informação suficiente para fazer uma piada. Depois da grande entrada, surgiu um saguão com palmeiras e sofás de um marrom gasto, tudo parecendo curvado como se tivesse vindo do local mais longe possível e com ar de derrota. Milton fez o check-in de Marina e voltou para lhe entregar a chave. Depois de um amável cumprimento de boa-noite, ele a deixou lá, não sem primeiro circular o número do seu celular no cartão de visitas. Ela percebeu que, sem Milton, talvez tivesse dormido em uma cadeira no aeroporto e então voltado no primeiro voo para Miami, no dia seguinte. Mesmo quando estava no quarto e já tinha pendurado o casaco na barra de metal pregada na parede nua, Marina pensou naquele voo. Sentou-se na beirada da cama e

buscou os óculos de leitura do fundo da bolsa, para conseguir decifrar as intermináveis séries de números microscópicos no cartão de telefone da loja de Rodrigo. A diferença de fuso horário era apenas de uma hora a menos do que em Eden Prairie. Depois de tanto viajar, estava somente a uma hora de casa. O Sr. Fox atendeu no segundo toque.

— Cheguei — disse ela.

— Bom — falou ele. — Bom. — Ele limpou a garganta, e ela ouviu um ruído. Perguntou-se se o teria acordado. — Pensei que você me daria notícias mais cedo. Você jantou?

Marina pensou nisso. Ela devia ter comido alguma coisa no avião, mas não conseguia se lembrar.

— Minha mala foi extraviada. Estou certa de que vão trazer amanhã, mas quero que saiba que não estou com o telefone.

— Você colocou o telefone na mala? — perguntou ele.

— Coloquei.

O Sr. Fox ficou calado por um breve momento.

— As malas sempre aparecem hoje em dia. Normalmente, levam para o hotel no meio da noite. Ligue para a recepção logo que acordar de manhã. Aposto que vai estar lá.

— O motorista me levou para comprar algumas coisas. Pelo menos agora tenho uma escova de dentes. Obrigada por isso, aliás.

— Pela escova de dentes?

— Por Milton, o motorista. — Ela colocou a mão no bocal do telefone e bocejou.

— Fico feliz que ele tenha sido útil. Fico triste de não poder, eu mesmo, ser mais útil.

Ela aquiesceu, por tudo de bom que a conversa trazia. Talvez tivesse sido melhor deixar para ligar no dia seguinte. As cortinas estavam abertas, e ela olhou para a cidade, o mar infinito de luzes pequeninas. No escuro, a distância, ela poderia estar em qualquer lugar. Fechou os olhos.

— Marina? — chamou ele.

— Desculpe — falou ela. — Acho que dormi.

— Vá para a cama. Podemos nos falar amanhã.

— A não ser que o telefone não chegue — disse ela e então se lembrou. — Ou então você pode ligar para o hotel.

— Vou fazer isso — concordou ele. — Durma um pouco.

— Vou lhe escrever uma carta — respondeu ela, e não se lembrou de desligar o telefone.

* * *

Manaus não era difícil de explorar. Era um lugar amigável para turistas, viajantes e navegantes, os quais, na cidade hospitaleira, estavam livres de impostos para produtos importados. Todos entravam em barcos ou saíam deles; assim, as ruas foram dispostas de tal maneira que sempre se tinha a impressão de andar em direção à água ou na direção contrária a ela. No terceiro dia, Marina conseguia se localizar facilmente. Assim que aprendeu a posição do rio, todo o restante se encaixou bem. Ela foi ao mercado às seis da manhã quando todo mundo parecia estar do lado de fora para conseguir realizar tudo o que fosse humanamente possível antes de começar o calor verdadeiramente devastador. O cheiro de tantos peixes e galinhas mortos, além dos pedaços de carne pendurados precariamente quase apodrecendo no ar sem brisa, fez com que ela amarrasse uma camiseta na altura do nariz, mas Marina aproveitou o tempo para se deter e ver as ervas e cascas de árvores nas bancadas de remédios, as cabeças de cobras flutuando no que ela sinceramente esperava que fosse álcool. Um urubu negro do tamanho de um peru andava pelos corredores como todos os outros compradores, olhando para as cabeças e entranhas de peixe que se espalhavam sob as mesas. As sobras sangrentas eram difíceis de encontrar. Marina comprou duas bananas-maçãs e um doce de uma mulher que os guardava embaixo de uma folha amassada de papel manteiga. Depois disso, foi até o rio olhar os barcos. Passou bastante tempo observando a água, da cor de chá com leite e completamente opaca mesmo que ela andasse nas docas, agachada nos calcanhares, olhando diretamente para dentro do rio. Ela fazia isso com frequência. Não conseguia ver um palmo abaixo da superfície. Estava esperando a Dra. Swenson.

Esperar que a Dra. Swenson aparecesse seria uma clara perda de tempo se houvesse coisa melhor para fazer. Esperar notícias da bagagem não era um

trabalho de período integral, mesmo que Tomo, o jovem na recepção do hotel, fosse gentil o suficiente para ligar duas vezes por dia para o aeroporto e perguntar se havia alguma posição. Ela também precisava esperar pelos Bovender. Marina tinha o endereço do apartamento da Dra. Swenson; então, todos os dias, escrevia um bilhete para eles, colocando tanto o nome Bovender quanto Swenson no envelope e deixando uma solicitação de contato com as informações sobre o hotel onde estava hospedada. A julgar pela arquitetura do prédio e do bairro, e pela portaria bem equipada em que deixava os bilhetes todas as manhãs, era uma das melhores residências da cidade. Ela imaginou quanto custava à Vogel manter um *pied-à-terre* no Brasil que era habitado principalmente por jovens boêmios que pareciam nunca estar em casa. É claro que era possível que eles tivessem ido embora. Afinal, tinham sido descritos como viajantes e aquela era claramente uma cidade em que quem tinha outro lugar para ir não se sentiria inclinado a ficar. Ela acenou de novo para o porteiro, que, como sempre, pegou seu envelope com um grande sorriso e um gesto cheio de energia.

— Bovender — disse ela, propositalmente.

— Bonvender! — respondeu ele.

Ela decidiu que o projeto para a tarde seria rabiscar um bilhete em português para lhe entregar no dia seguinte. Seria melhor se ela pudesse explicar ao porteiro, assim como aos míticos Bovender, o que estava procurando.

Todas as atividades de Marina — esperar no rio, esperar do lado de fora do prédio, andar pela cidade na esperança de encontrar alguma inspiração que a levasse na direção da Dra. Swenson — eram pontuadas pela chuva, um aguaceiro torrencial e ofuscante que parecia surgir do céu claro e transformar as ruas em rios selvagens, com a água chegando aos tornozelos. As pessoas se deslocavam calmamente dos espaços abertos e se encostavam nos prédios, dividindo qualquer espaço que houvesse sob as várias marquises enquanto esperavam que o temporal passasse. Várias vezes ao dia Marina tinha a oportunidade de ser grata a Rodrigo por sugerir que ela levasse a capa de chuva.

Claro que havia vezes em que nem a capa nem as marquises eram suficientes, e a chuva fazia Marina correr com seus chinelos de volta para o hotel, cada pingo furando sua pele como um ferrão. A química do protetor solar se misturava à do repelente de insetos e, quando ela tentava tirar a água do rosto,

queimava os olhos até mal conseguir enxergar. De volta ao hotel, tomava um banho, cochilava e lia quanto podia do romance de James e, quando se cansava, lia sobre endocrinologia reprodutiva no povo lakashi.

Como Anders tentou explicar-lhe quando ela não estava interessada em escutar, os lakashi eram uma tribo isolada na Amazônia, cujas mulheres aparentemente davam à luz crianças saudáveis até os 70 anos. Assegurar a idade dessas mulheres era obviamente uma ciência inexata. Ainda assim, isso não enfraquecia a questão: mulheres idosas estavam tendo filhos. Os lakashi se reproduziam por até trinta anos mais do que as tribos vizinhas. Famílias com cinco gerações eram comuns e, à parte o que talvez fosse um esgotamento exagerado, todas pareciam gozar de saúde compatível com a de outras índias. Defeitos de nascença, retardo mental, problemas ósseos, de dentes, visão, altura ou peso, tudo estava na média, tanto com as mães quanto com as crianças, quando comparadas aos membros de tribos vizinhas em um período de estudo de trinta e cinco anos.

Marina rolou na cama e, de barriga para cima, segurou a publicação com os braços esticados. *Um período de estudo de trinta e cinco anos?* Isso significava que, ao mesmo tempo que a Dra. Swenson estava, de acordo com seu conhecimento, lecionando com uma carga horária pesada na Hopkins, ela também estudava os lakashi no Brasil? Claro, quem sabia o que ela fazia nos fins de semana, nos feriados, nas férias? Era possível que ela tivesse voado para Manaus todos aqueles anos e contratado um barco para levá-la pelos afluentes do rio Negro. Se fosse qualquer outra pessoa, Marina teria certeza de que todo o artigo era uma fraude ambiciosa, mas a Dra. Swenson sempre exibiu uma energia incansável que desafiava o entendimento humano. Se alguém tivesse dito a Marina que, enquanto ela tropeçava de sono nos plantões em Baltimore, a Dra. Swenson pegava um voo noturno para o Brasil para coletar dados, ela ficaria impressionada, mas não surpresa. De fato, o artigo que estava lendo incluía uma pesquisa da tese de doutorado em etnobotânica da Dra. Swenson em Harvard. Parece que havia muitas coisas sobre a médica que Marina não sabia.

Quando a chuva vinha muito forte e a pegava muito longe para correr de volta ao hotel, Marina entrava em um café com internet e pagava cinco dólares para procurar informações sobre a Dra. Swenson e sua tribo. Porém, enquanto ficava sentada lá, tentando impedir que seus cabelos pingassem no teclado,

descobria que havia pouquíssima informação sobre o assunto. Digitando “Annick Swenson” no Google, apareciam descrições de cursos, participações em congressos médicos, artigos — principalmente relacionados a cirurgia ginecológica —, algumas postagens tediosas de alunos de medicina que reclamavam que as aulas da Dra. Swenson, e provavelmente todas as outras, eram injustamente difíceis. A maioria das menções aos lakashi se interligava ao artigo do *New England Journal of Medicine*, embora o nome também aparecesse em relação a Martin Rapp, o famoso etnobotânico de Harvard, o primeiro a interagir com a tribo ao coletar amostras de plantas, em 1960. O interesse dele naquele povo pareceu trivial, já que seus escritos sobre os hábitos dos integrantes da tribo se limitavam a que espécies de cogumelos eles consumiam ou deixavam de consumir. Havia uma única foto dele, um homem extremamente magro e bronzeado, com os cabelos claros e um nariz reto inglês, que se destacava por ser uma cabeça mais alto do que os nativos que o rodeavam na foto. Todos seguravam cogumelos. Marina leu tudo o que pôde sobre o Dr. Rapp e os lakashi na esperança de encontrar alguma pista sobre a localização da tribo, mas a informação mais específica que encontrou foi “região central da bacia amazônica”. Credite à Dra. Swenson o fato de que, de alguma forma, a internet permanecesse fora dos seus negócios.

* * *

— Diga que eles acharam a mala — disse o Sr. Fox assim que atendeu ao telefone. Ele, de alguma maneira, estava agora mais preocupado com o fato de ela ter contato com a bagagem do que com a Dra. Swenson ou os míticos Bovender.

— O código do aeroporto de Manaus é MAO. O de Madri é MAD. A teoria é que o O tende a parecer um D depois de várias bagagens e então começam a mandar as malas para a Espanha.

— Vou mandar outro telefone por correio — falou ele. — Vou deixá-lo programado e enviá-lo amanhã. Você vai precisar de mais Lariam em breve. Faça uma lista do que quer.

— Nada — respondeu ela, olhando para as marcas de picadas de inseto que rodeavam seus pulsos e tornozelos, inchaços vermelhos que ela sentia muita

vontade de coçar. — Não preciso de nada. No minuto em que você enviar outro telefone, minha mala vai aparecer, e então terei dois.

— Então você vai ter dois. Pode dar um à Dra. Swenson. Deve haver alguém para quem ela queira ligar.

De fato, Marina estava gostando de não ter um celular. Tinha começado, como estagiária, com um *pager*, depois um celular até, mais tarde, ter um BlackBerry. Em Manaus, havia uma quase indescritível sensação de liberdade por andar em uma cidade estranha sabendo que estava inalcançável.

— Falando na Dra. Swenson, estive lendo sobre os lakashi.

— Sempre é bom ler sobre as pessoas antes de conhecê-las — respondeu o Sr. Fox.

— É um artigo interessante, mas ela não entrega nada.

— A Dra. Swenson não gosta de entregar as coisas.

— Então qual é o ingrediente secreto? Será que ela sabe? Certamente os lakashi não sabem. Não me importa até que ponto essas mulheres são primitivas; se elas entendessem o que estão fazendo para se manterem férteis até morrer, elas parariam de fazer.

O Sr. Fox ficou em silêncio, e Marina esperou.

— Você sabe e não quer me contar? — perguntou Marina, rindo. Certamente sua secretária, a muito séria Sra. Dunaway, entrara no escritório na hora e o forçara a esperar para responder.

— Não é questão de querer — disse o Sr. Fox finalmente.

Marina havia relaxado com a conversa e se esticado na cama, mas uma onda de incredulidade a fez sentar-se ereta de novo.

— O quê?

— Há um acordo de confidencialidade...

— Estou no *Brasil* — falou ela. — Achei um lagarto na banheira esta manhã e ele era do tamanho de um gato. Não sei onde está a Dra. Swenson nem como achá-la, e agora você está dizendo que não vai me falar como as mulheres lakashi mantêm a fertilidade? Tem alguma coisa mais que eu possa fazer para ganhar sua confiança?

— Marina, Marina, não tem nada a ver com você. É contratual. Não estou autorizado a falar sobre isso.

— Não tem nada a ver comigo? Então por que estou aqui? Se não tem nada a ver comigo, quero voltar para casa agora.

Na verdade, ela não se importava. Não se importava com o fato de que as lakashi estavam tendo 3,7 vezes mais filhos do que as mulheres de outras tribos indígenas brasileiras ao longo de suas vidas. Não se importava com o local onde elas viviam, se eram felizes ou se queriam os filhos que tinham. Aquilo com o que ela se importava, e se importava muito por sinal, era que seu chefe, que praticamente a pedira em casamento e então a mandara para a linha do Equador depois de um dos funcionários da Vogel ter morrido lá, agora se recusava a dividir com ela a informação básica da pesquisa em questão.

— Quando eu encontrar a Dra. Swenson e todas aquelas lakashi grávidas, devo fechar os olhos para não descobrir como isso acontece? Eles matam quem descobre o segredo? — E então ela viu Anders dentro do rio enlameado, segurando um único envelope azul nas mãos. — Meu Deus! — falou ela. — Meu Deus, eu não quis dizer isso...

— Elas mastigam um tipo de casca de árvore enquanto ainda está no tronco — disse o Sr. Fox.

Marina não se importava com as cascas de árvores.

— Eu não quis dizer isso.

— Eu sei — disse ele, mas todo o calor tinha sumido da sua voz e em poucas frases eles acabaram o assunto e desligaram o telefone.

Marina calçou os sapatos e voltou para a rua. A chuva havia cessado e o sol batia nas calçadas, nos prédios, nas pessoas e nos cachorros, deixando todos iguais. Ela não queria andar até o rio ou o mercado, então caminhou por um tempo em volta do quarteirão na umidade sufocante, pensando em como Anders devia ter andado por aquele quarteirão também. Talvez ele não tivesse se sentido desesperançado ao chegar ali. Talvez estivesse contente de participar de excursões de observação de pássaros na selva e beber *pisco sour* sozinho à noite no bar. Marina se inclinou para olhar os adornos entalhados que um grupo de nativos vendia em cima de um cobertor. Ela pegou uma pulseira que podia ser de contas lisas pintadas ou sementes vermelhas com buracos no centro. Deixou a mulher do cobertor amarrá-la em seu pulso com uma série complexa e permanente de nós e então morder as pontas, sem que os lábios chegassem a tocar sua pele. Uma das crianças, um garoto de tronco estreito de uns 9 ou 10

anos, olhou através da coleção de pequenos animais selvagens entalhados que estavam espalhados à sua frente, pegou uma garça branca de cinco centímetros com um pequeno peixe no bico e entregou a ela. Marina pensou em recusar, mas, assim que o segurou, achou bem interessante, mais bem-feito do que qualquer outro que vira, e então concordou em comprar a garça e a pulseira por um valor que ela calculou totalizar cerca de três dólares. Colocou o pequeno pássaro no bolso e andou por várias ruas secundárias, com cuidado para manter em mente todas as esquinas onde virava. Não estava com disposição para se perder. Quanto mais longe ia, mais percebia que ninguém a olhava. Os meninos com amontoados de camisetas e borboletas deslumbrantes alfinetadas em tábuas com moldura de madeira barata não a seguiam. Os vendedores de sorvete não a chamavam, nem o homem de bigode que tinha um mico no ombro e vociferava com os turistas em português. Com os cabelos negros presos por uma tiara sob o chapéu, as roupas baratas e o chinelo, ela passava despercebida em Manaus como nunca aconteceria em Minnesota. Aqui eles a olhavam e, ao perceberem que se tratava de uma mulher parecida com alguém que conheciam, desviavam o olhar. Quando a cumprimentavam, era apenas um aceno, algo que ela conseguia entender, e ela acenava com a cabeça e continuava andando. Anders seria assediado em qualquer lugar. Ele tinha os olhos tão azuis e era muito alto, sua pele era translúcida, algo tão fora do comum para aquelas pessoas quanto a neve. Qualquer passante poderia olhar através de Anders mais do que do rio Negro. Marina pensou em todas as vezes em que ele chegava ao trabalho segunda-feira, depois de um fim de semana de remo com os garotos em algum lago no verão, e em como sua pela ficava queimada, os lábios e o nariz já descascando.

— Já ouviu falar em protetor solar? — perguntava Marina. — Chapéu?

— Escondem essas informações dos homens.

Ele não usava gravata nesses dias e o colarinho da camisa ficava aberto. Seu pescoço vermelho e inchado era algo que Marina fazia questão de não olhar. Quem pensou que era uma boa ideia mandar Anders para a linha do Equador? A pele da própria Marina estava já mais escura. O sol passava através de chapéus e cremes. Era inevitável.

Quando Marina virou em mais uma rua, uma volta tão aleatória quanto as outras, viu-se novamente na loja de Rodrigo. Não havia multidões do lado de fora daquela vez, ninguém examinava a vitrine. À luz do dia, não parecia tão

atrativa. A rua estava vazia de pessoas e de carros. Na verdade, quando ela entrou, pensando em dar um “oi” ou comprar uma garrafa de água, havia só um jovem casal na loja, um homem e uma mulher na casa dos 20 anos apontando para alguma coisa acima de suas cabeças. A mulher estava bronzeada, tinha os braços e pernas compridos, usava um vestido de verão vermelho e se esticava para tentar alcançar o que queria. Seus longos cabelos louros, afastados do rosto por um grande par de óculos escuros na cabeça, eram a coisa mais clara da loja, já que Rodrigo parecia tão pouco inclinado a utilizar eletricidade de dia quanto estivera a usá-la à noite. O rapaz, talvez um pouco mais alto que a mulher, estava mais atrás, com camiseta e short largos, e a observava se esticar. Seu cabelo castanho-claro estava despenteado e seu rosto, quase bonito demais, estava semicoberto pelo que podia ser tanto uma barba proposital como puro desleixo de dias sem se barbear. Eles não notaram que Marina havia entrado; então, ela ficou observando-os, em parte porque eles eram uma visão incomum em Manaus e em parte porque tinha certeza de que eram os Bovender.

Ela imaginara os Bovender com uma idade mais próxima da dela, sem uma aparência especialmente atraente, mas, no momento em que entrou na loja, repassou as imagens que criara. Uma tatuagem circundava o tornozelo do homem, uma videira estilizada e, em volta do tornozelo da mulher, havia uma corrente fina de ouro. Para imaginar o casal, Marina recebera apenas uma palavra que os descrevia — boêmios —, e aqueles eram os únicos dois boêmios que ela vira em três dias.

Rodrigo entrou na loja vindo de uma sala atrás do balcão. Falou com o casal em português, mas a mulher discordou e tentou mais uma vez alcançar algo acima da cabeça sem conseguir enquanto o homem cruzava os braços. Eram as esponjas de banho o que ela queria? Quando Rodrigo se virou para pegar a escada, viu Marina parada na porta aberta e em apenas um segundo a reconheceu, lembrou-se de quem ela queria encontrar e ficou satisfeito por ter a sorte de ser ele a fazer as apresentações.

— Olá! Dra. Singh! — cumprimentou ele e, quando o jovem casal se virou para ver quem era a conhecida de Rodrigo, abriu as mãos na direção dos outros clientes. — Os Bovender.

Os jovens Bovender, que tinham um instinto social muito desenvolvido, sorriam ao andar em direção a ela. Se por acaso tinham a intenção de evitá-la,

eram mestres em esconder isso. Na verdade, parecia que conhecê-la na loja naquela tarde era a coisa que mais ansiavam no mundo e que não reclamariam pelo fato de ela ter demorado um pouco.

— Barbara Bovender — apresentou-se a jovem, estendendo a mão. Ela sorriu e mostrou um pequeno desalinho nos grandes dentes brancos.

— Jackie — falou o jovem, e Marina também apertou sua mão. Ela achou que o sotaque era australiano, mas não tinha certeza. Eles pareciam bronzeados demais para serem ingleses.

Rodrigo disse algo a Barbara, e ela deu uma piscadela para ele enquanto falava, como se estivesse traduzindo cada palavra separadamente e depois as juntando mentalmente em uma frase.

— Nós?

— A Dra. Swenson — falou ele.

— Sim, claro — disse Barbara, parecendo quase aliviada. — Você está procurando a Dra. Swenson.

— As pessoas não nos procuram — acrescentou Jackie.

— Porque ninguém sabe onde estamos — emendou Barbara, e então riu. — O que faz parecer que estamos nos escondendo.

Marina tentou juntar em sua cabeça esse casal com a Dra. Swenson. Tentou visualizar uma imagem dos três juntos no mesmo cômodo. Não conseguiu.

— Deixei bilhetes para vocês.

— Para nós? — perguntou Jackie. — No apartamento?

— No prédio da Dra. Swenson. Deixei na portaria.

A essa altura, Rodrigo havia pegado a escada e subido quase até o teto para alcançar uma caixa de panos de limpeza. A hierarquia na qual diferentes itens eram desejados, necessitados e vendidos poderia ser claramente medida com base na distância que se encontravam do teto e do chão. Tais panos pareciam suspensos no limite da obscuridade para todos em Manaus, menos para Barbara Bovender.

— Toda a correspondência vai direto para a caixa de correio — explicou Jackie. — Annick a recolhe quando vem para a cidade.

— Ou não recolhe — disse Barbara. — Ela não é muito boa com correspondência. Eu disse que poderia receber por ela, fazer uma seleção, mas ela disse para eu não me preocupar. Acho que no fundo ela não se importa.

Jackie se virou para encarar a mulher. Seria ela sua mulher? Os Bovender poderiam ser irmãos ou primos. Eram incrivelmente parecidos.

— Ela tem muito em que pensar.

Barbara concordou, meio fechando os olhos, como se estivesse considerando tudo o que a Dra. Swenson precisava aguentar.

— É verdade.

— Temos uma caixa postal — falou Jackie. — Assim, quando formos para outra cidade, a correspondência chega até nós.

— Vocês estão de partida? — perguntou Marina.

— Ah, nós vamos, mais cedo ou mais tarde — respondeu Barbara. Ela olhou para Rodrigo, que tinha uma caixa dos panos de limpeza nas mãos. — Estamos sempre de partida. Ficamos aqui mais tempo do que em qualquer outro lugar.

De alguma forma, Marina esperava que ela não estivesse se referindo a Manaus. Ela não conseguia imaginar como conseguiria ficar por uma semana.

— No Brasil?

— Não, aqui. — Jackie estendeu a mão aberta como se dissesse que eles tinham passado um tempo interminável na loja de Rodrigo.

Barbara então ficou séria e inclinou os ombros finos na direção de Marina.

— Você conhece Annick?

Marina hesitou tão rapidamente que nenhum dos dois percebeu.

— Conheço — respondeu.

— Bem, então você sabe. O trabalho dela é tão importante...

Jackie a interrompeu.

— E ela está sendo muito gentil com a gente, meu Deus.

— Não que eu pense que nós a estamos ajudando — disse Barbara. — Não somos cientistas. Mas se *ela* pensa que estamos ajudando, se houver qualquer coisa que possamos fazer para contribuir, então não há problema em ficarmos um pouco mais. Não tem problema para mim, pelo menos. Posso trabalhar de qualquer lugar. É mais difícil para Jackie.

— O que vocês fazem? — perguntou Marina.

— Eu sou escritora — disse Barbara.

Jackie levantou a mão e deslizou os dedos abertos no ar.

— Eu sou surfista — disse ele.

Mais difícil, sim. Marina pensou na água morna do rio Negro avançando na direção do rio Solimões até que eles corressem juntos para o Amazonas. Ela planejava perguntar-lhe algo sobre isso — como o surfe poderia ser um trabalho ou como ele planejava resolver os problemas atuais de sua ocupação — quando a outra única pessoa que conhecia em Manaus entrou pela porta aberta. Ao ver os três juntos, Milton ficou extremamente satisfeito. Ele havia deixado o terno em casa e estava vestido de acordo com o clima. Todas as suas roupas leves de algodão estavam cuidadosamente passadas.

— Perfeito! — exclamou. — Vocês se encontraram sem a minha ajuda.

Marina estendeu a mão ao motorista. Como ela sabia que ele era hábil em resolver problemas, ficou especialmente contente de revê-lo.

— Eu estava dando uma caminhada.

— Uma má hora do dia para caminhar, mas isso é muito bom — comentou Milton. — Estou aliviado. Venho dizendo a eles para irem até seu hotel.

Jackie tinha saído de perto para pegar a única lata de bolas de tênis da loja. Parece que não havia nada em que Rodrigo não tivesse pensado. Barbara fuzilou Milton com os olhos, que pareceu espantado com a severidade do olhar.

— Desculpe-me — disse ele, antes que soubesse por que estava se desculpando.

Barbara suspirou e tentou espantar um inseto médio pousado em seu vestido. Era preto e de carapaça dura e os pequenos ferrões das pernas teimavam em entrar no tecido, mas ela parecia não notar isso. Juntou o polegar e o indicador e deu um único peteleco no inseto, expulsando-o.

— Você vai me desculpar — disse a Marina, que pensou que isso era apropriado. — Parte do que fazemos é manter Annick escondida... da imprensa, de outros médicos e de empresas farmacêuticas que tentam roubar seu trabalho. Nunca se sabe quem a pessoa realmente é, não importa o que falem.

— Eu sinto muito mesmo — disse Milton.

— A imprensa vem aqui? — perguntou Marina.

Barbara olhou para ela.

— Bem, eles virão assim que souberem da pesquisa. Vieram antes de chegarmos aqui. O que realmente importa é que as pessoas não deveriam distraí-la. Mesmo pessoas com boas intenções. — Ela tentava ser firme, mas claramente lhe faltava experiência.

— A Dra. Singh trabalha para a Vogel — disse Milton, na intenção de compensar a indiscrição. — Ela e a Dra. Swenson são funcionárias da mesma empresa. Eles a mandaram aqui para... — Ele olhou para Marina, mas teve que parar por ali. Ela não havia lhe dito por que tinha sido mandada para lá.

— Vogel. — Ela olhou para Marina. — Desculpe-me, mas esse é exatamente o meu ponto. A Vogel é a pior. Tudo o que eles querem saber é como está o *progresso* do trabalho dela. Como podem querer que ela faça o trabalho se está constantemente sendo monitorada? Isso é ciência. Pode mudar o curso de tudo. Ela não pode simplesmente parar e se reunir com as pessoas. Você sabe que é a segunda pessoa que a Vogel mandou para vê-la desde o Natal?

— Sei — respondeu Marina.

Se ela estivesse de alguma forma inclinada a ter compaixão pela garota a teria interrompido então, mas não o fez. Jackie tinha voltado e segurava a lata de bolas de tênis. Talvez ele as quisesse. Talvez conhecesse uma quadra por perto onde eles pudessem jogar.

— Você conhece o Dr. Eckman?

— Trabalhávamos juntos.

Barbara encolheu os belos ombros, de um dourado que descia por seus braços.

— Bem, se é amigo seu, me desculpe. Ele é um cara muito legal, mas era uma distração muito grande. Ficava aqui o tempo todo, sempre fazendo perguntas, sempre querendo ir junto. Era uma distração para o *meu* trabalho. Nem posso imaginar o que ele significou para Annick.

— Ele me levou para observar os pássaros — disse Jackie.

— Tentei explicar a ele que Annick não tinha tempo, mas ele não iria embora sem vê-la. Ela finalmente veio e o levou. Até onde sei, ele ainda está aqui.

— Não está — rebateu Marina. — Ou está. Ele está morto.

Não era culpa da garota, é claro, nada daquilo era, mas Marina sentiu sua tristeza se transformar rapidamente em raiva.

Jackie pousou as bolas de tênis e pegou a mão de Barbara em um gesto de compreensão ou solidariedade. Ela percebeu a jovem empalidecer — a cor do rosto, do pescoço, todo o sangue estava indo para o coração. Até o dourado dos ombros desapareceu.

— A Dra. Swenson enterrou seu corpo no campo de pesquisa onde trabalha. Ela nos avisou por carta. Mandou-nos pouquíssima informação sobre sua morte, mas, como você diz, ela é ocupada demais. A mulher do Dr. Eckman quis que eu viesse até aqui para ver se eu descobria o que aconteceu. Ela quer saber o que dizer aos filhos.

Três mulheres entraram na loja, uma delas segurando um bebê, e, logo depois, um casal apareceu. Todos pareciam se conhecer, pelo modo como conversavam. A mulher com o bebê o entregou a outra para que pudesse ver o óleo de cozinha.

— Preciso me sentar — disse Barbara.

Ela não foi dramática. Os dois Bovender saíram da loja para se sentar no degrau de cimento na parte da frente. Quase imediatamente, Jackie voltou para pegar uma garrafa de água.

— Ah, coitado do seu amigo — Milton disse a Marina. — Sinto muito.

Marina aquiesceu, incapaz de fitar diretamente Milton, os Bovender ou qualquer outra parte da loja.

Quando os Bovender se levantaram, depois de Barbara beber toda a água, não voltaram para a loja. Rodrigo escreveu uma nota de compra, tão detalhada como a anterior, para cobrar da conta da Vogel, e então pegou as coisas que eles queriam e as colocou em sacolas: panos de limpeza, bolas de tênis, um chapéu de sol novo, mangas e bananas. Marina, em sua pressa de ser desagradável, havia rompido o único fio que poderia tê-la levado até a floresta. Talvez eles tivessem achado Anders um chato, mas, com sua maneira afável, ele conseguira vencer a resistência deles. Mesmo assim, Marina gostava de pensar que, se fosse quem tivesse morrido e Anders tivesse ido até o Brasil, sua paciência também seria bastante limitada.

QUATRO

A caminho de Ponta Negra, Jackie sentou-se na frente com Milton enquanto Marina foi atrás com Barbara. Os vidros do carro estavam abertos e, no túnel de vento sibilante formado entre as janelas do banco de trás, alguns fios do cabelo de Barbara chicoteavam o rosto de Marina, ainda que Barbara tentasse ao máximo segurá-los. Jackie era propenso a enjoos, e a estrada até a praia não era nem suave nem reta.

— Será que não é melhor ligar o ar? — Milton perguntou a Jackie, que não respondeu.

— Ele precisa do ar fresco — gritou Barbara do banco de trás.

Marina podia ter salientado que o ar não era exatamente fresco, mas ficou calada. Os Bovender a haviam convidado para ir à praia, e ela estava determinada a se sentir agradecida por isso. Quando chamado para levá-los de carro, Milton disse que não poderiam sair depois das seis horas da manhã. A praia, como o mercado, era um programa estritamente matutino. Contudo, os Bovender não podiam considerar a hipótese de sair às seis da manhã. Alegavam que eram imprestáveis até, pelo menos, nove horas e, enquanto Milton e Marina os esperavam em frente ao apartamento na hora combinada, os Bovender não deram o ar de sua graça antes das dez da manhã. Era um mau começo, pensou Marina.

— Você não fica enjoado de surfar? — perguntou ela, aumentando o tom de voz para ser ouvida em meio ao ruído do vento. Eles estavam em alta velocidade; Jackie disse que queria ir rápido para poder sair do carro assim que possível.

— De jeito nenhum.

— Ele é capaz de surfar uma onda enorme, mas não entra em um barco — disse Barbara. — Meu Deus, não pode nem olhar para um barco! Não consegue andar sobre um píer.

— Amor, por favor — pediu Jackie, com a voz fraca.

— Desculpe. — Barbara virou a cabeça na direção da janela.

— Não tenho problema algum quando sou eu quem dirige — disse Jackie.

Ao passarem por outra curva sinuosa, uma cabra branca avançou para a estrada e Milton freou bruscamente. Marina, que não costumava ter náuseas, sentiu o estômago revirar. Todos no carro perceberam que a cabra escapara da morte por não mais do que dez centímetros, mas ela não entendeu nada. Olhou para cima, ligeiramente confusa, farejou a estrada e seguiu em frente. Jackie abriu a porta e vomitou um pouco.

— Não posso deixar você dirigir — falou Milton.

— Eu sei — disse Jackie, e cobriu os olhos com as mãos.

Na noite anterior, durante o jantar, os Bovender haviam feito uma lista de tudo o que Marina precisava ver em Manaus.

— Não há muito a se fazer por aqui — dissera Jackie —, então você precisa fazer um esforço.

Eles se ofereceram para levá-la à praia e ao Museu de Ciências Naturais, mas os dois programas precisavam de carro. Barbara pegou o celular da mesa de jantar e ligou para Milton. O número estava gravado em sua agenda.

Foram os Bovender que a haviam procurado. Esperaram quase uma semana depois do infeliz primeiro encontro, mas então telefonaram. Queriam saber mais sobre Anders. Assumiram, incorretamente, que Marina sabia muito mais sobre a morte dele do que tinha contado.

— Mas o que Annick disse? — Barbara se inclinou tão perto que Marina podia sentir seu perfume, uma mistura de lavanda e limão.

— Ela disse que ele morreu por causa de uma febre. É tudo o que sei. E sei que ela o enterrou aqui.

O restaurante era escuro, com chão de cimento e o teto revestidos de folhagens secas de palmeiras por cima do bar. Havia duas máquinas de fliperama no canto que faziam barulho mesmo quando não havia ninguém com uma moeda para brincar nelas.

Barbara fazia círculos com um canudo em um pequeno coquetel vermelho, misturando nervosamente o conteúdo do copo.

— Tenho certeza de que seria quase impossível mandar o corpo de volta.

— Mas as pessoas fazem isso — disse Marina. — Sei que a Dra. Swenson não é sentimental, mas imagino que ela teria agido de outra forma se fosse o

marido dela. A mulher de Anders gostaria de ter enterrado o marido perto de casa. — Na verdade, pensou, ela gostaria que ele nem tivesse vindo.

— Annick tem um marido? — perguntou Barbara.

— Não que eu saiba.

— Você falou com Annick sobre o que deveria ser feito com o Dr. Eckman? — Barbara estava mais disposta a manter a conversa. Jackie se ocupava com as tiras duras e salgadas de banana que eram servidas no lugar de batatas fritas.

— Pelo que sei, ela não tem telefone. Ela escreveu uma carta, que chegou à Vogel quando ele já estava morto havia duas semanas. — Marina tomou um gole do coquetel de frutas que Jackie havia pedido para os três. — Ela escreveu uma carta ao Sr. Fox.

Barbara e Jackie se entreolharam.

— Sr. Fox — repetiram em um tom negativo.

Marina pôs o drinque na mesa.

— Você o conhece? — perguntou Barbara.

— Ele é o presidente da Vogel — respondeu Marina com a voz inalterada. — Eu trabalho para ele.

— Ele é uma pessoa horrível?

Marina olhou para a garota e sorriu. Na verdade, estava irritada com o Sr. Fox. Ele tinha se adiantado e mandado outro telefone para ela, além de vários antibióticos diferentes e Lariam suficiente para mais seis meses na América do Sul. Se ele achava que assim estaria dando um recado, Marina não ficou nem um pouco satisfeita.

— Não — disse ela de maneira neutra —, nem um pouco horrível.

Barbara abanou a mão.

— Eu não devia ter dito isso. Mas você tem de entender...

— Nós protegemos muito Annick — disse Jackie, mordiscando a ponta de uma tira de banana.

Barbara concordou vigorosamente, balançando os longos e enfeitados brincos. Ela estava arrumada demais para aquele jantar, com uma blusa de seda verde-esmeralda sem mangas. Era tão bonita! Devia ser difícil para ela, Marina imaginou, não ter para onde ir.

— Claro que você ficaria chateada pelo seu amigo. Nós mesmos estamos aborrecidos por causa do Dr. Eckman, mas o que aconteceu não foi culpa de

Annick. É que ela é muito focada. Ela precisa ser.

Agora que Marina estava no Amazonas, parecia infindável a lista de coisas que poderiam matar uma pessoa sem que a culpa fosse atribuída a alguém, a não ser, talvez, que a culpa fosse atribuída ao Sr. Fox.

— Nunca pensei que fosse culpa dela.

Essa frase gerou um grande alívio para Barbara.

— Que ótimo! — disse ela. — Quando você entende Annick, percebe que não existe ninguém como ela. Estava pensando que talvez você não tenha contato com ela há algum tempo ou que tenha se esquecido — falou Barbara, dando a impressão de saber de coisas que não poderia saber. — Ela é uma força da natureza. O trabalho que faz é eletrizante, mas não é realmente isso que importa. Ela é que é tão incrível, a pessoa em si, não acha? Tento imaginar como seria ter uma mãe assim, uma avó, uma mulher que não tivesse medo de absolutamente nada, alguém que visse o mundo sem limites.

Marina conseguia se lembrar exatamente desse sentimento. Foi um pensamento que apareceu tão rápido e ficou tão escondido e enterrado que mal era possível colocá-lo para fora de novo.

E se a Dra. Swenson fosse minha mãe? Ela fez uma anotação mental para ligar para a mãe naquela noite antes de dormir, mesmo que fosse muito tarde.

— Mas o que isso tem a ver com o Sr. Fox?

— Ele fica incomodando Annick — disse Jackie, como se tivesse despertado de repente e percebesse que estava em um restaurante conversando. Seus olhos azuis pareceram atentos e brilhantes por entre a longa franja. — Escreve cartas perguntando o que ela está fazendo. Costumava até ligar para ela.

— Foi aí que ela se livrou do telefone — contou Barbara. — Anos antes de a gente chegar aqui.

Marina tirou uma fatia de abacaxi da borda do copo, mergulhou no drinque e a comeu.

— Será que ele é realmente tão intrometido assim? Afinal de contas, ela trabalha para ele. Ele está pagando por tudo, a pesquisa dela, o apartamento dela, este jantar. Não é um direito dele saber como as coisas estão indo?

Barbara a corrigiu:

— *Ele* não paga. A empresa paga.

— Sim, mas a empresa é o trabalho dele. Ele a dirige. Ele a contratou. Ele é o responsável.

— A pessoa que financia Van Gogh é responsável pela pintura dele?

Marina se perguntou se usava o mesmo tipo de lógica quando tinha 23 anos ou quantos anos tivesse a Sra. Bovender. Estava quase certa de que pensava da mesma forma. Era exatamente a coragem da Dra. Swenson que a atraíra, a confiança incondicional com que ela andava pelo mundo, fazendo as coisas acontecerem e sendo incansavelmente correta. Marina não havia encontrado mais ninguém como ela, o que a deixava contente e, ao mesmo tempo, com pena.

— Suponho que Van Gogh seria responsável por cumprir a encomenda e, se ele não mostrasse as pinturas depois de um longo período, seria direito do...

Barbara colocou a mão gelada no pulso de Marina.

— Sinto muito — disse ela. — O Sr. Fox é seu chefe e o Dr. Eckman, seu amigo. Eu não devia estar falando sobre isso.

— Entendo o seu ponto — falou Marina, fazendo um esforço consciente para concordar.

— Vamos tentar achar um meio de entrar em contato com Annick e, se não conseguirmos, vamos acolher você até ela voltar.

Marina tomou um longo gole do drinque, embora uma voz em sua cabeça claramente a aconselhasse a se controlar.

— Vocês não precisam fazer isso.

— Claro que precisamos — disse Barbara, e se encostou calmamente na cadeira como se tudo estivesse decidido. — É o que Annick ia querer.

* * *

Às dez horas, o mundo era uma fornalha crepitando dentro de um quarto fechado, mas, em algum lugar muito próximo a Manaus, as pessoas lotavam as margens do rio em uma quarta-feira, deitadas em toalhas estendidas na areia. As crianças brincavam na parte rasa enquanto os adultos nadavam em longos círculos em volta delas. Suas vozes, os gritos e as risadas enquanto jogavam água umas nas outras soavam menos como palavras e mais como sons de passarinhos. Milton, em sua infinita experiência, havia levado um grande

guarda-sol listrado na mala do carro e o espetara na areia várias vezes até que estivesse reto e formasse um círculo de sombra. Foi nesse limitado espaço que ele e Marina estenderam suas toalhas, sentando-se com os braços em volta dos joelhos. Marina havia ido comprar um traje de banho na loja de Rodrigo naquela manhã, mas a única opção possível, ou seja, o único maiô de uma peça só, era barato e brilhante e tinha um saiote que a fazia parecer uma patinadora velha. Ela estava com ele sob a roupa agora, incapaz de imaginar o que a tinha feito acreditar que entraria na água. Os Bovender, que não se interessavam pelo guarda-sol ou pela sombra, eram desconcertantes sem roupa. Jackie usava um short que caía perigosamente e ficava abaixo das entradas marcadas dos ossos dos quadris, enquanto o biquíni de Barbara estava descuidadamente amarrado, com várias tiras soltas. Pareciam querer sugerir aos outros frequentadores da praia que um vento forte poderia despi-los. Uma hora, Jackie bocejou, inclinou-se na areia e plantou bananeira. Os músculos dos braços e das costas separaram-se em grupos distintos que qualquer estudante do primeiro ano de medicina ficaria agradecido por estudar: peitoral maior, peitoral menor, deltoide, trapézio, intercostal. As pessoas à volta apontaram, chamando as crianças para ver. Muitos assoviaram e aplaudiram.

— Não está mais enjoado — observou Milton.

Jackie voltou a pousar os pés no chão e se sentou de novo. A videira que circundava seu tornozelo tinha pequenos cachos de uvas pendurados.

— Estou bem.

— Foi por isso que me casei com ele — disse Barbara, com metade do rosto escondida por enormes óculos escuros. — Vi Jackie fazer isso na praia em Sydney. Ele usava um traje de surfe. Eu disse para a minha amiga: “Aquele ali é meu.”

— Casamentos são construídos sobre menos que isso — disse Marina, embora, na verdade, ela não achasse que fosse o caso.

— A senhora nada? — perguntou Milton a ela. Ele estava de calça comprida e camisa de manga curta branca, e não fazia menção de tirar a roupa.

— Sei nadar — respondeu ela —, se é o que está perguntando.

Barbara esticou-se na toalha, o corpo cheio de óleo refletindo a luz por todo o seu corpo, exceto as poucas áreas cobertas com tecido. Havia um brilhante

pequeno e redondo pendurado na corrente de ouro do tornozelo que reluzia junto com sua pele.

— Está tão quente! — reclamou ela baixinho.

— Calor é o que sabemos fazer de melhor — falou Milton. Ele usava um pequeno chapéu de palha no topo da cabeça que, de alguma maneira, o fazia parecer mais à vontade do que os outros.

— Vamos dar um mergulho — convidou Jackie, e se inclinou para dar um tapinha na barriga da mulher. O corpo inteiro de Barbara pulou a dois centímetros da toalha.

— A água vai estar mais quente — disse ela.

— De pé, de pé, de pé. — Ele levantou-se, inclinando-se para puxá-la pelos pés. Ela parou um minuto para sacudir a areia dos cabelos pálidos. Para os outros frequentadores da praia, era um grande espetáculo, assim como o jovem apoiando-se sobre as mãos. Eles estavam a meio caminho da água, os braços na cintura um do outro, quando se viraram para os companheiros.

— Vocês vêm, não vêm? — perguntou Jackie.

Marina balançou a cabeça.

— Vão, vão vocês — disse Milton. — Nós vamos assistir. — Ele se levantou firmemente e ajudou Marina. — Eles querem que apreciemos como ficam bonitos no rio.

— Eles já são bonitos o bastante deitados aqui — respondeu Marina.

— Somos os pais — falou Milton. — Temos de assistir.

Marina caminhou a seu lado com um senso de obrigação mal-humorado. Fora da barraca o mundo era um lugar diferente. Não estava fresco sob as listras coloridas, mas, longe delas, o sol castigava tremendamente. Ela parou por um momento para localizar os Bovender enquanto eles entravam na água marrom de mãos dadas. Desde que chegara ao Brasil, ela já tinha sentido esse calor todo em algumas ocasiões; contudo, sempre pudera encontrar uma sombra, entrar em um café para beber um refrigerante ou voltar ao hotel e tomar uma ducha fria. Ela já conseguia distinguir quando o calor iria dominá-la tão claramente quanto se tivesse um termômetro no pulso — e então podia se salvar. Porém, olhando a água e a areia, ficou insegura sem saber aonde ir. Ela se sentia derreter nas pessoas à sua volta, em Milton. Havia um pequeno isopor de gelo embaixo da barraca que ele trouxera — com garrafas de água gelada e cerveja para Jackie.

Tinha vontade de esfregar um cubo de gelo no pescoço. Longe deles, os Bovender mergulhavam e espalhavam água nas crianças enquanto nadavam. Com todas as suas forças, ela os amaldiçoou por serem tão relutantes, incapazes de acordar antes das nove. Afinal, ela também estava cansada. Havia tomado um Lariam da nova caixa que o Sr. Fox mandara na noite anterior e, às três da manhã, despertara — e, sem dúvida, também acordara todos os outros hóspedes do Hotel Indira — com seus gritos intermináveis. *Alguém está esfaqueando uma mulher* — foi o pensamento que lhe ocorreu, até perceber de onde vinha aquele som. Depois disso, ela havia passado o resto da noite em claro, sem conseguir dormir, apenas esperando amanhecer.

— A senhora está fazendo um bom trabalho — elogiou Milton com os olhos fixos no rio. — Admiro sua paciência.

— Acredite, não tenho a menor paciência.

— Então a senhora cria uma ilusão de paciência. No final, o efeito é o mesmo.

— Tudo o que quero é achar a Dra. Swenson e voltar para casa — disse ela devagar. As palavras que saíam de sua boca pareceram quentes.

— E para chegar à Dra. Swenson e voltar para casa, antes a senhora precisa passar pelos Bovender. Eles são os guardiões do portão. É o trabalho deles mantê-la afastada, é para isso que são pagos. Não faço ideia se eles sabem onde ela está, mas tenho certeza de que mais ninguém sabe. Eles gostam da senhora. Pode ser que tenham algum plano. — Um braço surgiu na água e acenou, e Milton retribuiu o gesto.

Onde diabos tinha se metido a chuva? Aquele dilúvio ofuscante que ela enfrentava dia após dia? Ela precisava de um dilúvio agora. Não refrescava necessariamente, mas pelo menos bloqueava o sol por um tempo.

— Eles não podem gostar de mim.

— Eles acham que a senhora é bem natural. A Sra. Bovender me contou. Eles veem a senhora como uma pessoa que está realmente sofrendo por ter perdido um amigo e está tentando obter informações sobre a morte dele.

— Bem, isso é verdade — concordou Marina, embora aquela descrição somente cobrisse suas obrigações com Karen.

— Eles estão começando a pensar que a Dra. Swenson talvez vá gostar da senhora — disse Milton.

Marina sentia o topo da cabeça amolecendo com o sol que fritava seu cérebro.

— A Dra. Swenson já me conhece. Tenho certeza de que ela não nutre qualquer sentimento por mim, nem positivo nem negativo.

Marina secou o rosto com um grande lenço vermelho que Rodrigo lhe havia empurrado naquela manhã. Quando ela recusou, ele lhe deu de presente, mas provavelmente o item foi para a conta da Vogel assim mesmo. Sob as roupas, ela sentia o maiô cada vez que inspirava. O material grudava em seu corpo como uma bandagem sem fim, aumentando e alargando à medida que ficava mais molhado. Ela continuava enxugando o rosto. Sua visão estava embaçada pelo suor nos olhos. Só conseguia distinguir os elementos mais básicos da paisagem: areia, água, céu.

— O que os Bovender requerem é diplomacia — disse Milton. — Eles precisam apenas de mais um pouco do seu tempo. Querem estudar a senhora e ter certeza de que é o que parece.

Marina deu uma olhada em direção à linha do horizonte.

— Não os vejo mais. — O que ela queria dizer era que achava que ia desmaiar. Nessa altura, deve ter falado o nome de Milton. Ela não caiu, mas estava quase caindo e, nesse momento, ele pegou o braço dela e a acompanhou pela areia que ainda restava até chegar ao rio. Ele entrou com ela na água até os joelhos e, então, até a cintura. Era como um banho, sedoso e morno. A corrente era tão suave que mal balançava suas roupas. Ela queria se deitar ali. Milton mergulhou seu próprio lenço na água e o colocou sobre o topo da cabeça dela.

— Está melhor, não está? — disse ele, embora não fosse uma pergunta.

Ela assentiu. Jackie tinha razão em fazer Barbara mergulhar. Aquilo salvava a vida. Quando Marina olhou para baixo, não viu nada, somente uma linha onde seu torso desaparecia na água. Em volta deles, as crianças brincavam nas balsas e pulavam umas dos ombros das outras.

— Como se sabe o que tem aí embaixo? — perguntou ela.

— Não se sabe — respondeu Milton. — E não se quer saber.

* * *

Quando Marina voltou ao hotel e checou o celular, havia duas mensagens do Sr. Fox, uma de sua mãe e uma de Karen Eckman, cujo número estava gravado com o nome de Anders. Ela própria também poderia estar em casa. Sentiu uma leve compreensão pela recusa da Dra. Swenson em ter um telefone. Tomou um banho frio, bebeu uma garrafinha de água e foi para a cama, onde teve um sonho em que perdia o pai em uma estação de trem. Quando Barbara Bovender ligou para o hotel às nove da noite, ela acordou.

— Queremos saber como você está — disse ela. — Acho que quase a matamos essa tarde com nossa ideia de diversão.

— Não, não... — respondeu Marina, desorientada pelo sono, pelo calor e pelos pesadelos. — Estou bem. Só não me acostumei ainda. Acho que leva um tempo.

— Leva, sim! — concordou Barbara, parecendo animada sem razão. — Estou bem melhor agora do que eu costumava ficar. O segredo é não deixar o calor enjaular você. Jackie jura que o ar-condicionado enfraquece o sistema imunológico depois de um tempo. Quanto mais você sai, mais se acostuma. Você devia vir aqui em casa e tomar alguma coisa.

— Agora? — perguntou Marina, como se tivesse outra coisa para fazer.

— Uma caminhada à noite vai lhe fazer bem.

Talvez os Bovender fossem os guardiões do portão. Por outro lado, também ficava claro que eles se sentiam solitários. Nada prendia Marina ao Hotel Indira. Tomo a mudara para um quarto maior dois dias antes, um prêmio pelo tempo da sua estadia; porém este era tão mofado e sombrio quanto o anterior. Tinha uma vista melhor, mas a mesma barra de metal na parede para pendurar as roupas. Marina olhou para seu casaco de lã: mesmo a distância podia ver os buracos que as traças haviam feito na gola. Ela disse que iria.

Ao andar pelas ruas da cidade e passar por todas as lojas fechadas, Marina pôde entender como seria animador ver uma delas aberta agora. Se uma lâmpada estivesse acesa na loja de Rodrigo, sem dúvida haveria uma multidão na rua, esticando o pescoço para tentar ver o que estava acontecendo do lado de dentro. Ela não estimara quanto tempo ainda precisaria esperar em Manaus, se a espera continuasse a ser nada mais do que um exercício de frustração, mas podia sentir seu tempo se esgotar. Marina estava acostumada a ser boa no trabalho, mas não era boa naquilo. O mesmo porteiro que ficava sentado na mesa da entrada do

prédio da Dra. Swenson às oito da manhã estava sentado lá às nove e meia da noite. Ele pareceu muito feliz em vê-la. Afinal, ela não ia lá havia alguns dias.

— Bovender — disse ela, e então tocou o próprio peito com o indicador. — Marina Singh.

Quando Barbara Bovender abriu a porta, convidando-a para entrar, Marina teve a sensação de cruzar um portal da terra de ninguém que era Manaus para um mundo completamente diferente. Sua experiência vinha sendo, havia mais de uma semana, estar em um quarto de hotel mal mobiliado usando as mesmas três mudas de roupa, as quais lavava na banheira à noite. Aquilo estava muito longe de qualquer sinal de beleza, mas tinha de confessar que teria considerado aquele lugar bonito em qualquer circunstância. Fez elogios profusos e sinceros.

— Você é muito gentil — disse Barbara, guiando-a pelo corredor no qual estavam pendurados vários pequenos trabalhos em papel que não deviam ser de Klee, mas pareciam.

O caminho as levou até uma ampla e espaçosa sala de estar com pé-direito alto. Dois pares de portas francesas se abriam para uma varanda e uma brisa que Marina ainda não sentira desde que chegara ao Brasil balançava as pontas das leves cortinas transparentes puxadas para o lado. A brisa trazia o odor de jasmim e de maconha. Vista do sexto andar, a margem do rio parecia formada por luzes pequenas e brilhantes. Se Marina não ajustasse o olhar, podia estar em qualquer outra esplêndida cidade.

— É um lugar maravilhoso — falou Barbara, olhando para sua casa com julgamento imparcial. — Tenho certeza de que o espaço sempre foi bom, mas estava acabado quando chegamos aqui.

— Barbara transformou isto aqui — disse Jackie, entregando um pequeno baseado a ela.

Marina balançou a cabeça e então ele lhe trouxe uma taça de vinho, dando-lhe um beijo no rosto, como se fossem velhos amigos. Ela ficou surpresa com o susto que levou ao sentir o beijo, mais ainda do que com o baseado. Jackie levantou as mãos, mostrando as paredes.

— A mulher que vivia aqui antes de nós, a última assistente de Annick, tinha pendurado redes em todas as paredes para as irmãs.

Barbara pegou o baseado do marido e o tragou antes de apagá-lo em um pequeno cinzeiro de prata. Prendeu a respiração por um momento e então

exalou.

— Annick só queria algo agradável. Foi só isso que ela me disse. Claro que você também iria querer, não é? Vindo de uma longa temporada na floresta, não é pedir muito. Bons lençóis, boas toalhas de banho...

— Um vinho decente — emendou Jackie e levantou sua taça como um indicador de que todos eles deviam dar um gole.

Havia algo de excessivo em tudo aquilo, um ramo de flores brancas de um tipo que Marina nunca vira sobre a mesa de jantar, o banco de couro comprido e baixo em frente a um sofá branco e igualmente comprido, paredes pintadas em um tom de azul tão claro que talvez não fosse azul, talvez fosse a luz da noite. E os próprios Bovender, com seus muitos atributos físicos realçados pela elegância que os cercava. As várias pulseiras de Barbara pareciam feitas do mesmo material das tábuas do piso, de modo que todos notassem como a cor da madeira salientava a cor quente de sua pele. Ainda assim, era difícil imaginar a Dra. Swenson refestelada naquele sofá. Marina duvidou que os pés da Dra. Swenson alcançassem o chão.

— Para onde vocês vão quando ela vem?

— Às vezes, vamos só para o quarto de hóspedes. Depende de ela precisar de alguma coisa ou não. Se temos tempo, vamos para o Suriname ou para a Guiana Francesa, para Jackie surfar. — Barbara deu de ombros.

— Preciso ir ao Peru — falou ele, feliz por entrar na conversa, mesmo que só com poucas frases. — Tem altas ondas lá, mas os voos de Manaus para Lima são inacreditavelmente longos. Eu ia levar o mesmo tempo se fosse a pé.

Marina foi até a sacada. Ela não conseguia tirar os olhos do rio; aquela espessa sopa marrom era um espelho na escuridão.

— Eu nunca esperaria ver algo assim em Manaus — disse ela.

Tampouco esperaria o Meursault e tomou outro gole. Ela não conseguia deixar de imaginar quanto estava custando tudo aquilo. Isso não devia ser uma questão para a Vogel. O custo de um apartamento no Amazonas para uma pesquisadora que não o usava não era nada em comparação com o lucro em potencial da fertilidade.

— Não se pode esquecer que havia um monte de dinheiro aqui em certa época — falou Barbara. — Era mais caro morar em Manaus do que em Paris.

— Eles vieram, construíram e foram embora — acrescentou Jackie, deixando-se cair no sofá e esticando os pés descalços no banco em frente a ele. — Quando não havia mais como conseguir dinheiro com a borracha da floresta, acabou, virou história. O pessoal daqui ficou muito feliz por ver aquelas pessoas irem embora.

— Acho que ainda há muita coisa elegante nesta cidade. Este prédio é tão bom quanto qualquer outro em uma cidade de verdade — disse Barbara. — E Nixon cuida de tudo na portaria da frente como um profissional. Eu sempre lhe digo que ele poderia arranjar um emprego em Sydney.

— Nixon? — perguntou Marina.

— Sério — disse Jackie, com os olhos um pouco vermelhos.

— Bem, ele não é muito bom em entregar a correspondência — comentou Marina e então pensou de novo. — A não ser que vocês tenham recebido meus bilhetes.

Barbara ficou um pouco mais ereta. Com os saltos, ficava mais alta que Marina.

— Não recebemos. Eu já disse.

Marina deu de ombros.

— Então foi culpa de Nixon.

— Toda a correspondência vai para a caixa de Annick.

Ela se afastou e voltou de outro quarto carregando um belo engradado de aço com alças dos dois lados. Parecia o tipo de objeto que qualquer garota desocupada compraria pela internet em um site de design e mandaria entregar no Brasil, achando que precisava de mais do que uma caixa de papelão para guardar a correspondência.

— Olhe — disse ela. — Nem vejo o que tem aqui. Annick diz que é para mandar direto para a caixa e é isso que fazemos. Deixo a caixa no escritório. — Colocou o engradado no banco perto do marido. Havia um V pálido desenhado na parte de cima do pé de Jackie, fazendo a marca dos chinelos de dedo. — Eu costumava responder às cartas, dizer às pessoas que não viessem procurar Annick, mas, no fim, ela concluiu que qualquer interação era uma forma de encorajamento, então me disse para parar.

— Esse tipo de gente acha que, quando dizemos não, estamos encorajando — comentou Jackie.

Marina sentou-se ao lado da caixa, colocando a taça de vinho no chão. Ela não pediu permissão. Escorregou os dedos até a parte de trás e folheou as cartas. Não teve que procurar muito até encontrar a própria letra nos envelopes brancos do hotel.

— Bovender — disse ela, deixando a primeira cair no banco e então indo procurar as outras duas. — Bovender, Bovender.

Jackie se inclinou para a frente e tirou o papel do envelope.

— Caros Sr. e Sra. Bovender... — começou ele.

— Por favor! — exclamou Barbara, e cobriu as orelhas com as mãos para ser mais enfática. — Estou me sentindo uma completa idiota. De agora em diante, vou olhar a correspondência, prometo.

Marina olhou para ela.

— Vocês não pagam as contas?

Jackie balançou a cabeça.

— Vão direto para Minnesota. Aposto que é para manter tudo certo.

Claro, assim ninguém seria incomodado. Marina voltou para a caixa. As revistas estavam arrumadas cuidadosamente do lado: *Harper's, The New Yorker, Scientific American* e *New England Journal*. Parecia haver várias cartas da Vogel, cartas de outros países, envelopes de hospitais, universidades, outras empresas de pesquisa farmacêutica. Seus dedos continuavam folheando, folheando.

Barbara observava atentamente e via a correspondência da chefe ser examinada pelas mãos de alguém que ela, na verdade, praticamente não conhecia.

— Não tenho certeza se devíamos fazer isso — falou, hesitante. Parecia que agora lhe ocorria que trazer a caixa inteira da correspondência talvez não tivesse sido uma boa decisão. — A não ser que você tenha escrito mais cartas para nós. Ela não gosta que nós...

Mas lá estava. Marina não precisara vasculhar a fundo. Não havia muito tempo que ele estivera lá.

— Anders Eckman.

Ela deixou cair o envelope azul em cima do papel de carta do hotel. Jackie levantou os pés rapidamente, como se Marina tivesse deixado cair algo quente.

Barbara inclinou-se para a frente, olhou, mas não tocou.

— Meu Deus! De quem será esta?

Anders Eckman, aos cuidados da Dra. Annick Swenson, uma expressão totalmente imprecisa.

— Da mulher dele — respondeu Marina.

Quando descobriu como era a letra de Karen, conseguiu encontrar mais cartas dela rapidamente. Tudo o que Marina puxava da caixa agora fora escrito depois de Anders ir para a floresta. Escrever aos cuidados da Dra. Swenson, em Manaus, era a única maneira de Karen conseguir contato com o marido após ele sair da cidade, pois não havia outro endereço. Antes que ele fosse para a floresta, ela podia ligar ou mandar um e-mail ou, se estivesse sensível, enviar uma carta para o hotel. Karen contaria a ele sobre os garotos e a neve, diria para ele voltar para casa porque ele parecia estar pior e porque, de qualquer jeito, eles obviamente não tinham pensado muito bem sobre isso no início. Marina conhecia o conteúdo de cada carta que passou por suas mãos e, uma a uma, as deixou cair no banco em que Jackie havia colocado os pés. Ela podia ver Karen se debruçando sobre o balcão da cozinha, sentada em cima de um tamborete, escrevendo páginas e páginas de manhã, depois de levar os meninos para a escola e então, mais uma vez, à noite, depois que os tivesse colocado para dormir, a cabeça inclinada para a frente, o cabelo louro atrás das orelhas. Marina podia ler como se estivesse atrás de Karen. *Venha para casa*. As cartas vinham individualmente ou em pares. Vinham em grupos de três. Karen devia ter escrito todos os dias, talvez duas vezes por dia, porque não havia nada mais que pudesse fazer para ajudá-lo. Mas ela não o ajudou. Marina não duvidava que Anders soubesse que Karen estava escrevendo para ele e que as cartas ficavam retidas em uma muralha em Manaus. Ele conhecia a lealdade da mulher como correspondente. Mas, ao não receber as cartas, ele nunca saberia quais eram as notícias que ela mandava. Anders teria morrido se perguntando se alguma de suas cartas havia saído da floresta. Como não imaginar que o garoto na canoa de tronco simplesmente teria pegado as moedas que Anders lhe dera e largado os envelopes boiando na água assim que virasse na curva do rio, deixando aquelas cartas para os peixes e os botos? Nesse meio-tempo, Karen Eckman transformava seu amor em uma linha de montagem, escrevendo para o marido com assiduidade, e agora estava tudo espalhado no banco baixo de couro no apartamento da Dra. Swenson.

Em algum momento, Barbara foi sentar-se junto do marido. Eles seguravam as taças de vinho e olhavam a pilha crescente de correspondência com uma ligeira expressão de culpa.

— O que vai fazer com tudo isso? — perguntou Barbara assim que Marina examinou a caixa pela última vez.

Marina se abaixou para apanhar umas poucas que haviam caído no chão.

— Não sei — respondeu ela. — Vou levá-las. Não sei o que vou fazer com elas.

— Esta é diferente — disse Jackie e tirou um envelope menor da pilha.

Marina pegou o envelope, dando uma olhada superficial.

— Fui eu que mandei.

— Você também escreveu para ele? — perguntou Barbara.

Marina confirmou. Havia alguns recados dos garotos lá também. Karen preenchera os envelopes colocando os nomes deles.

— Você estava apaixonada por ele?

Marina olhou para cima, as mãos cheias de envelopes azuis. Barbara Bovender parecia mais interessada agora. Ela se inclinou, com uma mecha de cabelo brilhante balançando para a frente.

— Não — respondeu Marina.

Ela começou a falar algo sarcástico, mas rapidamente lhe ocorreu outra ideia: sim. Só de pensar nisso, o sangue corou suas faces. Sim. Ela não estivera apaixonada quando ele estava vivo nem quando escreveu aquela carta. Mas e agora? Pensava em Anders quando ia dormir à noite e quando acordava de manhã. Em cada rua que andava, imaginava o amigo lá. Imaginava estar com ele em sua morte, sua cabeça no colo dela, para que não tivesse que pensar nele sozinho e, por um minuto, pelo menos, ela havia se apaixonado pelo amigo falecido.

— Trabalhávamos juntos — disse ela. — Fazíamos a mesma pesquisa. Almoçávamos juntos. — Marina pegou a carta que havia escrito. Não havia dúvidas de que tinha incluído uma porção de estatísticas sobre redução de placas que pensou que ele gostaria de saber. Ficou feliz por ele nunca ter recebido aquela carta. — Você se acostuma com as pessoas. Você se apega a elas. Foram sete anos. Mas não.

No que dizia respeito a Marina, a noite havia acabado. Ela colocou a pilha de cartas no colo. Estava cansada e triste e não conseguia imaginar mais nada que ela e seus anfitriões ainda pudessem dizer um ao outro.

Mas os Bovender queriam que ela ficasse. Barbara disse que podia fazer uma ceia leve, e Jackie sugeriu que assistissem a um filme.

— Temos uma cópia de *Fitzcarraldo* — disse ele. — Não é doido?

— Você pode até dormir aqui se quiser — sugeriu Barbara, os olhos claros brilhando com esse pensamento. — Vai ser divertido! Podemos ficar acordados até tarde, bebendo bastante.

Os vinte anos de diferença entre Marina e os Bovender constituíam uma barreira intransponível. Por pior que achasse seu quarto no hotel, ela sabia que dormir naquele apartamento iria matá-la.

— Agradeço o convite, de verdade, mas todo aquele sol da tarde me deixou esgotada.

— Bem, pelo menos deixe Jackie acompanhá-la de volta ao hotel — falou Barbara, e Jackie, em um inesperado gesto de cavalheirismo, pôs-se de pé imediatamente e começou a procurar as sandálias.

— Estou bem — disse Marina.

Ela colocou o monte de cartas na bolsa. Queria sair rapidamente agora, antes que tivesse de declinar outros convites.

Barbara começou a murchar assim que percebeu que sua companhia estava indo embora. Sua inabilidade de sugerir algo mais atraente a frustrou.

— Conseguimos passar uma impressão pior toda vez que a encontramos — lamentou ela.

Marina assegurou que não era verdade. Barbara encostou um ombro na parede. Não dava para dizer que ela estava bloqueando a saída, sua silhueta não permitia isso, mas estava claramente a dificultando.

— Seria melhor para mim se você não comentasse com Annick sobre as cartas — falou finalmente, mexendo nas pulseiras. — Não acho que ela iria gostar de saber que deixei outra pessoa ver a correspondência, embora você esteja completamente certa em recolher as cartas da mulher do Dr. Eckman.

Marina pensou em todas as vezes que algum residente pediu que ela não falasse alguma coisa para a Dra. Swenson — o resultado do laboratório que não

confirmara um diagnóstico, os detalhes de um teste malfeito. Ela se lembrava da aptidão e da perspicácia da Dra. Swenson de saber de tudo, de alguma maneira.

— Não estou na posição de contar nada a ela.

Barbara pegou as mãos de Marina em suas mãos frias.

— Mas você vai estar, assim que a encontrar de novo.

— Estas cartas pertencem a Anders e a Karen. Não são da conta de mais ninguém.

Barbara abriu um leve sorriso de genuína gratidão.

— Obrigada. — Ela apertou a mão de Marina.

Assim que Marina chegou ao hotel, colocou as cartas na mesa de cabeceira e olhou para a pilha que formavam. Não gostava de tê-las lá. Certamente eram muito pessoais para deixar na caixa da Dra. Swenson, mas também eram pessoais demais para estarem com ela. Colocou-as dentro da gaveta da mesa de cabeceira, junto com uma Bíblia em português, antes de ligar para Karen. Precisava ouvir sua voz, pensando que isso amenizaria a culpa pelo súbito arroubo de amor que sentira pelo marido dela.

— Está tarde — falou Marina. Ela não havia pensado em que horas eram até discar o número.

— Eu nunca durmo — disse Karen. — E o pior é que ninguém liga depois das oito. As pessoas têm medo de acordar os meninos.

— Nem pensei nisso.

— Ainda bem. Eles não acordam mesmo. Liguei para você hoje de manhã. O Sr. Fox me deu o número do seu celular.

— Você tem falado com ele?

— Ele procura saber como estamos. — Karen bocejou. — É uma pessoa melhor do que eu pensava. Ou é solitário. Não sei dizer. Ele diz que você ainda não encontrou a Dra. Swenson.

— Encontrei os Bovender.

— Os Bovender! — Karen exclamou. — Meu Deus, como eles são?

— Anders falava neles?

— E de quase mais nada, em uma época. Eles enlouqueciam Anders. Ele não morria de amores por eles.

— Posso imaginar.

— Anders sentia que eles o estavam enganando, como se sempre estivessem a ponto de levá-lo à Dra. Swenson, mas nunca chegassem até o fim. Ele nunca tinha muita certeza se eles sabiam ou não onde ela estava, mas passou um bom tempo sendo gentil com eles.

— Bem, então acho que estou no roteiro. Quanto tempo ele ficou em Manaus antes de achar a Dra. Swenson?

Karen pensou um pouco.

— Um mês? Não tenho certeza. Sei que foi pelo menos um mês.

Marina fechou os olhos.

— Acho que não consigo passar um mês com os Bovender.

— O que eles falaram sobre Anders?

— Eles não sabiam que ele tinha morrido — falou Marina.

Houve um longo silêncio na linha. Em Eden Prairie, Marina ouviu Karen abaixar o telefone e então não havia nada a fazer, senão esperar. Ela deitou na cama e olhou para mancha de mofo no teto que contemplava todas as noites desde que havia trocado de quarto. Desejava poder passar a mão na cabeça de Karen, afagar seu cabelo. *Esta é a sua coragem, esta é a minha boa sorte*. Quando Karen voltou, sua respiração havia mudado.

— Sinto muito — disse Marina.

— Vem tão rápido — explicou Karen, tentando recuperar o fôlego. — Eles não sabiam que ele morreu porque ela não contou. Por que não contaria?

— Ela não contou pela mesma razão que você acabou de falar: eles não se comunicam. Ela só vem à cidade de meses em meses. Nem checa e-mail. — Marina não sabia o que faria com as cartas, mas não iria falar delas para Karen. Pelo menos disso tinha certeza. A quilômetros de distância, Marina a ouviu chorando. Os meninos dormiam. Pickles dormia.

— Devo ligar para o Sr. Fox? — perguntou Marina. Não parecia uma boa ideia, mas foi a única que lhe surgiu.

Karen abaixou o telefone de novo e assoou o nariz. Estava tentando se controlar, Marina podia ouvir. Fez um som como se estivesse se esforçando para derrubar uma enorme tristeza.

— Não — respondeu Karen. — Não ligue para ele. Isso acontece comigo agora. Faz parte.

— Eu queria poder lhe dar outras notícias — disse Marina.

— Eu sei disso.

— Está terrível aqui, Karen. Estou odiando.

— Eu sei.

* * *

Naquela noite, a primeira da febre, ela sonhou que estava com o pai, remando em um pequeno barco num rio da floresta, e o barco virou. Seu pai tinha se afogado, e ela ficara sozinha na água. O barco foi embora. Marina havia esquecido que o pai não sabia nadar.

* * *

— Agora tenho algo de que você vai gostar — contou Barbara ao telefone.

Marina não tinha notícias dos Bovender desde que os visitara alguns dias antes e, desde aquela noite, não havia saído do hotel e quase não levantara da cama. Não tinha muita certeza se a medicação preventiva contra doenças transmitidas por mosquitos estava lhe fazendo mal ou se ela de fato contraíra alguma doença tropical apesar da medicação. Também parecia muito possível que todos os sintomas, que incluíam dores no corpo e erupções de pele no tronco, fossem psicossomáticos: ela estava criando uma situação para que pudesse acabar com tudo aquilo. Mas então ficou imaginando se Anders não teria chegado à mesma conclusão. *Estou com uma febre que aparece às sete da manhã e permanece por duas horas. Às quatro da tarde, ela volta e me sinto um monte de cinzas delirantes. Quase todo dia agora sinto dor de cabeça e tenho medo de que algum animal amazônico minúsculo esteja escavando um buraco no meu córtex cerebral.* Marina só havia lido essa carta uma vez, mas sabia o texto de cor.

— Do que eu vou gostar? — perguntou a Barbara Bovender, porque, na verdade, não conseguia pensar em uma única coisa em Manaus que lhe parecesse atraente.

— Vamos à ópera! Annick mantém um camarote, e a temporada começa amanhã. Já estamos com os ingressos!

— Ela mantém um camarote no teatro? — Marina não tinha energia

suficiente para se indignar, mas será que aquilo não tinha fim?

— Aparentemente, anos atrás, houve uma estação de chuvas tão terríveis que ela teve que ficar na cidade por muito tempo. Ela disse que a ópera foi sua salvação.

— Bem, não acho que vai me salvar. Estou doente. Preciso ficar onde estou.

— O que você comeu? — perguntou Barbara.

Era uma questão lógica. O mercado estava cheio de micróbios que poderiam matar alguém que não tivesse várias gerações da bactéria apropriada no estômago.

— É só uma febre — respondeu Marina.

— Alta ou baixa?

— Não tenho termômetro. — Ela estava entediada. Queria desligar o telefone.

— Tudo bem — disse Barbara. — Estarei aí em uma hora. E vou levar alguns vestidos para você olhar.

— Não quero companhia e não quero vestidos. Agradeço a gentileza, mas acredite em mim, sou médica. Sei o que estou fazendo.

— Você não tem ideia — falou Barbara suavemente.

* * *

Tomo, o rapaz da recepção, em um ato de perseverança canina e fé que superava qualquer coisa em que Marina era capaz de pensar, continuava ligando para o aeroporto todos os dias perguntando pela bagagem. Ela havia sido localizada por um momento na Espanha e depois novamente extraviada. Ele também era o funcionário do hotel encarregado de ir ao quarto dela sempre que alguém ligava por causa dos gritos, e agora cuidava dela doente. Ele comprou garrafas de caldo de cana e de refrigerantes e biscoitos duros que substituíam as refeições. A verdade era que Marina, desamparada e debilitada, angariava a simpatia de todos os funcionários do hotel, mas havia um consenso de que Tomo era o responsável por ela.

Então, quando alguém bateu à sua porta mais tarde — quanto mais tarde ela não sabia dizer (dormir era como um anestésico que ia e voltava) —, Marina

supôs ser Tomo. Enrolou-se no lençol extra que funcionava como roupão e abriu a porta.

Barbara deu uma boa olhada nela antes de falar:

— Ah, você está péssima — disse com suas vogais baixas e arrastadas. — Por que não me ligou?

Marina, frustrada porque agora não poderia ir direto para a cama dormir, refugiou-se no quarto, que era escuro e antiquado. A australiana a seguiu.

— Fiz umas comprinhas para você.

Barbara levantou um saco de papel pequeno e sujo e uma bolsa de viagem de tapeçaria como se fossem ofertas sedutoras. As camareiras não entravam no quarto havia dois ou três dias, porque Marina não parava de dormir. Migalhas de biscoito se espalhavam pelo chão como areia. A Sra. Bovender acendeu a luz perto da porta e abriu as cortinas de blecaute.

— Você não deveria viver assim. — Foi o único comentário que fez.

— Meus padrões mudaram.

Marina se enfiou na cama. Podia-se pensar que era difícil pegar no sono na frente de alguém que mal se conhecia, mas na verdade era a coisa mais simples do mundo.

Barbara pegou um copo descartável na sacola e tirou a tampa.

— Aqui. — Estendeu-o na direção de Marina. — Sente-se. Você deve beber enquanto ainda está quente.

Marina se inclinou e cheirou o conteúdo do copo. Era o rio, na sua essência mais podre. Tinha até a mesma cor. A fumaça que saía dali era como a névoa densa da manhã.

— Onde arranjou isto?

— Na banca do pajé no mercado, e não diga nada desdenhoso sobre o pajé antes de fazer uma tentativa. Já fui picada por metade dos insetos deste lugar. Tive febres terríveis e algumas feridas das quais nem gosto de falar. Jackie teve uma intoxicação uma vez. Por causa de uma tartaruga grelhada de um vendedor ambulante, o que foi uma péssima ideia. O pajé nos salvou todas as vezes. Eu deveria abrir uma conta com ele.

E o pajé sem dúvida cobraria da Vogel.

— Mas eu não fui ver o pajé — argumentou Marina, tentando ver lógica onde não havia. — No que ele se baseia para dar o diagnóstico? Você também

não tinha me visto.

— Expliquei a situação. Na verdade, Milton explicou a situação depois de eu explicar para ele. O pajé e eu não falamos exatamente o mesmo português, e acho importante que ele entenda direito. A propósito, Milton desejou melhoras.

Ela pressionou o copo contra o esterno de Marina e o segurou até que ela o pegasse.

— Isso é bobagem — comentou Marina, olhando para o líquido esfumaçado. O copo estava quente. O cheiro vinha em camadas: água, peixe, lama, morte.

— Beba! — ordenou Barbara rispidamente. — Estou cansada de ficar tentando ajudar você. Beba tudo, de um gole só, vamos lá. É o que fazemos aqui embaixo, no inferno.

Marina, surpresa pela força da ordem e pelo olhar enlouquecido de frustração no rosto de Barbara Bovender, obedeceu e bebeu todo o líquido em um longo gole. Não era exatamente líquido, sendo mais denso no fundo, viscoso, e com pequenos pedaços de algo duro como gravetos arranhando sua garganta. A canoa onde estavam era um tronco e virava de lado, e ela era jogada para dentro d'água com o pai. A água entrava em seus olhos, no nariz e na boca. Ela afundou antes que pudesse nadar e tudo o que conseguia sentir era o gosto do rio. Ela havia se esquecido, até aquele momento, do gosto do rio.

— Cabeça para trás, e inspire — disse Barbara. — Não ponha para fora.

Ela se ajoelhou na frente de Marina, colocando as mãos sobre seus joelhos. O Sr. Fox dissera que a diferença entre Anders e Marina era que Anders não tivera o bom senso de ir para casa logo que ficara doente, mas, pensando bem, não era uma questão de querer, e sim de poder. Um arrepio atravessou o corpo de Marina, uma grande onda de tremor que varreu sua pele molhada e fez sua espinha se contorcer.

— Está tudo bem — falou Barbara calmamente, dando tapinhas nos seus joelhos como se fossem a cabeça de um cachorrinho. — Aqui está o complemento. Agora você vai realmente passar mal, mas só por um tempinho, uma hora mais ou menos, talvez duas. Tudo depende do que precisa ser consertado aí dentro. Depois, vai estar completamente boa. Melhor do que antes. Vou ficar feliz em lhe fazer companhia. Estou com a tarde toda livre.

Marina a olhou, mas só conseguia reparar na luz do cabelo de Barbara, que parecia desaparecer em um túnel. Ela disse que não queria que a australiana

ficasse.

Barbara se agachou, parecendo desanimada. Pegou os dedos frios de Marina e os soltou.

— Tudo bem, eu volto às cinco e poderemos decidir qual vestido você vai usar amanhã. Trouxe alguns que acho que vão lhe cair bem. Viu como é bom ter uma amiga tão alta quanto você? — Ela esperou. — Você vai vomitar de novo? Tente esperar o quanto puder. Quanto mais segurar, mais funciona. Respirar ajuda.

Gotas de suor começaram a escorrer pela testa de Marina, pelo topo da cabeça, pela nuca. Um muco fino e transparente saiu do nariz em uma velocidade maior do que a transpiração e as lágrimas que saíam dos seus olhos. Ela não moveu as mãos. Sentiu a gosma escorrer por seu rosto sem cessar. Era cedo ainda, mas ela percebeu muito claramente que não havia nada que pudesse fazer para impedir aquilo. Ela tremia tanto que chegava a bater os dentes; então, tentou manter a boca aberta. Mesmo que houvesse um antídoto, não haveria tempo de consegui-lo. Era o fim do fim. Agora sabia como era. Se vivesse para sentir aquilo de novo, já saberia como era. Em um de seus últimos pensamentos conscientes, Marina se perguntou se tinha sido assassinada ou, já que havia tomado o líquido por vontade própria, se cometera suicídio.

Fora da cidade, os três sapos a chamavam e o pulsar profundo e ritmado de suas vozes fez seu sangue fluir para o coração.

* * *

Marina acordou no chão frio de azulejos do banheiro, a cabeça sobre uma pilha de toalhas. Abriu os olhos e observou uma aranha vermelha brilhante escorregar para baixo do armário da pia. Os detalhes do tempo que havia passado — ela não sabia quanto — não estavam claros, e ela se sentia grata por isso. Inspirou e expirou, mexeu os dedos das mãos e dos pés, abriu bem a boca e a fechou. O mal induzido pelo pajé havia passado e, na violência de sua partida, levara consigo qualquer doença que ela tivesse. Estava viva, possivelmente boa. Seus quadris doíam por causa da posição em que estava deitada, mas isso não parecia importar. Lenta e cuidadosamente, ela levantou-se e percorreu a curta distância até a borda da banheira, onde se sentou somente para se sentir segura. Deixou a

ducha quente inundar sua cabeça até que a água ficasse morna. Depois, escovou os dentes e bebeu uma garrafa de água. Estava dolorida, sentindo-se moída, mas experimentava aquela clareza mental singular que marca o fim de uma febre. Girou a cabeça para um lado e para outro. Entrou nua no quarto com uma toalha enrolada na cabeça e o encontrou arrumado. Barbara Bovender estava sentada em uma cadeira ao lado da janela lendo o *New England Journal of Medicine*.

— Olhe quem acordou! — exclamou Barbara.

— Você estava indo embora — disse Marina, mas o som mal saiu de sua boca. Ela tossiu, tentando recompor as cordas vocais, castigadas pelos acessos de vômito. — Você estava indo embora. — Achou seu lençol-roupão dobrado ao pé da cama e o enrolou no corpo.

— Eu ia, mas você ficou mal muito rápido. Foi direto ao ponto. Achei que devia ficar só para me certificar de que você não ia cair e bater a cabeça no vaso do banheiro ou algo assim. Mas você está melhor, não é? Dá para dizer só de olhar.

— Estou.

Marina não conseguia agradecer à pessoa que acabara de envenená-la, mas não podia negar que o veneno tinha melhorado seu estado.

— Nunca li esse artigo — disse Barbara, segurando o periódico. — É fascinante, até mesmo a parte científica que eu não acompanho. Acho que foi uma sorte eu acabar ficando aqui no seu quarto por algumas horas. Tenho de admitir, eu realmente nunca tinha entendido o trabalho de Annick antes disso. Pensar em poder esperar para ter filhos quando você quiser, aos 40, 50, até 60 anos, seria maravilhoso. — Barbara parou e olhou para a anfitriã. — Nunca perguntei, mas... você tem filhos?

— Não — respondeu Marina. O ar-condicionado estava ligado no máximo e ela começava a tremer de frio. — Gostaria de me vestir agora. — Pela primeira vez em dias, ela sentia fome.

— Ah, claro, com certeza. — Barbara levantou-se da cadeira. — Você se importa se eu pegar isso emprestado? Sei que Jackie também vai gostar de ler.

— Tudo bem — concordou Marina.

— Experimente os vestidos e me diga de qual você gosta. — Barbara parou na porta. — Estou realmente muito feliz que tenha funcionado e que você esteja

melhor. Vou contar ao pajé, ele vai ficar satisfeito. Viremos buscá-la amanhã às sete, está bem?

Mas aquilo não era uma pergunta. Antes que Marina tivesse a chance de responder, Barbara Bovender e o *New England Journal of Medicine* não estavam mais lá.

CINCO

O objetivo de ir ao Teatro Amazonas não era tanto assistir à ópera, mas conhecer o teatro. Eles tinham ingressos para *Orfeu e Eurídice*, de Gluck, naquela noite, mas somente porque era necessário ter ingressos para entrar. O prédio em si era o espetáculo: suas duas longas escadarias de mármore subindo em curva na frente, as altas paredes incrustadas de ornamentos brancos, a enorme cúpula de cerâmica esmaltada que só poderia ter sido arrancada de um palácio russo por uma monstruosa tempestade e voado até a América do Sul — ou pelo menos foi o que um turista contou a Marina numa manhã em que ela parou diante da construção para tirar uma foto com o celular. Não havia uma explicação real do motivo pelo qual um prédio daqueles fora concebido para um lugar daqueles. Marina pensou que seria a linha de civilização que mantinha a floresta afastada. Certamente, se não fosse o teatro, as trepadeiras invadiriam a cidade e a engoliriam por inteiro.

— Os nativos juram que ninguém construiu o teatro — contou Barbara, tirando os ingressos da sua pequenina bolsa de noite preta laqueada. — Eles dizem que ele simplesmente surgiu.

Jackie concordou. Era sua versão favorita.

— Dizem que foi trazido em uma espaçonave por um príncipe porque era o único lugar onde ele poderia fazer sexo.

Barbara Bovender usava um vestido curto pérola que mostrava todo o comprimento das pernas, uma extensão impudica de panturrilhas e coxas bronzeadas, que ficavam ainda mais evidentes sobre as sandálias de noite com saltos altíssimos. Era um vestido que ela oferecera a Marina, mas esta não aceitara. Em todos os vestidos que Barbara tinha levado para Marina em sua bolsa de tapeçaria faltava algum pedaço essencial de tecido: a frente ou a parte de trás da saia, o que faria Marina decidir qual região de seu corpo ela poderia deixar descoberta. O vestido pérola tinha um decote recatado e mangas compridas, mas era curto o bastante para deixar envergonhada uma menina do

terceiro ano. No final, optou por um traje de seda cinza-escuro, de saia longa e reta, que deixava seus braços e costas à mostra, mas isso porque Barbara concordou em lhe emprestar um xale, embora tivesse ressaltado que aquilo estragaria a produção. Como a febre e os vômitos de Marina tinham cessado, ela estava muito grata, não só pela cura do pajé (embora desejasse ter tomado vacina para hepatite A antes de viajar), mas também pelo empréstimo do inapropriado vestido e pela oportunidade de ir à ópera. Ela estava gostando de ter uma razão para limpar os cantos das unhas, deixar o quarto do hotel à noite, ouvir música. Mais ainda, a Sra. Bovender foi até lá antes do espetáculo para fazer um penteado nela e maquiar seus olhos, o que a fez sentir-se uma noiva. Marina tivera muitos amigos ao longo da vida que podiam recitar a tabela periódica de cabeça, mas desde o colégio não tinha uma amiga que tivesse talento específico para cabeleireira. Quando acabou seu notável trabalho, Barbara levou Marina até o espelho para apreciar o resultado, e Marina, que não se lembrava de ficar tão bonita assim nem no dia do seu casamento, agradeceu extasiada.

— Você tem que se arrumar de vez em quando — falou Barbara, colocando uma expressiva pulseira de ouro no pulso de Marina. — Acredite em mim, se não fizer isso por aqui, tudo estará perdido.

Quando os três entraram no saguão, a multidão de espectadores da ópera se virou para olhá-los. Jackie, um pouco chapado, com seus óculos levemente coloridos e os cabelos brilhantes, parecia um homem capaz de chegar com duas mulheres. Ele usava uma camisa de linho branco com um bordado na frente, uma versão surfista de traje formal. Marina só ficava ressentida ao pensar que aquela beleza que ela com certeza não conseguiria repetir estava sendo gasta com os Bovender. Afinal, o Sr. Fox gostava de ópera. Não era de todo irracional pensar que ele poderia ter ido visitá-la. Ela imaginava o peso da sua mão de braços dados com ele.

O porteiro abriu a porta do camarote com uma chave de bronze pesada e antiga que trazia pendurada em volta do pescoço com uma fita de veludo. Fez um breve cumprimento para cada um deles enquanto distribuía os programas. Os três tinham oito cadeiras de veludo à escolha. Marina inclinou-se por cima da balaustrada de metal do balcão para observar os prósperos cidadãos de Manaus tomando seus lugares. O interior do teatro era um bolo de noiva, cada camada intricadamente decorada, apoiando-se com delicadeza sobre os anteparos da

inferior, subindo e subindo até o teto, onde afrescos mostravam figuras de anjos separando as nuvens esvoaçantes com as mãos. Quando a luz dos lustres começou a baixar, Jackie colocou a mão na coxa da esposa e ela cruzou a outra perna para mantê-lo assim. Marina voltou sua atenção para a orquestra lá embaixo. Com uma expressão serena, Barbara se inclinou para Marina e cochichou:

— Adoro esta parte.

Marina não sabia o que ela queria dizer e não perguntou. Porém, quando as luzes do teatro se apagaram e a música de abertura chegou ao terceiro andar, onde eles estavam, ela compreendeu. De repente, todos os insetos de Manaus foram esquecidos. As cabeças de frango que se amontoavam nas bancadas do mercado e os cães famintos à espreita, esperando que uma delas caísse, foram esquecidos. As crianças com abanadores que espantavam as moscas dos cestos de peixes foram esquecidas, ainda que ela soubesse que não devia se esquecer daquelas crianças. Ela desejava esquecê-las. Conseguiu deixar de lado os odores, o trânsito, as poças gosmentas de sangue. As portas lacraram os três ali dentro com a música e deixaram o mundo lá fora. De repente ficou evidente que construir um teatro havia sido um ato básico de sobrevivência. Impedia que todas aquelas pessoas apodrecessem no calor insuportável. Salvava suas almas de maneiras que aqueles missionários cristãos assassinos nunca poderiam prever. Nesses últimos dias de febre, Marina havia se esquecido de si mesma. A cidade estava fazendo com que ela sucumbisse, assim como o Lariam, com sua sensação de fracasso e com seu desejo quase insano de voltar para casa a tempo de ver os lilases. Mas então a orquestra tocou uma nota que a fez voltar a si. Cada toque dos arcos dos violoncelistas nas cordas dos seus violoncelos desfazia um pouco a sua confusão, e os instrumentos de sopro a faziam recuperar a força. Sentada no escuro, Marina começou a pensar que aquele teatro e, sem dúvida, aquela ópera estavam destinados a salvá-la. Ela conhecia a história de Orfeu, mas só depois que as canções começaram ela se deu conta de que era a história da sua vida. Ela era Orfeu e não havia dúvidas de que Anders era Eurídice, que morrera por uma picada de cobra. Marina fora mandada ao inferno para trazê-lo de volta. Se Karen tivesse sido capaz de largar os filhos, ela teria sido Orfeu. Ela é que havia nascido para atuar nesse papel. Mas Karen estava em Minnesota, e a cabeça de Marina estava totalmente ocupada por Anders agora, os sete anos de

amizade, as cinquenta horas por semana que passavam mapeando lipídios, ouvindo a respiração um do outro.

Barbara abriu a bolsa e estendeu um lenço de papel a Marina.

— Está borrando embaixo dos seus olhos — sussurrou ela.

Uma mulher fazia o papel de Orfeu usando uma toga larga, o cabelo preso para trás sob uma coroa de folhas douradas. Ela ficava no centro do palco, uma lira nos braços para cobrir os seios, e cantava sua tristeza para o coro.

Jackie se inclinou por cima da esposa.

— Por que é uma mulher? — cochichou ele para Marina.

Ela tocou de leve o nariz e se curvou para falar que a alternativa seria achar um *castrato* para quem o papel fora originalmente escrito, mas uma mão os separou e bateu duas vezes no ombro de Jackie.

— Silêncio — disse a voz feminina.

Marina e os dois Bovender se endireitaram como se a mesma breve voltagem tivesse atravessado os pés entalhados das cadeiras e os assentos de veludo. Tencionaram se virar, os três ao mesmo tempo, mas a mão surgiu novamente entre Barbara e Marina e apontou para o palco. Foi assim que assistiram ao restante da ópera, o olhar para a frente e toda a consciência voltada para trás, concentrada na Dra. Swenson.

A Dra. Swenson! De volta da floresta e ali no teatro sem qualquer aviso. E agora eles tinham de esperar, não podiam sair de seus lugares como pessoas razoáveis, ir para a escadaria e descer para o saguão a fim de iniciar uma conversa que devia ter sido iniciada semanas antes. Primeiro, Marina tinha pensado em como se sentiria quando visse a Dra. Swenson, mas, quanto mais ficava no Brasil, menos tinha esperança de encontrá-la. Os cenários que criava na cabeça envolviam voltar para casa e dizer a Karen e ao Sr. Fox que havia falhado em sua missão. Eurídice estava atrás de Orfeu enquanto caminhavam penosamente pela longa estrada saindo do mundo subterrâneo, Eurídice constantemente tocando uma harpa, lamentando-se, sua linda voz de soprano transformada em um adágio sussurrante — *Por que você não olha para mim? Por que você não me ama?* Meu Deus, mesmo em sua beleza deslumbrante, ela era insuportável. Marina fixou os olhos à frente e usou toda a sua determinação para não se virar. Notou que a mão de Jackie não estava mais entre as coxas da esposa e ambos olhavam para o palco muito concentrados, sem dúvida

imaginando se haviam arejado o apartamento o suficiente, feito a cama, guardado toda a lingerie rendada nas gavetas. Marina, que dobrara o xale no colo assim que as luzes se apagaram porque o camarote do terceiro andar era menos fresco do que seria o ideal, considerou que a visão de seus ombros e costas nuas naquele momento obstruía a visão que a Dra. Swenson tinha do palco, assim como seus cabelos, presos em um complicado coque por dois palitos negros enfeitados com minúsculos leques dourados, como se ela fosse uma princesa chinesa. Ela se imaginou em um quarto de hospital, sentada na cama de um paciente com aquele traje de seda cinza-escuro, e a Dra. Swenson subitamente entrando atrás dela. *Recebi uma mensagem no pager*, dizia Marina, tentando explicar a falta do tecido no vestido. *Eu estava na ópera*.

Seu próprio medo a surpreendeu, o frio na barriga associado às instruções de que agora deveria abrir seu livro de testes e começar. Ou mesmo mais tarde, sendo chamada para uma reunião clínica: *Dra. Singh, se puder nos explicar por que o torpor permanece...* Marina teria esperado raiva, confrontação. Não importava que alguém estivesse cantando, que todos em volta pudessem ouvi-la. *Quero que você me diga o que aconteceu com Anders!*, era o que ela planejara dizer. Que ideia! Ela não tinha nada a dizer à Dra. Swenson. Esperava ouvir o que a Dra. Swenson tinha a lhe dizer. *Dra. Singh, claro que me lembro, você cegou aquela criança em Baltimore*. O suor de suas axilas desceu pelas costelas em uma linha desimpedida e, margeando o decote do vestido, continuou pelas costas, encontrando o suor que vinha da nuca e parando apenas, como uma mancha, perto da cintura. Orfeu não conseguia aguentar nem mais um minuto o tormento, a dúvida excruciante. *Não é prova suficiente eu ter vindo até o inferno por você?*, ele poderia ter dito. *Você não podia confiar no meu amor e esperar mais vinte minutos enquanto eu navegava por esse caminho estreito?* Mas não, não funcionava daquele jeito. Ele precisava vê-la. Precisava reafirmar seu amor por ela. Precisava calá-la. Virou-se para sua amada e, ao fazer isso, matou-a de novo, mandando-a para as profundezas do sono eterno onde a história havia começado.

Marina desejava, com todas as suas forças, que os cantores parassem de cantar e que os músicos largassem seus instrumentos em reconhecimento à insuportável ansiedade que emanava do camarote. Assim é o conteúdo dos sonhos. Não era suficiente que, naquela ópera, os mortos estivessem vivos e

depois mortos de novo devido aos desastrados esforços do protagonista. Havia ainda reviravoltas de destino e um longo segmento de dança para suportar, mas afinal o espetáculo terminou. Marina e os Bovender aplaudiram com veemência, toda a energia da espera, até então reprimida, finalmente podendo ser extravasada nas palmas de suas mãos.

— Bravo — gritou Jackie quando o meio-soprano andou até a frente do palco.

— Não foi tão bom assim — opinou a Dra. Swenson atrás deles.

Como se aquela frase fosse uma permissão, eles se viraram, os três ao mesmo tempo, para a Dra. Swenson.

— Talvez não — disse Barbara, como se fosse uma conversa. — Mas é tão agradável vir à ópera.

— Ótimos lugares — comentou Jackie.

Marina, que estava consideravelmente mais alta nos sapatos da Sra. Bovender, não levou em conta a altura da Dra. Swenson e olhou diretamente acima de sua cabeça quando se virou. Viu outra pessoa no camarote, um homem de terno sob o beiral. Milton moveu seus lábios num cumprimento silencioso.

Barbara pôs o braço em torno do ombro de Marina e a puxou para si. O gesto poderia ser de posse ou de amor, mas Marina desconfiou que era, na verdade, uma tentativa de continuar de pé. Ela sentiu a pulsação de Barbara Bovender quando os quadris e as costelas das duas mulheres se encostaram. Uma corrente de tremor as perpassou, e Marina não sabia dizer de quem tinha partido.

— Annick, você conhece minha amiga, a Dra. Singh — disse Barbara.

— Dra. Singh — cumprimentou a Dra. Swenson e ofereceu a mão, não confirmando nem negando conhecê-la. Os últimos treze anos não tinham mudado a Dra. Swenson, exceto pela pele, que via muito pouco sol nos invernos de Baltimore e que estava bastante bronzeada, e o cabelo, agora mais branco do que cinza. Ainda flutuava em volta do rosto largo e aberto, na mesma nuvem desorganizada de que Marina se lembrava. Tinha olhos azuis, aparência inteligente, a mão redonda e macia na mão de Marina. Sua roupa amassada era austera, sem qualquer concessão a uma noite na ópera. Parecia possível que tivesse vindo direto do porto. Aquela mulher, que mudara o curso da vida de Marina, aparentava ser uma senhora sueca em excursão pela Amazônia.

— Fico contente... — começou Marina.

— Sente-se, sente-se. — A Dra. Swenson sentou-se para dar o exemplo. — Ela vai cantar Villa-Lobos.

— O quê? — perguntou Barbara.

A Dra. Swenson respondeu com um olhar de extrema reprovação e sentou-se na quarta cadeira da primeira fila, perto de Marina, enquanto a soprano, a tediosa e linda Eurídice, colocava uma das mãos modestas no peito e curvava a cabeça para a frente, a fim de receber a chuva de aplausos. Villa-Lobos, a excepcional contribuição brasileira para a música clássica, era consideravelmente mais bonito do que Gluck ou a soprano estava inclinada a cantar o *vocalise* com mais ternura do que cantara no papel anterior e, por um breve momento, Marina conseguiu esquecer o que havia por trás dela (a morte de Anders) e o que ainda estava por vir (a agora inevitável viagem à floresta com sua professora), para escutar a música. Foram necessários oito violoncelos e uma voz humana para acalmar sua mente.

— Agora, sim, valeu a pena ter vindo — falou a Dra. Swenson, quando, finalmente, depois de quinze minutos de aplausos ensurdecedores, a soprano relutantemente deixou a cena. Enquanto pegavam os programas e abriam a porta do camarote, a Dra. Swenson dirigiu-se diretamente a Marina: — O que achou do Gluck, Dra. Singh?

Fale-me sobre o paciente, Dra. Singh. Marina se conteve.

— Acho que não sou uma boa juíza esta noite. Eu estava distraída.

A Dra. Swenson aquiesceu, como se aquela fosse a resposta correta.

— Acho que certamente é melhor dessa maneira. O Gluck que fica na memória é sempre melhor do que o Gluck em si.

Ela se virou e tomou a dianteira na descida para o saguão; os outros quatro a seguiram. Milton deu o braço a Marina na escada e ela ficou grata pela gentileza. Não costumava passar tanto tempo de salto alto e podia sentir uma oscilação nos tornozelos.

— Ninguém a esperava? — perguntou Marina.

Ela falou baixo, mas a multidão saía dos corredores e preenchia o espaço entre eles, todos conversando entre si e falando em seus celulares. O ar estalava com as duras e vivas sílabas de português falado pelos brasileiros, satisfeitos com a noite.

— Ninguém espera a Dra. Swenson — respondeu Milton, apertando mais o braço de Marina quando duas garotas surgiram da multidão em um ritmo galopante, os vestidos de festa esvoaçando e deixando à mostra os forros brancos quando subiram as escadas de três em três degraus. — Mas era possível suspeitar. Ela não gosta de perder a estreia da temporada. Não aceitei reservas para hoje, apesar de muitas pessoas quererem vir de carro. Não que eu esperasse por ela, mas eu suspeitava.

Marina havia perdido a Dra. Swenson de vista, mas não os Bovender, que estavam uma dúzia de passos à frente. A Sra. Bovender, principalmente, era quase um farol.

— Eu gostaria que você tivesse me deixado a par da suspeita.

— Eu poderia ter preocupado a senhora por nada. Nem sempre ela vem. Nem sempre faz o que quer que seja.

— Entendo, mas se eu soubesse que havia alguma possibilidade de ela estar aqui, eu teria usado minhas próprias roupas.

Milton parou na escada, forçando as pessoas atrás a pararem também.

— Há algo de errado com seu vestido? Como poderia haver algo de errado com este vestido?

Mais à frente, Marina viu os Bovender atravessarem o rio de pessoas saindo pelas portas do teatro, suas cabeças brilhantes curvadas para baixo. Ela presumia que estivessem falando com a Dra. Swenson ou pelo menos a ouvindo. Ignorou a pergunta de Milton e o puxou para a frente.

O ar da noite estava quente e pesado, mas um suave odor de peixe vinha do rio. Marina e Milton acharam os outros três na enorme calçada adornada em frente ao teatro, os rostos voltados para a brisa. Milhares de insetos voavam próximo às lâmpadas laterais do magnífico prédio e continuavam pelas varandas e ruas abaixo. Mesmo com o barulho da multidão, Marina podia ouvir o bater de asas e os diversos zumbidos que produziam. Seu encantamento com as luzes a fez lembrar-se do público no final da última ária. Todos ficaram loucos. Seriam capazes de ouvir mais e mais.

— Os Bovender me disseram que nada mudou desde que parti — disse a Dra. Swenson a Milton e Marina quando eles se aproximaram. — É verdade? Uma cidade inteira, e nada muda?

— Não consigo pensar em uma única mudança nos últimos dez anos — respondeu Milton.

— Deve haver algo — falou a Dra. Swenson.

Ela olhava para cima e a luz sobre sua cabeça parecia iluminar somente a ela. Dava a impressão de uma montagem: ela teria sido recortada, sob um facho de luz, e depois colada a um cenário escuro. A Dra. Swenson se destacava nitidamente da multidão em volta, da maneira como Marina a guardava na memória. Mesmo que aquela fosse exatamente a pessoa que Marina procurava, não conseguia dominar a sensação de que dois pontos muito distantes de sua vida agora colidiam de um modo que só poderia acontecer em sonhos ruins. A última vez que vira a Dra. Swenson tinha sido no dia anterior ao do acidente. Ao longo do inquérito, elas não tiveram qualquer contato e, depois, Marina abandonou o programa. Ela não havia pensado naquilo.

— Bem, Marina está aqui agora — ofereceu Jackie.

— Preferia algo que eu ainda não soubesse.

Milton pensou por um instante.

— Rodrigo está vendendo coleiras antipulgas na loja. Diz que se a pessoa as colocar sob o travesseiro, afasta qualquer coisa da cama.

A Dra. Swenson aquiesceu em aprovação, como se fosse exatamente a informação que esperava.

— Vou comprar uma pela manhã.

Nesse momento, um menino franzino, um indiozinho, andou até eles, deslizando facilmente entre os adultos sem lhes tocar as roupas. Era fácil notá-lo mesmo na multidão porque representava dois grupos que não estavam presentes naquela noite: crianças e índios. Ele usava um short de náilon e uma camiseta verde na qual estava escrito “Copa do Mundo de Futebol”. Parecia um dos meninos que ficavam nos cobertores na praça vendendo pulseiras e miniaturas de animais esculpidos em coquinhos. Tinha o mesmo cabelo escuro e liso e olhos que pareciam excessivamente grandes, quando, na verdade, o rosto é que era muito pequeno. A lógica diria que ele também estaria vendendo alguma coisa. Em Manaus, as crianças eram empreendedoras — apregoavam leques, cartões-postais e borboletas em caixas de madeira —, mas as mãos do menino estavam vazias.

— Easter! — gritou Barbara Bovender e se agachou, uma manobra arriscada em um vestido tão curto. Ela estendeu os braços para o garoto que correu até eles, enterrando o rosto no pescoço dela.

— É o cabelo — disse a Dra. Swenson. — Ele nunca se cansa.

Jackie se inclinou para pegar a criança no colo e sua mulher também se levantou. O menino segurava o cabelo dela com as mãos e o examinava atentamente, uma corda luminosa trazida pelos deuses. Ele era muito grande para ir ao colo, mas certamente gostava disso.

— Acho que você cresceu — disse Jackie, balançando-o para cima e para baixo, como se tentasse adivinhar o peso.

— Ele não cresceu — falou a Dra. Swenson. Deu um tapinha nas costas do garoto e quando ele olhou, ela falou: — Dra. Singh.

Ela ergueu seu dedo indicador direito e tocou o pulso esquerdo; depois, desenhou uma linha até a garganta com um dedo e, da boca, levou o mesmo dedo para o ar. Então apontou para Marina. Ele largou o cabelo de Barbara e estendeu a mão a Marina.

— Olhe para isso! — exclamou Jackie, como se fosse um gesto particularmente esperto do garoto. — Ele sabe cumprimentar com um aperto de mãos.

Como prêmio, levantou a criança no ar alguns centímetros, para cima e para baixo, para cima e para baixo, até o menino dar uma estranha risada, como a de uma foca, e ter que soltar a mão dela.

— Prazer em conhecê-lo — falou Marina. Os enormes olhos da criança se fixaram nela e não se moveram. — Você poderia ter levado o garoto para assistir à ópera — disse ela à Dra. Swenson. Será que ele tinha ido com ela? — Havia muitos lugares.

— Easter é surdo — contou a Dra. Swenson. — A ópera teria sido mais maçante para ele do que foi para nós.

— Não era uma ópera ruim — falou Barbara para o menino.

— Ele gosta de passear quando pode — disse a Dra. Swenson. — Gosta de olhar a cidade.

Easter, empoleirado no colo de Jackie, com a atenção voltada para o cabelo de Barbara, não virou a cabeça. Mesmo que tivesse boa audição, ele parecia muito pequeno para andar sozinho no escuro pelas ruas de Manaus.

— Eu iria acompanhá-lo se soubesse que estava aqui — disse Jackie para o menino. — Podíamos ter dado um passeio juntos.

— Ele podia ter ido. Acho que ia gostar de ver todas aquelas pessoas — falou Barbara. — Tem muita coisa para ver no teatro, mesmo que você não consiga ouvir a música.

A Dra. Swenson olhou para o relógio.

— Esta reunião já se alongou demais. A Dra. Singh e eu precisamos conversar. Presumo que você não se importe com a hora, Dra. Singh. Milton me disse que você estava me esperando.

Marina disse que ficaria feliz em conversar com ela.

— Ótimo. Então vocês todos podem ir embora. Vejo-os de manhã. Milton, diga a Rodrigo que estarei na loja às sete.

— Devo levá-las a algum lugar agora? — perguntou Milton.

A Dra. Swenson balançou a cabeça.

— Está uma noite perfeitamente agradável. Tenho certeza de que podemos andar. Está de acordo, Dra. Singh?

Marina, vestindo sua coluna de seda cinza e calçando saltos altos, não estava inteiramente segura de que pudesse andar, mas disse que uma caminhada faria bem depois de tanto tempo sentada.

— Vamos levar Easter com a gente para o apartamento — disse Barbara.

A criança trançava uma mecha de cabelo dela.

A Dra. Swenson balançou a cabeça.

— Easter ainda não comeu. Ele vem conosco. Ponha o garoto no chão, Jackie, ele não é um macaco.

Jackie colocou Easter no chão e o garoto mexeu a cabeça de um lado para outro. Embora não ouvisse, ele parecia estar de acordo com os planos.

— A gente se vê mais tarde, então — disse Jackie, passando os dedos por entre os cabelos do menino e os alisando. Então, lembrando-se do que de fato era uma novidade, estendeu a mão e Easter a apertou em um gesto de despedida. — Brilhante — disse Jackie.

As ruas em torno do teatro eram de pedras chatas encaixadas num zigue-zague irregular, e Marina se pegou desejando que Milton as tivesse acompanhado, senão para dirigir, pelo menos para lhe dar o braço. Marina era uma médica muito alta que trabalhava em um laboratório no frio estado

americano de Minnesota, e esses três quesitos — a altura, o trabalho e o local — não combinavam com o uso frequente de saltos, deixando-a com pouca experiência no assunto. Ela deslocou seu peso para os dedos dos pés e desejou que não quebrasse os saltos do sapato de Barbara. Ainda que Marina desacelerasse, a Dra. Swenson mantinha seu passo firme, uma marcha de regularidade metronômica da qual Marina se lembrava. Com calças cáqui e sapatos com solas de borracha, ela rapidamente estava um quarteirão à frente, parecendo não notar que estava sozinha. Easter vinha atrás das duas, talvez para alertar à Dra. Swenson caso Marina caísse. A multidão do teatro havia se dispersado e tudo o que restava eram os cidadãos comuns da região, que ficavam nas esquinas das ruas no escuro, tentando decidir quando atravessariam. Eles observavam Marina, que puxava o xale emprestado para cobrir os ombros.

— Você está vindo, Dra. Singh? — chamou a Dra. Swenson.

Ela havia virado a esquina ou entrado em um prédio. Sua voz era uma parte da noite. Vinha de lugar nenhum.

Você está vindo, Dra. Singh? Ela mergulhava com tanta rapidez dentro do quarto de um paciente que subitamente todos os residentes a perdiam. Teria ido para a direita ou para a esquerda? Marina deu uma olhada para a rua, a escuridão quebrada pelas luzes dos postes, dos faróis dos carros e dos cacos de vidro no meio-fio, que refletiam a luz.

— Estou indo — respondeu.

Seu olhar se deslocava constantemente de um lado para outro da rua em um lento nistagmo. Para se acalmar, ela fez uma lista mental de tudo o que a estava deixando nervosa: era noite e ela não tinha certeza de onde estava, apesar de poder dar meia-volta facilmente e achar o caminho para o teatro e, de lá, para o hotel; não se sentia confortável naqueles sapatos, que, combinados ao vestido ridículo, a deixavam tão vulnerável quanto um pássaro com a asa quebrada para qualquer predador que estivesse caçando pelas ruas tarde da noite; se houvesse um predador, ela agora precisava proteger uma criança surda e não tinha exatamente certeza de como conseguiria fazer isso; enquanto sentia as bolhas se formarem sob as tiras das sandálias, não conseguia evitar o pensamento dos incontáveis exploradores ao longo da história que foram abatidos por bolhas aparentemente inofensivas, mas logo se tranquilizou pensando que havia pouca chance de encontrar seu fim dessa maneira, se levasse em conta os três tipos de

antibiótico que o Sr. Fox mandara junto com o Lariam e o telefone; e, como essa era uma lista de ansiedades, não podia negar o medo que mais a pressionava: percebendo que, naquela noite, tinha encontrado o motivo da viagem, estava prestes a se sentar com a Dra. Swenson e discutir sobre... o que exatamente? Os direitos e interesses da Vogel no Brasil? A localização do corpo de Anders?

Então, sem muito alarde, Easter saiu de trás dela e se colocou na dianteira. Primeiro, ela imaginou que ele estivesse entediado com sua baixa velocidade e havia resolvido deixá-la, mas, em vez disso, ele alinhou seu passo ao dela. Ele poderia ser alcançado se ela estendesse a mão. Ele havia se transformado no guia da caminhada. Enquanto olhava as costas dele, os ombros tão estreitos que mal podiam segurar uma camiseta, metade das ansiedades da lista foi embora. Com uma das mãos, segurou o xale da Sra. Bovender firme junto ao peito enquanto com a outra levantava a barra da saia de seda para não tropeçar nem sujar a peça em uma poça de lama deixada pelo dilúvio da tarde. O ar da noite a pressionava, movendo-se asperamente para dentro e para fora de seus pulmões. Ela mal havia se recuperado da doença. Apesar dos grampos, do spray e dos palitos pretos laqueados com os leques chineses dourados, ela podia sentir mechas de cabelo se soltando e deslizando para a nuca. Quando chegaram à esquina, Easter virou à direita e, sem perguntar nem pensar, ela o seguiu.

Dois quarteirões depois, justamente no ponto em que ela achou que não conseguiria mais dar outro passo, Easter entrou em um restaurante onde Marina nunca havia estado, em uma rua da qual ela não conseguia se lembrar. Não era possível que ele tivesse visto a Dra. Swenson entrar, mas lá estava ela, sentada a uma mesa no canto, tendo à sua frente uma garrafa de água com gás já pela metade. Se é que era possível, o ambiente parecia um pouco mais escuro do que a noite lá fora, e uma única vela pequena em cada mesa fazia as vezes das estrelas. Meia dúzia de mesas estava ocupada, outra dúzia estava vazia. Era tarde. O menino, tendo completado o trabalho, tomou o menor caminho entre os outros clientes e se sentou na cadeira de madeira ao lado da Dra. Swenson. Será que ela o levara da floresta ou será que Easter, assim como Milton e os Bovender, tinha seu lugar na folha de pagamentos da Vogel? A Dra. Swenson inclinou a cesta de pães para ele, que pegou um pedaço e suavemente o pousou no prato. Marina tentou não vacilar enquanto andava até eles. Por um momento, ficou de pé perto da mesa sem dizer nada, sua resplandecência derretida pelo

calor, e esperou que a outra notasse sua chegada. Poderia ter esperado pelo resto da vida.

— Perdi você — disse finalmente.

— Obviamente você não perdeu — retrucou a Dra. Swenson. — Easter sabia para onde estávamos vindo.

— Eu não sabia que Easter sabia.

A Dra. Swenson olhava para o cardápio com seus óculos de leitura.

— Tenho certeza de que você percebeu logo. Este lugar é um pouco mais longe, mas é por isso que a multidão do teatro não vem aqui. Sempre há uma mesa.

Marina puxou uma cadeira próxima a Easter, do lado oposto à da Dra. Swenson, e sentiu uma pulsação considerável nos pés enquanto o sangue corria para as pernas. Decidiu que estava grata pela cadeira e por ser recebida.

Depois de tomar ciência de tudo o que o cardápio tinha a oferecer, a Dra. Swenson o abaixou. Agora que sabia o que queria para jantar, estava pronta para começar.

— Permita-me ser direta, Dra. Singh — começou ela, guardando os óculos na caixa. — Vai nos poupar tempo. Você não deveria ter vindo. Deve haver um jeito de convencer o Sr. Fox de que monitoramento constante não acelera a produtividade. Talvez este seja um projeto para você quando voltar para casa. Pode dizer a ele que estou bem e que seria melhor para os propósitos dele se me deixasse trabalhar em paz.

Um garçom aproximou-se da mesa, e a Dra. Swenson fez o pedido para ela e para a criança em um português ruim. Quando se virou para Marina, esta optou apenas por uma taça de vinho. A Dra. Swenson traduziu o pedido e dispensou o garçom.

— Fico feliz que esteja bem — disse Marina. — E você está certa, vim saber sobre o progresso do desenvolvimento da droga, isso é parte do que me trouxe aqui. Mas eu era amiga do Dr. Eckman. Sou amiga da esposa dele. É importante para ela entender as circunstâncias da morte do marido.

— Ele morreu de uma febre.

Marina assentiu.

— Isso você escreveu, mas ela gostaria de ter mais informações. Iria ajudá-la a explicar aos filhos o que aconteceu.

Easter estava sentado pacientemente, os pés no chão, ou quase. Ele cortava pedaços do pão e os comia devagar. Não parecia nem um pouco aborrecido por esperar, o que levou Marina a imaginar que ele tinha muita prática nisso.

— Está me perguntando se sei o que causou a febre, se tinha um nome? Não sei. A lista de possibilidades é longa. Suponho que, neste ponto, checar seus registros recentes de vacinação seja uma maneira de começar. Posso listar para você todos os antibióticos que não fizeram efeito em seu organismo.

— Não estou perguntando que tipo de febre era — disse Marina. — Estou perguntando o que aconteceu.

A Dra. Swenson suspirou.

— Este é o meu depoimento, Dra. Singh?

— Não estou acusando...

A Dra. Swenson balançou a mão, espanando as palavras pelo ar.

— Vou dizer uma coisa: eu gostava do Dr. Eckman. Cada aspecto de sua visita era um grande inconveniente para mim, mas havia algo de ingênuo nele. Tinha um interesse sincero nos lakashi, no trabalho. Você era amiga dele, então sabe disso. Ele tinha uma habilidade singular de demonstrar interesse, fosse por pássaros ou pelos níveis de estrogênio nas amostras de sangue coletadas. Fazia muitas perguntas e levava em conta cada palavra das respostas. Ele era educado e afável, mesmo quando eu estava tentando convencê-lo a partir, o que, você pode garantir à esposa dele, eu fiz com frequência. — Ela se interrompeu para terminar o copo de água e, antes que o pusesse na mesa, o garçom, sempre por perto, já o havia enchido de novo. — O Sr. Fox fez uma péssima escolha ao mandá-lo até aqui. Eu nunca tinha visto um homem tão despreparado para a floresta, o que é um grande problema. A maioria das pessoas é despreparada para a floresta. O calor, os insetos, até as árvores o deixavam ansioso. Agora, pressupõe-se que, quando uma pessoa vai a um lugar para o qual não quer ir e que também não a quer, ela tenha o bom senso de ir embora. O Dr. Eckman não tinha esse bom senso. Ele me disse que a empresa precisava que eu acelerasse o progresso do meu trabalho, que precisavam ver meus relatórios, trazer outros pesquisadores, levar tanto quanto pudessem do projeto para a Vogel assim que possível. Acredito que toda nossa troca de ideias poderia ter sido feita em uma hora, quinze minutos, se os interlocutores fossem sucintos, mas o Dr. Eckman tinha uma característica: era como se precisasse ver tudo com os próprios olhos.

Ele tinha vindo de muito longe e, por Deus, não acreditaria apenas em minha palavra em relação ao fato de que havia uma droga em desenvolvimento. Ele sentiu que precisava retraçar todo o curso do meu trabalho. Ele mesmo iria redescobrir a tribo lakashi. Ele mesmo iria achar as raízes da fertilidade. Ele se recusou a deixar que sua própria infelicidade ditasse suas ações.

Um homenzinho com um avental branco sujo saiu da cozinha com dois pratos de arroz amarelo cobertos com galinha. A carne, da mesma cor do arroz, brilhava e estava se desmanchando, soltando do osso. Ele serviu um dos pratos à Dra. Swenson e o outro à criança, cujo rosto se iluminou de alegria ao ver o jantar.

— Não temos tido muita sorte na criação de galinhas — comentou a Dra. Swenson. — Nós dois estávamos ansiosos pelo jantar.

Ela deu um tapinha na mão de Easter e, com essa permissão, o menino pegou o garfo e começou a destrinchar a carne, segurando a galinha no prato com dois dedos. Ela deu outro tapinha na mão dele e lhe entregou uma faca.

— Temos de agradecer ao Dr. Eckman pelas boas maneiras de Easter à mesa. Tudo isso é novo. Francamente, não era algo que me estressasse antes, as maneiras dos lakashi à mesa não são como as nossas, mas depois eu as mantive. O Dr. Eckman ficou muito interessado no menino. Só posso pensar que ele estava com saudade dos seus... — Ela parou e olhou para Marina, deixando a frase em aberto.

— Meninos — completou Marina. — Ele tinha três filhos.

A Dra. Swenson aquiesceu.

— Bem, dava para ver. Acho que não pensei nisso antes, mas certamente boa parte da minha simpatia pelo Dr. Eckman vinha da sua gentileza com Easter.

O garçom voltou e colocou um pedaço de bolo em frente a Marina, que balançou a cabeça quando viu. Ela pensava nos três garotos no sofá, cujos ouvidos funcionavam tão bem que qualquer conversa de adulto precisava acontecer dentro da despensa da cozinha e aos cochichos.

— Pedi isso para você — falou a Dra. Swenson e dispensou o garçom. — É um bolo gostoso. E vai bem com vinho.

Marina viu o garoto olhando para a sobremesa, em um misto de alegria pela própria comida e desejo pela dela.

— Quanto tempo Anders ficou com você antes de adoecer?

— É difícil precisar, já que não sei exatamente quando ele foi infectado. Pensando bem, acho que deve ter sido picado aqui em Manaus. Eu não conhecia o Dr. Eckman antes disso. É possível que eu nunca o tenha visto fora deste ambiente.

— Você viu — disse Marina. — Você conheceu Anders na Vogel antes de partir. Ele estava no conselho de revisão para discutir seu financiamento.

Ela se lembrou da imagem de Anders inclinando-se sobre a mesa. Ele tinha certeza de que a Dra. Swenson havia gostado dele.

A Dra. Swenson concordou, sua atenção inteiramente voltada para a galinha por um momento.

— Sim, claro, ele me falou. Mas eu não me lembrava. Não teria nenhuma razão para me lembrar dele.

— Claro — concordou Marina e, pela primeira vez, lhe ocorreu uma certeza: *Ela não sabe quem eu sou.*

A mulher mais velha comeu uma garfada de arroz.

— É difícil confiar em si mesmo na floresta — disse ela. — Algumas pessoas passam a suportá-la com o tempo, mas, para outras, isso não acontece nunca. É, simplesmente, muito exótico. Não conseguimos achar uma aplicação comum para o que já sabemos. Não estou apenas pensando em questões morais ou em leis, apesar de ambas se aplicarem ao caso, mas os fatos simples e concretos da vida lá não são como aos que estamos acostumados. Pense nos insetos, por exemplo. Centenas de milhares de novas espécies são descobertas todos os anos no mundo; e quem sabe quantas outras desaparecem? É extremamente limitada a maneira como separamos os insetos letais dos que são apenas irritantes, considerando que o bicho que acabou de picar você pode nem estar classificado ainda; e em que momento a irritação constante se transforma em algo letal? São tantas picadas que não há como se manter atualizado. Você simplesmente tem que aceitar o fato de que, seja qual for o bicho que o picou, ele provavelmente não vai matar você. — Ela apontou para Marina com o garfo. — Sabia que seu braço está sangrando, Dra. Singh?

Marina deixou o xale escorregar atrás dela na cadeira e pôde ver que havia uma fina linha de sangue seco com cerca de quinze centímetros que vinha de uma picada em seu bíceps direito. A Dra. Swenson pegou o guardanapo limpo do lugar vago na mesa e o mergulhou no copo de água.

— Aqui — disse ela. — Limpe.

Marina segurou o guardanapo e o passou no braço, pressionando o machucado por um minuto, já que limpá-lo fazia o sangue voltar a escorrer.

— Tenho certeza de que não é nada — falou a Dra. Swenson, trabalhando incessantemente para retirar o último pedaço de galinha do osso —, mas é precisamente este o meu ponto. É fácil virar hipocondríaco aqui, mas o maior perigo é o oposto: a voz insistente que diz que sua reação é exagerada, e então você começa a ignorar os sintomas sérios. Médicos, como certamente você sabe, são famosos por esse tipo de comportamento, e acho que foi o caso com o Dr. Eckman. Seus medos reais na verdade o levaram longe demais em outra direção. Todas as vezes que eu perguntava se estava doente, ele negava insistentemente. Quando se tornou absurdo que ele negasse, eu disse que seria melhor ele voltar. Não, não, não, ele me disse, como se fosse uma criança que não quisesse perder o papel na peça da escola, ele iria ficar bem em um dia ou dois. Eu não podia tomar decisões por ele, mas, acredite em mim, eu tentei. Ele me esperou por muito tempo em Manaus e não estava disposto a voltar sem completar qualquer que fosse a missão que imaginava estar sob sua responsabilidade. A notícia seguinte que eu tive foi que estávamos montando uma enfermaria. Ele precisava de atenção constante. — A Dra. Swenson olhou para Easter, que havia apanhado um pedaço de osso de galinha do prato e o roía. Ela levantou a mão para dar um tapinha, mas a abaixou. Deixou passar. — Você vê qual é o problema aqui? — perguntou a Marina, a voz mantendo cada inflexão de compostura. — O homem que foi mandado para estimular meu trabalho estava me mantendo longe dele. O Dr. Eckman passou da linha da sensação de que ficaria bom logo para a da sensação de que estava doente demais para viajar. Disse que queria esperar até estar em melhores condições. Não queria atravessar o rio. Ele tinha medo do rio. O que ele queria era estar em seu lar, mas voltar para casa a partir da Floresta Amazônica requer muito esforço, um que, após certo ponto, ele não podia mais suportar. Eu gostava bastante do Dr. Eckman, mas não acredito que isso faça diferença na história. Ele era um empecilho para mim quando estava bem e era um empecilho quando estava mal. Não vou deixar que seja um empecilho agora que está morto. Não vou tentar repassar cada momento de sua doença, já que não posso alterar o curso da história. Sinto muito sua esposa ter que suportar isso, mas não havia nada que eu pudesse fazer antes e não há nada que eu possa fazer

agora. Ele fez as próprias escolhas. Recebeu o melhor tratamento que poderíamos dar considerando nossos recursos, mas o Dr. Eckman morreu. Isso traz mais luz à questão? Eu não estava com ele no fim. Se ele disse as últimas palavras, alguma mensagem, eu perdi.

Marina permaneceu sentada e pensou no amigo morrendo de uma febre desconhecida em algum quarto ou alguma cabana no fim do mundo. Karen Eckman a fizera prometer que perguntaria se Anders estava morto. Em vez disso, perguntou à Dra. Swenson se ele estava sozinho no momento de sua morte. Era uma pergunta sentimental, mas ela queria ter uma imagem diferente da que construíra.

— Na hora em que ele morreu? Não — respondeu a Dra. Swenson. Seus olhos se viraram para o menino por um instante e depois de volta para Marina. — Easter estava com ele.

Easter, que tinha possivelmente a mesma idade do filho mais velho do Dr. Eckman, ou do filho do meio, o vira falecer. Seu prato estava limpo e raspado com um pedaço de pão e havia uma pilha organizada de ossos de galinha no centro. Ela ofereceu ao menino o bolo e, em troca, recebeu um sorriso tão grande que teve vontade de chamar o garçom e pedir outro pedaço para lhe dar.

— Não é uma história para se levar para casa — comentou a Dra. Swenson.

— Não — Marina concordou.

— E não é para ela, de qualquer maneira. — A Dra. Swenson limpou os cantos da boca com o guardanapo. — É para você. Sem entrar em detalhes na hora do jantar, você vai acreditar em mim quando eu disser que o Dr. Eckman sofreu. Quero que sirva de moral da história.

Marina aquiesceu, tentando encontrar em si mesma uma veia de estoicismo armazenado, já que queria muito cobrir o rosto com as mãos ao pensar no fim de Anders.

— Entendo.

— Imagino que ninguém tenha ficado muito preocupado com este fato na empresa, mas a morte do Dr. Eckman foi difícil para mim também. Eu tinha cautela no começo e agora a tenho em dobro. Não quero assumir qualquer nova responsabilidade. Se quer saber como meu trabalho está indo, vou dizer: está atrasado. É um tipo complicado de ciência. Dou cada minuto de minha vida a ela, mas, neste ponto, requer ainda mais tempo. Reconheço que não tenho um

número ilimitado de anos para terminar, tanto da perspectiva da Vogel quanto da minha. — A Dra. Swenson fez um sinal para o garçom pedindo a conta e bebeu o que restava da água. — Algum dia, eu gostaria de ir embora da Amazônia, Dra. Singh. Estou acostumada com esse lugar, mas não o adoro. Tenho todos os incentivos para terminar o projeto o mais rápido possível. O Sr. Fox parece pensar que estou me divertindo tanto que eu precisaria de uma série de emissários da Vogel para me lembrar de que o objetivo é terminar a tarefa. Você pode relatar que não perdi de vista o objetivo.

Marina anuiu. Ela entendeu que estava recebendo a passagem de volta para casa.

A Dra. Swenson colocou as mãos na mesa e as bateu de leve para indicar que a conversa havia terminado.

— Easter e eu a acompanharemos até o hotel. Vamos passar na frente dele a caminho do apartamento. Lá, diremos boa-noite e adeus. Esta minha visita não vai ser longa. Você entende que preciso voltar.

Marina prudentemente mexeu todos os dedos nas sandálias. Seus pés haviam inchado enquanto estivera sentada e as tiras agora cortavam a pele. Ela se inclinou para baixo da mesa e, com algum esforço e bastante dor, tirou os sapatos. Easter, que já tinha terminado de comer o bolo, se abaixou para olhar.

— Receio que não vou conseguir andar — falou Marina.

Que mal havia em falar a verdade agora? Sua missão chegara ao fim.

A Dra. Swenson chamou o garçom, e Marina entendeu claramente o nome de Milton. O garçom assentiu.

— Ele vem nos apanhar — informou ela. Gesticulou para Easter lhe entregar um dos pés da sandália e olhou o calçado como se fosse uma rara descoberta arqueológica. — Tenho dificuldades em entender por que uma mulher escolheria fazer isso consigo mesma. — E devolveu a sandália prateada a Marina.

— Também é um mistério para mim — concordou Marina.

Ela não tentaria defender os sapatos, que eram indefensáveis. Ela preferia andar descalça pelo resto da vida a usá-los novamente.

— Barbara me contou que você foi minha aluna — disse a Dra. Swenson.

Talvez os sapatos tivessem feito com que ela pensasse naquilo; ela devia estar intrigada com como uma aluna sua havia aprendido tão pouco sobre o funcionamento da anatomia humana.

— É verdade.

Todos os medos estavam indo embora agora. Que diferença havia? Um por um, ela os conheceu e eles se foram.

— Foi em Johns Hopkins?

Marina concordou.

— Tenho 42 anos.

A Dra. Swenson assinou o nome na conta e a deixou na mesa. Sem dúvida, seria mandada à Vogel.

— Bem, não devo ter feito um trabalho convincente, já que você mudou para farmacologia. Mas aqui estou eu, desenvolvendo uma droga. Presumo que nós duas acabamos na mesma área, afinal.

Ela se abaixou até o chão e entregou as sandálias de Marina para Easter carregar. Ele pareceu muito contente com o trabalho.

— Ninguém sabe o que a vida nos reserva, Dra. Singh.

A Dra. Singh estava em vias de concordar com essa certeira impossibilidade quando Milton, que devia estar rondando de carro por lá, entrou pela porta para levá-la para casa.

* * *

Naquela noite, Marina passou um longo tempo no banho prestando atenção às várias feridas: as peles soltas em vários pontos dos dedos dos pés e dos calcanhares, as bolhas inchadas que ainda não tinham estourado, as diferentes picadas que coçavam, sangravam ou doíam. Ela esfregou tudo com sabonete e esponja até que a pele em volta das lesões vermelhas também ficasse vermelha, então secou e espalhou bastante pomada. Tudo tinha de ser feito antes de ligar para o Sr. Fox. Não importava a hora. Ela planejava acordá-lo. Esperava inclusive que, se o acordasse, tivesse uma vantagem na conversa. Imaginou o telefone tocando na mesa de cabeceira do lado da cama em que ela uma vez adormecera, mas nunca dormira por uma noite inteira, a cama para a qual ela esperava voltar. O Sr. Fox atendeu no quarto toque, a voz alerta e composta. Ele devia ter esperado dois toques depois de acordar para se recompor.

— Diga que você está bem — começou ele.

— Algumas bolhas — contou ela, mexendo suavemente em uma delas, no dedo do pé —, mas estou muito bem. Encontrei a Dra. Swenson.

Ela soltou de uma vez. Não esperou que ele perguntasse, porque ele perguntava todas as vezes que se falavam, como se achar a Dra. Swenson fosse algo que pudesse ter acontecido e escapado de sua memória. Ela contou sobre o teatro, sobre Easter e o jantar. Contou o que ouvira sobre Anders e, tentando recriar a conversa, percebeu como pouco fora dito. Ela podia reportar que o projeto estava atrasado, mas encaminhado. Mesmo que poupasse os detalhes, tinha certeza de um fato crucial: a Dra. Swenson queria ver a pesquisa terminada mais do que qualquer outra pessoa e ela a concluiria — fora muito convincente a respeito disso —, embora houvesse omitido a informação sobre quando a droga seria submetida ao FDA.

— Nenhum prazo? — perguntou o Sr. Fox.

— Nada concreto — disse Marina, mas na verdade ela não havia perguntado. Por que não perguntara? Após todos aqueles anos, ela ainda escutava a Dra. Swenson como uma aluna escuta um professor, como um grego antigo escutava um oráculo. Ela não fizera as perguntas, simplesmente guardara as respostas na memória.

— Não ligue para isso — falou o Sr. Fox. — Foi uma reunião preliminar. Você é esperta o suficiente para não pressioná-la ainda. Você acha que vai partir amanhã?

— Amanhã ou depois. Depende das passagens. Vou estar no primeiro avião que tiver uma vaga.

— Você vai pegar um avião? — perguntou o Sr. Fox.

— Para casa.

A linha ficou muda e, naquele silêncio, Marina não se manifestou. Mesmo tendo percebido o erro da sua suposição, queria mantê-la ao máximo. Sua imaginação esperançosa a fizera flutuar até em casa. Ela não tinha bagagem. Ninguém encontrara sua bagagem. Tudo o que adquirira em Manaus seria deixado para trás, exceto a pequena garça branca e a pulseira de contas vermelhas amarrada em seu pulso. Através da janela do aeroporto St. Paul, em Minneapolis, ela pôde ver as flores brancas. Saboreou a brisa de mel quando pisou lá fora.

— Não desista agora — pediu o Sr. Fox. — Não depois de tanto tempo para encontrá-la.

Ele falaria a mesma frase depois de seis meses, depois de um ano. *Não desista agora*. Talvez ele quisesse que ela ficasse até prometer que traria no bolso o composto químico para fertilidade.

— Entreguei a mensagem — replicou Marina. Pensando bem, ela não estava totalmente segura de que afirmara algo, mas tinha certeza de que qualquer mensagem entregue à Dra. Swenson não seria ouvida. A Dra. Swenson não ouvia Marina, Anders ou o Sr. Fox. Ouvir não era um hábito seu. Marina não iria mudar o curso do rio. — Anders entregou a mensagem. Ela me disse isso. Ela entende exatamente o que você quer, e acredito que ela vai entregar assim que for humanamente possível.

— Não é o tipo de coisa em que se pode acreditar só pela palavra de alguém. Talvez a droga já esteja pronta; ou talvez ela nunca tenha começado. Este é um projeto de importância e custos enormes. Você precisa descobrir em que pé está o desenvolvimento da droga — falou o Sr. Fox e então acrescentou a palavra "exatamente".

Ela olhou para os pés, feridos e brilhantes sob a luz vinda de cima, lustrosos de Neosporin.

— Você terá de encontrar outra pessoa.

— Marina — disse ele. — Marina, Marina. — Ele pronunciou seu nome com ternura na voz, com amor.

Ela era capaz de sentir o cheiro de sua própria capitulação a um quilômetro de distância. Era da sua natureza, era sua obrigação. Desejou boa-noite e desligou o telefone. Não podia culpá-lo. Deitado em seus lençóis secos e quentes, ele não tinha como realmente entender o que estava lhe pedindo. Quando ela ainda estava em casa, também não conseguia imaginar aquele lugar.

Era um dia de Lariam. Marina estava adiando tomar o remédio desde a manhã, mas que diferença fazia? Sempre acabava tomando. Os comprimidos que ela tão arrogantemente jogara fora na lixeira do aeroporto haviam conseguido encontrá-la de novo. Tomo nunca tinha reclamado de sair da mesa na recepção para apaziguar seus gritos batendo na porta durante a madrugada. E, se ela lidava com paranoia e náusea intermitentes, meu Deus, ela quase não podia colocar a culpa no Lariam. Mesmo que fosse para casa no dia seguinte, teria que tomá-lo

por mais quatro semanas. Era a maneira de o medicamento lembrar ao paciente que a viagem ainda não terminara. A viagem estaria no fluxo sanguíneo, nos tecidos. Todos os potenciais desastres do lugar continuariam a se prolongar por dentro. Marina colocou o comprimido na língua e o engoliu com metade de uma garrafinha de água que estava na cômoda e então apagou a luz. Ela estava se acostumando à depressão no meio do colchão, ao travesseiro de espuma de borracha que tinha cheiro de caixa de papelão, ao som da água pingando na máquina de gelo no corredor e, então, horas mais tarde, à descarga dos pequenos cubos de gelo no balde coletor. Ela ficou imaginando por quanto tempo essas coisas ainda permaneceriam com ela depois que já estivesse em casa novamente. Imaginou por quanto tempo Anders ainda ficaria com ela e como seria ficar sozinha no laboratório e quem acabaria indo substituí-lo. E por quanto tempo mais pensaria nele todos os dias, como seria perceber que os dias haviam passado e ela se esquecera totalmente de se lembrar dele. Pensou na pilha de cartas que Karen tinha escrito sentada na escrivaninha ao lado da cama. Pensou em Anders enterrado no chão da floresta a quase cinco mil quilômetros de Eden Prairie. Por mais cansada que estivesse, isso tudo a mantinha acordada. No momento em que a mente não conseguia mais aguentar a novidade — Anders está morto —, ocupava-se com detalhes: Onde está a câmera fotográfica dele? E os binóculos?

* * *

Quando acordou, Marina estava de pé em frente à janela do quarto de hotel, sem memória de ter se levantado da cama. Estava muito frio. Ela e o pai estiveram no campus da Universidade de Minnesota, onde ela havia concluído seu doutorado em microbiologia. Nevava muito. Tudo de que conseguia se recordar com clareza eram os indianos saindo de todos os prédios e de como as mulheres vestidas em sáris vermelhos e roxos alteravam completamente a paisagem e os homens vestidos em camisas cor-de-rosa interrompiam a imensidão branca. Eles tremiam no vento ártico até que as cores começavam a vibrar, criando um mar de papoulas trêmulas cobertas de neve. Ela havia ido dormir com o ar-condicionado ligado no máximo e agora o vidro da janela do quarto estava tão molhado que, no estupor do sono interrompido, ela imaginou se poderia estar chovendo dentro

do hotel. Gotas de água riscavam o vidro, reduzindo a visão do mundo lá fora a uma vasta escuridão violeta pontuada por esferas de luz cintilante. O ar frio soprava com a força de um vendaval na camisola de algodão barata que ela comprara na loja de Rodrigo. Marina se agachou em frente ao aparelho sob a janela, os cabelos voando para trás por causa do vento, e quase sem enxergar mexeu nos pequenos botões até que o sistema soltou uma exalação final e cessou. Ela tremia, incerta se era por causa da temperatura ou do sonho. A única coisa de que tinha certeza era que tentara voltar para casa e não conseguira por causa da neve. Ela não ia voltar para casa. Talvez o Sr. Fox tivesse sussurrado em seu ouvido a noite toda, mas, enquanto ela dormia, o mundo tinha se mudado do aeroporto para as docas. A clara resolução que ela tivera no restaurante parecia ter se rompido como uma febre em algum momento durante a noite e, à medida que ia despertando, podia sentir Minnesota desaparecendo com o restante do sonho. Ela não voltaria para a cama agora. Já estava cheia da cama. Como uma sonâmbula semiacordada, juntou os pertences de Barbara Bovender — o vestido de seda cinza enlameado na bainha, as sandálias desumanas, o xale, os grampos de cabelo — e colocou tudo em uma sacola de plástico. Depois abriu todas as gavetas e retirou o pouco que havia. Dobrou o que era seu e arrumou em pequenas pilhas em cima da cômoda. Enquanto ia de um canto a outro do quarto, dizia a si mesma que o que importava agora era o movimento, que o principal não era ir para casa, mas sair de Manaus. Ela não tinha certeza de nada a não ser do fato de que não passaria nem mais uma noite no Hotel Indira. Colocou o pacote das cartas de Karen sobre suas três camisas dobradas. Ela não possuía uma mala onde guardar seus pertences, mas, pensou, este seria o menor dos seus problemas.

Às seis horas, já tinha se vestido e saído. De manhãzinha, a cidade entrava em atividade. As crianças estavam deitadas nos cobertores das calçadas, as tigelas pintadas, as flautas toscas e as pulseiras de contas que tinham para vender encontravam-se dispostas em linhas retas, as mulheres iam ao mercado, não em velocidade, mas com uma rapidez com a qual não se movimentariam pelo resto do dia. Os cães rastejavam para as laterais das ruas, as cabeças baixas e atentas, a luz e a sombra delineando vales entre suas costelas.

Parecia que toda a cidade de Manaus estava desperta, com exceção de Nixon. Na portaria do edifício do apartamento dos Swenson-Bovender, seu rosto estava

comprimido de lado contra a mesa, as mãos esticadas e abertas para a frente. Marina parou por um momento para observar aquele sono profundo e sem sonhos, sentindo por ele uma ternura que não conseguia explicar, a não ser pelo simples fato de que havia bem poucas pessoas naquela cidade que Marina conhecia pelo nome. Imaginou que ele era um bom homem, mesmo que a única prova disso fosse a fidelidade a seu posto.

Ela se sentou na portaria para escrever um bilhete para os Bovender, mas, depois do trabalho de encontrar papel e caneta, descobriu que não fazia ideia do que dizer. Não tinha por que agradecer a eles. Afinal, eles tinham agido como um corpo de jurados e a haviam mantido em sua cela de custódia no Hotel Indira por duas semanas enquanto deliberavam se o caso era adequado para a Dra. Swenson ouvir. Ou talvez ela devesse agradecer porque a decisão deles só levara duas semanas; eles haviam mantido Anders por mais de um mês, um mês inteiro de vida desperdiçado enquanto seus filhos andavam de bicicleta sozinhos pela neve parcialmente derretida da primavera. Marina se distraiu com o som da respiração pesada de Nixon. Então, recostado sobre a mesa, ele parou de respirar. Vinte segundos, trinta segundos, ela estava prestes a se levantar quando, quarenta e cinco segundos depois, ele arquejou, as costas se levantaram e ele voltou a inspirar. Ainda dormindo, soltou um suspiro e virou o rosto para a outra direção. Apneia. Não havia nada que ela pudesse fazer.

Marina voltou a se acomodar na poltrona do pequeno conjunto de estofados no saguão, onde se encontrava sozinha. Se, por um lado, não podia agradecer aos Bovender, por outro, pensou, tampouco podia culpá-los. Aos 23 anos, ela teria aceitado uma tarefa como a deles de bom grado. Poderia ter permanecido na mesma função até chegar aos 43, caso determinados eventos tivessem se passado de forma diferente. Sem os Bovender para fazê-la relembrar, ela talvez tivesse se esquecido da sensação de ser enfeitiçada, de ficar perdidamente apaixonada por princípios e por uma mente excepcionalmente notável. Eram pouco mais do que belas crianças, descompromissadas, comprovadamente capazes de dizer uma quantidade sem-fim de mentiras. No entanto, havia algo em sua natureza resplandecente que os tornava inabaláveis. Ela teria dado qualquer coisa para levá-los com ela para a floresta. Assim, no final, ela escreveu a verdade como a sentia no momento. *Vou sentir saudades de vocês*. Escreveu o nome deles na sacola e acrescentou vinte dólares para o custo de mandar lavar o vestido,

amarrou tudo junto e deixou na mesa ao lado de uma das mãos de Nixon, que continuava adormecido. A Dra. Swenson costumava começar cedo. Se o turno iniciava às sete horas, ela estava diante do primeiro paciente às seis e meia. Foi fácil perceber o padrão. Marina não queria encontrá-la no saguão por medo de que aquilo parecesse uma tocaia. Saiu rapidamente rumo à loja de Rodrigo. Estava cheia, assim como todas as outras lojas. Ela se serviu de uma xícara de café do bule do balcão e encontrou uma bolsa esportiva de náilon enquanto ele atendia outros fregueses. Apanhou mais protetor solar e repelente de inseto. Era importante não pensar muito sobre o que poderia precisar, senão acabaria pegando de tudo. Suas compras seriam incluídas na conta da Vogel, inclusive o café. Pegou outra caixa de Band-Aids e outro par de sandálias de dedo. Estava examinando um cortinado para ser colocado sobre a cama quando a Dra. Swenson entrou, acompanhada de Milton.

Rodrigo os viu primeiro. Não havia espaço suficiente para a Dra. Swenson e todas aquelas mulheres que tinham ido comprar farinha e linhas, coisas que elas poderiam facilmente esperar para comprar mais tarde. O vendedor começou a apressar as outras freguesas gritando, e ninguém se opôs a tal tratamento inadequado. Algumas mulheres largaram o que tinham em mãos e deixaram a loja imediatamente enquanto outras ainda apanharam mais alguns itens das prateleiras e se apressaram até o balcão para pagar. Talvez conhecessem a Dra. Swenson. Talvez estivessem tão ansiosas para deixar o recinto quanto o vendedor estava para vê-las saírem. Rodrigo, sempre tão cuidadoso ao preencher as notas de compra, fazia um breve exame visual na pilha de produtos e vociferava uma quantia que cada mulher pagava sem discutir. A Dra. Swenson não reparou em nada disso. Seu queixo estava empinado. Ela estava interessada, principalmente, nos itens das prateleiras mais altas, os bens ignorados pelo comércio de rua do dia a dia dos brasileiros. Ela murmurava seus pedidos para o teto, e Milton os anotava. A Dra. Swenson não teria reparado em Marina mesmo que Marina estivesse pintada de amarelo, e Milton, que não chegou a levantar os olhos do bloco e do lápis, tampouco a viu. Um por um, os fregueses desapareceram. Marina seguiu o último deles até o balcão para pedir que suas compras fossem acrescentadas à conta aberta ali. Rodrigo, que parecia compreender exatamente a decisão que fora tomada, adicionou um chapéu extra, mais três lenços e diversos pacotes de dropes LifeSavers.

— A senhora acordou cedo hoje, Dra. Singh — disse a Dra. Swenson, olhando para o teto.

Milton, surpreso, levantou o olhar.

— A senhora está aqui! — exclamou ele. — Então encontrar a senhora hoje de manhã é uma tarefa que posso riscar de minha lista.

— Você disse que estaria aqui hoje cedo — falou Marina. — E eu também precisava comprar algumas coisas.

— A lista do que uma pessoa precisa aqui na Amazônia não acaba nunca — comentou a Dra. Swenson. — O que os insetos não comem apodrece rápido. É por isso que o nosso amigo Rodrigo tem um negócio tão bem-sucedido. A natureza fornece um giro de vendas constante. Ainda assim, acho que, se você está partindo hoje, seria melhor deixar para fazer compras em casa, a não ser que esteja buscando algum suvenir.

Não havia nada a fazer a não ser dizer logo. Marina contou que viajaria com a Dra. Swenson, que não transpareceu surpresa. Tratou a informação como se fosse tanto desagradável quanto esperada.

— Você falou com o Sr. Fox.

Marina também olhou para cima, em direção às prateleiras altas, imaginando o que ela poderia querer de lá.

— No mínimo, tenho de buscar as coisas de Anders.

— Passas — disse a Dra. Swenson para Milton, que acrescentou à lista. — Tapioca. — Ela se virou para Marina. — Faz alguma diferença o fato de você não ter sido convidada?

Seria mais fácil se ela tivesse sido, mas, até onde sabia, a Dra. Swenson nunca recebeu com prazer os alunos em sua sala de aula, os internos para o programa de residência ou os pacientes no hospital. Ela não imaginava por que esta experiência seria diferente.

— Não exatamente.

— O Dr. Rapp sempre falou que as pessoas se anexam a uma expedição. — Ela se movimentava muito vagarosamente, primeiro colocando a mão em uma caixa de biscoitos, depois em um pacote de café. Milton continuava a escrever e, em seguida, Rodrigo também escrevia. Uma mulher mais velha carregando um bebê amarrado ao peito em um brilhante lenço vermelho abriu a porta e, vendo quem estava lá dentro, deu meia-volta e saiu sem uma palavra. — Certamente

fizeram isso com ele. Eu mesma vi acontecer. Uma sucessão interminável de desocupados e fingidos, os desistentes mais preguiçosos que se imaginavam exploradores. Ele adotou uma política clara: não era responsável por eles, fosse em termos de alimentação, abrigo, segurança ou saúde. Não perdia tempo desencorajando-os porque, para falar a verdade, não havia uma palavra de desencorajamento sequer que eles não pudessem contestar. Toda a energia que eles poderiam aplicar em sua inteligência, gastavam para desenvolver sua persistência. Porém, logo descobri que essa persistência funcionava para partir, mas não para ficar. Uma vez iniciado o caminho, começavam a cair, como moscas. Alguns levavam um dia ou dois, outros abandonavam apenas horas depois, e o Dr. Rapp nunca interrompeu sua viagem por causa deles. Ele permaneceu admiravelmente coerente: estava ali para trabalhar e continuaria a fazer isso. Não colocaria de volta num barco os fracos e os incapacitados. Estes haviam decidido entrar e simplesmente teriam de descobrir um meio de sair. As pessoas aceitavam rapidamente os termos do Dr. Rapp, até que se descobriam fracas. Então, mudavam inteiramente o discurso, acusando o Dr. Rapp de ser cruel. Não podiam difamá-lo como cientista, mas relatavam uma quantidade imensa de situações vis sobre ele como homem. Ele não tinha socorrido ninguém! Ele não tinha agido como pai e mãe! Vou lhe contar, nada disso tirou o sono dele. Se tivesse assumido a responsabilidade sobre aquelas pessoas, dissuadindo-as de suas ambições ou então as livrando de sua insensatez, o maior botânico de nosso tempo teria se reduzido a uma babá. Seria um golpe incalculável para a ciência, tudo em nome do resgate dos estúpidos.

O ar, que antes estava pesado, agora estava parado. Milton havia colocado o lápis e o bloco no bolso sem pensar, e Rodrigo também tinha largado o lápis. Enquanto a Dra. Swenson continuava a calcular quanto de comida ela precisaria levar, os outros três permaneceram sem respirar nem piscar. Marina sentiu como se precisasse se lembrar da resposta para a pergunta que lhe fora feita. Estavam todos à espera.

— Não acho que você vai me considerar tão problemática — falou finalmente.

A Dra. Swenson, que estava distraída com uma caixa cheia de meias, não olhou para cima.

— Tão problemática quanto o quê?

— Os desocupados — respondeu Marina. — Os fingidos.

— Não seja tão autorreferenciada. Eu estava contando uma história. Não estava contando uma história sobre você.

Neste momento, Milton inspirou tão bruscamente quanto Nixon na portaria.

— Muito bem — disse ele, desejando aceitar a explicação. — Quantas latas de pêssego?

A Dra. Swenson esperou um momento, como se estivesse fazendo um cálculo mental.

— Uma lata a mais do que o habitual — disse, olhando para Marina. Era impossível dizer quantos pêssegos uma pessoa comeria uma vez que se afastasse da civilização.

Ficou combinado que Milton buscaria Marina em frente ao Hotel Indira às onze horas e, apesar do calor, ela estava pronta, de pé, em frente ao hotel, encolhida sob a marquise com sua bolsa murcha. Ela se despedira de Tomo, que se mostrara contente em guardar o casaco e os suéteres até seu retorno. Não havia se despedido do Sr. Fox. A cidade, tão agitada quando ela acordara de manhã, estava praticamente vazia agora. Os cães se encostavam nas portas sob as finas faixas de sombra. Os automóveis passavam lentamente, como se cada motorista tentasse decidir se deveria levar Marina para o cais. Olhavam para ela atentamente e buzinavam.

Quando Milton finalmente chegou, Easter estava no assento do passageiro. Ao ver Marina, através da janela aberta, esticou ambos os braços para fora em sua direção, como se ele fosse tudo o que ela tivesse no mundo. Era magnífico ser reconhecida, a felicidade no rosto do menino inteiramente desproporcional ao fato de reconhecê-la. Marina se aproximou e tomou as pequeninas mãos nas suas, e ele a cumprimentou entusiasticamente. Milton encostou o polegar no ombro do menino e apontou para o banco traseiro. Easter imediatamente deu um pulo para trás, um código que ele tinha guardado.

— Desculpe — disse Milton com a voz cansada, quando ela entrou no carro.

Ele estava sentado sobre uma toalha dobrada, a camisa, as calças e o cabelo encharcados. Até o pequeno chapéu de palha na parte posterior de sua cabeça estava mole e úmido. Talvez tivesse caído uma tempestade a quarteirões de distância, e Marina não tivesse visto. Ou ele poderia ter caído dentro do rio.

— Desculpe por quê?

Milton balançou a cabeça.

— Levamos muito tempo para carregar o barco. — Apanhou uma toalha pequena e secou o rosto.

Easter estava pendurando toda a parte superior do corpo para fora da janela, para ver o máximo que podia em todas as direções: menino como tartaruga, carro como casco. O vento secara a camiseta de futebol da noite anterior e encrespara as mechas escuras e molhadas contra o pescoço. Olhando para ele, Marina percebeu que se tratava de uma garantia. O barco estava carregado, a Dra. Swenson estava no barco. Se Milton não tivesse trazido Easter, não haveria motivo para ela esperar os minutos necessários para ele chegar até o hotel.

— Eu não tinha mesmo outro lugar para ir — falou ela.

— Ele gosta do carro. — Milton inclinou a cabeça na direção do banco de trás.

— É claro que gosta.

O cais ficava rio acima, num ponto onde Marina ainda não estivera. As tábuas de madeira na passarela de pedestres estavam empenadas pela ação contínua do sol e da chuva forte. Um conjunto de rebocadores enferrujados e barcos-residências que pareciam ter sido unidos no decurso de muitas gerações balançavam entre os táxis aquáticos. Do alto da margem ela conseguia avistar os cargueiros e os iates de cruzeiro a distância, alinhados contra os grandes embarcadouros de concreto. Abaixo dela havia uma pequena figura andando sob a sombra de um guarda-sol preto.

— Estamos atrasados, Milton — gritou a Dra. Swenson.

O motor do barco estava ligado e uma fumaça lilás pálida se espalhava pela água.

— Esta é a hora de mudar de ideia — avisou Milton com calma. — Se a senhora estiver inclinada a mudar de ideia.

Easter voou na frente deles, correndo com as sandálias, trocando os degraus perigosos por uma rampa de lama, pedra e algas ainda mais perigosa. O barco era uma balsa, o tipo de embarcação que o pai de Marina alugava por um fim de semana todos os verões quando ela era pequena e seus pais eram casados. O pai não era muito chegado a navegar, mas ele dizia que esse tipo de balsa era como um pônei de aluguel para crianças: baixo e estável, raramente apresentando movimentos repentinos.

— Vou ficar bem — garantiu Marina, seguindo adiante. Já estava praticamente sobre o rio.

— Não me lembro de ter dito para levar Easter com você — comentou a Dra. Swenson quando chegaram perto da velha balsa com telhado plano de metal.

O garoto já estava atrás dela, as mãos no leme como se pilotasse. Havia caixas organizadamente empilhadas em toda a volta do barco, que se mantinha equilibrado e baixo sobre a água.

— Acho que não — concordou Milton.

Ele ofereceu a mão a Marina para ajudá-la a subir a bordo e, no momento em que ela segurou aquela mão, pensou nele como tinha pensado nos Bovender. Tudo ficaria melhor se Milton simplesmente embarcasse com eles.

A Dra. Swenson bateu de leve no ombro de Easter e apontou para as cordas; o menino pulou para fora do barco e as desatou. Prendeu os dedos dos pés na beirada do cais e empurrou o barco. O barco foi tão longe que por um terrível instante Marina pensou que o menino não viajaria com elas, mas então ele deu um salto, como se os ossos infantis tivessem molas, e aterrissou com os pés no chão da balsa.

— Boa viagem — desejou Milton e acenou para eles.

Ele era a única pessoa no cais e ficou parado ali como se eles estivessem a bordo do *Lusitania*. Acenava com um movimento para que eles voltassem, e não para que seguissem.

Easter estava firme no leme agora. A criança pilotou o barco adiante para a correnteza levemente encrespada, os olhos atentos à medida que examinava o vasto horizonte. A salvo sob a cobertura, a Dra. Swenson fechou o guarda-sol. Marina deixou a bolsa cair a seus pés e se segurou no parapeito. Milton ia desaparecendo, mas permanecia no mesmo local, o braço levantado enquanto sua figura ficava cada vez menor. Querido Milton. Ela acenou de volta. Ela não tinha deixado claro quanto estava grata a ele. Após tantas horas vazias para gastar com qualquer conversa, eles tinham partido em questão de minutos sem discutir para onde estavam indo, quanto tempo levariam para chegar ou quando pensavam em retornar. Porém, de alguma maneira, nada disso importava mais. Marina não tinha concebido a imensidão do rio antes de estar nele. O céu se estendia com nuvens brancas que se amontoavam e se dispersavam, a depender da direção para onde ela se voltava. Algumas nuvens cobriram o sol. Assim, por

alguns momentos, a temperatura ficou mais amena e a brisa do movimento manteve os insetos longe deles. Os pássaros disparavam das margens e cruzavam as águas. Marina pensou em Anders na proa, os binóculos levantados. Como ele devia ter ficado alegre por finalmente deixar a cidade. Marina nunca teria acreditado nisso até ela própria estar no barco, mas a água era um imenso alívio.

— Lindo — falou ela para a única pessoa ali que podia ouvi-la.

— Sempre nos sentimos bem quando vamos para casa — disse a Dra. Swenson.

SEIS

Havia tráfego no rio Negro, barcas e rebocadores, táxis aquáticos com telhados de palha apodrecida onde pássaros faziam seus ninhos, canoas feitas de um tronco só levando famílias inteiras — irmãs com bebês, irmãos, primos, avôs e tias segurando guarda-chuvas abertos, tantas pessoas abarrotadas na mesma embarcação que a borda ficava quase no nível da água marrom enquanto, atrás, um homem remava cuidadosamente. Os barcos menores ficavam próximos à margem enquanto um navio de cruzeiro, branco como os uniformes dos marinheiros, agitava o corredor central. Easter permanecia sempre alerta, os cabelos úmidos ao vento, os olhos observando de um lado a outro lentamente. Ele puxava o manete para diminuir a esteira provocada por seu barco em consideração às embarcações menores e acenava aos barcos maiores, que faziam o mesmo para ele. Cada manifestação dessas pertencia a um mundo organizado. Depois, o garoto se virava, olhava o que se passava às suas costas e acenava com a cabeça para Marina e para a Dra. Swenson, que retribuíam o cumprimento.

— Ele dirige por todo o caminho? — perguntou Marina, sem ter ideia da distância que iriam percorrer.

A Dra. Swenson confirmou.

— Ele gosta. — Ela estava sentada em uma caixa contendo comida enlatada, ao passo que Marina permanecia de pé. — Que menino não gostaria de pilotar um barco? Isso confere a ele uma reputação na tribo. Eu piloto ou ele pilota, mais ninguém. Alguns homens chegaram a ter barcos a motor que negociaram ao longo dos anos, mas nunca pilotaram uma embarcação como esta. Isso faz com que eles mostrem respeito porque veem o quanto confio em Easter. Ele sabe cuidar do motor também, já entendeu como funciona.

Marina não sabia julgar muito bem as crianças, mas diria que Easter parecia muito novo para comandar um barco, para consertar um motor ou para andar sozinho na cidade à noite, apesar de ela ter visto, cerca de um quilômetro antes, uma criança sozinha em uma canoa de tamanho proporcional. A criança não

devia ter mais de 5 anos e mantinha um arpão repousando na proa e o remo equilibrado no movimento de entrar e sair da água.

— Quantos anos tem Easter?

A Dra. Swenson olhou de soslaio para Marina.

— Devo perguntar a ele?

Se a Dra. Swenson não havia mudado com o tempo, com a experiência, com a geografia ou com o clima, seria possível que também Marina não houvesse mudado substancialmente? Era ela a mesma pessoa que fora na faculdade de medicina ou na escola?

— Desculpe — disse Marina, e então tentou recomeçar a pergunta. — Não sei nada sobre os lakashi além do que você escreveu, e você não escreveu nada sobre a habilidade deles em contar o tempo. Alguém sabe quantos anos alguém tem? Os pais dele sabem?

— Você não para de fazer suposições, Dra. Singh. É um hábito seu? Posso dizer uma coisa que eu admirava no Dr. Eckman: ele não tirava conclusões precipitadas. Uma mente realmente aberta é o bem mais precioso de um cientista. Ele devia ser muito cauteloso como pesquisador. Se as circunstâncias tivessem sido diferentes, eu me imaginaria pedindo que ele ficasse.

Marina não ficou nem um pouco insegura com os elogios a Anders. Conhecia o papel dos elogios na pedagogia da Dra. Swenson: ela os usava não para enaltecer alguém, mas para denegrir outra pessoa. Só sentiu pena de não poder repeti-los a Anders, que sem dúvida ficaria surpreso de ouvir aquela gentileza após sua morte.

— Você, no entanto, supõe que Easter é um lakashi. Ele não é. Obviamente não posso ter certeza de onde ele vem, já que ele simplesmente apareceu no acampamento uma manhã e não falava nem escutava. Se eu fosse seguir seu exemplo, suporia que ele é um hummocca, com base no formato de sua cabeça e na anatomia das cavidades nasais. Os hummocca têm cavidades nasais menos pronunciadas do que os lakashi. O rosto deles tem mais curvas, não é tão chato, mas a diferença é sutil. Os hummocca são, em geral, menores, e isso vai ao encontro da nossa questão original sobre a idade dele. Digo tudo isso com base em um único e desagradável encontro com a tribo muitos anos atrás. Mesmo assim, acho que o medo pode aumentar o poder de observação a um ponto de

grande clareza. Eu me lembro das cabeças dos hummocca muito nitidamente, quase como se eu tivesse dissecado uma delas.

Um barco turístico de convés duplo deslizou ao lado sem diminuir a velocidade e, por um momento, eles foram pegos pela agitada esteira. Enquanto eram arremessados para a frente e para trás, como um barril rolando devido às pequenas ondas, Marina agarrou-se a um mastro, e Easter levantou a mão fechada para o barco maior. Um turista no andar de cima apontou a câmera em sua direção. A Dra. Swenson abaixou a cabeça por um instante, como se, com o poder de sua mente, desejasse que o outro barco afundasse.

Depois que a pior parte da ondulação passou, a Dra. Swenson levantou a cabeça, os olhos azuis brilhantes e cercados de suor.

— Vale a pena comprar uma balsa — disse ela, respirando um pouco ofegante, como se estivesse se esforçando para não vomitar. — Você não pode imaginar a força com que essas ondas poderiam nos atingir se não estivéssemos em uma embarcação como esta. Mas eu estava chegando ao ponto: Easter é uma criança muito pequena. Eu iria além e diria que ele tem um desenvolvimento retardado, o que poderia ter sido causado por má nutrição. Parece bem possível que ninguém quisesse dar muito dos recursos da tribo a uma criança surda. Ou, se uma doença foi a causa de sua surdez, pode ser que ela também tenha influenciado em seu crescimento. Mas estou me desviando e fazendo conjecturas, o que nunca ajuda. Dadas suas habilidades e sua capacidade para aprender, imagino que ele tenha uns 12 anos e uma inteligência normal, ou talvez acima da média. Terei um julgamento mais preciso quando ele atingir a puberdade. O começo da puberdade nos meninos lakashi se dá consistentemente entre 13,2 e 13,8 anos, uma janela bem mais estreita do que a dos meninos americanos. Receio que nunca saberei se o mesmo ocorre com os hummocca. Você tem filhos, Dra. Singh?

Marina estava pelo menos três perguntas atrás. Ela queria muito saber do encontro desagradável, mas, sentindo ter sido impelida à resposta mais fácil, somente balançou a cabeça.

— Não.

— Isso é bom. O Dr. Eckman não tinha que ter vindo até este lugar deixando três filhos para trás. Você é casada?

— Não.

— Que bom de novo. — A Dra. Swenson demonstrou sua aprovação com a cabeça antes de virar o rosto em direção ao vento. O céu estava azul sobre o rio em ambas as infindáveis direções. — Este negócio é para solteironas, e não estou falando de maneira pejorativa, sendo eu mesma uma delas. Eu me sinto melhor com sua presença no barco sabendo dessas circunstâncias.

Falando em suposições, que circunstâncias estariam mais propícias pelo fato de ela ser solteira e sem filhos? Isso queria dizer que ninguém sentiria terrivelmente sua falta se ela morresse, que não haveria as mesmas complicações trazidas pela morte do Dr. Eckman? Marina não disse uma palavra, mas se sentou no deque perto do pé da Dra. Swenson. O sol entrava por baixo do toldo do barco, e ela queria mais sombra.

A Dra. Swenson inclinou-se para o lado e bateu na caixa de comida enlatada com a mão aberta.

— Prefiro sentar em uma caixa. Caixas não protegem das baratas, mas gosto de pensar que mandam uma mensagem: “Estamos em outro nível.” Tem uma caixa contendo suco de grapefruit aqui. Eu recomendaria.

Obedientemente, Marina levantou-se, empurrou a caixa de suco para a frente e se sentou nela. O barco passou por várias casas abertas construídas sobre palafitas. Muitas crianças, todas parecendo pequenas demais para estarem sozinhas na água, acenavam de pé, com água até a cintura.

— Quanto aos pais de Easter... — A Dra. Swenson parou de falar e olhou para as pequenas costas do capitão. Ela balançou a cabeça. — *Pais* me parece uma palavra muito sentimental para ser usada neste caso. O homem que inseminou a mulher, a mulher que expulsou a criança de seu corpo, os outros membros da tribo que podem ou não ter tentando criar aquela criança quando o par original falhou em suas responsabilidades: seus pais não estiveram em evidência. Os hummocca deixaram para os lakashi, que, considerando sua natureza, me impressionaram com um surpreendente ato de humanidade. Eu achava que eles fossem mais inclinados a abandonar a criança na floresta até que morresse de fome ou fosse devorada. Tudo isso é para dizer que ele está comigo há oito anos, completados na Páscoa. Acho que eu sou seus pais.

— Parece que os hummocca poderiam ter deixado Easter com você, então, e não com os lakashi, assumindo que eles sabiam que você estava lá.

Marina percebeu que havia feito outra suposição assim que a frase saiu de sua boca, mas essa a Dra. Swenson deixou passar.

— Certo, eles sabiam que eu estava lá — disse ela, assentindo com a cabeça. — No fim, todos sabem de tudo. No começo, a pessoa acredita estar isolada na floresta, mas não é o caso. As novidades viajam entre as tribos, embora eu nunca tenha descoberto como isso ocorre, já que muitas delas se recusam a se comunicar com as outras. Daria um excelente tópico de tese, caso você se interesse um dia em levar seus estudos adiante. — Marina poderia ter mencionado seu doutorado, assim como seu mestrado, mas não houve um vislumbre de pausa. — Eu diria que são os macacos — continuou a Dra. Swenson —, mas tendo a culpar os macacos por tudo. "Uma mulher branca vivendo com os lakashi." Notícias como essa correm o rio em questão de horas. E então, uma tarde, um garoto está cortando uma árvore com um facão e, quando lança o braço para trás, enterra a lâmina na cabeça da irmã. É incrível como esse tipo de evento não acontece a cada quinze minutos por aqui. Então encontrei uma agulha e alguma linha na minha bolsa e costurei a garota. Era muito sangue, ela era do tipo que sangra muito, mas nem se precisa cursar medicina para suturar uma cabeça. Não foram necessários muitos eventos como esse, uma mordida de cobra, um parto pélvico, e subitamente o Brasil inteiro sabe que existe uma médica disponível do outro lado do rio Negro. Agora, você deve entender isso, Dra. Singh, pois poucas pessoas entendem: não sou dos Médicos Sem Fronteiras. Não vim à Amazônia para ser médica de família. Sou simplesmente uma pessoa que cometeu certos erros no início. Eles não me conheciam como médica quando cheguei. Os lakashi me conheciam como alguém que pertencia ao grupo do Dr. Rapp. Pensavam que eu fosse como o Dr. Rapp, que eu estivesse lá pela flora, não por eles. Nos primeiros anos em que vim sozinha, ficavam me trazendo cogumelos e fungos variados para que eu olhasse. Arrastaram tantos troncos enormes de árvores podres ao acampamento que levariam qualquer sociedade micológica ao delírio. O fato de eu tomar suas temperaturas, colher amostras de sangue e medir as crianças passava totalmente despercebido, eles continuavam a me ver como a pessoa que conheceram desde o princípio: uma extensão do Dr. Rapp. E era minha intenção ser como ele, flutuar nas percepções equivocadas, mas então suturei a cabeça da garota. Foi um erro fatal. Logo em seguida começaram a aparecer pessoas doentes, levadas

rio acima para receber meus cuidados, e uma criança surda foi deixada comigo para que eu tomasse conta.

A criança surda fora com ela até a cidade. Guiara sua convidada até o restaurante depois da ópera, carregara o barco com as caixas e pilotara o barco pelo rio. A criança surda tinha sua utilidade.

— Qual teria sido a alternativa? — perguntou Marina. — Voltando à garota.

— A acidentada. A pergunta é: você escolhe perturbar o mundo ao seu redor ou escolhe deixar esse mundo como se você nunca houvesse passado por lá? É assim que se respeita o povo indígena. Se você prestar alguma atenção, vai perceber que nunca poderia converter os indígenas ao seu estilo de vida. Eles são uma gente intratável. Qualquer progresso que você leve até eles será desfeito antes que vire as costas. Seria melhor vir até aqui para desencurvar o rio. A questão, então, é observar a vida que eles levam e aprender com ela.

Marina sentiu-se completamente impassível.

— Então volte no tempo, pense de novo: uma criança está na sua frente com um facão na cabeça. O que você faz?

Quanto mais eles avançavam no rio, menos barcos viam. De tempos em tempos, ainda havia um grupo de pessoas, a maioria formada por crianças muito pequenas, aglomerando-se na margem, mas que estavam rareando. Marina sentiu-se bem por fazer a pergunta duas vezes. Era algo que ela nunca teria conseguido no passado.

— Esse é um floreio comovente, Dra. Singh. Eu por acaso disse que a criança tinha um facão na cabeça? Eu disse que tinha um corte. Não havia dúvidas de que tinha uma fratura no crânio. Retirei fragmentos do osso com as pinças, mas não podia fazer mais nada. Se ela estava drenando líquido cerebral espinal, não foi na minha frente. Suturei, apliquei uma pomada antibiótica... Vivas para mim, agora posso atingir suas expectativas de decência, a não ser que suas expectativas incluíssem o fato de eu levar a menina até Manaus para fazer um raio X. Porém, essas ações que você admira não são pensadas, mas automáticas, são as ações que eu trouxe comigo na minha experiência de médica ocidental. A pergunta que você deveria fazer era o que aconteceria à garota se eu não estivesse lá. Havia alguém na tribo que já lidava com essas situações antes de mim, e imagino que ele, no caso era um homem, usaria os recursos disponíveis para ajudar. Seria uma agulha estéril? Não creio. Ela teria morrido?

Não temos como saber. E, enquanto você está preocupada com essas suas questões morais, faça a si mesma a seguinte pergunta: depois que eu for embora, o que vai acontecer com uma menina que tem a cabeça cortada pelo irmão? A tribo ainda terá fé no homem que costurava cabeças antes de mim? Ele vai manter suas habilidades ou estará ocupado demais olhando as minhas? Não pretendo ficar aqui para sempre.

— O tal homem que conserta a cabeça da garota, esse que você está respeitando, você acha que os métodos dele são tão bem-sucedidos quanto os seus?

— Agora você está sendo propositalmente ridícula. Tenho muito pouco respeito pelo que se passa como ciência por aqui. Não há nada que um ocidental aprecie mais do que a ideia de ser curado por tinturas feitas com raízes fervidas. Eles pensam que este lugar é uma espécie de tesouro mágico da medicina, mas, na maior parte das vezes, os tratamentos aqui consistem de uma tagarelice pobre passada de geração para geração por pessoas que sabiam muito pouco para pessoas que sabem menos ainda. Há muito que se levar da floresta, é claro... estou aqui para desenvolver uma droga... mas, na maioria dos casos, as plantas são tão inúteis quanto as begônias que crescem num vaso na janela da sua cozinha. As plantas que têm potencial só podem ser medicinais quando usadas apropriadamente. Para essas pessoas, não há conceito de dosagem nem duração de tratamento. Quando algo funciona, me parece uma espécie de milagre.

Marina lembrou-se do copo de lama preparado pelo pajé que a Sra. Bovender levara para ela e se perguntou se Barbara também não passava de uma ocidental encantada pelos poderes das plantas fervidas. Ela nunca admitiria aquela cura agora.

A Dra. Swenson iluminou-se por um instante.

— Vou lhe dizer que os nativos têm algo genial: os venenos. Existem por aqui plantas tão variadas, insetos e répteis capazes de matar uma pessoa que parece que qualquer idiota poderia fazer um composto capaz de derrubar um elefante. De resto, o povo sobrevive apesar dos cuidados que recebe. O ser humano é resiliente demais para que as coisas aconteçam de forma diferente. Não é meu dever me intrometer.

— Entendo sua visão. É só que acredito que naquele momento, com a criança e o sangue, seria difícil não agir.

— Então talvez me sobre mais tempo com você lá. Vou mandar para você diariamente as emergências médicas.

Marina riu.

— Acho que eles estariam melhores com os cuidados médicos locais. Não faço uma sutura há quase quinze anos. — De repente, Marina percebeu que não conseguia se lembrar de suturar a última mulher que tinha operado. Ela se lembrava de levantar a criança e, nesse instante, perceber o que havia feito. Ela se lembrava de uma das enfermeiras levando o bebê embora, mas o que tinha acontecido depois daquilo? Onde estava a agulha? Ela não deixou a paciente lá, o útero e o abdômen abertos para o mundo, mas não conseguia achar em sua memória a lembrança de tê-la fechado.

— O conhecimento volta bem rápido — disse a Dra. Swenson. — Você foi minha aluna. Acredite em mim, eu martelei isso aí dentro.

Marina ainda buscava a conclusão da cirurgia na memória quando lhe veio outro pensamento.

— E o Dr. Rapp?

— O que tem ele?

— Ele teria suturado a cabeça da garota?

A Dra. Swenson bufou.

— Muito provavelmente não, e não porque ele não fosse médico. Ele tinha um perfeito entendimento da fisiologia humana e as mãos mais firmes que já vi na vida. Ele poderia enxertar uma veia com a luz da fogueira do acampamento se julgasse necessário. Mas o Dr. Rapp não tinha qualquer noção de autoenaltecimento sobre seu papel na tribo. Nunca tentou ser o grande herói branco. Nunca levou um único espécime além do absolutamente necessário. Ele não desorganizava nada.

— Então ele a deixaria sangrar até morrer.

— Ele teria respeitado a ordem que estava em vigor.

Marina aquiesceu, pensando que talvez tivesse mais sorte do que pensava, encontrando-se em uma expedição e ainda sendo capaz de cometer erros por compaixão.

— O Dr. Rapp ainda está vivo?

Era melhor ter perguntado se o presidente Kennedy havia sobrevivido ao atentado.

— Você lê, Dra. Singh? Vive neste mundo?

Era uma ótima pergunta para uma mulher num barco que a levava por um rio ao coração de lugar nenhum.

— É claro.

A Dra. Swenson suspirou e balançou a cabeça.

— O Dr. Rapp morreu há nove anos. Vai completar dez anos em agosto.

Marina, sentindo o desgosto da outra, disse que sentia muito por ouvir isso e a Dra. Swenson agradeceu.

— Você estudava micologia na época? Foi assim que veio a trabalhar com o Dr. Rapp?

Parecia possível, afinal; qualquer coisa era possível. Ela poderia ter ido trabalhar ali como espiã da CIA.

— Eu era aluna do Dr. Rapp e nunca era possível saber onde seriam suas aulas. Eu o segui pela África e pela Indonésia, mas foi na Amazônia que ele realizou seu trabalho mais importante. O que interessava a ele era a botânica, e eu estava livre para estudar a obra de uma mente realmente científica. Como aluna de graduação em Radcliffe, eu não podia assistir às aulas dele em Harvard. A universidade não apoiaria algo tão radical assim, mas o Dr. Rapp me deixava acompanhá-lo em suas expedições. Ele foi o primeiro professor que encontrei que não via limitações nas mulheres. Na verdade, foi o único.

Elas ficaram em silêncio por um longo tempo depois disso, as duas observando os diferentes aspectos da floresta enquanto passavam por ela, o mesmo cenário indefinidamente reciclado. Duas horas depois, Easter deixou a proteção da margem direita do rio e cruzou a extensão do Negro para a esquerda. Então ele seguiu por um afluente que parecia a Marina, de todas as maneiras possíveis, igual aos outros incontáveis afluentes pelos quais eles haviam passado, e, embora não houvesse qualquer sinalização, aquele era a saída da estrada interestadual, que provavelmente os levaria à rua onde a Dra. Swenson morava. Nenhum outro barco os seguiu, apesar de a entrada ser ampla na embocadura. Em questão de minutos, o rio sem nome ficou estreito, o verde surgiu atrás deles como uma cortina e o rio Negro desapareceu. Marina havia pensado que a linha importante a se cruzar era entre as docas e o barco, a terra e a água. Pensara que a água era a linha onde a civilização acabava. No entanto, à medida que deslizavam entre as duas grossas paredes de vegetação viva, ela

percebia que estava em outro mundo e que veria a civilização desaparecer de novo e de novo antes de chegarem ao destino final. Tudo o que Marina podia ver era o verde. O céu, a água, as cascas das árvores: tudo o que não era verde virava verde. *Toda de verde, meu amor seguia cavalgando.*

A Dra. Swenson anunciou que estava na hora do almoço.

— O garoto merece um descanso. Ele fica ali em pé de maneira tão rígida que, se alguém jogasse um caroço de fruta nele, acho que ele se despedaçaria. Não há jeito de comunicar a uma pessoa que ela precisa relaxar, entende? Você pode sacudir os braços, girar o pescoço, e tudo parece sem sentido. — A Dra. Swenson colocou as mãos nas coxas e se esticou, mas não levantou. Ela estava mais redonda do que na época de Baltimore, e o peso e o longo tempo sentada pareciam tê-la amarrado à caixa em que estava. Até onde Marina podia calcular, a Dra. Swenson estaria na casa dos 70 anos. Era possível, nesse ponto, que até aquela incrível mulher estivesse cansada. Marina levantou-se e lhe estendeu a mão. A Dra. Swenson esfregou os joelhos por um minuto, olhando fixamente para longe, e então aceitou a oferta. — Obrigada pela ajuda — Ela se levantou e soltou a mão de Marina. — Hoje em dia é diferente. Mesmo com tudo o que sei sobre o corpo humano, ainda assim não é como eu esperava. — Ela foi até Easter e deu um tapinha nas costas dele; depois, fez um movimento de curva com o pulso e apontou para a margem. Ele assentiu, mantendo os olhos à frente. — Ele não vai parar imediatamente — avisou a Dra. Swenson, voltando para perto de Marina. — Há um lugar para onde que ele gosta de ir, onde consegue amarrar o barco a uma árvore. A âncora o deixa nervoso. Não é confiável. Uma vez, ele a deixou cair e tivemos um trabalho dos diabos para içá-la de volta ao barco. Existem muitas coisas neste rio para se agarrarem em uma âncora.

Marina olhou para além da lateral do barco. Ela nem conseguia imaginar.

— Há quanto tempo você vem aqui?

— O Dr. Rapp foi o primeiro a encontrar os lakashi — a Dra. Swenson virou a cabeça para trás, olhando as copas das árvores —, há cinquenta anos, eu acho. Eu estava naquela viagem, participando do palco da história. Lembro-me de descer este mesmo rio pela primeira vez. Foi um dia glorioso. Eu não tinha ideia de que voltaria aqui pelo resto da minha vida.

— Não parece que as coisas por aqui tenham mudado muito — observou Marina, olhando para a margem do rio e a parede compacta de plantas, nem uma

única pessoa à vista agora, nem uma cabana, um barco, em qualquer direção.

— Não se engane pelo cenário — alertou a Dra. Swenson. — As coisas eram diferentes naquela época. Não se dava uma volta e encontrava um quilômetro quadrado de floresta queimada transformada em campo. Não se via a fumaça constante como vemos agora. E os lakashi, mesmo eles eram diferentes. Eles perdem suas habilidades na velocidade com que a bacia amazônica perde floresta. Eles costumavam fazer suas próprias cordas, teciam os panos. Agora também dão um jeito de comprar coisas. Cortam duas ou três árvores e as amarram juntas, levam os troncos flutuando até Manaus e os vendem. Isso dá dinheiro suficiente para a querosene e o sal, um táxi aquático de volta para casa e talvez um pouco de rum se conseguem fechar um bom negócio, mas, na maioria das vezes, eles são terríveis em negociações. Pegam roupas na cidade, o lixo que os americanos largam nas caixas coletoras do Exército da Salvação. Há muitos anos, em uma de minhas visitas, o homem mais velho da tribo, Josie, encontrou-me no cais vestindo uma camiseta da Johns Hopkins. Eu tinha dado minha aula para a turma da manhã e pegado um voo direto para o Brasil, tinha navegado rio abaixo por meia dúzia de bifurcações para ser recebida por um homem com a camiseta da universidade! — Ela balançou a cabeça ao se lembrar da cena. — Santo Deus, como ele tinha orgulho daquela camiseta! Usava-a todos os dias. Na verdade, foi enterrado com ela.

— Então você lecionava a semana toda, via os pacientes e então voava para cá nos fins de semana?

— Não em todos os fins de semana, nada assim, apesar da minha vontade de vir, se tivesse tempo e dinheiro suficientes. Havia muito trabalho a ser feito por aqui. Eu partia tarde da noite na quinta-feira, depois da última aula. Às sextas, eu só tinha de estar disponível para orientação, mas nunca comparecia. Nunca acreditei nesse tipo de orientação. As perguntas dos alunos são para o benefício de todos os seus colegas, não apenas para aquele que está levantando a mão. Se a pessoa não tem energia para levantar a mão em sala de aula e admitir o que não está entendendo, então não tenho tempo para lhe explicar. Se não tiver uma política contra esse tipo de besteira, você pode acabar com uma dúzia de coelhos tímidos fazendo fila no corredor do lado fora da sala do professor, todos esperando para sussurrar a mesma pergunta imbecil no seu ouvido.

Marina lembrava-se claramente de ser, ela mesma, um desses coelhos de sexta à tarde, esperando por horas na cadeira ao lado da porta da sala de professores até outro aluno que estivesse passando pelo corredor ter a decência de explicar que ela estava aguardando à toa.

— O departamento não se importava de você não cumprir as horas?

A Dra. Swenson abaixou o queixo.

— Você frequentou uma escola confessional quando criança, Dra. Singh?

— Escola pública — respondeu Marina. — E então você voltava no domingo e dava aula na segunda?

— A volta era muito cansativa. Eu chegava na segunda de manhã e tomava um táxi direto para o campus. — Ela esticou os braços para cima, os fios arrepiados do cabelo branco apontando para todas as direções. — Eu nunca estava na minha melhor forma às segundas-feiras.

— Pois nunca notei.

— Preciso dar crédito ao seu Sr. Fox por isso: ele me deu a possibilidade de ficar aqui e fazer meu trabalho. Não posso dizer que não me perturbe, já que ele tenta fazer isso com todas as suas forças, mas estou livre da loucura que acompanha a tentativa de conduzir uma pesquisa relevante quando seus sujeitos estão em outro país. Agora já estou por aqui há dez anos seguidos. Nos primeiros três, eu ia juntando financiamentos, mas a procura constante por verbas consumia mais tempo do que ir e vir de avião para dar aulas. Não havia uma grande empresa farmacêutica no mundo que não estivesse interessada em pagar essa conta, mas, no final, a Vogel venceu. Dou o crédito quando é merecido.

Easter desacelerou o barco e o pôs em reverso, o que criou uma espécie de calmaria encrespada. Ele dirigiu a embarcação para o interior do que parecia uma pequena reentrância na sólida parede de árvores, pegou a corda que já estava na mão e a arremessou para um galho suspenso sobre a água que parecia ter um ângulo melhor do que todos os outros.

— Bem, isso deu muito certo — comentou Marina quando a corda se ajustou de modo seguro. Ela preferia conversar sobre galhos e cordas do que sobre o *seu Sr. Fox*.

— Sempre dá certo. É a árvore de Easter. A que ele espera. Ele sabe exatamente aonde ir.

Marina girou em um círculo lento. Milhares de árvores, centenas de milhares de árvores até onde sua vista alcançava, nos dois lados do rio, sem uma única clareira. Galhos *ad infinitum*, folhas em profusão.

— Ele se lembra de um galho específico? Não entendo como pode ser possível lembrar-se de um galho específico por aqui.

De tempos em tempos, bandos de pássaros irrompiam do emaranhado de verde, emitindo sons agudos, mas a floresta parecia tão impenetrável que Marina não conseguia imaginar como os pássaros conseguiam voar por entre as árvores. Como um deles conseguia voltar para o ninho? Como Easter conseguia se lembrar do melhor lugar para amarrar o barco?

— Eu já havia observado que Easter se lembra de tudo — disse a Dra. Swenson. — Quando afirmei que acredito que a inteligência dele é acima da média, não foi por mero sentimentalismo.

Cada movimento do garoto foi realizado com uma elegante eficiência: ele desligou o motor, fez um nó e se virou para fazer um sinal à Dra. Swenson.

— Muito bem — elogiou ela, levantando os dois polegares.

Easter sorriu. No momento em que estavam apropriadamente atracados, ele voltou a ser uma criança, aquela que Marina vira pela primeira vez do lado de fora do teatro, aquela que Jackie pegou no colo. O barco agora era responsabilidade da árvore e, por enquanto, ele podia se desligar. Ele apontou para a água e olhou de novo para a Dra. Swenson. Ela assentiu e, com a mesma rapidez com que ela balançou a cabeça, o menino tirou a camiseta, mostrando a macia pele marrom do peito, o torso muito fino. Escalou duas caixas de latas de pêssego e, voando por cima das cordas que funcionavam como amurada, lançou o corpo como um foguete, para cima e para a frente, para cima e para fora, dando um mergulho retumbante na água marrom, os joelhos no peito, o queixo para dentro, os braços erguidos para a luz. E então sumiu.

Marina encontrava-se a quase dois passos da extremidade do barco, e a Dra. Swenson estava ocupada procurando algo dentro de uma sacola de papel pardo. A água permanecia aveludada, inalterada pelo peso de um garoto tão pequeno. Nem se deu o trabalho de dar um reflexo, como em geral a água faz. Não havia nada na superfície e nada sob ela.

— Onde ele está? — Marina gritou.

— Ah, isso faz parte da brincadeira. Ele pensa que está me matando de pavor. Essa é a grande diversão. — A Dra. Swenson vasculhava em uma sacola de itens avulsos. — Você gosta de manteiga de amendoim? Parece que os americanos são todos alérgicos a amendoim hoje em dia.

— Não consigo vê-lo!

A água parecia impenetrável como a própria terra. O garoto tinha sido engolido inteiro, um peixe, um pensamento.

A Dra. Swenson levantou a cabeça e, olhando na direção de Marina, suspirou.

— É uma grande tentação provocar você, Dra. Singh. Sua seriedade a torna muito vulnerável, tenho certeza. Essa criança tem os pulmões de um mergulhador japonês caçador de pérolas. Ele vai submergir a dois terços do caminho em uma linha direta com o barco. — Ela esperou e contou. — Agora.

E de fato surgiu a cabeça do menino, que jogou os cabelos molhados para o lado, levantou a mão e acenou. A luz refletida em seu rosto o deixava dourado. Mesmo àquela distância, ela podia ver a enorme inalação que ele deu antes de mergulhar de novo, dessa vez batendo as pernas por último, de modo que a luz destacou as solas cor-de-rosa dos pés do menino antes que desaparecessem. Marina afundou na caixa de pêssegos em calda, o lugar de onde aqueles pés haviam tão recentemente sido catapultados, e chorou.

— Manteiga de amendoim e geleia — falou a Dra. Swenson, arrumando seis fatias de pão sobre a tampa de uma caixa como se fosse um jogo de pôquer. Ela torceu o saco plástico, fechou-o com um pedaço de arame e pegou uma faca gasta com a lâmina comprida. Enfiou a faca no pote de geleia. — Rodrigo vende produtos Wilkin & Sons. Aí está um homem que sabe manter a clientela. A gente subestima o prazer da geleia até se separar dela. Aproveite bem seu pão. Quando acabar, acabou, não tem mais. Não é possível guardar. Eu trago fermento e eles assam alguns pães, mas não tem quase nada em comum com os comprados prontos. Devo confessar que este aqui está delicioso.

Marina havia pensado que ele estava morto e o mais estúpido é que não conseguia controlar seu pensamento. É claro que o garoto sabia mergulhar, sabia nadar. Ele voltaria para o barco e as levaria aonde precisassem ir. Como ela havia se tornado tão dependente de uma criança surda em menos de 24 horas? Afinal, por que estava chorando?

— Controle-se, Dra. Singh — disse a Dra. Swenson, mantendo a atenção fixa na distribuição exata da manteiga de amendoim sobre o pão. — Ele vai voltar para o barco em um minuto e vai ficar muito aflito por vê-la descontrolada. Trata-se de uma criança surda. Ele faz de tudo para não nos lembrarmos disso; assim, é sua responsabilidade como adulta agir de acordo. Você não pode explicar a ele por que está chorando. Não inventei um sinal que signifique tolices; por isso, você não tem como dizer a ele que está sendo uma tola. Você vai assustar o menino; então, pare. — Easter agora estava na superfície fazendo um nado de costas extravagante e o som dos seus mergulhos acalmava as duas mulheres dentro do barco. Usando a mesma faca, a Dra. Swenson cortou os sanduíches em triângulos e os deixou sobre a caixa. — Venha e pegue seu almoço. — Era mais uma ordem do que um convite.

Marina esfregou os olhos na manga da camisa.

— Fiquei muito assustada. Só isso — justificou-se. Nem sua voz nem sua explicação soaram convincentes.

— Ainda nem chegamos — disse a Dra. Swenson, pegando um triângulo de sanduíche. — Você vai ter de endurecer ou então, e tomo Deus por testemunha, vou desembarcar você na beira do rio aqui mesmo. Existem coisas mais amedrontadoras na floresta do que um menino nadando em um trecho calmo do rio.

Depois de Easter voltar ao barco, liso e úmido como uma foca, e os sanduíches acabarem (ele segurou o pote de manteiga de amendoim com tanta afeição que a Dra. Swenson concordou em preparar outro sanduíche), anunciou-se que era hora da soneca.

— A sesta — explicou a Dra. Swenson, batendo palmas. Dito em português, parecia algo essencial. — Dizem que a sesta é um dos poucos presentes que os europeus trouxeram à América do Sul, mas imagino que os brasileiros poderiam ter descoberto como dormir à tarde sem precisarem passar por séculos de assassinatos e escravidão.

Ela bateu nas costas de Easter e apontou para um tronco baixo em frente ao leme. Depois fechou os olhos e descansou a cabeça nas mãos dobradas, em um gesto infantil. Após receber as instruções, o garoto puxou duas redes de uma caixa e as prendeu nas estacas sob a sombra do toldo do barco.

— Antes de vir para a floresta, eu não acreditava nessas sonecas — continuou a Dra. Swenson, escolhendo a rede perto do leme. — Pensava que era um sinal de fraqueza. Mas esta região pode transformar qualquer pessoa em um adepto da sesta. É importante prestar atenção ao que o corpo está nos dizendo. — Ela ajeitou-se no longo pedaço de tecido e, quando se deitou e levantou os pés, foi engolida pela rede. Marina fitou a antiga professora, agora dentro de um casulo de algodão listrado pendurado baixo, balançando de um lado para outro, a energia da mulher deitada criando o movimento. — Vá dormir agora, Dra. Singh — disse a voz abafada. — Fará muito bem aos seus nervos.

Era como se a Dra. Swenson tivesse sido varrida do barco, assim como Easter desaparecera quando mergulhara na água. Marina observou a rede até que o movimento parasse. Era como mágica: enrolar-se em um cobertor e desaparecer. A quietude advinda da ausência da Dra. Swenson era sutil, chegava aos poucos. Primeiro, Marina ouviu somente o silêncio, a falta de vozes humanas, mas, assim que seus ouvidos se acostumaram, outros sons começaram a surgir: o chilreio vindo da mata fechada, o gralhar das aves no topo das árvores, o tagarelar dos pequenos primatas, o zumbido incessante dos insetos. Não era muito diferente da abertura de uma ópera, em que um ouvido treinado poderia distinguir os flautins, a suave trompa francesa, uma única e marcante viola. Ela se inclinou para fora da sombra e olhou para o sol. Seu relógio marcava duas horas. Easter estava sentado no deque na frente de uma das muitas caixas que faziam as vezes de móveis, com uma caneta esferográfica na mão direita. Marina tocou a rede vazia e então apontou para ele. Uniu as mãos e descansou a cabeça sobre elas.

Easter balançou a cabeça, apontando para ela e para a rede. Ele fechou os olhos e baixou o queixo. Como ela permaneceu lá, olhando para ele, ele apontou de novo, dessa vez usando a caneta para enfatizar. Era ela quem deveria deitar na rede.

Não era má ideia. Ela estava cansada. Mesmo assim, tinha a sensação de insegurança. Será que alguém precisava ficar acordado e observar a floresta? Será que alguém não tinha de se certificar de que aquela criança não caísse do barco?

Easter levantou-se e esticou o tecido com as duas mãos, segurando-o aberto como um envelope e balançando a cabeça instrutivamente, como se talvez a

operação com a rede fosse confusa demais para ela. Então, ele ficaria de olho na floresta. Ele se asseguraria de que ela não caísse na água. Obedientemente, ela sentou-se, deitou-se e, quando estava instalada, Easter colocou a mão na sua testa e a manteve lá como se ela fosse uma criança doente. Ele sorriu para ela, que sorriu de volta e fechou os olhos. Estava em um barco, num rio, no Brasil. Estava na Amazônia tirando uma soneca com a Dra. Swenson.

Ela havia sido uma criança com muita imaginação, embora essa característica tivesse sido perdida após os anos estudando química inorgânica e mapeando lipídios. Nos dias de hoje, Marina confiava em dados, o mundo em que acreditava era aquele que podia ser medido. No entanto, mesmo com uma imaginação realmente magnífica, ela nunca se colocara no meio de uma floresta. Sentiu algo escorregar nas costelas. Um inseto? Uma gota de suor? Manteve-se inerte, olhando através da abertura na rede para a luz brilhante do dia à sua frente. O calor do meio do dia a prendia ao lugar. Ela pensou na faculdade de medicina, nos corredores fluorescentes daquele primeiro hospital, nas pilhas de livros que faziam suas costas doerem quando os carregava da biblioteca para casa. Se ela soubesse que a Dra. Swenson pegava o último voo para Manaus depois da aula de tecido endometrial às quintas-feiras, será que ela teria desejado ir junto? Ela teria se visto na Amazônia ao lado da professora, em uma expedição que avançava lentamente em nome da ciência? Decerto a Dra. Swenson não teve problemas se imaginando na Amazônia com o Dr. Rapp quando era estudante. Seria possível que ela conseguisse o mesmo? Marina tentou deslocar o coque para o lado, de maneira que não se deitasse diretamente sobre ele, e, ao fazer isso, provocou um suave balanço na rede. A resposta era não. Marina havia sido uma aluna muito boa, mas só levantava a mão quando tinha certeza da resposta. Ela não se destacava por rompantes brilhantes de inspiração, mas pelo trabalho árduo, como um cavalo arando a terra. Nas poucas ocasiões em que a Dra. Swenson a notara, tinha sido com aprovação, mas ela nunca conseguira se lembrar do nome de Marina.

Quando o balanço parou, Marina moveu os quadris para a frente e para trás a fim de recomeçar. Havia camadas sobre camadas de aromas dentro da rede: o cheiro de seu próprio suor, que trazia traços de sabonete e xampu; o cheiro da rede em si, que estava tanto descorada pelo mofo quanto ressecada pelo sol e exalava um leve odor de corda; o cheiro da embarcação, da gasolina e do óleo; e

o cheiro do mundo fora do barco, da água do rio e da grande variedade de folhas bombeando oxigênio para a atmosfera, a fotossíntese incansável das plantas transformando luz em energia, pensou, não que a fotossíntese tivesse um odor. Marina inalou profundamente, e o aroma do ar a relaxou. Juntos, todos esses elementos díspares se transformavam em algo intensamente prazeroso. Ela não teria imaginado que seria assim.

Fechou os olhos. Podia sentir o barco balançando suavemente na corrente do rio enquanto esticava a corda. Podia sentir o movimento leve e contínuo da água passando pelo barco e através dos mastros que seguravam a rede e, de lá, para dentro da rede e de seus ossos — e foi esse movimento que a fez dormir.

Seu pai estava lá, mas tinha muita pressa. Ela voltava para a universidade na companhia dele, que estava atrasado para a aula que daria, e as ruas de Calcutá formavam um nó humano, cada vez mais pessoas se empurrando para encontrar seu lugar na calçada, muitos alunos apressados para chegar às salas de aula. Ela segurava a mão dele de modo a não perdê-lo na multidão e pensava na imagem deles, os dois de mãos dadas. Quando uma mulher andando apressada na direção oposta com um saco de arroz na cabeça forçou caminho por entre eles, como se não houvesse outro lugar para passar, Marina agarrou-se nas costas do cinto do pai antes que ele tivesse a chance de escapar. Ela estava tentando ser esperta e superar o sonho. A essa altura, ela já sabia muito bem. Seu pai ia tão rápido! Ela olhava para a pequena região grisalha na parte de trás do cabelo dele, que ainda era bem espesso e quase todo preto, quando de repente um homem com um carrinho cheio de pneus de bicicleta correu até eles. Como ele conseguia se mover tão rápido naquela multidão? O sonho tinha como propósito suas próprias regras históricas — estava escrito que eles dois deviam se separar —, e então o homem forçou seu carrinho entre eles, como se quisesse passar através do braço dela. O golpe a atingiu com tanta velocidade que ela voou pelo ar. Era como um sonho e, no instante em que pairou sobre a multidão, pôde ver tudo, todas as pessoas e os animais, as cabanas medonhas que se alinhavam na estrada que dava para as mansões, os mendigos e suas tigelas, os portões da universidade, os ombros estreitos do pai enquanto ele era arremetido para a frente, livre do peso de Marina. Ela viu tudo, a impossibilidade de tudo, antes de cair na calçada, o peso total do seu corpo sobre um ombro.

— Foi uma cobra?! — gritou a Dra. Swenson para ela. — Você foi mordida, Dra. Singh?

Marina estava no deque do barco. A distância para cair era pequena. Quando suspensa na rede, ela não estava a mais de um metro do chão, mas parecia que o chão havia se levantado e tirado seu fôlego. Quando abriu os olhos, viu pés calçados com tênis e, ao lado deles, pequenos pés morenos. Levou outro minuto para respirar.

— Dra. Singh, me responda! Foi uma cobra?

— Não — respondeu Marina, a bochecha esquerda pressionando fortemente a madeira imunda.

— Então por que estava gritando?

O barco se movimentava agora, e a Dra. Swenson deu uma cutucada no ombro de Easter e apontou o leme. Eles haviam retomado a viagem em algum momento e, por um instante, ninguém estivera pilotando.

Ah, ela podia pensar em muitas razões para gritar e a menor delas talvez fosse o fogo em cada osso do lado esquerdo do seu corpo. Marina moveu-se cuidadosamente sobre suas costas. Mexeu os dedos da mão esquerda suavemente e depois explorou os diversos movimentos do pulso esquerdo. Mexeu os pés de um lado para outro para completar a averiguação. Nada quebrado. O tecido em que estivera dormindo agora estava pendurado logo acima de seu rosto.

— Tive um pesadelo.

A Dra. Swenson agarrou a rede da Dra. Singh e, após desenganchá-la da estaca, andou até o outro lado para retirá-la. Foi como se alguém tivesse aberto as cortinas. A luz do sol inundou sua visão. Sem querer, Marina tinha o olhar voltado para a bainha da camisa da Dra. Swenson e avistou a borda branca e macia da sua barriga aparecendo acima das calças compridas com cordões.

— Achei que você tivesse sido mordida por uma cobra.

— Sim, eu entendo.

Marina tremia levemente no calor. Ela fechou a mão direita, tentou sentir o cinto do pai.

— Havia jararacas nestes trechos e elas não são espertas para se prenderem nos galhos. É uma cobra tão estúpida quanto mortal. Todo mundo aqui conhece alguém que morreu ao pisar em uma jararaca. Elas ficam perfeitamente camufladas e não saem do caminho nem se fazem notar, a não ser quando

enterram os dentes no seu tornozelo. Uma vez, Easter me impediu de colocar o pé no meio de uma jararaca enrolada, no nosso acampamento. Devia ter dois metros de comprimento e não parecia muito diferente de uma pilha de folhas e detritos. Mesmo quando ele me mostrou, a princípio eu não a vi.

Ela parou e estremeceu.

— Eu estava quase pisando em uma cobra?

— Ocasionalmente, elas caem nos barcos — disse a Dra. Swenson sucintamente. — Gostam de ficar embaixo das coisas ou no meio delas. Uma rede seria um lugar razoável para uma cobra se esconder. Seus berros eram assustadores. Tive que tirar você de lá para ver se não havia uma cobra.

— Você virou a rede? — Marina havia suposto que caíra por causa do pesadelo.

— Claro que sim. Você esperava que eu encontrasse uma cobra sem acordar você?

Marina balançou a cabeça. Se houvesse uma cobra de dois metros na rede, jogá-la no chão e arremessar Marina por cima dela provavelmente não a salvaria da mordida, mas, em se tratando de cobras, as pessoas tomam decisões precipitadas. Ela fechou os olhos e os cobriu com as mãos. A Dra. Swenson teria imaginado que ela estava pensando na cobra, mas ela pensava no pai. Ninguém disse nada por um tempo, e então ela sentiu algo muito gelado batendo em seu ombro.

— Sente-se — disse a Dra. Swenson. — Beba uma garrafa de água. Sente-se agora. Há gelo no barco. Você quer gelo?

Marina balançou a cabeça.

— Gelo é um luxo restrito a este momento. Se quer gelo, esta é sua chance. Sente-se, Dra. Singh. Não aguento ver uma pessoa deitada no deque. É indigno. Você teve um pesadelo. Agora, sente-se e beba a água.

Marina sentou-se e, lembrando-se das baratas, se esgueirou de volta para cima da caixa de suco. Sua cabeça doía. Então ela notou que a caixa sobre a qual se sentava estava coberta de letras, as quais Marina tinha certeza de não estarem lá antes. Era um alfabeto em letra maiúscula de tamanho irregular — ou quase todo o alfabeto. Não havia a letra K e, quando ela mudou de posição, viu que o Q também não estava ali. Algumas letras, como A, estavam perfeitamente representadas, enquanto outras, como R e Z, haviam sido grafadas em sentido

contrário. No final da fileira de letras, havia duas palavras, EASTER e ANDERS, seguidas por um desenho rudimentar de um caracol. Marina tocou no nome de Anders.

— O que é isto?

— Isso é um dos muitos legados deixados por seu amigo, o Dr. Eckman. Tenho certeza de que há mais que ainda vou descobrir. No curto espaço de tempo em que ele esteve conosco, conseguiu ensinar a Easter as maneiras à mesa e o alfabeto, ou quase todo o alfabeto. Vejo que o K está faltando.

— E ele aprendeu a escrever seus nomes.

— Achei interessante serem essas as duas palavras escolhidas para ensinar ao garoto. Easter, bem, faz sentido, mas Anders? Só que ele estava bastante doente no final. Talvez sentisse que era uma maneira de ser lembrado.

Marina podia imaginá-lo sentando em um tronco, um bloco de papéis sobre os joelhos, Easter ao lado. É claro que ele podia ensinar a um menino como desenhar as letras. Ele havia feito isso três vezes antes. Não faria diferença para ele que Easter não escutasse. *Este é quem você é,* Anders diria, apontando para o nome do menino. Então apontaria para o próprio: *Este é quem eu sou*.

— O Dr. Eckman escreveu tudo para ele, uma espécie de projeto de estudo. Easter pratica constantemente. Deixei que ele ficasse com as canetas do Dr. Eckman quando ele morreu. Por um tempo, Easter ficou desenhando letras pelos braços e pernas, mas fiz com que ele parasse. Não sei quanta tinta é absorvida pela pele, e não deve ser bom para uma criança. É um mau hábito quando há tanto papel perfeitamente usável. Também não sei o que ele pensa que as letras são exatamente; assim mesmo, se lembra delas, de quase todas. E as coloca na ordem certa.

— Talvez ele pense nelas como algo que pertencia a Anders.

A Dra. Swenson assentiu. Ela olhou o garoto, que observava o rio.

— Easter grita quando dorme. São as únicas vezes em que ouço a sua voz. Às vezes passo meses sem ouvir seus gritos, mas, desde que o Dr. Eckman morreu, ele tem pesadelos todas as noites. E emite um som terrível. — A Dra. Swenson virou-se e fixou os olhos em Marina. — É uma pena que você não possa falar com ele sobre isso. É algo que vocês dois têm em comum. Suponho que a questão com você seja a mefloquina, e não que o Sr. Fox tenha me mandado uma médica com uma doença mental debilitante.

— Estou tomando Lariam.

Ela desejava poder levar a caixa de sucos para Karen, pois representava, considerando tudo, uma façanha notável.

— Já vi várias pessoas que gritam por aqui, mas nunca penso no Lariam. No momento, sempre acho que é uma cobra.

— Melhor se manter a salvo.

A Dra. Swenson concordou.

— O Lariam é para turistas, Dra. Singh. Sinceramente espero que você seja uma turista, que vá embora daqui na próxima canoa. Mas, antes, sugiro que jogue as pílulas no rio. Você acha que eu tomo Lariam? Uma pessoa não pode viver tendo pesadelos assustadores, paranoia e fantasias suicidas. A floresta já é complicada demais sem tudo isso.

— Não fiquei suicida.

— Ótimo, bom para você. Ainda pode ficar. Conheci um jovem que entrou no rio à noite e não saiu. Os nativos viram o rapaz e pensaram que ele estava indo nadar.

— Não tomo por gostar, acredite.

— Mais uma razão para não tomar. O medicamento afeta algumas pessoas de maneira muito séria. Eu diria, olhando o quadro, que você é uma delas.

Marina inspirou devagar, prendeu o ar e o liberou. Ela podia sentir que estava se reanimando, mesmo com o incômodo em seu braço aumentando.

— Mesmo assim, prefiro não pegar malária.

— Bem, eu não diria que seja inevitável. Eu nunca tive. Ou peguei uma vez, mas não foi aqui. E, afinal, tem cura.

— Anders estava tomando Lariam?

A Dra. Swenson colocou as mãos no cabelo e coçou o couro cabeludo com força.

— Ele não gritava enquanto dormia, então nunca tivemos a oportunidade de conversar sobre isso. Você está me perguntando se o Dr. Eckman morreu de malária?

Não era isso que ela havia perguntado, apesar de ser uma indagação perfeitamente razoável.

— Parece possível.

— A malária é uma especialidade minha — falou a Dra. Swenson. — Então posso afirmar: não. A não ser que fosse *P. falciparum* e que tenha se tornado cerebral. Isso seria uma verdadeira raridade, não há muito *P. falciparum* nesta região.

P. falciparum, *P. vivax*, *P. malariae* e havia mais uma. Quando fora a última vez em que Marina teve que saber os tipos de malária?

— *P. ovale* — disse a Dra. Swenson.

— Você acha que ele teve *P. ovale*?

— Não, esta é a que você não consegue se lembrar. Mencione os tipos de malária para qualquer médico e eles se lembram das outras três, mas ninguém se lembra da *P. ovale*. Muito pouco encontrada fora da África Ocidental. Você tem sempre o mesmo sonho?

Marina estava acordada havia muito pouco tempo para entender tudo, havia muito pouco tempo naquele barco, havia muito pouco tempo discutindo sobre cobras, havia muito pouco tempo em Calcutá, havia muito pouco tempo com Anders. *P. ovale*?

— Mais ou menos.

— Acho a mefloquina interessante neste sentido, como abre apenas um bolso do subconsciente. Poderia facilmente tanto ser usada como tratamento quanto como medicina preventiva. Não faz sentido sofrer por antecedência. Não adiantaria para malária cerebral, mas, como eu disse, essa seria uma apresentação extremamente rara no Brasil. Com o que você sonha, Dra. Singh?

Com o que você sonhou?, sua mãe perguntava quando ela era criança e gritava durante o sono. *O que você sonhou?*, havia perguntado o Sr. Fox, as mãos segurando seus braços.

— Meu pai — respondeu Marina. — No sonho, estou com meu pai e nos separamos de alguma maneira. Não consigo encontrá-lo.

A Dra. Swenson se levantou com alguma dificuldade. A conversa terminara.

— Bom, não parece tão ruim assim.

Marina reconhecia esse fato. Quando relatado com uma simples frase sem ornamentos, não parecia nada ruim.

SETE

No fim da tarde, os insetos surgiram como uma tempestade, os de casca dura e os mais moles, os ferrões e as picadas, os sibilos e os zumbidos, cada um deles abrindo suas asas finas como papel e voando a uma velocidade inimaginável até os olhos, as bocas e os narizes dos três únicos seres humanos que conseguiam encontrar. Easter deslizou novamente para dentro de sua camisa enquanto a Dra. Swenson e Marina cobriam as cabeças com panos, como beduínos em uma tempestade de areia. Quando finalmente escureceu, apenas os insetos desorientados batiam na tripulação, ao passo que o restante escolhia terminar suas vidas contra as duas lâmpadas quentes e brilhantes, uma de cada lado do barco. A noite se encheu com os estalidos impiedosos de seus corpos chocando-se contra o vidro.

— O Dr. Rapp costumava apontar como era fácil o trabalho dos entomólogos — comentou a Dra. Swenson, virando as costas ao violento ataque. — Bastava acender uma luz e seus espécimes vinham correndo.

Marina estava menos confortável na floresta agora que não conseguia enxergar. Ela sentia a vegetação empurrando contra as extremidades da água, pressionando em direção a eles, as raízes e as gavinhas se aproximando.

— Não apenas os espécimes aparecem rápido como ainda têm a decência de se matarem.

— Isso é pior do que uma chuva de granizo — disse a Dra. Swenson, cuspindo no deque um pequeno besouro com asas. — Podemos ficar sem as luzes. — Ela apagou as lâmpadas.

Em um instante a nuvem de insetos suspendeu-se, e Marina passou a não enxergar nada, como nunca ocorrera antes. Era como se Deus houvesse desligado as luzes, todas elas, e os deixado na escuridão escancarada de Seu abandono.

— Easter não precisa enxergar o caminho? — perguntou Marina.

Ela mal conseguia ouvir o som da própria voz por causa do motor. Um menino que era capaz de encontrar um único galho no meio de um paredão de árvores de cerca de mil quilômetros certamente era capaz de encontrar o caminho de casa no escuro. Era ela quem queria as luzes acesas novamente.

— Abra os olhos, Dra. Singh — respondeu a Dra. Swenson. — Olhe as estrelas.

Marina pôs as mãos à frente e tateou o ar até encontrar a corda na extremidade do barco. Agarrou-a com firmeza quando se inclinou para o lado. Para além do espectro da escuridão, viu as estrelas brilhantes espalhadas pela superfície do céu noturno e sentiu como se nunca as tivesse visto antes. Ela não sabia números suficientes para contá-las e, mesmo que soubesse, não havia como separar uma estrela das outras, sendo o todo muito mais amplo do que a soma das partes. Ela vira o desenho das constelações nos livros, os heróis da mitologia posando em campos de tinta. Ela observava a Via Láctea agora, na maneira como o céu se estendia com as luzes. E quando, finalmente, conseguiu se desviar do teatro no firmamento acima deles para olhar em frente, ela percebeu outro ponto de luz, piscando como uma miragem no horizonte. Era pequeno e alaranjado e, à medida que se aproximavam, a luz parecia se estirar em uma linha única. Quando pensou ter a linha fixa em seu campo de visão, ela se rompeu. Dividiu-se e se espalhou, porções dela estalando e piscando.

— Tem algo ali — disse ela para a Dra. Swenson. — Fogo — emendou, quase imediatamente. O que ela queria dizer era: *Vire o barco na outra direção*.

— É verdade — concordou a Dra. Swenson.

Havia uma dezena de fogueiras, que depois se triplicaram, até que Marina não conseguiu mais contá-las. O que antes era uma linha tinha se espalhado em camadas e, nelas, os círculos de luz subiam e desciam. Será que o incêndio era no alto das árvores? Será que, de alguma forma, havia incêndio sobre a água? Easter acendeu as luzes do barco novamente e, no mesmo instante, o fogo começou a saltar. O ruído de vozes ululando explodiu na noite, o som uníssono de inúmeras línguas batendo contra os palatos de inúmeras bocas. Aquilo preencheu todo o ar da floresta e correu o rio como uma onda.

Havia gente nas margens do rio.

Eles iam se encontrar com a tribo. Este sempre tinha sido o objetivo da expedição — então, por que Marina não havia pensado nisso antes? O que

tornava a floresta tão desconfortável aquele tempo todo era a absoluta ausência de gente. Tudo o que a floresta oferecera até agora tinha sido plantas e insetos, trepadeiras entrelaçadas e animais invisíveis, e só isso já era bastante desagradável. Porém, agora Marina percebia que as pessoas constituíam realmente o pior dos cenários. Era como andar sozinho por uma rua escura e de repente virar a esquina para encontrar um grupo de rapazes olhando ameaçadoramente de um portão.

— São os lakashi? — perguntou Marina, esperando pelo menos estar frente a frente com um elemento familiar.

— São — respondeu a Dra. Swenson.

Marina aguardou por um instante, na esperança de obter mais do que uma única palavra de confirmação. Ela se encontrava em um rio sem nome no meio de lugar nenhum, na calada da noite, sentindo-se do mesmo modo como sempre se sentia ao lado da Dra. Swenson, como Oliver Twist segurando sua tigela vazia. Seria demais pedir que fosse reconhecido que aquelas eram circunstâncias inquestionavelmente desconhecidas? A Dra. Swenson poderia ter se alongado para contar a história da primeira vez que ela encontrara os lakashi — *Ainda bem que era de dia* ou *Certamente sou grata ao Dr. Rapp, que sabia o que fazer*. No entanto, essa atitude exigiria que a Dra. Swenson fosse uma pessoa completamente diferente. O barco moveu-se lentamente em direção às chamas oscilantes e trêmulas até ficar perto o suficiente para Marina vislumbrar as formas das cabeças por trás do fogo, todos os homens e todas as mulheres balançando uma vara que ardia na ponta, as crianças segurando finos galhos em chamas, pulando e gritando. Ela conseguia distinguir os rastros de faíscas à medida que se dividiam e voavam em todas as direções, apagando antes de tocar o solo. Em sua magnitude, essas faíscas eram reminiscências das estrelas. Quanto mais se aproximavam, mais matizado ficava o som: vigoroso demais para um bando de pássaros, ritmado demais para um animal. Marina se lembrou de um funeral ao qual ela foi acompanhando o pai, quando criança: milhares de luzes em copos de papel flutuando no rio Ganges, as pessoas se aglomerando nas margens, caminhando para dentro das águas, o ar da noite imerso em cheiro de incenso e fumaça. Ela conseguia sentir o odor podre da água por baixo da cobertura de flores. Na época, o espetáculo a tinha assustado tanto que ela enterrou o rosto na camisa do pai e o manteve ali por toda a noite. Mas agora ela

agradecia pelo pouco que presenciara. Não explicava o que se passava à sua frente, mas a fazia recordar de tudo o que ela não compreendia.

— O que você acha que aconteceu? — perguntou Marina.

Algumas pessoas nas margens agora apagavam o fogo que seguravam. Elas caminhavam para a água e nadavam até o barco. Era evidente para Marina como as pessoas poderiam subir a bordo, mas ela não fazia ideia de como ela poderia desembarcar.

— O que você quer dizer? — perguntou a Dra. Swenson.

O que você quer dizer, Dra. Singh, quando menciona câncer cervical em estágio dois?

Marina, sem palavras, esticou os braços abertos para a praia diante delas.

A Dra. Swenson fitou os homens que nadavam na direção do barco. Eles mantinham os pescoços fora da água, como tartarugas, de modo que evitavam que a água entrasse em suas bocas abertas enquanto chamavam e gritavam. Então, ela se voltou para a convidada, como se não conseguisse acreditar que ainda estivesse sendo importunada pelos coelhos tímidos e suas perguntas bobas.

— Estamos de volta — disse ela.

Marina se desviou das entusiasmadas boas-vindas, os fogos, os saltos e os esguichos d'água, o interminável som de *la-la-la-la-la*, e se voltou para a Dra. Swenson, que balançava a cabeça afirmativamente para a multidão com uma espécie de aceitação enfadonha.

— Você só ficou fora por uma noite.

— Eles nunca acreditam. Não importa quantas vezes eu diga. A noção de tempo deles não tem...

Ela não terminou a frase. A embarcação se inclinou abruptamente para a direita quando os homens começaram a se pendurar na balsa e a se impulsionar para cima. A caixa de suco de grapefruit deslizou bruscamente, atingindo Marina nos tornozelos e quase a jogando em direção aos homens que agora davam um impulso para sair da água. Ela agarrou-se a um mastro e se endireitou. Era esse o motivo que fazia o pai de Marina insistir em sempre alugar uma balsa como aquela nos verões passados: não apenas era mais fácil de navegar e impossível de afundar, mas também seria mais fácil de retornar a bordo caso alguém caísse. Mas ninguém nunca caiu, a teoria nunca foi colocada à prova. Pingando, os homens se erguiam para o deque e ficavam de pé. Eram consideravelmente mais

baixos que Marina, embora fossem mais altos do que a Dra. Swenson. Vestiam shorts de náilon e camisetas encharcadas que traziam publicidade de produtos americanos — Nike e Mr. Bubble. Um deles usava um boné da Peterbilt. Deram tapas em Easter, nos braços, ombros e costas, como se estivessem extinguindo uma fogueira. Obviamente satisfeito, Easter, por sua vez, revidava com tapas semelhantes. Havia sete homens no barco, logo em seguida nove, todos dando gritos estridentes. As águas escuras se encrespavam com os nadadores e, de tempos em tempos, Easter balançava a luz para baixo e iluminava a água, o que servia para reunir os homens como tarpões. Eles olhavam para cima e acenavam. Ninguém poderia culpar Easter por dirigir por cima deles, pois eles simplesmente pipocavam da água. Porém, quando a vagarosa balsa pressionava um ombro ou uma cabeça, o homem simplesmente mergulhava embaixo dela e surgia de novo depois — supondo que fosse o mesmo homem que aparecia no mesmo lugar. Ao longo da história, quantas embarcações tinham tido uma recepção tão calorosa pelos habitantes locais? No deque, um homem olhou para Marina e tocou a face dela com a mão molhada, sem fazer contato visual. Dois homens atrás dela mexeram em seu cabelo. Um quarto passou os dedos por seu braço de maneira quase insuportavelmente gentil. Era como se ela fosse recebida em uma escola para cegos. Quando um quinto homem se aproximou e colocou as mãos em concha sobre seus seios, a Dra. Swenson bateu palmas com força.

— Agora chega — disse ela, e os homens que estavam com as mãos em Marina saltaram para trás sobre os pés dos que estavam atrás deles, esperando a vez, o que fez com que todos aquietassem as línguas e olhassem para a Dra. Swenson, ansiosos. Neste momento, Marina teve certeza de duas coisas: os lakashi não falavam inglês, não conheciam a palavra *chega* e, apesar desse pequeno impedimento, fariam qualquer coisa que a Dra. Swenson lhes dissesse. A repreensão na voz da Dra. Swenson deixou o pulso de Marina mais acelerado do que o dos homens com os dedos molhados. Afinal de contas, eles pareciam mais curiosos do que ameaçadores. Naquela hierarquia, a Dra. Swenson era incontestavelmente a pessoa mais importante, e Marina se sentiu mais próxima dos nativos que da professora.

— Saiam. — A Dra. Swenson apontou para a lateral do barco, de onde eles, um de cada vez, caminharam obedientemente para a extremidade, muitas vezes aterrissando em algum infeliz que estava na água. — São pessoas extremamente

táteis — esclareceu a Dra. Swenson, depois que o último deles mergulhou na água. — Não querem fazer nada de mais, mas, se não puderem tocar em algo, esse algo não existe.

— Eles não tocam em você — observou Marina, passando a manga da roupa no rosto.

A Dra. Swenson assentiu.

— A essa altura, eles sabem que eu existo. Consegui abolir o ritual todo.

Havia um pequeno cais, uma única plataforma estreita se estendendo da margem, e Easter conduziu a balsa ao longo dele. Neste ponto, os homens entregaram as tochas para as mulheres e puxaram o barco de maneira ordenada, pegando as caixas e a bagagem e as carregando noite adentro. Quase todos deram um tapinha no ombro de Marina ou pararam para tocar a lateral de sua cabeça, mas havia um trabalho a ser feito, e ninguém se demorava muito. Agora era a vez de as mulheres cantarem e, quando Marina deixou o barco, com Easter e a Dra. Swenson, elas levantaram as tochas acima das cabeças para lançar uma faixa maior de luz. Usavam vestidos feitos à mão em cores neutras e seus cabelos formavam longas tranças nas costas. Havia crianças penduradas em tiras de pano presas ao corpo das mães; crianças se agarrando em seus tornozelos; crianças equilibradas em seus quadris, os redondos olhos escuros refletindo o fogo à volta. A Dra. Swenson arrastou-se pelo caminho sujo que dava na floresta, acenando com a cabeça de vez em quando para as mulheres que, em êxtase, trinavam suas vogais. As crianças que estavam no chão se aproximaram e tocaram as calças compridas de Marina, as mulheres passaram os dedos nos ouvidos dela e deram tapinhas na gola de sua camisa. Ocasionalmente, uma criança bem pequena estendia a mão para a Dra. Swenson e a mãe a puxava de volta.

— Eles não sabiam que você voltaria hoje — falou Marina, correndo um pouco para acompanhar de perto a Dra. Swenson. Chegou a colocar a mão sobre o ombro dela. — Às vezes você fica mais tempo em Manaus, duas, três noites.

— Às vezes fico até uma semana — retrucou a Dra. Swenson, mantendo o olhar reto. — Não gosto, mas acontece.

Uma mulher grávida alcançou o caminho na frente delas e afastou o galho que pendia de uma árvore.

— Mas, se eles não têm noção de tempo, e você não tem como entrar em contato com eles, como sabem quando você vai voltar?

— Não sabem.

— Então, como souberam para encenar todo esse espetáculo esta noite?

A Dra. Swenson parou e se virou para Marina. A escuridão aterradora era rompida por tantos pequenos fogos que as sombras, assim como as vozes, vinham de todas as direções. De vez em quando, uma parte de uma tocha caía sobre um monte de folhas. Era difícil entender como toda a floresta não tinha sido reduzida a uma pilha de cinzas fumegantes.

— Acho que eles fazem isso toda noite quando não estou aqui. Realmente não sei. Você pode perguntar ao Dr. Nkomo de manhã. Tenha uma boa noite, Dra. Singh. Easter vai acompanhá-la a partir daqui. Estou cansada.

Enquanto falava, a Dra. Swenson começou a ziguezaguear um pouco, de um lado a outro, e Marina agarrou seu braço com firmeza. A Dra. Swenson fechou os olhos.

— Estou bem — disse ela e olhou para Marina. Parecia se esforçar para respirar. — Às vezes é mais difícil do que eu imaginava.

A Dra. Swenson esticou a mão e uma mulher que estava do lado da trilha — ela carregava junto ao peito um bebê dormindo e duas outras crianças, talvez gêmeas, presas a cada tornozelo — pegou-lhe a mão e a guiou noite adentro. À medida que a Dra. Swenson se afastava, todas as luzes e todos os sons a acompanhavam, com a multidão se formando em volta da tocha que ela carregava. Marina é que deveria ter pedido uma tocha, porque em pouco tempo ela se viu sozinha no escuro.

Ela teria motivos para se preocupar com a Dra. Swenson, com a maneira como a Amazônia parecia afetá-la, mas, em vez disso, pensou nas jararacas. Ela imaginou se dormiam no solo ou nas árvores e, se fosse nas árvores, será que se desprenderiam durante a noite? O melhor que tinha a fazer era seguir a multidão e ficar perto do fogo; porém, depois de alguns passos, ela se sentiu insegura sobre onde deveria pisar. Havia tantos estalos de galhos se quebrando em volta dela... Pequenos espinhos se prendiam em sua roupa, e ela não tinha certeza se havia algo se arrastando em seu pescoço. Justamente quando estava prestes a gritar, avistou uma luz vinda da direção do cais, uma que lançava um feixe longo e reto. Uma lanterna! Sentiu-se como se nunca tivesse visto algo tão moderno na

vida. Evidentemente era Easter, que vinha resgatá-la. Easter não usava a lanterna como um garoto. Ele mantinha o foco no caminho. Não direcionava o facho para os olhos de Marina ou iluminava os topos das árvores. Quando se aproximou dela, pegou sua mão e juntos avançaram floresta adentro. Passaram por uma espécie de trilha estreita, embora pudesse ser apenas uma abertura casual no meio da vegetação rasteira. Marina seguia um passo atrás de Easter, colocando os pés nos lugares onde ele colocara os dele enquanto o garoto desbastava o que encontrava à frente, trepadeiras que pendiam baixas e teias de aranha tão grandes e fortes que poderiam facilmente capturar um porco. A atenção de Marina se concentrava tanto nos próprios pés que ela não via por onde estavam andando até que parassem. O local aonde Easter a levara era um quadrado de lata construído sobre estacas. Ele se debruçou e ergueu uma pedra, apanhou uma chave e destrancou a porta. Marina não esperava encontrar uma porta na floresta, muito menos trancada. Dentro do cômodo, Easter mostrou, com a lanterna, uma mesa e algumas cadeiras, pilhas de caixas, algumas que Marina achava que reconhecia: o suco, a comida enlatada. Estavam em uma despensa. Easter, que continuava de mãos dadas com ela, conduziu-a até o fundo do cômodo, onde passaram por uma segunda porta para chegar a uma ampla varanda — ou talvez fosse outro cômodo. Era difícil dizer a diferença. A única brisa que soprava era formada pelo bater de asas de centenas de milhares de insetos. Easter apontou a lanterna em direção a uma longa coluna de mosquiteiro suspensa do teto que cobria um catre. Ele apontou para ela e para o catre. Tudo aquilo seria diferente à luz do dia. Nada pareceria tão assustador se ela realmente pudesse enxergar.

Quando se sentou na beirada da cama, Marina percebeu que, na sua preocupação com fogo, cobras e os toques das mãos dos nativos, ela esquecera a mala no barco e, embora quisesse trocar de roupa e escovar os dentes, não tinha ideia de onde encontrar uma bacia de água. Não conseguia imaginar que mímica poderia fazer para expressar a Easter seu desejo de ser acompanhada de novo até o barco; e certamente não faria o trajeto sozinha. Logo, decidiu não pensar em seus pertences. O que ela realmente gostaria de ter consigo era o telefone. Ela deveria ter ligado para o Sr. Fox antes de sair de Manaus. Ela sabia que, por agora, ele já teria deixado uma dezena de mensagens e que, quando ela as ouvisse pela manhã, poderia traçar o pânico crescendo em sua voz. Não fora nada além de petulância da parte dela, seu castigo deixando-o passar o dia sem

ter notícias suas. E agora que estava escuro demais para tentar encontrar o telefone, não havia como deixá-lo aliviado. Ou talvez ele pensasse que Marina estava a caminho de Miami, retornando para casa no voo seguinte, como ela dissera que faria, apesar de Marina não achar que ele realmente tivesse acreditado nela.

Marina descalçou os sapatos e apontou para Easter. *Onde você dorme?* Ele girou a lanterna para uma parede a cerca de dois metros de sua cama e mostrou uma rede, uma embalagem vazia esperando por um menino. Então, depois de entregar a lanterna a Marina, ele tirou a camisa e se enfiou na rede enquanto ela ficou ali, direcionando a lanterna para ele, estupefata com a visão do pequeno casulo pendurado. Para sua sorte, ela estava dormindo no quarto de Easter. Tentou imaginar isso como um lance de extrema gentileza por parte da Dra. Swenson, quando, na realidade, tratava-se provavelmente do único espaço disponível coberto por um telhado. Não importava; percebia agora que nunca dormiria naquele lugar sem a presença dele. Em seu catre, sob o mosquiteiro, Marina podia facilmente calcular de que forma as circunstâncias poderiam ser bem piores. Ela se espreguiçou e apagou a lanterna, ouvindo o contínuo pulsar da floresta. Era melhor do que o Hotel Indira. O catre não era menos confortável do que a cama. Era evidente que os lakashi estavam preparados para receber hóspedes, por mais que a Dra. Swenson alegasse não gostar deles. Outras pessoas apareceram e ficaram ali antes dela e provavelmente todos tinham se recostado por baixo daquele mosquiteiro agradecendo a Deus que a rede de Easter estivesse a dois metros de distância. Marina abriu os olhos. Na penumbra do luar, olhou para a nuvem branca formada pela tela. Anders teria dormido ali. Easter estava com ele quando ele morreu — foi o que a Dra. Swenson dissera. Ela sentou-se. Anders. Tudo veio a ela, aquela escuridão, aquela sacada, aquele catre. Quando estava com febre, Anders tinha olhado através daquele mosquiteiro. Marina se levantou, calçou os sapatos novamente. Devia haver uma caneta em algum lugar. Pegou a lanterna, verificou a pequena figura de Easter deitado na rede. Ela não tinha nada, nem uma bolsa nem uma mochila. Voltou à despensa. Agora que segurava a lanterna, podia ver que funcionava como um grande armário — caixas e mais caixas, compartimentos de plástico, tinas, embalagens de alimentos, garrafas de água, caixinhas de lâminas e tubos de ensaio. Encontrou uma vassoura, uma pilha de panos, uma gigantesca bobina de

cabos. Não havia gavetas ou prateleiras. Não havia um lugar óbvio para se encontrar uma caneta, não existia lógica alguma ali. Então, lembrou-se de que as canetas de Anders tinham ficado com Easter depois da morte dele. Foi a herança do menino, um punhado de canetas Bic. Ela voltou para seu local de dormir, iluminou alguns baldes, rastreou com a lanterna a linha que unia a parede ao chão e ali, bem embaixo da rede, avistou uma caixa de metal, maior do que a usada para documentos e menor do que a usada para ferramentas. Ajoelhou-se, esgueirou-se por baixo do menino e fez a caixa de metal deslizar sobre as tábuas irregulares do assoalho. Não havia uma tranca, só um ferrolho dobrável para manter a caixa fechada. Na parte superior havia uma pequena bandeja de metal cheia de penas, e ela as levantou em grupos de duas, três e quatro, mais de duas dúzias de penas em cores que Marina nunca tinha imaginado que pudessem existir, lavanda e amarelo iridescente, cada uma delas perfeitamente limpa, com as barbas fechadas esticadas. Na bandeja, havia uma pedra cujo tamanho e marcações a faziam surpreendentemente semelhante a um globo ocular humano. Havia um fóssil perfeito de um peixe pré-histórico prensado em xisto e uma fita de seda vermelha enrolada. Por baixo da bandeja, havia um envelope aerograma azul com a palavra EASTER na frente. Quando aberto, lia-se: *Por favor, faça tudo o que for possível para ajudar este menino a chegar aos Estados Unidos e você será recompensado. Leve-o até Karen Eckman*. Em seguida vinham seu endereço e número de telefone. *Todas as despesas serão reembolsadas. RECOMPENSA. Obrigado, Anders Eckman.* Por baixo disso, o bilhete estava reescrito em um espanhol que Anders aprendera no colégio. Ele não sabia falar português e, assim, o espanhol era o melhor que ele podia fazer. Marina agachou-se. Havia um caderno de bolso em espiral que continha o alfabeto, uma letra por página, cada uma delas escrita em maiúscula. No final, as palavras *Easter*, depois *Anders* e então *Minnesota*. A carteira de motorista de Anders estava no fundo da caixa com seu passaporte. Talvez Easter tivesse querido a fotografia ou Anders quisesse tê-la deixado para o menino. Havia três notas de vinte dólares. E ainda cinco elásticos, meia dúzia de canetas, um punhado de moedas, americanas e brasileiras. Marina estava tonta. Tinha vontade de acordar o menino, escrever a palavra *Anders*, uma das três palavras que ele conhecia. Ela apontaria a palavra e depois apontaria para a cama. *Anders dormiu aqui?* Mas ela não precisava fazer a pergunta naquele momento. Colocou tudo de volta

como havia encontrado. Arrumou as penas, fechou a tampa e deslizou a caixa até a parede. Desligou a lanterna e, sob a luz da lua, voltou para a cama de Anders e se enfiou lá. Ele havia mostrado o passaporte no dia em que chegara pelo correio. A capa era rígida e a foto não parecia ser dele. Mesmo as cores eram diferentes. A foto da carteira de motorista era melhor.

— Você não tinha passaporte? — perguntara ela.

— Já tive — respondera Anders, sentado na mesa dela e olhando por cima de seus ombros de modo a ver o documento novamente. — Passei um tempo fora, no penúltimo ano do colégio.

Marina o fitara.

— Para onde você foi?

Marina se lamentava de nunca ter passado um ano no exterior. Ela nunca suportara a ideia de ficar tão longe de casa.

— Barcelona — respondera ele, ceceando imodestamente. — Meus pais queriam que eu fosse para a Noruega. Mas quem deixa Minnesota para um intercâmbio de seis meses e decide ir para a Noruega? Quando eu estava em Barcelona, pensei que nunca fosse voltar para casa. Costumava escrever, na minha cabeça, uma carta para meus pais, explicando que eu era feito para o sol, a sangria e as *siestas*. Eu era o americano mais feliz da Espanha.

— Então, o que você está fazendo aqui?

Anders dera de ombros.

— Meu tempo acabou. De alguma forma, enfim fui para casa. Entrei para a faculdade de medicina. Nunca retornei. — Ele pegara o passaporte da mão dela e olhara a foto de novo. — Você não acha que a foto ficou boa? Pareço muito sério. Podia ser um espião.

Marina não sonhou naquela noite. Qualquer que fosse o preço que o Lariam exigisse de seu subconsciente, tinha sido pago à tarde, no barco, mas houve um momento em que ela dormia e sonhava com qualquer coisa, e então foi despertada por um choro aflito, o grito alto e desesperado de um animal preso em uma armadilha. Marina se sentou.

— Easter? — chamou.

Acendeu a lanterna e viu uma luta tão intensa na rede que seu pensamento imediato foi de que haveria uma cobra ali. Levantou-se de um salto, pronta para agarrar as extremidades do tecido e virá-lo, a fim de salvar o menino daquilo que

o devorava. Porém, no momento em que se desvencilhou do mosquiteiro, compreendeu o que estava acontecendo e levou apenas mais um segundo para ouvir o som da voz dele; depois, abriu a rede e colocou as mãos sobre os ombros do menino. Ela sabia o que fazer e o que não fazer para despertar uma pessoa de um sonho. Marina o balançou gentilmente, deixando-o agitar-se por baixo de suas mãos. Ele suava, tremia, seus olhos reviravam. Ela fez todos os sons apropriados que ele não conseguia ouvir. Ela sussurrou: *Tudo bem, está tudo certo agora*. Ela não conseguiu se controlar. Tomou-o nos braços e o deixou chorar contra seu peito enquanto fazia promessas, sua mão desenhando círculos no estreito espaço entre as omoplatas dele. Quando o menino recomeçou a respirar normalmente e estava voltando a adormecer, ela alisou seus cabelos com os dedos e voltou para a cama, então ele a seguiu e se meteu debaixo do mosquiteiro. Marina nunca dormira com uma criança antes, não desde que ela própria era criança e fazia festas noturnas com as amigas, mas não havia ciência alguma nisso. Ela arrumou um espaço para ele sob seu braço e puxou as costas do menino contra seu peito, e, antes que esboçassem algum pensamento, ambos já estavam dormindo, seguros dentro da rede branca do mosquiteiro.

* * *

Em algum momento durante a noite, os lakashi dos gritos impetuosos e dos malabarismos com fogo foram substituídos por uma tribo trabalhadeira, um grupo sóbrio de pessoas que se ocupavam dos afazeres do dia sem fanfarras ou ardor. Marina os encontrou ao seguir uma trilha que dava em uma clareira às margens do rio, apesar de, quando tinha passado por aquele local na noite anterior, ela ter jurado se tratar de mata cerrada. Mulheres lavavam roupas e crianças no rio, mulheres juntavam gravetos em cestos e trançavam os cabelos das meninas, todos os seus movimentos expostos ao sol inclemente. Um amplo agrupamento de crianças pequenas nuas chapinhava na água com as mãos e batia com os pés nas poças, tantas crianças pequenas e tantos bebês engatinhando que Marina ficou imaginando se estaria passeando pela creche da tribo. Havia poucos homens à vista, mas alguns escavavam o interior de uma tora muito grossa. Não usavam camisa nem sapatos e, quando Marina passou por eles, lançaram-lhe um olhar breve e desinteressado, como se ela fosse uma turista e

eles já tivessem visto turistas antes. Os barcos, naturalmente, eram a peça mais importante da vida ribeirinha, e outras toras escavadas estavam jogadas desordenadamente na praia; na água, um homem remava para longe. Duas menininhas chegaram, usando short, sem blusa, cada uma trazendo em volta do pescoço um macaquinho que agarrava a própria cauda preênsil de modo a formar um gancho. Os dois macaquinhos viraram as cabeças na direção de Marina e mostraram seus dentes amarelos e pontudos em sorrisos extravagantes. Só os macacos a encararam. Então, um deles avistou alguma minúscula forma de vida no couro cabeludo da sua menina, apanhou-a e a engoliu.

Marina ainda não fora capaz de localizar as duas pessoas que ela conhecia naquele rio. Easter não estava mais em sua cama quando ela acordou pela manhã, nem na rede, e ela ficou surpresa ao pensar que alguém poderia ser tão silencioso a ponto de não despertá-la, principalmente uma criança alheia a sons. Tampouco encontrara a Dra. Swenson, mas isso ela achava que seria um desafio maior. Ou a Dra. Swenson estaria exatamente à sua frente ou ela não poderia ser localizada. E, no caso dela, não havia como ficar na porta de sua sala esperando que ela retornasse.

A balsa, presa por uma corda, oscilava ligeiramente na ponta do cais, no exato local onde tinha sido deixada na noite anterior, e Marina interpretou isso como um sinal de que tudo corria bem até o momento. Quando subiu a bordo, os homens que escavavam o tronco interromperam seu trabalho e se levantaram para encará-la, batendo as facas curvas contra as próprias coxas. Foi uma questão de segundos até ela perceber que a mala não se encontrava a bordo. O deque estava vazio e não havia lugar algum onde se pudesse esconder uma mala. Marina passou a língua pelos dentes, pensando novamente em sua escova de dentes. A manhã já estava quente, e o ar, pesado, com o odor de folhas apodrecendo e outras desabrochando. Perto da água, os mosquitos se serviam dos tornozelos de Marina e cavavam um poço em seu pescoço. Um deles voou para as costas dela para picá-la por baixo da omoplata em um lugar impossível de coçar. Ela queria aquela mala mais do que a primeira, que nunca chegara a Manaus. Pensou se em algum lugar do abrigo do depósito onde estava dormindo poderia encontrar um vidro de repelente de insetos e, pela primeira vez, fez uma relação da palavra *inseticida* com *homicida*. Subitamente, sentiu uma mudança entre os lakashi, pois todos endireitaram a postura e em seguida iniciaram uma

conversa animada que ela não conseguia traduzir em qualquer palavra conhecida. Então viu um homem negro muito alto, magro como uma vareta, emergir da floresta, com seus pequenos óculos de aros redondos refletindo a luz do sol. Ele abaixou a cabeça em todas as direções em um gesto mais curto do que uma reverência, mas consideravelmente mais longo que um assentimento. De todos os lados, as pessoas se levantavam e balançavam a cabeça em resposta. Alguns gritaram uma expressão de cumprimento e ele a repetiu, captando perfeitamente a mesma entonação rítmica no final da sentença que levava a multidão ao êxtase. As mulheres seguravam os bebês e os agitavam em direção a ele. Os homens baixaram as facas. Em seguida iniciaram uma espécie de jogo, em que uma pessoa da tribo emitia uma expressão e o homem alto a repetia. Por mais complicada que fosse a sentença, o homem conseguia devolvê-la. Os lakashi se sacudiam de um lado para outro, em sinal de total satisfação; naquele momento, o homem fez uma reverência mais acentuada que parecia indicar que tudo tinha sido muito divertido, mas estava na hora de voltar ao trabalho.

— Dra. Singh, imagino — disse ele, caminhando em volta de uma fogueira para oferecer a mão a Marina. Ele usava calças cáqui e uma camisa de algodão azul que parecia ter sido sovada contra uma pedra repetidas vezes. — Thomas Nkomo. Prazer em conhecê-la. — Seu inglês tinha tanta musicalidade e era tão óbvio que não se tratava de sua língua materna que Marina imaginou se ele havia aprendido a falar inglês por meio de música.

— Prazer — respondeu ela, apertando a mão longa e fina.

— A Dra. Swenson nos disse que a senhora viria com ela. Eu quis conhecê-la ontem à noite, para dar as boas-vindas, mas, com tanta gente em volta para cumprimentar, nem consegui me aproximar.

— Não creio que fosse a mim que queriam cumprimentar.

A Dra. Swenson teria avisado que ela também iria?

— Os lakashi gostam de atividades. Estão sempre procurando razões para celebrar.

Marina meneou a cabeça para a multidão atrás deles, que havia sentado para observar sua conversa como se fosse uma peça de teatro.

— O senhor fala muito bem a língua deles.

Thomas Nkomo riu.

— Sou um papagaio. Tudo o que me dão posso repetir para eles. É assim que aprendo. Eles falam um pouco de português, já que os comerciantes chegam até aqui ou eles vão até Manaus, mas eu tento falar lakashi. Quando é para aprender uma língua, não se deve ter vergonha.

— Não saberia como começar com esta aqui.

— Primeiro você tem de abrir a boca.

— O senhor entende lakashi?

Ele deu de ombros.

— Sei mais do que penso que sei. Já estou aqui há dois anos. É tempo suficiente para captar alguma coisa.

Dois anos? Logo atrás da espessa cortina de folhagens, Marina delineou o contorno de algumas choupanas, uma vaga silhueta de civilização. Será que haveria ali uma espécie de bairro entre as árvores que ela não conseguia ver, um local onde as pessoas suportariam viver durante anos seguidos?

— Então, o senhor trabalha com a Dra. Swenson?

Obviamente a Vogel tinha conhecimento e omitiu a informação de que havia outros médicos remunerados trabalhando no local.

— Trabalho com a Dra. Swenson — confirmou ele, mas parecia estar agindo novamente como um papagaio, ou seja, como se não acreditasse no que dizia ou como se não tivesse entendido a pergunta. Mas acrescentou: — Nossos campos de pesquisa têm uma interseção. E a senhora, Dra. Singh? A Dra. Swenson disse que é funcionária da Vogel. O que a senhora pesquisa?

— Colesterol — respondeu Marina, pensando que, com toda a probabilidade, ninguém na Floresta Amazônica já havia em algum momento se preocupado com o próprio nível de colesterol, nem tinha necessidade de fazer isso. Havia tantas jararacas a evitar. — Participo de um grupo que executa testes de longo prazo com estatinas.

Ao ouvir isso, Thomas Nkomo uniu as mãos longas e elegantes e pressionou as pontas dos dedos contra os lábios, com a cabeça movimentando-se melancólica e lentamente, de um lado para outro. Ela viu a aliança de ouro brilhante como um farol na pele dele. Os lakashi, que não haviam parado de observá-los, se inclinavam para a frente agora, preocupados ao verem o olhar aflito em seu rosto. Passou-se muito tempo antes que ele falasse qualquer coisa.

— Então a senhora está aqui por causa de nosso amigo.

Marina piscou. De todos os outros médicos que haviam estado ali antes dela, eram fortes as possibilidades de que apenas um deles se interessasse por colesterol.

— Estou.

Ele suspirou com o queixo para baixo.

— Não tinha feito a conexão, mas claro, claro. Pobre Anders. Sentimos muito por ele. Como está a esposa? Como estão Karen e as crianças?

Car-*ron* era como ele pronunciava o nome dela. Jamais teria sido viável para Karen empreender uma viagem como aquela, mas, assim mesmo, Marina gostaria que ela pudesse ver o sofrimento no rosto de Thomas Nkomo e pudesse receber aquela bondosa solidariedade.

— Ela quer que eu descubra o que aconteceu. Obtivemos muito pouca informação.

Os ombros de Thomas Nkomo se curvaram para frente.

— Não sei o que dizer. Como explicar para ela? Achamos que ele ia se recuperar. As pessoas ficam extremamente doentes na floresta, as febres são situações comuns. Sou de Dakar. Na África Ocidental, posso dizer que os muito jovens morrem de repente e os muito velhos morrem vagarosamente, mas as pessoas nesse meio-termo, homens saudáveis como Anders Eckman, conseguem, com o tempo, transpor essas moléstias. Nós aqui somos médicos. — Ele levou a mão ao coração. — Sou médico. Não esperava que isso fosse acontecer.

Como em resposta a esse espetáculo de emoção, os lakashi se levantaram abruptamente e juntaram as crianças e as facas. Trabalharam rapidamente para colocar os gravetos e as roupas nos cestos e, em menos de um minuto, todos eles já tinham se retirado para dentro da floresta. Thomas Nkomo espiou nervosamente o céu.

— Precisamos ir agora, Dra. Singh. A tempestade vai ser forte. Os lakashi têm misteriosas capacidades meteorológicas. Venha comigo, então, está bem? Vou mostrar o laboratório. A senhora vai ficar impressionada com o que conseguimos realizar em circunstâncias tão primitivas.

Marina podia ver a tempestade a oeste, rio acima, e sentiu uma repentina transformação no ar. O Dr. Nkomo pousou a mão nas costas dela.

— Agora, por favor — disse ele, e os dois começaram a caminhar rapidamente em uma direção ainda desconhecida para Marina. Os pássaros planavam acima da água e mergulhavam direto no abrigo suspenso, enquanto outras coisas, coisas que Marina não conseguia distinguir perfeitamente, voavam para cima das árvores. Naquele momento houve um único relâmpago, seguido alguns milissegundos depois por um trovão que poderia ter partido o mundo ao meio. E então, completando a sequência, caiu a chuva. Marina, com a visão ainda prejudicada pelo relâmpago e a audição, pelo estrondo, subitamente pensou que iria afogar-se, mesmo estando de pé.

Houvera muitas ocasiões em Manaus em que Marina tinha escapado de uma tempestade ou da pior parte dela. Ela ficava encurralada na rua, com as sandálias rasteiras, procurando abrigo embaixo de um toldo antes de o céu desabar. Porém, para correr na floresta, é preciso nascer na floresta, ou as raízes e trepadeiras tornam-se armadilhas e podem quebrar as pernas de alguém, com o auxílio da lama, que transforma o chão em um óleo escorregadio. Os lakashi já tinham desaparecido havia muito, assim como os pássaros e as outras criaturas móveis, todos eles de volta para casa, para o ninho ou para o buraco, deixando o local vazio para Marina e o Dr. Nkomo, que progrediam pouco na trilha irregular. Cada pingo de chuva atingia o solo com tanta força que resvalava para cima novamente, dando à superfície da terra a aparência de algo fervente. Marina seguia apoiando-se de árvore em árvore, firmando-se nos galhos, tentando estabilizar a respiração no fluxo da água.

O Dr. Nkomo bateu de leve nos dedos dela.

— Desculpe, mas não é uma ideia muito boa — disse alto. — Nunca se sabe se há algo escondido no tronco da árvore que não seria bom tocar.

Marina recuou os dedos rapidamente e concordou; depois voltou as palmas das mãos para cima e as lavou na chuva.

O Dr. Nkomo prosseguiu, mais ou menos elevando a voz acima do bramido da tempestade.

— Certa vez me escorei em uma árvore e uma formiga-cabo-verde me picou através da camisa, chegando ao ombro. A senhora deve conhecer pelo gênero, *Paraponera*. — Ele retirou os óculos, que a chuva tinha tornado inúteis, e os colocou no bolso da camisa. — Foi uma reles formiga, do tamanho da unha do polegar, e fiquei de cama por uma semana. Ninguém gosta de reclamar dessas

coisas, mas a dor foi inesquecível. Não existem formigas-cabo-verde onde a senhora mora, não é?

Marina pensou nos grilos e nos pássaros, nos coelhos e nos cervos — a típica vida selvagem digna de um livro da Disney que havia nos verdes prados de seu estado natal.

— Nada de formiga-cabo-verde — confirmou ela.

Seu couro cabeludo estava ensopado, assim como suas roupas íntimas; o chão sob seus pés se abria à medida que a água jorrava em correntes entre as árvores. Ouviram um assobio alto através do barulho do trovão e ficaram imaginando se não seria apenas imaginação. A imaginação desempenhava um papel importante na selva, principalmente durante uma tempestade. Pararam e esperaram até que ouviram um novo assobio e depois o silêncio. Marina virou a cabeça e percebeu que aquilo que ela havia pensado ser uma árvore à esquerda era, na realidade, um poste. Havia quatro deles e, a cerca de um metro e meio acima de sua cabeça, uma plataforma; acima dela, um telhado de folhas de palmeira. Quatro lakashi se debruçavam na extremidade, observando. O Dr. Nkomo olhou para cima e acenou, e os quatro acenaram de volta.

— É um convite — disse para Marina. — Devemos subir, não é?

Marina, que mal conseguia ouvir por causa da água em seus ouvidos, subiu primeiro a escada de mão.

O único e amplo cômodo que constituía a casa estava seco, o que parecia um milagre, dada a ausência de paredes laterais, mas o telhado era muitos centímetros mais extenso do que o piso em todas as direções e tinha um caimento suave. Tanto Marina quanto o Dr. Nkomo olharam instintivamente para cima a fim de admirar essa barreira entre a chuva e suas cabeças enquanto uma das mulheres sentadas no chão unia, em nós complicados, três longas folhas de palmeira, produzindo uma telha, como se demonstrasse que era possível fazer isso. Ela estava tão concentrada na tarefa que parecia não ter notado a chegada dos convidados; ainda assim, Marina tinha certeza de que ela se debruçara sobre a plataforma e os fitara segundos antes. O som da água golpeando as palmeiras era infinitamente mais agradável do que o som da água batendo em sua cabeça, e ela ficou grata àquela mulher por seu trabalho. Dois homens, um aparentando ter 30 anos, o outro, 50, aproximaram-se para bater no peito do Dr. Nkomo com as mãos, embora os tapas fossem mais respeitáveis do que aqueles dispensados a

Easter na noite anterior. Depois, falando sem parar um com o outro, pegaram uma mecha encharcada do cabelo de Marina, examinaram suas orelhas brevemente e soltaram o cabelo. Uma mulher muito mais pesada, na casa dos 60 ou 70 anos, picava uma pilha de raízes esbranquiçadas, usando o piso como tábua de cortar e a mesma faca que fora usada havia pouco para escavar os barcos. Como dois homens estavam no recinto, tinha uma segunda faca similar no chão, atrás dela. Havia uma filha adolescente, com a pele cheia de espinhas e as unhas roídas, que vasculhava o cômodo com o olhar, sem direção certa, como se esperasse encontrar um telefone; uma criança de 2 ou 3 anos, usando uma versão bem pequena do vestido simples que todas as mulheres lakashi pareciam usar, correndo sem parar; e um bebê nu, um menino, engatinhando em grande velocidade pelas tábuas lascadas. Marina rapidamente calculou a velocidade com que o bebê se movimentava e a distância que faltava para o piso de madeira terminar e imediatamente deu um salto que a fez atravessar o cômodo, agarrando o menino pelo pequeno pé bem no momento em que a mão esquerda do bebê tinha atingido o vazio diante dele.

— Aaaahhh! — exclamaram e riram as pessoas.

Marina, ofegante, olhou de cima o local onde a água do telhado caía, um buraco de lama e trepadeiras como se estivesse jorrando das Cataratas do Niágara. Ela pegou a criança pela cintura e a carregou de volta ao centro do cômodo. O bebê também ria. Qual era exatamente a piada? O fato de ela ter pensado que ele se jogaria, da mesma forma como pensara que Easter nunca mais apareceria na superfície da água? Era assim que eles asseguravam uma linhagem inteligente, deixando os bebês descuidados caírem como frutas maduras das árvores? Ela segurou a criança pelas axilas para olhar melhor. Sem dúvida era mais magro que um bebê médio americano da mesma idade, mas muito saudável, chutando e gorgolejando com prazer. A outra criança parou de correr por um minuto para apanhar a faca que estava no chão e começou a bater com ela no piso atrás da mulher mais velha. Então, o bebê urinou em cima de Marina, um jato longo e exuberante contra a frente de sua blusa já ensopada. Os homens riram mais alto, e as mulheres, mais calmamente, balançando as cabeças para todos os estrangeiros tolos que não sabiam como segurar um bebê na direção correta. A faca da outra criança prendeu no piso e, após um choramingo

momentâneo, ela puxou a faca e a enfiou novamente, deixando de atingir a mulher mais velha por cerca de quinze centímetros.

— O senhor pode pegar aquela faca? — disse Marina ao Dr. Nkomo.

Certamente a Dra. Swenson teria argumentado que se deve respeitar a ordem natural das coisas, em que os bebês caem das plataformas e as crianças pequenas brincam com facas que algum dia terão de entender como usar para se alimentarem. Aquelas crianças tinham escapado incólumes antes de Marina chegar e muito provavelmente continuariam a existir depois que os convidados fossem embora, mas, ainda assim, o Dr. Nkomo se dispôs a retirar a faca das mãos relutantes da menininha e, quando a entregou para um dos homens, a criança colocou o rosto no chão e começou a chorar. A mulher que tecia as telhas se levantou e disse algo ao Dr. Nkomo, apontando para Marina e para ele. A adolescente se aproximou e levou o bebê para longe.

— O que eu fiz? — Marina perguntou.

— Tem a ver com suas roupas — respondeu ele. — “Roupa” foi a única palavra que reconheci e talvez nem seja isso mesmo.

Naquele momento, a mulher mais velha se levantou resoluta e começou a desabotoar a camisa de Marina. Ela segurou a mão da mulher e balançou a cabeça, mas a mulher simplesmente esperou até Marina soltar as mãos dela e recomeçou. Seu toque era ao mesmo tempo paciente e persistente. Não fazia diferença para Marina que houvesse urina em suas roupas sujas e encharcadas, mas ela não sabia como explicar isso. Quando Marina se afastou, a mulher a seguiu. Ela era consideravelmente mais baixa do que Marina, todos eram, e Marina ficava reparando no repartido de seus cabelos grisalhos e na longa trança que descia até as costas. O vestido da mulher estava justo no abdômen, que pressionava a virilha de Marina. O abdômen da mulher era alto e duro e, de repente, Marina percebeu que os braços dela eram finos, assim como seu rosto e suas pernas. Apenas o estômago se projetava. Marina a observava à medida que se afastava dela de novo, e ela se aproximava, até que possivelmente as duas chegariam à ponta da plataforma. Marina parou, pensando em formas de se sair daquela situação enquanto a mulher retomava a tarefa com os botões, com a barriga pressionando Marina, que, então, sentiu o bebê chutar.

— Meu Deus — falou Marina.

— Acho que ela quer lavar sua camisa — observou o Dr. Nkomo, parecendo profundamente constrangido. — Quando eles põem uma ideia na cabeça, é muito difícil dissuadi-los.

— Ela está grávida. Senti o bebê chutar. Ele me chutou.

O bebê chutou mais uma vez, como se grato pelo reconhecimento, e a mulher levantou o rosto e balançou a cabeça para Marina, como se dissesse: *Crianças, o que se há de fazer?* Sua testa era extremamente enrugada, e o pescoço, encarquilhado. Ao lado do nariz, próximo ao olho, havia uma verruga chata e escura, de formato irregular, que poderia ser um melanoma. Com os botões abertos, ela ajudou Marina a tirar a camisa, e Marina permitiu que ela fizesse aquilo. O que Anders dissera? *Horizonte perdido* para os ovários? Quantas crianças aquela mulher teria despido e quantas pessoas das que estavam naquela casa na árvore eram filhos dela? A menininha chorando pela faca? A mulher tecendo o telhado? Os homens esperando para voltar a escavar o barco? A outra mulher chegou com um trapo pequeno — e não exatamente limpo — e esfregou os braços e as costas de Marina, além de seu estômago e pescoço. Ela tocou o sutiã de Marina e disse algo para a mais velha, que curvou o nariz entre os seios de Marina para inspecionar mais de perto a parte rendada dos bojos brancos. O Dr. Nkomo se mantinha ocupado com a menininha, propositalmente virado de costas para as mulheres, mas os dois outros homens cruzaram os braços no peito, assistindo ao espetáculo com interesse, e Marina não ficou perturbada com aquilo. Ela havia sentido um bebê chutar dentro da barriga de uma mãe que, na melhor das hipóteses, tinha 60 anos, ou talvez passasse de 70. A adolescente ficou de pé em frente a Marina, levantou os braços e assim permaneceu até que Marina percebesse que se tratava de uma instrução e não de um jogo. Ela também levantou os braços. A intenção clara da menina era enfiar um vestido simples pela cabeça de Marina, mas a diferença de altura entre as duas tornava o gesto impossível, e Marina puxou o vestido. Logo que a roupa passou enroscada por sua cabeça, uma delas puxou as calças de Marina para baixo e começou a igualmente esfregar suas pernas com o pano. Ela levantou os pés obedientemente, um e outro, e as calças foram retiradas. Marina agora estava como as outras, com o vestido trapézio solto e largo o suficiente para acompanhá-la durante uma gravidez inteira, porque, entre as mulheres lakashi, todas as roupas eram roupas de grávida. Sem zíperes ou botões, Marina via a

maneira como se apresentavam como candidatas a um insano asilo rústico. O traje era consideravelmente mais curto nela e as mulheres zombavam de seus joelhos, rindo, como se houvesse algo vagamente escandaloso neles. As mulheres se sentaram no chão; Marina sentou-se com elas e colocou as mãos no estômago da mulher, esperando o bebê se mexer novamente enquanto a mulher que fazia as telhas puxou seus cabelos para trás com um pente entalhado e fez uma trança tão apertada como sua mãe nunca havia conseguido quando ela era criança. A adolescente mordeu a folha de palmeira e tirou um pedaço, com o qual amarrou a ponta da trança, enquanto o bebê flutuava sob as mãos de Marina dentro da barriga da mãe. Ela imaginou que a mulher estava com seis meses de gravidez. Marina percebeu então que ela não havia tocado uma única mulher grávida desde que tocá-las tinha deixado de ser seu trabalho. Como podia ser possível? Depois das incontáveis barrigas sobre as quais tinha passado a mão durante seu treinamento, como ela as tinha deixado de lado?

— A senhora sabia, não é, sobre as lakashi? Sobre por que a Dra. Swenson está aqui? Anders contou? — perguntou o Dr. Nkomo, com a pequenina no colo brincando com seus óculos. Ela dobrava cuidadosamente as hastes para dentro e para fora.

— Já tinham me contado, mas não posso dizer que tenha necessariamente acreditado. É bastante diferente ver as coisas com os próprios olhos.

— É verdade — concordou o Dr. Nkomo. — Eu já tinha lido os artigos da Dra. Swenson, mas assim mesmo fiquei muito surpreso. Já refleti um bocado sobre a fertilidade e a reprodução dos mosquitos e não o bastante sobre a fertilidade e a reprodução das mulheres. Isso é o que minha esposa diria. Ela fala que, se esperarmos muito mais para termos um filho, ela vai ter de vir morar com os lakashi para ficar grávida.

Marina tocou suas costas e moveu a base da trança para a frente e para trás, tentando soltá-la antes que ficasse com dor de cabeça.

— Pensei que sua pesquisa com a Dra. Swenson fosse sobre fertilidade.

— Ah — disse o Dr. Nkomo, tirando os óculos da menina e, com esse gesto, partindo novamente o coração dela. — Trabalhamos juntos. Somos colegas, mas não partilhamos o mesmo estudo. Nossos assuntos se sobrepõem.

Os anfitriões acompanhavam a conversa intensamente, com os rostos seguindo o turno de cada um, como se assistissem a uma partida de tênis.

— E o que o senhor estuda, Dr. Nkomo?

— Por favor, me chame de Thomas. Talvez a senhora pense que meu foco recai na toxicidade colateral da droga, só que neste caso ela não é tóxica. A droga mostrou benefícios não relacionados com a fertilidade.

Marina tinha outras perguntas, principalmente sobre quais eram tais benefícios e quem financiava sua pesquisa, mas, naquele momento, Easter apareceu no topo da escada, tão molhado como se acabasse de mergulhar no rio. Marina compreendeu o olhar de pânico em seu rosto. Ele achava que ela havia morrido assim como ela pensara que ele tinha morrido. Os olhos de Easter vasculharam o cômodo rapidamente, passando por ela e se detendo muito brevemente em Thomas Nkomo. Ele começou a descer de novo, mas ela se levantou rapidamente e, quando ele percebeu que era ela quem estava naquele vestido e com o cabelo trançado, subiu aos saltos os últimos degraus da escada, com a camiseta esticada pela chuva e os joelhos cobertos por uma grossa camada de lama. Começou a dar tapas nos braços dela, nos quadris, nas costas. Não conseguia se controlar. Ela era responsabilidade dele, e ele a perdera.

Os lakashi balançaram a cabeça, estalaram a língua algumas vezes e apontaram para o menino, mas Easter não olhou na direção deles e, assim, eles desistiram. Não havia por que caçoar de um surdo se ele não estava olhando para você.

— A chuva diminuiu. — Thomas esticou o pescoço para olhar além das extremidades do telhado. — Ou talvez já tenha cessado, e as árvores ainda estejam pingando. Ainda acho muito difícil distinguir entre a chuva em si e a continuação de uma chuva que já acabou.

— Não me importo de ficar molhada de novo.

Marina colocou os braços em volta dos ombros de Easter. Ela estava pensando na caixa do menino, nas canetas e nas penas, na carta aberta de Anders para o mundo em favor de Easter.

— Então devemos ir.

Thomas iniciou uma série de reverências em volta do cômodo.

— Qual palavra devo dizer como agradecimento?

— Até onde sei, não existe uma palavra específica de agradecimento em lakashi. Perguntei a outras pessoas e ninguém soube me responder.

Marina olhou para os anfitriões, que a fitavam com expectativa, como se esperassem que ela achasse uma saída.

— E em português?

— Obrigado — falou Thomas em português.

— Obrigado — repetiu Marina para a mulher grávida, mas a expressão desta não mudou.

Marina pôs a mão na barriga da mulher novamente, mas o bebê estava quieto.

Easter puxou o vestido de Marina, depois apontou a própria camisa e apontou para ela. Marina olhou em volta. Havia algumas redes penduradas entre as colunas, pilhas de cobertores e panos no chão, cestos com raízes e outros com gravetos, mas ela não conseguiu ver sua camisa e suas calças. Na realidade, se ele não tivesse mencionado as roupas, ela provavelmente teria descido as escadas sem elas, tão distraída que estava com o que vira. Ela balançou a cabeça. Easter então se aproximou da mulher grávida, segurou a própria camisa entre dois dedos e apontou para Marina. A mulher não parecia fazer ideia do que ele queria dizer. Marina fez a mímica de desabotoar a camisa, com os dedos na frente do vestido onde estariam os botões, mas a mulher deu de ombros.

Thomas então disse uma palavra, *basa* ou *basi*, que provavelmente era a palavra que acreditava significar roupa, mas em troca recebeu a mesma expressão distante que a mulher fizera após a palavra de agradecimento. Ele agarrou a própria camisa e apontou para Marina. A mulher mais jovem retomou seu lugar no chão e voltou a entrelaçar e tecer as folhas de palmeira, como se os visitantes nunca tivessem estado ali, e então, no que foi o gesto mais condenatório de falsa inocência, a moça mais jovem sentou-se para ajudá-la. Colocaram o bebê no chão e lhe deram uma folha de palmeira para brincar, que ele pôs na boca e sugou, contente.

— Acho que a senhora foi enganada — disse Thomas.

— Levaram minhas roupas?

Marina não conseguia imaginar que isso fosse possível, mesmo usando aquela bata. Easter atravessou o cômodo e começou a cavar o chão, e um dos homens se aproximou e lhe deu uma bofetada no lado da cabeça.

— Isso não é bom — disse Marina. — Não sei onde está minha bagagem.

— A mala que veio com a senhora de Manaus? — Thomas perguntou. — Não estava no barco?

Ela se virou para ele. Subitamente, o vestido pareceu pequeno demais.

— É óbvio que estava no barco comigo, mas, meu Deus, cheguei em meio a todo aquele fogo e toda aquela gritaria, com os homens subindo a bordo, e a Dra. Swenson logo subiu para o cais. Eu não iria ficar ali e procurar minha bagagem.

— É claro — concordou Thomas.

Não ofereceu qualquer palavra de encorajamento. Não comentou, como faria outra pessoa, que aquela era uma aldeia muito pequena e que certamente não havia para onde a mala dela ir. A adolescente agora estava de pé, batendo nas mãos de Easter, e depois a menina pequena também veio e começou a bater nele.

— Devemos ir agora, Dra. Singh — disse Thomas.

— Por favor — respondeu ela, surpreendentemente aborrecida por causa de uma perda tão pequena. — Você pode me chamar de Marina.

OITO

Marina já estava na floresta havia uma semana quando o Dr. Alan Saturn, que ela imaginou ser o primeiro dos dois Saturn, disse que queria pegar o barco emprestado, com Easter, e fazer uma viagem até o armazém, que ficava a duas horas de distância, para enviar algumas cartas. (O armazém não era realmente um armazém, mas uma vila maior que ficava rio abaixo, onde os índios jinta, uma sociedade mais complexa, tinham sua aldeia. Por um pequeno preço, eles mantinham de bom grado cartas e dinheiro até que um comerciante de Manaus passasse por ali, o que acontecia com certa frequência. Por um preço maior, os comerciantes levavam as cartas de volta com eles para postá-las — o que não era uma requisição trivial, pois a correspondência seguia para Java, Dakar e Michigan, e eles próprios não eram homens acostumados a esperar nas longas filas dos correios.) Uma vez que a viagem ficava combinada, todos, com exceção da Dra. Swenson, interrompiam o trabalho para sentar por algum tempo depois do almoço e escrever cartas. A Dra. Budi deu a Marina três aerogramas azuis de sua considerável pilha e Alan Saturn disse que se responsabilizaria pelos selos. Marina, cuja bagagem ainda não fora recuperada, passara os últimos sete dias com o vestido lakashi, embora um membro anônimo da tribo tivesse lhe dado outro de reserva, por culpa ou por compaixão. Nancy Saturn, a Dra. Saturn, lhe dera dois pares extras de roupas íntimas, e Thomas Nkomo tinha uma escova de dentes ainda na embalagem. Ele a colocou na mão dela com muita discrição. Para Marina, esses pareceram os presentes mais gentis que já recebera na vida.

— É por isso que não empresto o barco — comentou a Dra. Swenson, olhando em volta enquanto os médicos se espalhavam com papel e caneta, aqueles charmosos dinossauros da comunicação. — Uma vez que você avisa que o barco vai sair, ninguém mais parece ter tarefas a cumprir.

Mas as tarefas do trabalho eram tudo o que eles tinham para fazer naquele lugar. Marina fora alocada a um canto do laboratório e incumbida de rodar os testes de estabilidade no composto, a fim de verificar se ele se degradava com o

calor e a exposição ao ar. Como Anders, ela era uma pessoa acostumada a lidar com moléculas pequenas. Os dois trabalhavam com comprimidos e, embora não houvesse uma correspondência perfeita com a atual tarefa, esta se encontrava confortavelmente dentro de seu escopo de experiência. Existiam dados compilados em número suficiente para mantê-la ocupada durante anos, e ela imaginava se este não seria o objetivo da Dra. Swenson: mantê-la ocupada. Era possível que estivessem lhe dando problemas já resolvidos, como um meio de apaziguá-la ou de testar sua competência. Afinal, eles tinham camundongos e claramente já estavam engajados nos testes de concentração do composto nos níveis do sangue. Mesmo assim, ela sabia que, se ficasse em seu canto observando o que tinham lhe dado, ela estaria muito mais capacitada a avaliar realmente se estavam próximos ou não de conseguir uma primeira dose eficaz. Ela poderia se aproximar da Dra. Budi de vez em quando — Budi era encarregada da administração da pesquisa clínica — e fazer perguntas sobre o trabalho com o sangue dos lakashi. Só agora ela podia ver como havia sido simplesmente ridículo perguntar à Dra. Swenson, no meio de um jantar, como andava seu progresso. Ao trabalhar ali, Marina tinha a oportunidade de fazer sua própria avaliação, que era o que o Sr. Fox queria desde o início.

Além disso, se não trabalhasse, o que faria durante os dias? A floresta, com seus aterradores gritos de morte e escorregadios montes de folhas, dificilmente seria considerada um bom lugar para se fazer caminhadas sozinha durante as tardes. Dois dos jovens da tribo sonhavam em aprender inglês e alemão para se tornarem guias em um dos alojamentos ecológicos a centenas de quilômetros dali. Eles tinham visto a grande esperança branca dos navios de cruzeiros enquanto levavam lotes de árvores para Manaus. Conheceram os naturalistas que visitaram os jinta. Por estarem sempre procurando uma oportunidade de aprender, tinham a maior boa vontade em levar um médico curioso aos locais mais escondidos da floresta, longe das trilhas disponíveis, onde as folhagens filtravam a luz vespertina. Com muitos gestos de mãos, algumas palavras comuns em quatro línguas diferentes e alguns poucos guias de papel brilhante com o nome “Anders Eckman” escrito na parte interna da capa, eles se esforçavam para oferecer excursões na selva, apontando os sapos coloridos de neon do tamanho de moedas que continham em suas peles pegajosas veneno suficiente para derrubar vinte homens. Todos os cientistas concordavam que

jamais tinham adentrado as profundezas da floresta por mais que oito minutos sem pensar em dar todos os seus pertences em troca da indicação do caminho de volta para fora da selva, sãos e salvos.

Às vezes, no final da tarde, quando o gerador falhava por excesso de uso e a escassa eletricidade no laboratório desligava completamente (exceto a dos geradores de reserva que mantinham as amostras de sangue nos refrigeradores congelados a níveis árticos), o calor impelia os médicos, exceto a Dra. Swenson, a nadarem no rio, embora o rio fosse ainda pior do que a selva, já que não se podia saber o que estava passando a seu lado naquela sopa escura. À medida que se movimentavam na água lentamente, esperando não fazer gestos que pudessem provocar esguichos convidativos, a conversa versava em torno não das espetaculares mariposas com asas do tamanho de lenços que planavam sobre suas cabeças por um momento, mas dos microscópicos peixes candiru, que eram capazes de nadar para dentro da uretra com resultados catastróficos. Marina, que não tinha alternativa, nadava em seu vestido esperando que, na lenta agitação de suas braçadas, o estivesse lavando. Todos mantinham um olho alerta no caso de aparecerem cobras d'água, cujas cabeças corriam pela superfície da água como pequeninos periscópios, e comentavam sobre os morcegos-vampiros que haviam enroscado as garras nos mosquiteiros sobre suas camas. Ninguém ficava muito tempo na água, nem mesmo a Dra. Budi, que aparentemente fora uma estrela da natação quando criança, na Indonésia.

Para se distraírem com outros assuntos que não a natureza, havia periódicos científicos antigos e cópias velhas da revista *New Yorker*, mas invariavelmente os parágrafos mais interessantes haviam sido comidos. A Dra. Swenson possuía uma coleção completa de Dickens em capa dura e mantinha os livros embalados separadamente em plástico grosso e atados com barbante. Ela os emprestava e depois fazia verificações de marcas de dedos para assegurar que estavam sendo lidos com mãos limpas. Um pedaço de canela em pau era colocado na embalagem de plástico de cada volume, porque as formigas, como o Dr. Rapp uma vez lhe contara, evitavam o aroma de canela. A Dra. Swenson acreditava que as formigas seriam os principais condutores para o fim da civilização.

Além das breves e insatisfatórias diversões de caminhar, nadar e ler, tudo o que restava à Dra. Swenson, à Dra. Singh, ao Dr. Nkomo, à Dra. Budi e ao Dr. e à Dra. Saturn era o laboratório — e ele não era diferente de um cassino de Las

Vegas. Eles permaneciam lá sem relógio ou calendário. Trabalhavam até ficarem com fome; então paravam para comer, abrindo uma lata de pêssegos e outra de atum. Trabalhavam até ficarem cansados; então voltavam para suas cabanas no pequeno anel de choupanas construídas atrás do laboratório, como os bangalôs do Acampamento de Verão para Meninas Spear-O-Wigwam, em Mille Lacs. Liam um pouco de Dickens antes de dormir. No final da primeira semana, Marina estava no meio de *A pequena Dorrit*. De todos os seus bens perdidos ou extraviados, ela lamentava particularmente ficar sem seu romance de James.

Quanto às lakashi, eram cobaias pacientes, submetendo-se a constante medição e pesagem, permitindo que seus ciclos menstruais fossem mapeados e que seus filhos fossem espetados para coleta de amostras de sangue. A Dra. Swenson merecia crédito por isso, e o aceitava prontamente, contando histórias sobre as incansáveis adulações e as ofertas de presentes que eram exigidas até para os exames mais básicos.

— Eu os domei — dizia ela, sem constrangimento ao empregar a palavra. — Era o trabalho de nossas vidas, minha e do Dr. Rapp, ganhar a confiança deles.

Contudo, se ela os ensinara a tolerar sua pesquisa, não lhes fizera boa companhia. Raramente a convidavam para partilhar peixe seco ou mandioca regurgitada — não que alguém quisesse adicioná-los a sua dieta —, mas esta era a lição mais básica de qualquer aula de antropologia: compartilhar o alimento era o primeiro símbolo de convivência harmoniosa. Entretanto, na verdade, a Dra. Swenson proibia estritamente que os cientistas partilhassem a comida deles com os membros da tribo, pois achava que um pote de manteiga de amendoim corrompia mais os modos indígenas do que um aparelho de televisão. Assim, era possível que a má vontade dos lakashi em oferecer seu pão fosse apenas uma questão de retaliação passiva. Apenas Easter comia das duas mesas ou, mais precisamente, dos dois potes. Os lakashi não batiam à porta do laboratório para convidá-los nas noites que decidiam, sem razão aparente, dançar até as três da madrugada. Tampouco deixavam um bilhete quando desapareciam, todos eles, o que acontecia de tempos em tempos, deixando para trás um silêncio enervante. Quando voltavam, doze horas depois, estavam quietos, tinham os olhos vermelhos e caminhavam nas pontas dos pés em sua ressaca indígena coletiva. Mesmo as crianças exalavam o odor de uma fumaça peculiar e se sentavam

como tocos de madeira às margens do rio, uma fila inteira olhando diretamente à frente, sem nem mesmo coçar as picadas de insetos.

— Costumávamos chamar aquilo de “busca de visão”, em honra aos índios americanos — contara a Dra. Swenson para Marina quando esta correu para o laboratório em pânico, perguntando o que tinha acontecido com todo mundo. Ela estava no acampamento havia três dias quando, como se fosse uma cena horrível de um filme de ficção científica, todos desapareceram. — Era o nome perfeito para o que faziam até que se tornou também o nome de um videogame e o brado reanimador de qualquer grupo de pessoas de meia-idade adeptas da Nova Era que procurassem legitimar seu interesse por psicodelismo. Não sei mais como nomear. Acordo e vejo que todo mundo desapareceu e penso: Ah, chegou a hora daquilo de novo.

— Você já foi alguma vez com eles? — perguntou Marina.

A Dra. Swenson trabalhava em uma equação complicada num caderno de espiral, mas não parecia se importar em levar adiante a conversa enquanto anotava cadeias de números. Havia computadores no laboratório; porém, entre a eletricidade não confiável e a espantosa umidade que, de tempos em tempos, acometia os geradores como se fosse uma febre, todos ali estavam mais propensos a fazer cálculos importantes à mão, provando que legiões de professores de matemática estavam corretos.

— Ninguém vai com eles agora. Pensando bem, acho que apenas o Dr. Rapp foi convidado e o restante de nós, pesquisadores, foi atrás dele. Quando ele deixou de vir nas expedições, então os lakashi simplesmente começaram a sair no meio da noite, enquanto dormíamos. Nunca conheci um povo que, em dado momento, pode ser tão barulhento quanto uma blitz e, no outro, seja capaz de manter o mais perfeito silêncio mesmo caminhando sobre folhas secas. Eles conseguem mover a tribo inteira sem quebrar um único graveto.

Marina esperou uma resposta para sua pergunta, mas a atenção da Dra. Swenson se voltara para os cálculos matemáticos. Ocorreu a Marina que aquele tipo de conversa era exatamente o motivo por que os Bovender se empenhavam tanto em manter a Dra. Swenson longe do convívio social. Aquele convívio social não passava de uma longa conversa à toa típica de jantares em que se é obrigado a falar tanto com o vizinho da esquerda quanto com o da direita.

— Mas você foi?

A Dra. Swenson voltou o olhar para cima por um momento, como se estivesse surpresa por ver Marina ainda lá.

— É claro, quando eu era mais jovem. Parecia fascinante na época, como se estivéssemos descobrindo algo fundamental para a identidade da tribo. Era importante para o Dr. Rapp, era importante para todo o campo da micologia. Agora visualizo todos aqueles estudantes, rapazes de Park Avenue, Hyde Park e Back Bay, que haviam passado os verões anteriores nos Hamptons tomando sorvete, todos marchando para a floresta prontos para ingerir qualquer coisa que lhes dessem. Pela maneira como abriam a boca e fechavam os olhos, você poderia pensar que os lakashi estavam distribuindo hóstias. Na realidade, a cerimônia poderia se constituir em um programa extraordinário para estudos interdisciplinares: biologia, antropologia, religião universal. Certamente achei instigante, como estudante de medicina, verificar durante quanto tempo uma pessoa poderia sustentar uma frequência cardíaca tão baixa. Entre todos eles, ninguém tinha os batimentos acima de 24. Certa vez, levei um medidor e monitorei os lakashi e os estudantes a cada vinte minutos durante cinco horas após atingirem um estado de inconsciência. A pressão diastólica de cada um ficou ligeiramente acima do estado de morte. Eu estava testando por interesse próprio, mas, se eu tivesse tido a oportunidade de separar um grupo de controle, poderia ter sido um importante estudo ao longo do tempo.

— Você já... — Marina não sabia bem como fazer a pergunta.

— Já, sim, claro, mas a micologia nunca foi meu campo de interesse. Eu estava mais interessada em registrar os sujeitos. Deixe os botânicos tomarem notas de suas próprias viagens, costumo dizer. Fui de muita ajuda para o Dr. Rapp dessa maneira. Ele jamais teve um aluno de pós-graduação que desejasse se abster para o propósito de observação. Eu não me importava, evidentemente; estava feliz em ajudar a ciência. O maior problema eram os próprios lakashi. Logo que as mulheres da tribo perceberam que eu não ia mais aderir à viagem, elas começaram a aglomerar todos os bebês em volta de mim, todas as crianças. Dei um basta naquilo rapidamente.

— As crianças participavam?

— Imagino que isso vá contra suas ideias do que é ser um bom progenitor. Pensando bem, posso perceber como você teria preferido que eu os interrompesse, mas eu não a conhecia na época.

— Tudo bem. Não estou interessada nas crianças — rebateu Marina, e de fato dizia a verdade. Pelo que podia perceber, as crianças lakashi eram de titânio. Comiam frutas silvestres e eram picadas por aranhas, caíam das árvores e nadavam com as piranhas, e todas estavam muito bem. Marina não conseguia imaginar de que maneira uma dose regular de alucinógenos poderia fazer qualquer diferença. — Mas, quando você entrava na viagem, era bom?

Marina tinha dedicado sua juventude aos estudos, acreditando em toda a propaganda sobre os perigos das drogas, enquanto sua idolatrada mestra passava os fins de semana na Amazônia ingerindo cogumelos. Ela sentia que merecia saber, nem que fosse em segunda mão, se tinha sido divertido.

A Dra. Swenson retirou os óculos de leitura e pressionou os dedos contra a parte superior do nariz.

— Continuo com a esperança de que você seja mais do que mostra, Dra. Singh. Estou quase a ponto de gostar de você, mas você persiste nas questões mais mundanas. Sim, é óbvio que era interessante tomar parte no ritual; tínhamos vindo para participar daquilo. Foi um pouco aterrador na primeira vez, com os gritos e a fumaça, de certa forma quase como a experiência que você mesma teve chegando aqui à noite, pelo rio; só que estávamos muito próximos das outras pessoas, em uma choupana fechada, gigantesca. Ver Deus valeu a pena, certamente. Duvido que qualquer outro ritual em nossa tradição ocidental teria mostrado Deus a mim pessoalmente. Eu me lembro de que o Dr. Rapp se sentiu muito humilde durante vários dias após a experiência e de que continuava a ver quase tudo em tom de roxo. Acontecia com todos nós. Porém, em uma avaliação final, sou uma pessoa que detesta vomitar, e se vomita muito no ritual lakashi. É uma parte inevitável da experiência, pois o corpo não é capaz de processar aquela quantidade de veneno sem...

A Dra. Swenson, que estava sentada em uma banqueta em frente à mesa que usava como escrivaninha, fechou os olhos como se estivesse lembrando a experiência. Manteve os olhos fechados por um tempo excessivamente longo.

— Dra. Swenson?

Ela ergueu a mão e balançou a cabeça quase imperceptivelmente, repelindo mais perguntas. Então, levantou-se, lívida, correu para a porta e vomitou perto dos degraus da entrada.

Querido Jim,

É verdade que ninguém aqui tem um telefone. Acho que tem a ver com a umidade, inimiga de todas as máquinas. Embora tenham me dito que existe uma conexão de internet em uma aldeia diversas horas a oeste de Manaus (que, de qualquer modo, não fica perto de nós), ela só funciona quando não chove durante duas semanas seguidas, o que significa de fato que não há conexão. O segundo telefone que você me mandou, com minha segunda mala, desapareceu logo depois que cheguei à aldeia lakashi. Tenho sido uma guardiã relapsa de meus pertences. Já passou tanto tempo desde que consegui dizer para você onde estou que fico preocupada agora que você pense que estou morta. Espero que o serviço de correio funcione e você receba esta carta rapidamente. Estou aqui há uma semana e esta é a primeira vez que tenho a esperança de que uma carta saia da aldeia, embora o Dr. Nkomo tenha me dito que, quando Anders estava aqui, ele ficava na beira do rio com uma carta na mão, espreitando para ver se passava alguma canoa. O que quero dizer mesmo é que você não precisa se preocupar comigo. A vida com os lakashi tem sido melhor do que eu esperava. Tenho uma tarefa modesta no laboratório e, com o tempo, sinto que vou ser capaz de discernir qual o real progresso em relação à droga. Apesar de todos serem amistosos, ninguém é particularmente acessível em relação a quais aspectos da pesquisa são de responsabilidade de cada pessoa. Posso dizer que as gestações são impressionantes. É difícil documentar a idade dos membros mais idosos da tribo (a Dra. Swenson começou a documentar as crianças quando veio aqui pela primeira vez, cinquenta anos atrás), mas algumas mulheres grávidas aqui parecem claramente estar na casa dos 70 anos. Quanto mais eu vejo, mais entendo o comprometimento dela com a droga, mesmo que demore muito tempo para se chegar à primeira dose para seres humanos.

Marina estava no final do aerograma e hesitou sobre como terminar. *Amor* não era uma palavra que tivesse entrado nas suas conversas com o Sr. Fox, embora ela estivesse certa de que estava implícita. Ela não conseguia ver como, depois de tudo o que tinha acontecido, o emprego dessa palavra agora pudesse ser particularmente chocante. Assim, ela escreveu a tinta: *Com amor, Marina*. Depois, escreveu algumas breves notas para a mãe e para Karen, gastando a maior parte do papel para explicar por que a carta seria tão breve. Afinal de contas, o barco partiria logo e ela não queria deixar ninguém esperando. Prometeu começar a escrever cartas mais longas imediatamente e guardá-las para o próximo portador.

* * *

É verdade que Anders fora impaciente com o sistema de correio; diversas pessoas haviam comentado sobre isso. Ele costumava levar Easter para o rio e eles ficavam horas a fio esperando que alguém passasse remando. Então, quando finalmente alguém aparecia, ele fazia o menino nadar para entregar a carta e o dinheiro. A Dra. Budi disse que ele tentava mandar uma carta em todos os barcos

que passassem, com o intuito de ampliar suas chances de que uma ou duas pudessem efetivamente encontrar o caminho de casa, para a mulher. Todavia, após um tempo, ele ficou doente demais para se dirigir até a beira da água, doente demais para ficar muitas horas sob o sol, e mandava Easter sozinho. Marina não precisou perguntar muito nem conjecturar muito para preencher estas informações: Anders, doente, havia escrito cartas para a mulher. Easter, preocupado, não queria deixar Anders sozinho durante o número de horas necessário para encontrar um barco passando pelo rio. O tráfego no pequeno afluente era, no mínimo, escasso, e havia dias em que não passava uma única pessoa. Ainda que Easter tivesse entendido o ritual de entregar o envelope azul para alguém em um barco, ele não podia ter entendido o que era uma carta ou o que representava, apenas que Anders escrevia e escrevia. Mal ele chegava de sua missão e o amigo o mandava novamente com outro envelope.

A primeira vez que Marina encontrou um dos retângulos de papel azul em cima de sua cama, perfeitamente selado e endereçado para Karen Eckman, em Eden Prairie, ela gelou de maneira tão sólida quanto uma amostra de sangue no fundo do congelador. Apoiou-se no parapeito e iluminou a noite da floresta com a lanterna, procurando ver um clarão em que Anders corria para longe, o coração em total arritmia; mas não demorou muito para perceber quem tinha deixado a carta. Para Easter, aqueles envelopes eram seus bens mais valiosos e, por conseguinte, os melhores presentes. Como ele sabia que sua posse advinha de um ato direto de desobediência, carregavam também um fator adicional de culpa. As cartas eram tão secretas que ele não poderia guardá-las em sua caixa com as penas. Onde quer que estivessem, ele as distribuía lentamente, de dois em dois dias, de três em três dias, por baixo do lençol, por baixo do travesseiro, dobrada embaixo de seu vestido extra.

> *Vou dizer qual é a virtude da febre: ela traz VOCÊ para cá. Eu preferia que ela me levasse para casa, e uma ou duas vezes isso aconteceu. Mas, na maior parte das vezes, VOCÊ chega às quatro da manhã e me tira desta cama, e andamos juntos pela floresta. E, Karen, você sabe TUDO sobre a floresta. Você conhece os nomes de todas as aranhas. Você não tem medo de nada. Eu não tenho medo de nada quando estou com você. Deixe-me viver nesta febre. É tão pior agora, as horas em que estou bem*

Depois, mais nada. Talvez estas fossem as cartas que Anders não havia terminado; ou as que ele começou e esqueceu, e Easter as tivesse apanhado do

chão enquanto Anders dormia, e as tivesse guardado. Das três que tinha lido até agora, duas continham apenas um parágrafo e a terceira, meras duas frases:

> *Qual era o nome do casal que morava do nosso lado no prédio em Petit Court? Vejo os dois constantemente aqui e não consigo me lembrar dos nomes.*

A Dra. Swenson fora para seu próprio quarto, que ficava atrás do laboratório, após ter se sentido enjoada. Quando voltou, todos já tinham terminado de escrever as cartas, menos a Dra. Budi, que parecia considerar a questão do que dizer como um problema espacial. Ela fitava o papel de carta durante muito tempo e depois voltava os olhos para cima, para o teto, como se tentasse calcular exatamente de quantas palavras precisava para expressar seus sentimentos e quantos centímetros havia no papel para essas palavras. A Dra. Swenson retornou após o almoço com a aparência de que nada acontecera e, quando Marina começou a perguntar como ela estava se sentindo, a Dra. Swenson fez um sinal para ela parar.

— Estou bem — disse ela, sem esperar a pergunta.

Alan Saturn se colocou na frente da Dra. Budi e tamborilou com os dedos na mesa.

— Desista — falou.

— Você podia ter me dito ontem à noite que queria ir hoje.

Ela era uma mulher de ossos finos e idade indeterminada e usava os cabelos negros presos em uma trança como as das lakashi. Ela dobrou e redobrou a carta e lambeu a parte da cola.

— Nada acontece aqui — disse Alan. — Ninguém precisa de tanto tempo para escrever uma carta.

A Dra. Budi enfiou a mão no bolso de seu guarda-pó e retirou diversas notas pequenas que entregou ao Dr. Saturn com o envelope. Depois, sem dizer mais nada, voltou sua atenção para o trabalho. Em sua dedicação à sua tarefa, a Dra. Budi era o arquétipo de um tipo específico na comunidade médica, assim como o cirurgião mal-humorado ou o anestesista viciado. Toda vez que um grupo de médicos se reúne, sempre há aquele cujo carro já está no estacionamento quando os outros chegam ao amanhecer e ainda está estacionado quando todos deixam o trabalho após a meia-noite; aquele que já está de pé na estação das enfermeiras às quatro da manhã revendo uma tabela, em um fim de semana em que não

estava de plantão; aquele que os outros médicos ridicularizam privadamente por não ter vida própria e em relação a quem, no entanto, eles sentem um sentido de competição irracional e corrosivo. O notável era como a Dra. Budi preenchia eficientemente um papel como este mesmo sem que houvesse um hospital, um estacionamento ou pacientes por ali. Quando tudo o que faziam era trabalhar, a Dra. Budi trabalhava mais. Ela alegava já ter lido toda a coleção de Dickens.

— Você já esteve em Java? — perguntou Alan a Marina — Ou em qualquer lugar da Indonésia?

Ela o seguira até o cais com os lakashi, sem sequer perguntar a si mesma por que estava fazendo aquilo. Uma partida, uma chegada, estava começando a ver seu apelo como uma digressão. Marina tinha certeza de que um dos homens próximos usava uma de suas calças, com a bainha enrolada. De tempos em tempos, suas peças de roupa passeavam à sua frente e não havia nada a fazer a não ser assistir ao desfile. Ela balançou a cabeça.

— Minha teoria é que Budi é mais adaptável aos trópicos do que nós. Este ar, os cheiros, tudo isso deve ser uma segunda natureza para ela. Ela olha para cima tão raramente que imagino que ela sinta como se estivesse em casa. — O Dr. Saturn trabalhava para soltar um nó em uma corda que prendia a balsa à margem e, em seu esforço, apertou ainda mais o nó. Easter chegou e bateu no ombro de Saturn. A teoria do homem era clara. — Agora, pense em mim e Nancy, vindos de Michigan — continuou ele. — Bom, vai ser bem mais difícil. Por mais que venhamos aqui e por mais tempo que fiquemos, nunca estamos completamente aclimatados. A sensação de estar em um lugar tão estrangeiro a nós é sempre um transtorno.

— A Dra. Swenson nasceu no Maine e não parece estar perturbada.

— A Dra. Swenson nunca poderá ser citada em conversas sobre como as pessoas normais reagem ao ambiente em que estão. — Um tipo de pássaro esquisito, grande e branco, com uma envergadura de asas digna de um pterodátilo, voou sobre o rio na direção deles. Tinha uma cabeça careca negra, um longo bico também negro e um anel vermelho em volta do pescoço magro. Todos ficaram paralisados com a visão do pássaro e o observaram até que ele se virasse em direção à vegetação e desaparecesse. O Dr. Saturn usou a mão como viseira contra o sol vespertino. — Anders saberia que pássaro é aquele.

Após uma ansiosa folheada no livro de Anders, Benoit levantou a foto do pássaro, entusiasmado por tê-lo encontrado tão rapidamente. Ele mostrou ao Dr. Saturn, que concordou que se tratava de um exemplar correspondente.

— Cegonha jabiru — disse o Dr. Saturn.

Benoit, um dos jovens que tinham a esperança de fazer carreira em turismo, frequentara, quando criança, uma escola missionária que surgira subitamente a alguns afluentes de distância. Graças a um grupo de batistas do Alabama, ele sabia ler e escrever em português e tinha memorizado versículos da Bíblia, os quais era capaz de recitar quando quisesse, habilidades que o tinham transformado em um dos membros menos combatidos da tribo. Marina se aproximou para olhar a foto.

— Eu trouxe chapéus — disse Nancy Saturn, chegando à beira da água. — Tenho dois. Agora você pode vir com a gente.

Ela deu a Marina um chapéu com abas largas e, como Marina hesitou, o Dr. Saturn o tirou das mãos da esposa e o colocou na cabeça de Marina. A diferença de idade entre os Saturn era maior do que aquela entre o Sr. Fox e Marina. Era possível imaginar, embora ninguém tivesse dito, que ele havia sido professor dela. Marina podia reconhecer a maneira como a esposa se inclinava em direção ao marido quando ele falava: não era diferente de como ela mesma se inclinava em direção à Dra. Swenson. Em uma conversa de fim de noite, após uma garrafa de aguardente, o Dr. Saturn se exibia em questões de medicina tropical, e a Dra. Saturn efetivamente tirou um caderno do bolso para anotar algo que ele dissera. Ela foi discreta e o papel não teria sido notado se a Dra. Swenson não tivesse perguntado em voz alta se ela não era capaz de simplesmente confiar na memória. A Dra. Swenson decididamente não gostava muito da Dra. Saturn, a quem via como uma penetra, uma aproveitadora, embora a mulher mais jovem, uma botânica diplomada em saúde pública, provavelmente fosse muito bem qualificada e útil à pesquisa. Certamente suas credenciais eram mais próximas às do Dr. Rapp.

— Jamais confio em minha memória quando estou bebendo — respondeu Nancy Saturn.

Easter virou a chave e o motor da balsa começou a cuspir e tossir. Todos os lakashi avançavam, agora, e Marina se sentiu empurrada de um lado a outro pelos homens vestindo apenas shorts e as mulheres com suas barrigas de

grávida. Ela se viu fitando as orelhas e as cadeias de sementes e de dentes de animais que rodeavam os pescoços deles e de repente percebeu que não tinha sonhado com a Índia durante toda a semana. Seu pai, que estivera ausente de sua vida por tantos anos, tinha partido novamente e, por um instante, ela experimentou novamente aquele sentimento vazio e sem esperança de tê-lo perdido na multidão. Enquanto imaginava se o Lariam estava fora do seu sistema agora, um mosquito picou a parte posterior de seu joelho.

— Pule! — disse Alan, saltando para o barco com a corda na mão. Imediatamente a corrente apanhou a embarcação e a empurrou para longe da margem. Ele se virou e estendeu a mão para Marina. — A tribo inteira vai estar a bordo em cinco segundos — gritou ele. — A hesitação funciona como um convite direto por aqui.

Era verdade: os lakashi estavam preparados para começar a embarcar, todos eles. Benoit abriu caminho empurrando e pulou sem convite. Ele tinha claramente um destino em mente; Nancy o seguiu. Mais dois lakashi pularam para dentro do barco, mas, antes que recobrassem o equilíbrio, Benoit os derrubou na água e então Marina saltou sem nem ter a intenção de partir. Easter riu quando ela aterrissou com os pés plantados no chão, e ela foi postar-se atrás dele, com as mãos em seus ombros. Toda noite eles iam dormir separadamente, ele em sua rede e ela em seu catre embaixo do cortinado; e toda noite os sonhos dele acordavam os dois. Os pesadelos dele, não os dela; e Marina ia até o menino, o aconchegava no colo e o levava para dormir com ela na pequena cama pelo restante da noite. Eles tinham melhorado nesse procedimento. Em apenas uma semana, tinham aprendido como se esticar e virar simultaneamente.

Os lakashi entravam na água e nadavam uma mistura de nado de peito e cachorrinho. Marina mirou suas cabeças negras na água e imaginou se ela também teria nadado assim, sem qualquer objetivo, apenas para ter algo para fazer. Nancy Saturn tirou o chapéu e acenou para eles, revelando os curtos cabelos ruivos que ela própria aparava. Gritou uma série entusiasmada de palavras de despedida — *goodbye* em inglês, *tchau* em português e então uma espécie de som sussurrante seguido por um grito agudo que essencialmente significava *Vou para longe de vocês* em lakashi. Depois da quarta ou quinta repetição, finalmente os lakashi deram meia-volta e nadaram para a praia. Não

que eles não pudessem alcançar o barco. Easter tinha disparado agora que a Dra. Swenson não estava a bordo.

— Eles só querem um pouco de reconhecimento — falou Nancy, olhando e acenando à medida que eles ficavam mais distantes. — Se você não demonstra que percebe o que estão fazendo, eles continuam fazendo. Honestamente, também não acho que eles nadem tão bem. Não se pode arriscar que metade da tribo se afogue a caminho do armazém.

— Nancy teria sido uma grande behaviorista social — disse Alan Saturn, passando um braço muito bronzeado pelos ombros da esposa. — O Dr. Rapp adoraria conhecer Nancy. Deixamos de ver muitas coisas naquela época que ela percebeu logo na primeira vez em que veio aqui.

— Você conheceu o Dr. Rapp? — perguntou Marina.

Nancy levantou as sobrancelhas brevemente e depois suspirou, reconhecendo o que viria a seguir.

— Como você perdeu aquela preleção? — indagou ela, se desvencilhando do abraço do marido e vasculhando a bolsa à procura do protetor solar e do repelente. Ela ofereceu um tubo para Marina e começou a passar o outro em si mesma.

Alan Saturn levantou os óculos escuros para mostrar com mais eficiência a satisfação em seus olhos.

— Fui aluno dele em Harvard! Na verdade, eu estava matriculado naquela famosa turma de micologia no ano em que ele quebrou o tornozelo na Nova Guiné e terminou voltando para dar aulas pelo semestre inteiro. Foram as aulas publicadas pela Oxford University Press e ainda se publicam inúmeros artigos escritos com base nelas. Tenho certeza de que você já leu algum. Há muita lenda em torno daquele curso. Estava listado no catálogo todo ano, mas o Dr. Rapp praticamente nunca aparecia na sala de aula mais do que um dia ou dois. Na realidade, o curso era ministrado por algum aluno de pós-graduação que já tinha feito trabalhos de campo e estava qualificado para mais do que ler anotações e aplicar os testes. Assim, ainda que a disciplina Estudos em Micologia fosse considerada uma das mais produtivas da universidade, apenas os desavisados do interior efetivamente se matriculavam. Matricular-se naquela disciplina era admitir que você não tinha ideia do que estava acontecendo... Então, quem melhor do que eu para fazer isso? Quando as pessoas perceberam o que havia

acontecido, que o próprio gênio viria lecionar, alunos adiantados ou de pós-graduação ou, em alguns casos, até membros do corpo docente ofereciam dinheiro para os calouros cederem suas vagas. Eu, pelo menos, fiquei firme e minha recompensa foi muito além dos cinquenta dólares que rejeitei. Conheci o Dr. Rapp naquele semestre e fui chamado para viajar com ele para a Amazônia nos três verões seguintes.

— Foi assim que você conheceu a Dra. Swenson?

Marina pensou em sua professora se esforçando para pegar o voo noturno na volta de Manaus. Até onde se lembrava, a Dra. Swenson nunca tinha faltado a uma aula.

Nancy Saturn esfregou uma grande porção de pomada branca no rosto e começou a espalhar.

— Conhecer o Dr. Rapp significava conhecer Annick Swenson.

— Não estrague a história — disse Alan à mulher. Ele voltou sua atenção novamente para Marina, que demonstrava um inesgotável prazer em ouvir. — Annick é muitos anos mais velha do que eu, naturalmente. — Essa informação foi dada por pura vaidade, porque Alan Saturn, com seus cabelos grisalhos e cada vez mais ralos, enormes sobrancelhas brancas e tornozelos perigosamente delgados, poderia facilmente ser considerado mais velho do que a Dra. Swenson. A única coisa que o fazia parecer mais novo era sua mulher mais jovem. — Ela já frequentava este lugar anos antes de mim. Os dois eram... como dizer?... praticamente inseparáveis no campo.

— Ela escolhia os rapazes que iam às excursões — completou Nancy. — Somente rapazes. Ela fazia as entrevistas no escritório dele em Harvard. Foi ela que escolheu Alan. O Dr. Rapp não tinha tempo para preencher pessoalmente as listas de quem seria escalado.

Marina podia visualizá-lo na época: um aluno de graduação alto e magricela, mochila de lona nas costas.

— Você também conheceu o Dr. Rapp? — perguntou Marina a Nancy.

Nancy deu uma risadinha barulhenta e aplicou uma camada de protetor solar sobre o esterno, esfregando por dentro da gola da camisa para realizar a tarefa de forma correta.

— Cheguei depois dele.

Alan Saturn a ignorava agora. Ele já tinha dado a partida. Uma gigantesca árvore caíra no rio e as raízes e os galhos se projetavam da água como se implorassem para ser resgatados. Um pássaro amarelo brilhante com um pescoço longo e delgado estava empoleirado em um dos galhos e observava o barco passar. Benoit, depois de observar o pássaro, começou a virar as páginas do guia freneticamente.

— Martin Rapp era mais do que meu professor. Ele era o homem que eu queria ser. Ele estava completamente engajado em sua vida em cada minuto que vivia. Não se arrastava por aí fazendo algo que alguém tivesse lhe mandado. Jamais foi um dente na engrenagem. Erguia a cabeça e olhava o mundo à sua volta. Agora, meu pai era um homem decente, que trabalhava como alfaiate em Detroit quando havia homens que queriam ternos sob medida. Ele trabalhou até suas mãos estarem tão tortas com a artrite que ele não era mais capaz de segurar uma agulha. Se um homem fosse ao ateliê e dissesse a meu pai o que desejava, a única palavra que meu pai oferecia para ele era "sim". Não importava que fosse uma encomenda absurda, não importava que o freguês aparecesse no sábado de manhã e quisesse o terno pronto para sábado à noite e já houvesse pilhas de trabalhos para entregar, meu pai dizia que sim. E uma vez que meu pai dissesse sim, era como se a encomenda já estivesse pronta, porque aquela palavra era tudo o que ele tinha no mundo. Ele passou a vida no quarto dos fundos de uma loja, e a única coisa que ele conhecia do seu ambiente era a agulha entrando e saindo do tecido. Ele fez isso para que eu e meus irmãos pudéssemos frequentar uma universidade e ter uma profissão diferente da de alfaiate e para que nos déssemos ao luxo de dizer "não" para alguém algum dia. Assim, eu fui para Harvard, o filho de um alfaiate de Michigan.

"O que me aconteceu em seguida foi estar sentado em uma sala de aula e ver entrar o grande Martin Rapp, com o tornozelo envolto em uma bota de gesso, as muletas balançando para a frente. Ele se aproximou da tribuna e disse: 'Senhores, fechem os livros e ouçam. Não temos nada menos do que o mundo para considerar.' Ficamos todos boquiabertos. Poderíamos ficar sentados ali nos quatro anos seguintes de faculdade. Eu me lembro de tudo daquele dia, aquela sala, os gigantescos quadros-negros, a luz penetrando os vitrais das janelas. O que eu via diante de mim era uma personalidade. Foi a coisa mais marcante da minha vida, nunca mais tive experiência semelhante. Ele tinha uma espécie de

aura. Eu estava a dez filas de distância e sabia exatamente quem ele era e que eu seguiria aquele professor para qualquer lugar.”

— Aqui — disse Nancy para Marina —, pegue o protetor solar e me dê o repelente.

Marina apanhou o protetor, mas não era de muita utilidade. Por mais cuidadosa que tentasse ser, ela agora estava tão morena quanto os nativos. Sua própria mãe não a reconheceria.

— Ouça minha mulher — falou Alan, recusando o oferecimento para passar o produto. — Não tínhamos protetor solar naquela época. Foi um melanoma que matou o Dr. Rapp, afinal. Quando foi descoberto, já tinha se espalhado por todos os lugares em que se pudesse ter melanoma. Nem consigo imaginar quantos anos ele passou em uma embarcação aberta tendo apenas um chapéu de palha e uma camisa branca como proteção. É impressionante que tenha durado tanto tempo. Voltei para Cambridge para vê-lo no final e ele continuava a mesma pessoa. Estava interessado na própria morte, fascinado por ela. Ficava fazendo anotações. Já estava na casa dos 80 anos, não tinha mais condições de ir aos locais de pesquisa. Quando perguntei se ainda fazia sua meditação, ele me respondeu: “Por que agora seria diferente?” Eis uma coisa que a maioria das pessoas não sabia sobre ele: se estivesse em casa, em Cambridge, ou se estivesse em uma tenda na chuva forte perto de Iquitos, ele sempre meditava... e isso em uma época em que apenas uns poucos indianos e talvez outros poucos tibetanos já tinham escutado essa palavra. Ele costumava dizer que todos tínhamos uma bússola dentro de nós e o que precisávamos fazer era encontrar e seguir essa bússola. Mas éramos alunos de graduação e quase todos nós mal conseguíamos achar nossos próprios traseiros com as mãos; então, seguíamos a bússola do Dr. Rapp. Até descobrirmos como sermos homens por nossos próprios padrões, tentávamos ser homens como ele. Nunca conseguiríamos, é claro, mas ainda assim era um objetivo nobre. Olho para este rio agora e posso ver o Dr. Rapp remando a canoa conosco. Na verdade, parávamos de remar, choramingando como crianças, por causa de bolhas e farpas, e ele continuava. Não dizia uma palavra e, de repente, dava uma guinada tão acentuada com o barco que quase virávamos. Ele se dirigia até a margem e, no minuto seguinte, entrava na água e depois ia para a floresta e sumia. Sumia! E ficávamos ali, sozinhos. Dez minutos depois, ele aparecia com um cogumelo na bolsa, um espécime ainda não

registrado. Ele anotava as coordenadas, tirava fotos do local e depois limpava no lenço a faca que tinha usado para cortar os cogumelos da árvore, o sinal mais seguro de que a descoberta estava concluída. Tudo o que ele fazia era orquestrado, cada movimento era uma beleza. Nós, rapazes jovens, nos embrenhávamos na selva tentando imaginar o que ele tinha visto e como ele soubera que os cogumelos estavam ali; e quando perguntávamos para ele, a resposta era: "Estou sempre atento." — Alan Saturn estava emocionado com as recordações. — "Estou sempre atento." Essa era a lição. Preciso confessar que aqueles foram os verões mais felizes de minha vida.

Olhando as margens do rio à ofuscante luz do dia, a vegetação tão cerrada quanto vinte grades de arame superpostas, Marina imaginou que penetrar na selva para arrancar um único cogumelo deveria ser como puxar um carneiro de uma cartola: algo ao mesmo tempo fascinante e sem sentido. Easter se virou do leme do barco e acenou para ela. Benoit procurava pássaros nas árvores.

— Então por que não voltou com ele depois disso?

— Malária — respondeu Alan e soltou um suspiro com a lembrança de quanto ele havia perdido. — Peguei no Peru no verão após meu penúltimo ano de faculdade. O Dr. Rapp já tinha tido malária não sei quantas vezes e disse que eu iria me safar sem problemas, mas não foi tão simples assim. Depois de chegar em casa, acabei tendo de cancelar o primeiro semestre do último ano. No verão seguinte, quando o Dr. Rapp estava reunindo sua equipe novamente, eu me encontrava provavelmente 95 por cento bem de saúde, mas meu pai não me deixou ir. Creio que eu não possa culpá-lo. Ele achou que estava me protegendo, e não consegui fazer com que ele entendesse. Meu pai nunca tinha saído para ver o mundo; portanto, acho que não considerou um crime me manter afastado dele.

Nancy Saturn fitou o marido. Grandes listras de pasta branca não absorvida pela pele ainda podiam ser vistas em seu queixo e em volta das orelhas. Esperou outro minuto para ver se havia algo mais a ser contado e então lhe perguntou:

— Terminou?

— Bom, essas foram as partes principais.

— Por mais que já tenha ouvido essa história diversas vezes, há duas coisas que nunca aceitei bem — disse ela.

— O quê? — perguntou Alan.

— Bem, primeiro, o seu pobre pai. Por que ele sempre tem de fazer o papel de burro de carga em oposição ao espírito livre de Martin Rapp? Ele não queria que o filho, que ainda de vez em quando tinha recaídas por causa da malária, retornasse à selva onde ele tinha contraído a doença? Não me parece um crime.

Alan Saturn fitou a mulher por algum tempo, refletindo e remoendo a crítica que acabava de receber. Ele espantou uma espécie de grilo de pernas compridas do cabelo.

— Seu argumento é válido — ponderou por fim. — Mas esta é a história de minha vida, a história de como eu me relacionava com o meu pai e, mais tarde, com o meu mentor, que obviamente representou uma figura paterna para mim. Não estou distorcendo a personalidade de meu pai. Eu disse que ele era uma pessoa empenhada no trabalho, um provedor. Mas, se eu me curvo ao Dr. Rapp como um modelo, então é uma escolha minha.

Nancy esperou um bom tempo antes de dar de ombros, o que pareceu um esforço.

— Compreendo.

— Mas ouvi o que você me disse — falou Alan. — E agradeço.

Marina imaginou se eles tinham feito terapia de casal ou se era possível que fosse assim que um sempre falava com o outro. Fazia tanto tempo que Marina tinha sido casada... Não conseguia imaginar Josh Su e ela, ambos com seus 20 e poucos anos, tratando um ao outro da mesma forma.

— Você disse que eram duas coisas — lembrou Alan.

— Annick Swenson.

— Ela não entra na história.

— Ela está implícita em todas as histórias sobre o Dr. Rapp. A sua história nos revela tanto pelo que você mostra quanto pelo que deixa de fora.

— Deixo de fora o que era a vida privada dele. Esses assuntos não me dizem respeito e não dizem respeito à ciência.

— Escute o que ele diz — disse Nancy Saturn, virando-se para Marina. — O que é isso, uma entrevista para um programa de TV? — Ela se voltou para o marido. — É claro que diz respeito a você. Quando o homem que é o seu exemplo traz a amante viagem após viagem com uma dúzia de rapazes, e você é um deles, isso diz totalmente respeito a você. Inclusive quando, depois, você vai à casa do seu mentor e janta com ele e a esposa.

— A Dra. Swenson era amante dele? — perguntou Marina.

Ela sentiu um gosto amargo na boca só em dizer aquilo. Era uma palavra terrível, pensou, e não parecia adequada. Amante era a mulher que ficava esperando em um quarto de hotel.

— Era isso que eu queria dizer com vida privada — disse Alan enfaticamente para a mulher.

— A Sra. Rapp mora em Cambridge e tem três filhas. Está com 92 anos. Nós lhe enviamos grapefruits no Natal. Não estou afirmando que as pessoas não têm casos, mesmo as muito decentes, e temos sorte em estar nessa categoria. Mas não podemos desfiar a história da vida de alguém e retirar todas as partes que não se adaptam aos nossos propósitos e destacar apenas as que nos interessam. Ele era um grande cientista, concordo, e, pelo que se fala, realmente carismático, mas era também profundamente infiel a duas mulheres e, honestamente, isso me incomoda. Incomoda saber que o homem que você queria ser era um típico sedutor.

— Quando isso começou? — perguntou Marina.

— *Podemos* deixar a vida privada de lado. Fazemos isso o tempo todo. — As veias das têmporas de Alan Saturn estavam sobressaltadas com um novo fluxo de sangue. — Picasso apagava os cigarros nas namoradas e não gostamos menos de sua pintura por causa disso. Wagner era um fascista e sou capaz de entoar toda a abertura de *Die Walküre*.

— Não conheci Picasso nem Wagner pessoalmente!

— Nem conheceu o Dr. Rapp!

A gritaria levou Benoit a levantar os olhos do guia que estava estudando. Apontou para o alto de uma árvore e disse em inglês: *Olhem!* No entanto, nenhum dos Saturn olhou, nem Marina; Easter, obviamente, perdeu o comentário.

— Mas eu conheço a esposa dele! — disse Nancy, em um tom mais alto. — Conheço a amante dele! Se eu não conhecesse as duas mulheres, acho que estaria tudo bem. Seria apenas mais uma fofoca da história, mas não é o caso. Você não consegue separar as coisas quando se trata de pessoas que você conhece. Posso dizer que ele não era um bom homem.

— Foi o melhor que já conheci.

— Ele o *abandonou* com uma tribo de índios no Peru quando você estava com uma febre de quarenta graus!

— E eles me levaram para Iquitos e então consegui chegar a Lima. Não é como se tivessem me deixado estirado ao lado de um tronco no meio da selva e tivessem ido embora. Todos nós sabíamos os termos do acordo quando aceitamos ir. Qualquer um que atrasasse o grupo era cortado. O Dr. Rapp estava lá para trabalhar, e nós, para aprender.

— Você tinha 19 anos, e ele estava colhendo cogumelos! — Nancy Saturn tinha um olhar cheio de fúria, como se contasse a história do que tinha acontecido com um filho e não com o marido. — A amante dele já devia ter terminado a faculdade de medicina na época. No mínimo, você devia pensar que *ela* poderia ter ficado com você.

Alan Saturn teria disparado para longe; seu desejo de sair dali obviamente contraía seus músculos, retesando sua mandíbula. Porém, eles estavam em um barco em um rio no meio da floresta.

— O incidente a que você se refere aconteceu há muito tempo. — Sua voz era firme e baixa. — Vejo agora que cometi um erro em compartilhar esse segredo com você.

— Sou sua mulher. Você acabaria me contando.

Nancy Saturn não estava nem um pouco pronta para recuar. Ela viu que estava em vantagem e não pestanejou.

— Você não sabia nada sobre Annick e o Dr. Rapp? — perguntou Alan, finalmente, a Marina. Ainda havia centelhas de raiva em sua voz, mesmo quando se dirigia a ela.

— Nem imaginava — respondeu Marina.

Ela gostaria de se separar dos Saturn naquele momento, encontrar um lugar no barco onde pudesse se sentar distante, porque, embora pudesse dizer, com base no que ouvira, que Alan Saturn estava errado — o Dr. Rapp tinha se comportado mal, e Nancy Saturn tinha razão, pois tais questões são passíveis de julgamento —, ela se viu do lado de Alan porque havia algo na sua devoção sincera a um mentor que lhe soava familiar. Nesta vida, amamos quem amamos. Havia situações em que os fatos eram quase irrelevantes.

— Certo — disse ele, tentando controlar a respiração, talvez outra técnica adquirida. — Bem, uma questão particular. — Nancy abriu a boca, mas ele

colocou a mão gentilmente sobre a testa dela e usou o polegar para esfregar um pouco de protetor solar grudado em seu cabelo. Ele pigarreou. Tentava, com muito esforço, apaziguar a situação. — Está vendo aquele rio ali? — Ele se dirigia a Marina. Fez sinal para um afluente. Teria sido fácil não notá-lo, uma pequena abertura se dobrando no meio da floresta muito discretamente. — Você segue esse rio até a tribo hummocca. Fica a duas ou três horas daqui. É a tribo mais próxima dos lakashi e, assim mesmo, em todos esses anos, nunca os vi.

Era sua tentativa heroica de mudar de assunto. Ele tirou a mão da testa da mulher e houve um acordo tácito entre eles. Estavam em um barco. Não estavam sozinhos. Achariam uma maneira de interromper aquilo.

— A Dra. Swenson disse que Easter é hummocca — falou Marina, percebendo que sua parte na encenação era fingir que nada tinha acontecido.

— Ninguém sabe de verdade — comentou Nancy, pesando as palavras cuidadosamente. — Mas é a única explicação lógica. Os jinta não teriam abandonado Easter.

— Alguém tentou levá-lo de volta? Ou averiguou se havia alguém procurando um menino?

Marina olhou para Easter de relance, mas ele não virou a cabeça na direção do rio menor. Benoit mostrava uma foto para ele, que pilotava com uma das mãos.

— Tribos são como países — explicou Alan. — Cada uma tem seu próprio caráter nacional. Tribos como os jinta são essencialmente canadenses. Outras tribos, como os hummocca, são mais norte-coreanos. Como não temos muito contato com eles, temos muito pouca informação sobre o que fazem e a informação que temos faz com que fiquemos longe deles.

— A Dra. Swenson já viu os hummocca — disse Marina. — Ela me contou quando estávamos vindo para cá.

— E foi tudo o que ela contou — falou Alan. — A história não vai além de uma única informação: ela viu os hummocca e ficou com medo. Só a ideia de ver Annick sentir medo de algo já é suficiente para me manter longe.

— Eles são canibais — disse Nancy.

— Eles *eram* canibais — rebateu Alan —, o que significa que uma pequena parte da carne era consumida em rituais, e não que eles subsistiam com uma

dieta regular de carne humana. E não há relatos de canibalismo nos últimos cinquenta anos.

Eles tinham passado pela abertura na floresta naquele momento. Olhando para trás por cima dos ombros, Marina não conseguiu localizá-la. Se dessem meia-volta com o barco, ela não tinha certeza de que seria capaz de encontrá-la de novo.

— Nenhum relato nos últimos cinquenta anos, mas não me parece que alguém vá lá fazer pesquisas regulares sobre seus hábitos.

— Eles atiravam flechas envenenadas nos comerciantes — falou Nancy. — Ou eles não eram bons de tiro e as flechas aterrissavam longe dos barcos ou então eram ótimos atiradores e queriam apenas dar seu recado. Se Easter já foi hummocca alguma vez na vida, ninguém planeja devolvê-lo.

Quando chegaram ao armazém, o lugar parecia menos o Canadá e mais com a Flórida. Um grupo de dez ou doze turistas saíra do acampamento ecológico com um guia em um barco aberto para ver as crianças jinta nas suas saias de palha enquanto balançavam os quadris inexistentes no atordoante ritmo de tambores. Os tambores eram tocados por homens de meia-idade, gordos e sem camisa, que pareciam ser os pais. Os pais tinham listras, que pareciam feitas de batom vermelho, no nariz, descendo até as faces, e agitavam a cabeça de um lado para outro como membros de uma banda amadora. Os músicos eram bons, mas as crianças eram melhores, seus pulsos enfeitados com tufos de folhas. Havia vinte ou mais, de várias idades, algumas muito pequenas e outras um pouco maiores do que Easter. Elas batiam os pés em passos complicados, depois pulavam em um grande círculo em um pé só enquanto soltavam os gritos e os sons dos guerreiros. Os turistas, encantados, tiravam fotos com os celulares. Uma menina de 10 ou 12 anos com um hibisco vermelho atrás da orelha deu um passo à frente para dançar com uma jiboia em volta do pescoço, tão delicadamente pendurada e balançando em seus braços que ninguém podia deixar de pensar que a cobra é que tinha sido a inspiração para os boás de penas. As mães dos dançarinos rapidamente espalharam tecidos no chão e arrumaram uma coleção de zarabatanas, minúsculas garças brancas entalhadas e pulseiras de cordas trançadas com sementes vermelhas. Dada a oportunidade de fazer compras, as mulheres brancas começaram a negociar, querendo uma pulseira e

um colar pelo preço de somente uma pulseira. Uma das mulheres entregou a câmera ao marido e então parou ao lado de Marina.

— Tire uma foto minha com esta aqui — disse ela. — Ela tem o dobro do tamanho das outras.

Marina, com seu vestido lakashi, colocou o braço em volta da cintura da mulher para que sua pulseira de sementes vermelhas aparecesse na foto.

Easter ficou ao lado de um dos homens com um tambor alto e colocou as mãos em cada um dos lados da base. Após um minuto, ele começou a balançar a cabeça no ritmo da batucada. Um menino apareceu com um bicho-preguiça de três dedos nas patas traseiras e o pendurou em volta do pescoço de uma turista; o animal, meio dormindo, inclinou a cabeça para trás e pareceu sorrir para ela. A preguiça, posando para fotos, fazia um sucesso ainda maior do que Marina. Uma mulher corpulenta com uma camiseta suja e jeans cortados então chegou com uma capivara de mais de vinte quilos se debatendo em seus braços. Ela a carregava pelas costas, como se segurasse um bebê, provavelmente pensando que o roedor também daria boas fotos, mas o animal guinchou e se debateu e, por fim, a mordeu, e a mulher foi forçada a soltá-lo e vê-lo correr a toda velocidade, emitindo sons de medo. Foi então que dois homens muito velhos com enormes cocares de penas saltaram vagarosamente de dentro de uma cabana de sapê, sacudindo chocalhos, e as crianças bailarinas fizeram uma fila atrás deles. O mais velho dos homens, o que não tinha dentes, parou e pegou a mão de Marina, puxando-a com delicadeza.

— Você deve dançar — falou Nancy.

— Eu não sei dançar — rebateu Marina.

— Não acho que você tenha escolha.

Marina olhou para a multidão e em seguida para os índios, e a mensagem em cada rosto era exatamente a mesma: não há escolha. Então ela pegou a mão do cacique, que ele levantou acima da cabeça, na altura do rosto de Marina, e juntos saltaram lentamente para a frente enquanto os homens batucavam seus instrumentos, os turistas tiravam fotos e as crianças continuavam com suas danças, sua cobra e seu bicho-preguiça. Nesse grupo, Marina dançou com os não brancos enquanto os brancos assistiam. Ela nunca teria participado de uma atração turística por vontade própria. Uma das crianças entregou-lhe a preguiça e ela a segurou. Colocou o animal em volta do pescoço e continuou a dançar,

sentindo o pelo macio e quente contra a pele. Se pudesse ter escolhido, ela preferiria estar na varanda atrás do depósito acomodada sob o mosquiteiro lendo *A pequena Dorrit*. Mesmo assim, ela sabia que era menos humilhante, menos desrespeitoso, dançar com os nativos do que simplesmente assistir ao seu espetáculo.

Dólares se acumulavam em um cesto trançado, em oferenda aos deuses. As cartas foram dadas ao guia turístico, que disse que teria duas horas de folga em Manaus no dia seguinte e as colocaria no correio pessoalmente. Benoit ficou conversando com o homem o tempo inteiro e recebeu muitos conselhos sobre a importância de saber falar inglês e alemão. Ele também deveria falar espanhol. O português era nada mais que uma habilidade básica.

* * *

No caminho de volta do armazém, Marina e os Saturn deram toda a atenção a Benoit. Olharam para cada pássaro e macaco que ele apontou e, quando ele achava a foto correlacionada no livro, eles diziam como pronunciar as palavras em inglês, *spotbilled toucanet*. Alan havia levado binóculos e ensinou Benoit a usá-los. Talvez os turistas os tivessem influenciado, porque agora eles estavam se comportando como turistas. Mantinham todos os olhares focados na água, nas folhas e no céu e mal se entreolhavam. Viram os botos cor-de-rosa de relance e conversaram sobre os pássaros. Fizeram alguns desvios desnecessários por pequenos afluentes porque Benoit os apontava a Easter, que, livre de compromissos, ficava feliz em obedecer. Marina e os Saturn haviam estado sob tanta emoção mais cedo que agora estavam notavelmente tranquilos ou, talvez, somente exaustos. Eles não tinham passado por uma alma viva desde que haviam deixado os jinta, e o mundo parecia silencioso e vasto, só deles. Do lado esquerdo, havia o que parecia ser um campo viçoso de alface verde flutuante. Benoit cutucou o braço de Easter, e o menino girou a direção para que todos olhassem.

Sob o som dos pássaros, havia o som mais delicado de trituração, no que lhes pareceu como um barco que abrisse caminho em um lago levemente congelado em dezembro e o gelo, da metade da grossura de uma janela, se quebrasse para deixá-lo passar. Marina inclinou-se para a frente e observou a vegetação parecida

com alface abaixo do barco enquanto atrás deles as plantas fundiam-se novamente, deixando o caminho com suavidade, sem uma única folha danificada. Nós estamos aqui, pensou Marina, e nunca estivemos aqui. Era uma vegetação muito brilhante, muito mais fresca do que qualquer coisa que ela vira na floresta. Pássaros de pés compridos passeavam pelo delicado campo com tanta confiança que era tentador pensar que aquelas minúsculas plantas flutuantes poderiam sustentar o peso de um único farmacologista. A questão depois era se a água tinha a profundidade de trinta centímetros ou de seis metros. Benoit cutucou Easter e levantou a mão, e Easter parou o barco. Então, Benoit deitou de bruços, a cabeça e os ombros para o lado. Ele havia visto algo. Os Saturn se aproximaram e se inclinaram sobre ele; Marina se inclinou por cima.

— O que é? *Peixe?* — perguntou Nancy, a última palavra em português.

Benoit balançou a cabeça.

— Não estou vendo nada — disse o marido.

Easter mantinha os olhos em Benoit, que, sem olhar para o capitão novamente, apontou para a esquerda, para a direita, e então um pouco para trás. Easter manteve a velocidade baixa e pilotou o barco em volta o mais devagar possível até que Benoit, cada milímetro da atenção voltada para o campo primaveril de alfaces, levantou a mão abruptamente, e Easter deixou o motor morrer. O silêncio era assustador. O novato naturalista, ainda de bruços, mergulhou então a mesma mão para baixo através das folhas e começou a puxar uma cobra colossal para dentro do barco.

O instinto humano ditava a princípio que a cobra deveria ser mantida longe do rosto; assim, Benoit estendeu o braço de maneira tão rígida que parecia desejar arremessá-lo para longe de seu corpo enquanto apertava muito a cobra, para desconforto do animal. Os dentes compridos e curvados do réptil abocanhavam o ar ferozmente, mergulhando em direção ao pulso de Benoit, enquanto ele chicoteava a cabeça da cobra de um lado para outro, ganhando tempo até que pudesse diminuir a distância entre a sua mão e a cabeça dela. Ele rolou o corpo de lado e depois de costas, conseguindo de alguma maneira puxar a bordo a metade superior do réptil, que se debatia como um fio elétrico arrebentado. O pescoço da cobra era da largura do pulso de Benoit; o corpo, com escamas de um verde muito escuro com manchas negras irregulares nas costas e bege-claro na parte de baixo, ia aumentando até chegar à largura da coxa dele. A

cobra continuava puxando e puxando, mais e mais de seu corpo escorregando para o deque em grossos rolos musculares que procuravam o corpo de Benoit, se estendendo até ele, apertando-o, enquanto ele lutava com toda a força para manter as duas cabeças afastadas. Não podia deixar que os rostos se tocassem.

— Mande de volta! — gritou Nancy em inglês, a língua no meio do sonho de Benoit de se tornar um guia turístico. — Largue!

— Merda! — gritou Alan Saturn, e então repetiu a palavra incessantemente como se adiantasse algo.

Ele a tinha segurado com força suficiente, mas não perto o bastante da cabeça. Havia uma grande parte da cobra livre acima da mão de Benoit, e a enorme boca do animal procurava alcançá-lo, suas mandíbulas mostrando uma abertura muito maior do que se poderia imaginar para uma cabeça tão pequena. Em um relance, apareceram muitas fileiras de pequenos dentes esperando para se fincar na pele. Ele só conseguia impedir a cobra de mergulhar em seu pulso porque a agitava de modo selvagem. Benoit parecia fixado somente nos quinze centímetros de cobra entre seu pulso e a ponta da língua dela, ignorando completamente o enorme corpo que forçava caminho pesadamente em direção ao dele; e Benoit, molhado de suor e da água que a cobra trazia a bordo, ria. De costas, equilibrado como um lutador em uma partida antiesportiva, ele urrava com alegria poderosa enquanto tentava deslizar a mão para cima com a ajuda da outra. Easter, sempre prestativo, agarrou a metade de baixo da intrusa e tentou alavancá-la para longe do amigo. Ela se enrolava e desenrolava demais para que se pudesse calcular uma medida exata, mas a cobra parecia ter uns quatro metros e meio de comprimento, mais de cinco quando esticada. Benoit parecia ter pouco menos de um metro e setenta, e a cobra pesava mais de vinte quilos a mais que ele. Os três médicos incentivavam de longe, gritando palavrões em uma língua inútil. Marina queria pular na água e correr pela vegetação de alface com os pássaros de pernas compridas, mas quem garantiria que a cobra não tinha uma família por ali? Havia um odor no ar que nenhum deles reconhecia, o cheiro de um réptil furioso, um fedor oleoso de raiva pútrida que se instalava nas membranas das suas narinas como se planejasse ficar lá para sempre. A metade de trás da cobra açoitou o ar e se enrolou em um nó na cintura delgada de Easter, dando mais duas voltas, e, no momento que sua cabeça passou por perto, Easter esticou-se, sua mão um quarto de segundo mais rápida do que a cobra, e agarrou

a garganta do animal, bem acima do punho de Benoit. Easter apanhara a cobra que Benoit havia apanhado.

Ah, a gritaria! O triunfo e a folia! Eles sacudiram a floresta com seus gritos, Benoit e Easter, com certeza Easter estava gritando, e o som era tão cortante, tão parecido com a agonia da morte, que os três médicos tiveram certeza de que o menino fora mordido e correram para acudi-lo em seu instinto humano de salvar vidas. Mas Easter berrava como um louco ao segurar a cobra enquanto Benoit, consideravelmente mais forte, a mantinha afastada. Eles olharam dentro da boca da criatura como se fosse uma atração carnavalesca enquanto a língua, uma faísca de luz prateada, se movia na direção deles.

— É uma sucuri, porra! — disse Alan. — Ele pegou uma sucuri com as mãos!

Alan Saturn parecia estar na perfeita interseção entre a emocionante comemoração dos lakashi, o terror de Marina e de sua mulher e a raiva da cobra, cujos olhos estavam focados como duas pequenas esferas de desejo assassino.

Easter tossiu.

Talvez Marina tivesse compreendido antes dele, mas com certeza seria impossível dizer. Em um momento, ela entendeu tudo com clareza e cruzou sua barreira de repugnância e medo, pegando a ponta do rabo da cobra que pressionava os quadris de Easter. Era simultaneamente seca e pegajosa, e fria, apesar do terrível calor do dia. Uma vez, ela dissecara uma cobra na aula de biologia, uma pequena serpente negra morta havia muito tempo e cheirando a formol. Ela a cortara no centro e a prendera com alfinetes aberta em um recipiente com cera no fundo. Pelo que se lembrava, foi a única cobra em que tocara. A segunda foi para puxar aquela ao redor do garoto. Depois de fazer uma alavanca para deixar a cobra um pouco mais solta, Marina moveu as mãos para o corpo, uma atrás da outra, como se subisse por uma corda, exceto que o final desta corda estava se enrolando em seu pulso. Era um tipo de músculo que ela não conhecia. A cobra não lutou contra ela, nem a notou. Ela puxou. Easter tossiu novamente. Benoit agora também conseguia entender o problema: o amigo havia sido enrolado pela cobra, que havia encontrado uma maneira de afrouxar a mão que segurava seu pescoço. Benoit deslizou a mão para cima a fim de cobrir a mão de Easter justo quando a mão do menino caiu. Easter tentou enfiar suas pequenas mãos entre seu corpo e a cobra e, quando exalou para

colocar somente as pontas dos dedos, a cobra sentiu o movimento da respiração e reagiu, apertando-o. Os olhos de Easter primeiro miraram Marina, e ela viu toda a alma dele sentir medo; então, ela puxou, as mãos de Alan sobre as suas, os dois puxando juntos, todos eles, Benoit na garganta, enquanto Nancy Saturn gritava por uma faca, uma faca, e então, em português:

— Faca!

Benoit, no entanto, não podia ouvi-la agora. Ele estava paralisado pela cobra que estava muito perto de matar seu amigo, de 11 ou 12 anos, mas muito pequeno para a idade.

— Diga-me que há uma porra de uma faca neste barco! — gritou Nancy.

Os lábios de Easter estavam ficando azuis. Por causa da falta de oxigênio ou do peso da cobra, ele se ajoelhou. Marina pensou que sua coluna pudesse quebrar. Todos se ajoelharam. Marina sabia que havia um facão preso na coluna de direção do barco, o facão que Easter usara para cortar os galhos quando amarrara o barco em uma árvore. Em um segundo, ela estava de pé. O facão era quase do comprimento do seu braço e tinha o peso de uma raquete de tênis; ela colocou a lâmina logo acima do pulso de Benoit e, com um único golpe, cortou a cabeça fora. Teria sido o momento mais grandioso da sua vida se cortar a cabeça da cobra a tivesse matado, mas a degola não mudou nada. No deque, a cabeça continuava abocanhando com seus dentes assassinos, movimentando-se em um círculo lento à medida que a mandíbula abria e fechava, enquanto o corpo continuava comprimindo o menino.

— Meu Deus — disse Marina.

Ela podia ver os tendões saltando no pescoço de Benoit, podia ver seus dentes de baixo tortos, sua mandíbula aberta projetando-se para a frente com o esforço, o sangue da serpente sem cabeça escorrendo por seu braço. Enquanto Benoit continuava a puxar a parte de cima da cobra, os Saturn se mantinham na parte de baixo e, no meio, estava Easter a caminho da morte. Marina começou a serrar o corpo cilíndrico da serpente sem cabeça, sua mão na cabeça de Easter e a ponta do facão nos dedos do pé do menino. Seu objetivo era cortar as duas espirais simultaneamente, já que ela duvidava que houvesse tempo para repetir a ação. Em momento algum Easter emitiu qualquer som. Ele não usaria o mínimo que fosse de respiração. Ele se manteve inerte dentro daquele invólucro, os olhos fixos em Marina. Primeiro, havia uma grande coluna vertebral que obrigava

Marina a se inclinar enquanto cortava, como se estivesse debruçada em um ângulo ruim para cortar um pulso humano com uma faca comprida. Ela estava preocupada em não pressionar demais e acabar cortando Easter, mas ele ainda estava muito longe. Ela quebrou a vértebra na primeira espiral e passou a faca de um lado para outro repetidamente para quebrar a da segunda volta. Depois, cortou as costelas, os músculos grossos que desciam pela barriga, pela cloaca. Quando estava bem perto de Easter, abaixou a faca e rasgou o pouco que faltava da cobra com as mãos. O grande peso do animal trabalhou a favor dela, dilacerando o restante enquanto caía no deque.

Nancy Saturn pegou o menino no colo, leve como uma pluma, deitou-o ao lado da sua assassina e soprou em sua boca; continuou soprando, os lábios dela refreados para cobrir uma boca tão pequena. Com uma mão atrás do pescoço do menino, ela inclinou para trás a cabeça dele e, com a outra mão, tampou-lhe o nariz e soprou até ver o peito dele se encher e até que não se pudesse distinguir de quem era a respiração. Ela parou por um minuto. Era dele. Superficial e irregular a princípio, mas era a respiração dele. Ela levantou a camisa do menino e tocou de leve as feridas vermelhas em seu torso. Alan Saturn se ajoelhou a seu lado e colocou o ouvido no peito de Easter. Benoit rastejou para longe deles, a cabeça nos joelhos, as costas evidenciando a respiração arfante, enquanto, do outro lado do barco, Easter piscou. Marina sentou-se ao lado dele na poça de sangue cada vez maior e segurou sua mão.

Ainda estava claro quando eles voltaram. Alan Saturn pilotava o barco e, ainda que uns vinte lakashi estivessem esperando na margem, os galhos que seguravam nas mãos não tinham sido acesos. Quando viram o barco, levantaram-se para observar, mas não saltaram ou gritaram. Talvez porque os viajantes só tivessem ficado fora metade de um dia ou talvez porque a Dra. Swenson não estivesse entre eles. De qualquer maneira, todos no barco estavam aliviados, já que havia mais para comemorar agora do que na vida de todos eles juntos. No entanto, quando Alan Saturn encostou perto do pequeno cais e os lakashi subiram a bordo, os gritos de comemoração estouraram intensamente; não a exibição teatral de uma semana antes, mas uma alegria profunda e duradoura que Marina não vira antes. Três homens pegaram os três enormes pedaços da cobra na poça ensanguentada do convés, e um quarto homem pegou a cabeça, a mesma que Marina queria ter chutado para a água, embora não

tivesse tido coragem de encostar nela de novo, nem mesmo com os pés. Eles carregaram os pedaços da cobra, cada um com o peso de uma árvore pequena, e os levantaram acima das cabeças para fazer uma exibição para a multidão efervescente. Haveria sucuri para o jantar naquela noite. Seria um banquete para se contar aos netos anos depois. Tantos lakashi cumprimentaram Benoit com tapas que pareciam estar espancando-o. Eles seguraram os pedaços da cobra em uma rara oferta de inclusão para os Saturn, que se entreolharam impetuosamente e declinaram. Easter levantou-se para andar, mas, quando começou a vacilar, quase imediatamente, Benoit o levantou nos braços, e os lakashi os aclamaram enquanto o menino gritava de dor. Marina os guiou de volta à sacada e indicou que Benoit colocasse Easter na cama dela. Quando Benoit saiu, ela se arrastou por baixo do mosquiteiro e se deitou ao lado do menino. Eles estavam vivos, juntos e fediam a cobra.

Não demorou muito até que a Dra. Swenson viesse e encontrasse os dois na cama, ombro com ombro, de mãos dadas, o pequeno João, a grande Maria. Easter havia adormecido e respirava superficialmente pela boca, mas os olhos de Marina estavam bem abertos. Mesmo depois de todo aquele tempo, ainda não estava completamente escuro.

— Os Saturn me contaram o que aconteceu.

A Dra. Swenson entrou embaixo do mosquiteiro e tocou no cabelo dele.

— Não sei o que aconteceu — disse Marina, os olhos fixos no nó que havia no alto do mosquiteiro. — Não faz sentido. Ele viu uma cobra na água e puxou para dentro do barco? Por que ele fez isso?

— Benoit quer ser guia turístico, e o trabalho de um guia turístico na Amazônia inclui a habilidade de pegar coisas: tarântulas, lagartos-jacaré, as formas de vida mais grotescas. Puxar uma sucuri para o barco é uma façanha extraordinária. Nunca vi ninguém fazer isso, embora já tenha testemunhado gente tentando. Se a coisa tivesse terminado melhor, ele provavelmente pediria a você para escrever uma carta ao Conselho Nacional de Turismo.

— É um milagre que aquela coisa não tenha mordido um deles. Vou ver aquelas presas pelo resto da minha vida.

A Dra. Swenson balançou a cabeça.

— Dentes — corrigiu ela —, não presas. Já me falaram que a mordida é extremamente dolorosa e é uma tarefa árdua cortar a cabeça, mas não é

venenosa. O que aquela cobra estava fazendo com Easter é muito mais sério do que se ela o tivesse mordido.

Marina virou a cabeça para olhar a mentora.

— E o fígado dele, o baço? Se estivéssemos em nosso país, eu poderia pedir uma tomografia computadorizada.

— Se você estivesse em nosso país, ele não teria sido espremido por uma cobra. Teria sido atingido por uma caminhonete enquanto andava de bicicleta. As chances de sobreviver são maiores com a cobra.

— O quê?

— É perigoso aqui, você não precisa me dizer, mas é mais perigoso lá. Aqui ele entende as coisas, sabe como viver. Talvez ele tenha quebrado algumas costelas, mas você vai ver, ele vai ficar bem. O Dr. Eckman pensava em levar Easter para casa com ele. Ele achava que, se a perda da audição fosse uma questão de nervos, ele poderia se beneficiar de um implante coclear, mas não se pode mudar as pessoas assim. Não se pode transformar um menino surdo em um menino que ouve, e não se pode transformar todas as pessoas que você conhece em norte-americanos. Easter não é um suvenir, uma coisinha que você leva para casa para se lembrar do tempo que passou na América do Sul. Você manteve a cabeça no lugar, Dra. Singh, salvou a vida dele. Acho isso louvável. Mas, se pensa que a recompensa por salvar a vida do garoto é ficar com ele, então devo dizer que não é o caso. Um simples agradecimento vai ter que servir. Ele não está disponível.

Teria sido a coisa mais fácil do mundo para Marina dizer à Dra. Swenson que ela não tinha ideia sobre o que sua mentora estava falando, quando o que a Dra. Swenson dizia era perfeitamente claro. Ela simplesmente havia colocado tudo em palavras antes que Marina pudesse pensar direito sobre o assunto, do mesmo modo como ela responderia às perguntas em uma reunião clínica um segundo antes de Marina formulá-las na cabeça. De fato, Marina estivera quase a ponto de concluir que a melhor coisa a fazer era levar Easter para casa com ela; era o que Anders queria, era o que ela queria. De alguma maneira bizarra, a criança era o fruto da união entre os dois, o produto dos sete anos que Anders e Marina haviam passado juntos naquele laboratório apertado. Easter era sua compensação pelo que ela havia perdido. A Dra. Swenson simplesmente viu isso antes de Marina e, ao vê-lo, cortou a ideia pela raiz.

— Foi horrível — falou Marina com a voz fraca, buscando ao menos alguma empatia por aquilo que lhe estava sendo confiscado. Ela se referia à cobra.

— Tenho certeza de que foi. — A Dra. Swenson colocou a mão na testa do garoto, para verificar se ele estava com febre, e então pressionou dois dedos no pescoço dele para medir a pulsação. — Você já quis ter filhos, Dra. Singh?

E lá estava ela novamente, antecipando a próxima emoção, seguindo de trás para a frente o fluxo de pensamentos de Marina: *Não posso ficar com esta criança. Eu devia ter tido um filho.* Ela ficou imaginando se era particularmente transparente ou se a Dra. Swenson tinha um dom especial para lê-la.

— Houve um tempo em que sim — respondeu Marina.

Ela não conseguia se acalmar com aquele fedor da cobra. Estava impressionada com o fato de a Dra. Swenson não ter comentado nada.

— E esse tempo passou?

Marina deu de ombros. Era um tipo peculiar de terapia, estar deitada com uma criança que só agora ela percebia que desejava enquanto era indagada se queria a criança.

— Estou com 42 anos. Duvido muito que minha vida vá mudar tanto em um ou dois anos a ponto de isso se tornar possível. — Ela não tinha mais certeza do que queria do Sr. Fox, e sua idade não abria espaço para indecisões.

— Não vai haver nada além de tempo, você não entende? É isso que os lakashi estão oferecendo. Se eu posso ter um filho aos 73, então por que você não poderia com 43, 45? Vou dizer a verdade, Dra. Singh, o que descobri sobre essas árvores não era o que eu esperava. Não vai ser o que a sua indústria farmacêutica espera. É algo muito maior, muito mais ambicioso que qualquer coisa que nós pudéssemos prever. Essa foi a grande lição do Dr. Rapp na Amazônia, na ciência: nunca fique tão concentrado no que procura para não deixar passar o que você realmente vai encontrar.

Marina estava sentada agora. Havia soltado a mão de Easter, embora os dois estivessem completamente grudados onde o sangue da cobra tinha secado, lacrando-os como um só. Ela saiu do cortinado.

— Está me dizendo que você está grávida?

A Dra. Swenson piscou. Por um momento, ela pareceu mais surpresa que Marina.

— Você achou que eu estivesse gorda?

— Você tem 73 anos!

A Dra. Swenson colocou as mãos em cima do estômago em um gesto universal entre as grávidas. Era um gesto que Marina tinha certeza de nunca tê-la visto fazendo. Sua camisa subiu e a barriga redonda ficou evidente.

— Sei que você viu mulheres da minha idade ou mais velhas grávidas. Ouvi os seus comentários.

— Mas elas são lakashi!

Marina não tinha certeza se o que estava dizendo era racista ou científico. A distorção na biologia serviria para aquelas mulheres, não para elas. Marina ainda podia ouvir os lakashi cantando no rio, tocando os tambores, sem dúvida amolecendo a cobra antes de colocá-la em galhos sobre o fogo ou o que quer fosse preciso para cozinhar um animal desses por lá.

— Sem dúvida, elas são lakashi, então esta é a questão. Sabemos que, se elas comem a casca de árvore de forma constante no início do fluxo menstrual, seus ovários parecem não se deteriorar. Mas as americanas não dariam para suas filhas uma pílula mensal desde os 13 anos devido a uma potencial chance de elas quererem esperar até os 50 para se reproduzirem. O que devemos descobrir é se a casca pode revigorar a capacidade reprodutiva da mulher após a menopausa.

— Você é o caso de teste? Não poderia encontrar outra pessoa?

— Não há mulheres lakashi pós-menopausa. Esse é o ponto.

— Então pegue uma jinta. Não faça você mesma.

— Como colocamos nossa ética médica de lado tão rapidamente... Eu desenvolvi essa droga. Se acredito nela, e realmente acredito, então devo testá-la eu mesma.

— Quem é o pai?

A Dra. Swenson olhou para ela gravemente desapontada, o mesmo desapontamento que reservava aos alunos de primeiro ano de medicina.

— Francamente, Dra. Singh, você não está falando a sério.

Dadas as circunstâncias do dia, Marina teria jurado que não havia nada mais que pudesse aborrecê-la, mas ainda assim sentiu suas mãos tremerem.

— Entendo que você esteja conduzindo um experimento inicial extremamente limitado em si mesma, mas o produto final do experimento vai ser uma criança e, com todos os votos que posso fazer por sua longevidade, o fato é

que você pode não estar mais por perto tanto quanto desejaria para cuidar dela. Se não há um pai no sentido tradicional, então o que acontece com o produto?

— Existem muitas crianças por aqui. Você realmente acha que uma a mais vai destruir a tribo? Estou fazendo tudo com a máxima atenção. Qualquer produto meu, como você tão calorosamente descreveu esta criança, vai ser bem-vindo e bem cuidado.

— Você vai deixar a criança aqui? O filho de Annick Swenson vai ser criado pelos lakashi?

— Eles são um povo decente e bem organizado.

— Você frequentou a Radcliffe.

— Não gostei de lá.

Easter continuava dormindo. Marina olhou para ele na cama. Sua camisa, seus braços e seu rosto estavam sujos de sangue. De alguma forma, ela não havia notado antes. Ela iria pegar um pano e limpá-lo. Ela podia lavar o menino enquanto ele estivesse dormindo.

— Imagine o Dr. Rapp ser pai de uma criança por aqui — disse ela, lembrando-se do exemplo de Alan Saturn na discussão com a esposa e tentando acalmar a voz. — Deveria o filho ou a filha da maior mente da botânica simplesmente vagar pela floresta pelo resto da vida, sem qualquer acesso ao próprio potencial?

— Você acha que ele não tem filhos aqui? Você realmente acha que isso nunca aconteceu? Você deve pedir a Benoit para levar você à próxima busca de visão ou como quiser chamar a experiência. — A Dra. Swenson balançou a cabeça e então andou até a única pequena cadeira do quarto. Ela se sentou sobre o vestido sobressalente de Marina e suas roupas íntimas, já que era na cadeira que ela guardava suas coisas. — Estou muito cansada, Dra. Singh — disse ela, puxando o cabelo para trás com as mãos. — Tenho dor ciática na perna esquerda e a criança está sentada sobre a minha bexiga. Está começando a ficar agitada quando eu me deito. Estou feliz de ter conduzido essa pesquisa em mim mesma porque me fez perceber algo que, de outra maneira, eu provavelmente não levaria em consideração: as mulheres, depois de uma certa idade, simplesmente não foram feitas para gerar uma criança, e só posso imaginar que também não fomos feitas nem para parir nem para criá-las. As lakashi estão acostumadas. Esse é o destino particular delas. Elas podem entregar seus filhos às netas. Não

precisam criar todos os filhos. Esta é a única recompensa por essas crianças geradas em idade avançada: você sabe que não vão ser responsabilidade sua. Eu nunca havia me sentido velha antes disso, é um fato. Evitei espelhos a vida inteira. Não tenho muita noção de como é minha aparência aos 73, assim como não tinha aos 20 anos. Tenho artrite no ombro, mas nada de reclamar. Eu continuo em frente. Continuei vindo para cá, continuei com o meu trabalho, o trabalho do Dr. Rapp. Não vivi a vida de uma mulher velha porque eu não era uma. Era apenas eu mesma. Mas esta coisa, esta criança, me fez sentir os 73 anos. Ela me fez envelhecer mais do que isso. Por invadir o território das biologicamente jovens, eu fui punida. Preciso ser justa em admitir isso.

Marina olhou para a professora, olhou para os pés dela metidos em um par de Birkenstock surrados, olhou para como a gravidade a fixava na cadeira. Então fez a pergunta mais ridícula de todas, apenas porque acabara de ser indagada.

— E você já quis ter filhos?

— O que você acabou de me dizer? Que houve um tempo em que sim? Talvez tenha havido um tempo. Para dizer a verdade, não me lembro. De onde estou, diria que ter um filho é como conspirar para a própria morte, mas fiz o parto de milhares e milhares de bebês e parecia, pelo menos naquele momento, que muitas mulheres estavam felizes. Sei que não era assim para as jovens.

A Dra. Swenson fechou os olhos e, embora sua cabeça se mantivesse equilibrada e ereta, ela parecia estar dormindo.

— Quer que eu a acompanhe até seu quarto? — perguntou Marina.

A Dra. Swenson considerou a oferta.

— E Easter?

Marina olhou para ele, notou que seu peito subia e descia com regularidade.

— Ele não vai acordar. Teve um longo dia.

— É o que você quer — disse a Dra. Swenson, levando a conversa de volta ao início, embora desta vez ela parecesse estar oferecendo-o. — Uma criança mais velha, que seja inteligente, que ame você. Se alguém tivesse me dito que eu podia ter um filho como Easter, eu teria tido, mas isso há muito tempo.

Marina aquiesceu e, com as mãos, puxou a Dra. Swenson da cadeira.

— Nós concordamos nisso.

— Você foi esperta ao ficar com a gente, Dra. Singh. Fiquei esperando que fosse embora, mas estou começando a ver que está realmente interessada no

nosso trabalho.

— Estou — disse Marina, percebendo pela primeira vez que não tinha pensado em ir embora. Então, pegou o braço da Dra. Swenson e juntas desceram os degraus e andaram lado a lado no estreito caminho pela floresta que conduzia ao laboratório.

Lá, Marina pegou emprestado sabão e um pote e, já no rio, tirou o vestido e se deixou ficar embaixo da turva água morna por algum tempo. Havia um chuveiro complicado e ineficaz montado atrás do laboratório que necessitava que sacos de água fossem arrastados desde o rio e colocados em um sistema de filtração, mas que não removeria tudo o que ela queria. Emergindo a cabeça à superfície, abrindo os olhos para a luz em lento declive na água, ela ficou surpresa ao descobrir que não sentia mais medo do rio. Ela pensou que seria exatamente o oposto. Esfregou o vestido e depois usou o tecido áspero dele para esfregar o corpo: então mergulhou uma última vez e nadou de volta para as roupas. Ela saiu pingando da água ainda fedendo, mas talvez nem tanto. Convenceu as mulheres lakashi a deixá-la colocar um pote de água próximo ao fogo delas e, enquanto esperava que aquecesse, uma mulher chegou e sentou-se atrás dela, penteando seus cabelos molhados com os dedos e em seguida trançando-os. Se havia homens na tribo que esperavam um dia fugir das próprias circunstâncias tornando-se naturalistas, todas as mulheres pareciam dividir o mesmo sonho de se tornarem cabeleireiras. Não havia mais como negar o desejo delas de pentear, assim como ninguém poderia impedir aqueles pequenos pássaros africanos de andar nas costas dos jacarés se alimentando de insetos. E, embora Marina tivesse lutado contra elas a princípio, tirando as mãos delas de si sempre que a pegavam pelas costas, ela finalmente tinha cedido. Aprendera a relaxar com os toques delas. Enquanto a mulher trançava e puxava seus cabelos, Marina observava o rio, contando os peixes que saltavam na superfície. Contou oito no total.

Quando sua trança estava pronta, e a água, suficientemente quente, ela carregou o pote de volta à varanda. Finalmente escurecia, e a noite que se iniciava estava agradável. Enquanto os morcegos deixavam as árvores mortas anunciando o crepúsculo, Marina lavava os resquícios da luta com a cobra em Easter. Ele acordou somente o suficiente para olhá-la de soslaio vagamente enquanto ela passava um pano em seus braços e entre os dedos dos seus pés. Ela

limpou o rosto dele, esfregou seu cabelo e foi muito delicada ao limpar a barriga e o peito, que já estavam se transformando em um espectro de roxo e verde. Quando terminou, ele se virou com grande dificuldade e a deixou limpar suas costas. Ela esticou um lençol limpo embaixo dele, da maneira como via as enfermeiras fazerem, uma habilidade que tinha e havia esquecido: trocar os lençóis de cama com alguém deitado nela. Então ele havia sido um canibal em algum momento, mesmo que em outra vida. Em virtude de tudo o que havia acontecido, quase não valia mencionar.

NOVE

Foi na quarta manhã depois da viagem ao armazém que Marina viu a Dra. Budi e a Dra. Saturn entrarem na floresta. Era muito cedo, muito mais do que o horário em que normalmente ela sairia, mas algo havia se infiltrado no mosquiteiro e conseguira picá-la perto do ombro; a picada, agora inchada e quente, a impedira de voltar a dormir. Sob a escassa luz da manhã àquela hora, ela inspecionou a tatuagem feita pela cobra em Easter, as feridas que tinham escurecido para uma cor de berinjela e se espalhado das axilas à virilha. Quando se assegurou mais uma vez de que eram apenas horríveis, e não uma catástrofe médica, ela se afastou da criança adormecida e foi em busca do café que a Dra. Budi, sempre trabalhando, certamente teria feito. Só havia uns quinze minutos desde o amanhecer quando ela viu as colegas do outro lado de um gigantesco morro de cupins, o solo entre elas tremendo com a atividade. Ela acenou e gritou “bom dia” e as duas pararam abruptamente, encarando-a como se ela fosse a última pessoa que esperavam ver na Amazônia. Após uma pausa, a Dra. Saturn se inclinou para cochichar alguma coisa no ouvido da Dra. Budi, que, após o que pareceu ser uma deliberação, aprovou. As duas então foram até onde ela se encontrava, dando a volta no grande morro de cupins.

— Como está Easter? — perguntou Nancy Saturn.

Marina dava crédito a Nancy por ter salvado a vida de Easter, por ter tido a presença de espírito de gritar “faca” quando Marina ainda tentava ganhar uma luta corpo a corpo com a cobra. Foi Nancy Saturn quem impulsionara a salvação.

— Ele estava dormindo quando saí. Agora a Dra. Swenson dá a ele meio Ambien à noite, senão ele acorda com a dor.

— Alá seja abençoado por isso — disse a Dra. Budi, concordando.

— Vamos até as árvores — falou Nancy casualmente, repousando a mão no saco de cadernos pendurados na frente do peito. — Por que não vem com a gente?

Antes do acidente de Easter, se é que o fato de uma cobra ser puxada para dentro de um barco podia ser chamado de acidente, Marina pedira diversas vezes para ver as árvores, mas sempre recebia uma vaga atitude evasiva em resposta — eles já tinham ido ou aquela não era a melhor semana para ir. Desde o episódio com a sucuri, ela havia francamente se esquecido do assunto. Suas noções do que era importante haviam mudado. A floresta não tinha poucas árvores, e ela vira muitas delas. Era difícil imaginar que algumas seriam tão substancialmente diferentes das outras. Mesmo assim, agora que o convite fora feito, ela aceitou com prazer, sentindo que sua paciência havia sido percebida e recompensada.

Na verdade, ela havia escrito uma carta extremamente sentimental ao Sr. Fox na noite anterior, sentada no chão da varanda e usando a cadeira como mesa porque Easter já estava dormindo. (Desde o episódio com a cobra, a rede dele ficara vazia, até um sagui começar a usá-la para as sonecas da tarde. Era uma criaturinha imunda.) *Eu me vejo seguindo seu conselho agora que não tenho uma maneira direta de contatá-lo. Você me falaria para esperar e observar. E me falaria que há mais nessa situação do que eu poderia entender imediatamente e estaria certo, assim como você estava certo quando me pediu para vir aqui e me disse (sei que seria isso que você diria) para ficar. Olhe como me tornei agradável desde que parti! Mal posso acreditar como estive perto de pegar o próximo voo para voltar. Eu teria sofrido tanto em Manaus para perder tudo aquilo que me fez vir.*

Ao longe, a oeste de onde estavam, Budi, Nancy e Marina ouviram o farfalhar de galhos enquanto duas jovens, rindo e conversando no que Marina ainda considerava ser uma língua impenetrável, passaram a alguma distância, acenando com a cabeça desinteressadamente ao avistarem as doutoras. Uma das mulheres mais velhas andava em direção ao rio, segurando a mão de uma menina. Mais três apareceram de repente por detrás de um toco grande e morto.

— Dá para pensar que todas elas têm despertadores — comentou Nancy enquanto mais e mais mulheres saíam da vegetação e seguiam na mesma direção.

Elas estavam em uma trilha na qual Marina achava que nunca havia ido antes, embora não tivesse certeza. As trilhas surgiam quando ela observava a vegetação com atenção e depois desapareciam assim que virava a cabeça. Marina tinha um medo mortal de seguir uma trilha para dentro da floresta e

depois ser incapaz de encontrá-la novamente quando quisesse ir embora. Se tivesse que fazer tudo de novo, ela levaria sacos de fio vermelho para que pudesse amarrar uma ponta no pé da cama todas as vezes que entrasse no labirinto.

— É o despertador biológico das lakashi — falou a Dra. Budi, e Nancy e Marina riram.

A Dra. Budi sorriu timidamente, tendo feito tão poucas piadas bem-sucedidas na vida.

Não era comum que Marina ficasse pensando em suas malas perdidas, mas havia momentos, e aquele era um deles, em que ela teria preferido sapatos de verdade a chinelos de borracha. Também gostaria de estar vestindo uma camisa de mangas longas, que protegeria seus braços pelo menos dos espinhos menores, e calças compridas, para protegê-la daquelas eventuais lâminas de vegetação que, se roçassem de um determinado ângulo, cortavam a pele como uma navalha. A pequena quantidade de sangue que formava gotas e escorria de suas pernas era um anúncio de tudo o que Marina tinha a oferecer. Parecia que elas estavam percorrendo um longo caminho, mas distâncias, assim como direções, eram difíceis de mensurar. Talvez fosse porque aquela trilha em particular (estavam em uma trilha?) tinha mais árvores caídas atravessadas no caminho, o que exigia uma escalada sobre os troncos, e mais buracos misteriosos por onde a água escoava, que se anunciavam somente pelo repentino chão esponjoso. Elas poderiam estar a uma distância equivalente a somente dois ou três quarteirões do destino, mas essa distância era relativa, dados os obstáculos que ainda tinham que transpor. Marina esfregou a mão na nuca e expulsou algo com casca dura. Com o tempo, ela havia aprendido a esfregar em vez de dar um tapa, que só servia para fazer explodir, direto para a corrente sanguínea, todo o conteúdo do inseto, e esse conteúdo, sem dúvida, já havia sido entocado dentro da pele em alguma protuberância entomológica.

As mulheres lakashi cantavam agora. Não, não cantavam. Apenas conversavam e, quando havia muitas vozes falando ao mesmo tempo, o som lembrava vagamente uma seção da Torá cantada no *bar mitzvah* por um grupo de rapazes que ainda não haviam mudado de voz.

— Você entende o que elas estão dizendo? — perguntou Marina.

Nancy balançou a cabeça.

— Eu pego uma palavra ou outra, ou pelo menos acho que sim. Houve um linguista que ficou com a gente por um tempo. Tinha sido aluno de Noam Chomsky. Segundo ele, a língua não é particularmente difícil nem mesmo interessante, e todas as línguas desta região da Amazônia provêm de uma única base gramatical com variações de vocabulário, o que significa que, em algum ponto, as tribos deviam estar ligadas e depois se separaram. Isso me fez desejar que tivéssemos aqui uma língua um pouco mais obscura; assim ele teria ficado por mais tempo. Ele fez um quadro fonético para nós, então conseguimos formar frases simples.

— Thomas é muito bom nisso — disse a Dra. Budi. Ela ergueu o braço, e as outras duas mulheres pararam e esperaram enquanto um lagarto muito grande cruzava a trilha, rastejando, a pele verde solta pendurada por sobre as costelas como uma capa de malha. — Este eu não conheço. — A Dra. Budi observou-o cuidadosamente.

Nancy se inclinou para examinar o lagarto como se fosse alguém que ela quase pudesse identificar e então balançou a cabeça.

— Nem eu.

Passaram-se vinte minutos após a aparição do lagarto, até que chegaram a uma clareira ou, se não era uma clareira, um lugar em que havia menos árvores, todas mais finas, afastadas umas das outras e parecendo iguais. Ali não havia uma camada grossa de vegetação cobrindo o chão, somente uma relva rala; nada de trepadeiras cabeludas estrangulando as árvores, apenas as cascas, lisas e lustrosas. A luz do sol passava facilmente por entre as folhas ovais pálidas e atingia o chão em amplos trechos.

— É lindo — disse Marina, jogando a cabeça para trás. Aquela luz, aquelas folhas eram tão bonitas! — Meu Deus, por que eles não moram aqui?

— Muito longe da água — disse a Dra. Budi, olhando para o relógio e anotando a hora.

Uma dúzia de mulheres lakashi já estava lá. Marina conhecia a maioria de vista, mesmo que não conseguisse reproduzir corretamente os diversos sons que formavam seus nomes. Nos poucos minutos seguintes, mais de vinte mulheres chegaram, tomaram seus lugares nos troncos de cor amarelo-manteiga com cerca de vinte e cinco a cinquenta centímetros de circunferência. Sem ritual ou fanfarra, sem qualquer consideração aparente, as mulheres se dirigiram até as

maiores árvores, as que já estavam mordidas, e deixaram as novas para trás. Pressionando-se contra elas como fariam com um parceiro em uma dança lenta, abriam suas bocas e começavam imediatamente a roçar os dentes nas cascas. A floresta naquela manhã estava particularmente silenciosa; assim, era possível ouvi-las, um som baixo amplificado pela quantidade de mulheres que faziam o mesmo ritual ao mesmo tempo.

Alguns homens que vagavam por lá se detiveram para cumprimentar as mulheres, que paravam de morder e mastigar as árvores somente por tempo suficiente para receber o cumprimento e retribuí-lo. Duas mulheres que tinham passado bastante tempo conversando postaram-se de lados opostos de uma árvore e, a alguma distância, pareciam estar se beijando. Mulheres que tinham levado os filhos os deixaram juntos na área central entre as árvores, e as crianças mais velhas arrebanhavam as mais novas quando estas tentavam engatinhar para longe. Uma das mulheres mais idosas foi até o grupo de crianças e guiou uma garota que parecia ter 12 ou 13 anos até uma árvore enquanto as outras pararam todas de uma vez, virando as cabeças para assistir. Quando a garota começou a inclinar a cabeça para o lado, parecendo insegura sobre como se aproximar, as outras fizeram um som baixo e bateram em suas árvores num tipo de aplauso árvore-humano. Os galhos finos tremularam, balançando as delicadas folhas de um lado para outro. A menina, cujo cabelo estava solto e desgrenhado pela noite de sono, parecia constrangida por ser o centro de tanta atenção. Então, ela começou a mordiscar a casca. Após se certificarem de que ela estava desempenhando o ato primal corretamente, todas voltaram ao trabalho. Da núbil à idosa, as mulheres mordiam e mastigavam sem prazer ou desagrado. Elas haviam transformado o ato completamente exótico de morder uma árvore em nada mais que um trabalho numa fábrica.

— Isso é importante — disse a Dra. Budi a Marina. — A menina acaba de completar seu primeiro ciclo menstrual. Os rituais lakashi são muito breves, nada sentimentais. Você tem sorte de ver algo assim no seu primeiro dia.

Nancy Saturn virou algumas páginas do caderno.

— Eu não sabia que Mara havia menstruado.

A Dra. Budi levantou seu livro.

— Eu sabia.

Havia árvores mais do que suficientes para todas, talvez duzentas espalhadas por dois acres de terra. A mais alta tinha cerca de vinte metros, mas havia muitas árvores novas crescendo também. Em algumas, a ausência de casca deixava uma marca suave e branca; quando crescia de novo, formava uma paleta de amarelos e então escurecia com o tempo até que a maioria das árvores na altura das cabeças das lakashi parecesse trazer marcas de decupagem.

Era mais fácil respirar naquele lugar e tão fácil de ver ao redor! Em todas as direções, a vista era ampla. Não se ficava imaginando o que poderia vir correndo pela floresta com mandíbulas abertas...

— Nunca pensei que houvesse tantas árvores — disse Marina. — Eu não imaginava assim.

— Na verdade, é apenas uma árvore — falou Nancy. Ela estava contando as mulheres e marcando sua presença, pelos nomes, no caderno. — São *Populas*, como álamos, um fenômeno muito raro. Com uma única raiz. A árvore está se clonando.

— Muito delicado — comentou a Dra. Budi, aquiescendo para si mesma.

— A raiz consegue alterar o nível de acidez do solo para que nada mais cresça aqui, a não ser estas árvores e um pouco de relva. De certa maneira, pode-se dizer que a árvore envenena a área circundante para se assegurar de que nada mais sobreviva em seu espaço e roube os nutrientes do solo ou cresça mais alto que ela e bloqueie a luz do sol.

— Exceto os cogumelos Rapp — disse a Dra. Budi. — Os Rapp vicejam onde quer que seja. — Com a ponta da caneta, ela apontou para o grupo de cogumelos que crescia próximo à base das árvores, como bolas de golfe perfeitas sobre um talo alto e fino. Os Rapp tinham um tom de azul-claro completamente estranho. Pareciam brilhar tanto na luz do dia que ela queria voltar com uma lanterna e vê-los no escuro. Marina não conseguia imaginar como não havia prestado atenção neles.

— *Psilocybe livoris Rappinis* — disse Nancy. — São considerados a descoberta mais importante da micologia. Não há qualquer evidência de que esse ecossistema exista em qualquer outro lugar na floresta tropical, em qualquer outro lugar no mundo. Essas árvores para as quais você está olhando aqui, estes cogumelos, são únicos. Até onde sabemos, são os únicos Rapp do mundo. Seu passaporte para a iluminação espiritual.

— Você já experimentou?

Nancy Saturn fechou os olhos e assentiu levemente, com um dedo para cima.

— Passei muito mal — disse a Dra. Budi. — Interessante tudo o que você vê, mas você passa muito mal.

— Então, se os cogumelos se chamam Rapp, as árvores se chamam Swenson? — perguntou Marina.

Havia um número excessivo de mariposas cor de lavanda do tamanho de uma moeda voando sob a luz do sol. Marina não se lembrava de tê-las visto antes, mas teria sido difícil notar uma mariposa tão pequena no emaranhado comum das trepadeiras que sufocavam o restante da floresta.

— As árvores são chamadas de Martin — respondeu a Dra. Budi — *Tabebuia martinii.*

— Na verdade, estamos protegendo os Rapp — disse Nancy. — Todo o sigilo em torno do trabalho e da localização é para que ninguém os descubra. Cientificamente, são as Martin que apresentaram um potencial tão notável. Essas árvores podem se revelar uma das maiores descobertas botânicas na nossa época. No entanto, as pessoas tentam colocar as mãos nos Rapp desde que o Dr. Rapp começou a escrever sobre eles. Se o mundo soubesse onde eles estão...

A Dra. Budi cobriu os olhos com a mão e balançou a cabeça.

— Exatamente — continuou a Dra. Saturn. — Este lugar seria devastado: traficantes de drogas, o governo brasileiro, outras tribos, turistas alemães. Não dá para dizer quem chegaria aqui primeiro e em que tipo de guerra isso resultaria. A única coisa de que tenho certeza é que os lakashi seriam destruídos. Toda a existência da tribo está construída em torno dos Rapp e, enquanto há facilmente centenas de vezes mais cogumelos do que precisam para os rituais, eles não têm interesse em secá-los e estocá-los. Os Rapp estão presentes nos trezentos e sessenta e cinco dias do ano; por isso, os lakashi supõem que eles sempre vão estar aqui sob estas árvores. Venho tentando plantar Martin e, subsequentemente, Rapp há três anos, e não estou falando em plantar em Michigan, mas em fazê-los crescer no laboratório, a partir de cortes de raízes, com o mesmo solo e a mesma água, mas não consigo obter sucesso.

— Você vai conseguir — incentivou a Dra. Budi.

Nancy Saturn balançou a cabeça.

— É muito cedo para dizer.

A Dra. Saturn e a Dra. Budi declararam que estavam falando demais e que a janela de tempo para levar adiante a tarefa delas não ficaria aberta para sempre. Pediram licença e começaram a ir de árvore em árvore fazendo algumas perguntas às mulheres, usando quatro ou cinco palavras em língua lakashi. Nancy pegou um aparelho de pressão da bolsa e mediu a de Mara. Marina aproveitou a oportunidade para olhar as árvores: uma pequena placa de plástico, numerada e datada, fora afixada em frente a cada uma delas. Ela passou as mãos na casca cheia de marcas e cheirou a madeira. Se tivesse visto árvores como aquelas perto de um lago em Minnesota, não teria dado uma segunda olhada, ou talvez sim, mas só porque não se lembrava de já ter visto uma casca tão amarela. Ela teria notado os Rapp, observando o conjunto deles próximo aos pés dela. Pareciam um aglomerado de criaturas marinhas exóticas que haviam sido levadas mil e quinhentos metros terra adentro. Como teria o Dr. Rapp encontrado aquele lugar? Como ele teria pensado em olhar a tribo que balançava tochas na margem do rio e então penetrar um quilômetro e meio na floresta? Marina pegou uma trilha entre as árvores. Que prazer era caminhar por ali! Que prazer dar um grande passo e saber onde seu pé estava pisando. Ela levantou os braços e se espreguiçou. Uma a uma, as mulheres se afastaram das árvores e começaram a esfregar com as unhas os fiapos de casca presos entre seus dentes. Budi separou várias mulheres do grupo, limpou seus dedos com cotonetes embebidos em álcool e os espetou, enchendo pequenas pipetas com sangue. Depois de tomar notas, cuidadosamente pressionou os tubos em uma pequena caixa de metal. Do outro lado, a Dra. Saturn fazia uma intervenção mais desafiadora, já que entregava grandes cotonetes com pontas de algodão a três mulheres e esperava enquanto elas os colocavam sob os vestidos, faziam um rápido movimento com os pulsos e os devolviam a ela. A Dra. Saturn então colocava o algodão em uma lâmina e em um pedaço de papel de tornassol.

— O que está fazendo? — perguntou Marina.

— Verificando os níveis de estrogênio no muco cervical. — A maleta da Dra. Saturn era mais complexa, e ela se sentou no chão para fazer anotações no tubo de teste onde havia depositado as amostras. — As lâminas são para cristalização.

— Ninguém mais faz isso — disse Marina.

Era um processo ligeiramente misterioso, observar o estrogênio crescer e formar complicados padrões de ramificações com aspecto de folhas de

samambaias nas lâminas. Sem esses padrões, não havia fertilidade.

A Dra. Saturn deu de ombros.

— É muito eficiente para os lakashi. Os níveis de estrogênio delas são bem sensíveis ao consumo da casca da árvore.

— Como você conseguiu convencê-las a...

Ela não sabia bem qual era a palavra apropriada. Autocoleta?

— Isso — disse a Dra. Saturn — é obra da genialidade da Dra. Swenson. O treinamento já estava em prática antes de eu chegar. Nem consigo imaginar o medo que elas devem ter sentido da Dra. Swenson a ponto de aceitarem. Agora, nem parece uma invasão de privacidade.

A terceira lakashi entregou sua amostra sem alvoroço e Nancy agradeceu com um gesto de cabeça ao pegá-la.

Quando as lakashi terminaram o que lhes havia sido pedido, afastaram-se em grupos de dois, três ou quatro, sem olhar para as árvores ou as cientistas. Pegaram no colo as crianças muito pequenas que mal andavam e deixaram as outras as seguirem como podiam. Elas já haviam terminado.

— Elas vêm todos os dias?

Marina observava enquanto o grupo inteiro sumia por entre as enormes árvores, como se o sinal da escola tivesse tocado. Elas partiram sem olhar para trás, fosse para as cientistas ou para as árvores. O trabalho estava feito.

— Elas mastigam a casca a cada cinco dias, embora tenham um sistema de revezamento. As visitas são regulares. Como elas contam os cinco dias é algo que está além do nosso conhecimento, já que não têm qualquer sistema aparente de marcação de tempo. Só posso supor que já se tornou um desejo biológico. Elas não vêm quando estão grávidas. Na verdade, sentem repugnância pela casca desde o que parece ser o momento da concepção. A Dra. Swenson pode confirmar essa informação. Por causa disso, as gestações parecem ser especialmente longas por aqui. Costumam ter trinta e nove semanas completas. Elas também não vêm quando estão menstruadas, embora convenientemente todas tenham quase o mesmo ciclo; assim, temos alguns dias de folga todos os meses.

— Todas elas?

Nancy confirmou.

— As meninas novas levam um tempo até entrarem no mesmo ciclo que as outras e ninguém é perfeitamente regular após dar à luz, mas essas são as exceções.

A Dra. Budi andou até uma árvore próxima e procurou o lugar onde a casca era seca e de tom amarelo-escuro. Então se inclinou e a mordeu, seus dentes fazendo o som de arranhar característico do ato.

— Quer provar? — perguntou, olhando para Marina.

— Eu preciso verificar seus sinais vitais — disse Nancy, pegando o aparelho de pressão novamente. — Budi, tire a temperatura dela.

— Por que eu deveria fazer isso? — perguntou Marina.

— Precisamos de gente para testar. E que não sejam mulheres lakashi. Nós mesmas comemos.

— Mas eu não vou engravidar.

Nancy enrolou o aparelho no braço de Marina e começou a enchê-lo. A Dra. Budi levantou um termômetro de plástico e Marina, sem ter certeza de nada, abriu a boca.

— Você não vai ser a única — comentou a Dra. Budi.

— Acredite, há muito a ser testado. Você não precisa ficar grávida.

— Thomas vai lhe dizer — falou a Dra. Budi, e então, como se fosse uma deixa, o Dr. Nkomo apareceu por trás das Martin e andou na direção delas.

— Vejo que estou suficientemente atrasado — disse ele, cumprimentando as três mulheres com a cabeça.

— Homens e mulheres não vêm aqui ao mesmo tempo — disse Nancy a Marina. — As mulheres comem as cascas das árvores e os homens colhem os Rapp.

— Divisão de tarefas — explicou a Dra. Budi. Nancy tirou o aparelho de pressão e pressionou dois dedos no pulso de Marina para sentir sua pulsação.

— Primeira vez, não é? — perguntou Thomas.

Marina confirmou com a cabeça, mantendo a boca fixa no termômetro.

— Ah, muito bem. Apenas se lembre de manter a língua para baixo. Ou você vai ficar com a boca cheia de lascas de madeira.

— Ainda que sejamos craques em tirar as lascas depois — disse Nancy. — Pulso: sessenta e quatro. Muito bem, Dra. Singh.

Thomas aproximou a boca da árvore ao lado e, muito acima da marca de mordidas, começou a morder a casca. Marina tirou o termômetro da boca.

— Espere um pouco — disse ela.

— As Martin têm muitas funções — explicou Nancy. — Por anos, o Dr. Rapp pensou que parte das qualidades alucinógenas dos cogumelos viesse talvez das raízes da árvore, que de alguma maneira eram lixiviados das próprias árvores. Então, ele supôs que era isso que as mulheres buscavam ao mastigarem a casca. Foi Annick quem fez a conexão entre as árvores e a extensão da idade fértil. Aparentemente, ele nunca notou que elas continuavam engravidando.

— Mesmo assim, ela continua dando o crédito ao Dr. Rapp — falou a Dra. Budi, não em tom de correção, mas de mero comentário.

— Se você olhar as anotações que eles fizeram naquele tempo, fica bem claro.

Thomas tirou um lenço do bolso e limpou os cantos da boca.

— Foi só na década de 1990 que ela fez a conexão entre as Martin e a malária — disse Nancy. — E essa descoberta foi definitivamente dela. O Dr. Rapp já estava na casa dos 90 anos.

— E ela ainda dá crédito a ele por isso — falou a Dr. Budi. — Diz que ele havia mencionado antes.

Thomas Nkomo balançou a cabeça como se reconhecesse que era triste uma mulher dar o crédito de suas descobertas a um homem tão rapidamente.

— Essa é a descoberta mais importante em relação à tribo lakashi. Não os cogumelos Rapp ou a fertilidade, mas a malária.

— Não estou entendendo — disse Marina.

E ela estava realmente perdida naquela conversa.

— As mulheres lakashi não contraem malária — explicou a Dra. Budi. — Elas são imunes.

— Não há imunidade para malária — rebateu Marina, e os outros três sorriram. Thomas mordeu a árvore de novo.

Nancy Saturn apontou a pequena mariposa lilás descansando na casca branca interna da árvore. Era o local exato em que a Dra. Budi dera sua mordida e ainda havia um resquício de saliva ao redor da casca externa.

— A Martin é uma árvore de casca macia. Uma vez que a casca é quebrada, as lakashi não despedaçam a casca interna até a camada em que estão as células

vivas. Isso cria uma abertura, como você pode ver, um tipo de machucado na árvore, e dentro dele fica essa mariposa, a martinet roxa.

— Você não pode estar falando sério — disse Marina, inclinando-se para olhar melhor. — Há alguma coisa na qual ele não tenha colocado o próprio nome?

— A tribo lakashi não foi uma descoberta de Martin Rapp. Se fosse, provavelmente este lugar se chamaria Rapplândia. — Nancy colocou um dedo bem embaixo da mariposa, que, como as lakashi, pareceu não se incomodar com a invasão de privacidade. — *Agruis purpurea martinet*. Ela pega o líquido da polpa da Martin, e não da seiva, que se encontra mais profundamente na árvore. O inseto subsiste da própria umidade da madeira. Ele ingere e excreta quase ao mesmo tempo, processando as proteínas da polpa. Uma vez por ano, bota ovos.

— Na casca da árvore? — perguntou Marina.

Quando a mariposa abriu as asas, deu para ver duas pequenas bolas brilhantes amarelas, como olhos, uma de cada lado, e então ela as fechou de novo. Borboletas descansam com as asas abertas e mariposas descansam com as asas fechadas, ela havia lido anos antes.

Nancy aquiesceu.

— Como as Martin e os Rapp, as martinets roxas parecem só existir aqui. Você verá uma no acampamento de tempos em tempos. Elas vão até o rio, mas não temos registro sobre alimentação da espécie fora desta área. A chave para a fertilidade está na combinação da árvore Martin e da martinet roxa, embora não tenhamos isolado as excreções das mariposas das proteínas do seu invólucro larval. O que sabemos é que funciona.

A Dra. Budi limpou o próprio dedo com álcool e então se furou.

— E as amostras de sangue? — perguntou Marina. — Vocês podem realmente ler os níveis de hormônio em uma amostra tão pequena de sangue?

— Nanotecnologia — disse Budi. — Admirável mundo novo.

Marina concordou.

— Isolamos as moléculas enquanto elas são metabolizadas pela casca da árvore — continuou Budi —, mas ainda estamos mapeando o impacto da saliva das lakashi, os sucos gástricos, o plasma. O que não sabemos é qual combinação de fatores também está dando às mulheres proteção contra a malária.

Marina perguntou se os homens na tribo eram suscetíveis à malária, e Thomas confirmou.

— Depois que param de mamar, os bebês do sexo masculino ficam tão suscetíveis à malária quanto qualquer membro de qualquer tribo parecida, assim como as meninas entre o fim da amamentação e a primeira menstruação, quando começam a mastigar as árvores.

— Então elas não são exatamente imunes. A árvore e a mariposa agem como um preventivo, como quinina.

A Dra. Budi balançou a cabeça.

— Preventivo enquanto mamam, imunes quando comem a casca. A pergunta é: por que a tribo inteira não come a casca na juventude? Mas, considerando o número de crianças que morre de malária, poderia haver uma terrível explosão populacional entre os lakashi se todos sobrevivessem.

— Mas como vocês sabem? — perguntou Marina. Sua cabeça fervia com aquilo. Eles tinham convencido alguns homens a comerem a casca? Haviam testado nas crianças? — Vocês conseguiram fazer algumas mulheres pararem de comer a casca?

Ela olhou novamente para as árvores. Podia ver agora, bem distantes, no topo, contra o céu, os cachos de flores cor-de-rosa que pendiam como uvas.

— Houve alguns casos de mulheres que não conseguiam engravidar e, depois de algum tempo, pararam de participar das visitas em grupo às Martin — explicou Nancy. — Mas, como já haviam comido a casca, já estavam imunes.

— Fizemos as experiências principalmente em nós mesmos — acrescentou Thomas.

— Com quê?

A Dra. Budi olhou para ela e piscou.

— Mosquitos.

— Então que droga está sendo desenvolvida exatamente? — perguntou Marina.

Uma martinet roxa mergulhou na frente dela e depois pousou no seu vestido, as asas roxas se abrindo e fechando duas vezes antes de levantar voo novamente.

— Há uma enorme sobreposição — esclareceu Thomas. — Ao explorar uma droga, aprendemos sobre a outra. Elas não podem ser separadas.

Nancy Saturn era botânica. Ela poderia estar jogando em ambos os times. Mas a Dra. Budi, Thomas e Alan Saturn pareciam estar do lado da malária.

— A Dra. Swenson é a única trabalhando na droga da fertilidade?

— Certamente é o seu projeto principal — disse Thomas. — Mas acreditamos que a resposta para um é a resposta para o outro.

— É muito para processar — falou Nancy. — Nós entendemos. Apenas experimente a casca e veja o que acha. Você provavelmente não ficará aqui tempo suficiente para fazer parte dos testes, mas deveria pelo menos experimentar. O número de não lakashi que teve a chance de provar as Martin é muito pequeno.

— É uma honra — disse a Dra. Budi, inclinando-se para a frente a fim de dar outra mordida.

O que Anders havia dito a ela? “Finja por um momento que você é uma farmacologista clínica trabalhando para uma grande empresa de desenvolvimento de drogas. Imagine que alguém ofereça o equivalente ao *Horizonte perdido* pelos ovários americanos.” Marina fechou os olhos, colocou a língua para baixo e abriu a boca. Não era tão simples como parecia. Era mais como tirar leite de vaca: parecia fácil quando se via outra pessoa fazer. O segredo parecia ser o ângulo da cabeça; não chegar à árvore em posição reta. Na verdade, a casca era quase macia, flexível. Oferecia uma quantidade muito pequena de líquido da polpa, que tinha gosto de erva-doce e alecrim com um suave tom picante que Marina só podia imaginar que tivesse a ver com o excremento da martinet roxa. Não era ruim, mas não podia ser ruim. Gerações de mulheres lakashi e vários cientistas não insistiriam em comer a casca de uma árvore que tivesse um gosto asqueroso. Como as primeiras lakashi tinham pensado em quebrar a casca da árvore com os dentes e como a primeira mariposa, que devia comer alguma coisa antes daquilo, esvoaçara atrás dela? Marina alcançou algo mais duro e sentiu uma espetada aguda na gengiva superior, mas não ficou intimidada. Ela não tinha 73 anos. Não era tão velha assim e havia muitas mulheres que tinham filhos na idade dela, mulheres que certamente não haviam ido tão longe assim. Por mais ambivalente que fosse quanto à sua própria capacidade de reproduzir, ela não era nem um pouco ambivalente quanto à ciência do experimento. Agora ela queria aquele telefone

de satélite global. Teria ligado para o Sr. Fox de onde estava e diria a ele o que era possível.

A Dra. Budi deu um tapinha em seu ombro.

— Já chega — disse ela. — Se exagerar na primeira vez, pode afetar seu intestino.

Nancy lhe entregou um cotonete para amostra dentro de um tubo de testes.

— Para mais tarde — disse ela. — Você pode deixar na minha mesa.

Marina tocou os lábios com os dedos e assentiu.

— Anders veio aqui? Ele provou?

Os três se entreolharam, e houve um instante de desconforto.

— Ele estava interessado em nosso trabalho — disse Thomas. — Desde o começo. Ele ficou aqui com a gente o máximo que pôde.

— Quero ver onde ele foi enterrado — pediu Marina, esperando que pudesse ser no campo de Martin.

Ela não havia perguntado antes porque não tinha certeza se aguentaria ver, olhar para baixo, para toda a vegetação impiedosa, e saber que Anders estava sob aquele peso para sempre. Mas seria mais fácil lembrar-se dele em um lugar tão lindo. Ela poderia descrever tudo isso para Karen. Poderia explicar a imensidão do local. Mesmo que ele não estivesse lá, era o que ela diria.

— Ah — falou Nancy Saturn, pressionando a ponta do tênis contra a raiz de uma Martin.

— Não sabemos — disse Thomas.

— Quem sabe? A Dra. Swenson sabe.

Depois de um período de silêncio, foi a Dra. Budi quem falou. Ela não era de deixar as tarefas difíceis para os outros.

— Os lakashi enterram as pessoas durante um ritual. Eles levam o corpo e levam os Rapp. É um assunto pessoal deles.

— Mas Anders não era um deles — rebateu Marina. Ela o imaginou deitado em caixão provisório sendo carregado em direção às árvores que odiava, Gulliver morto e arrastado por lilliputianos. — Faz diferença. Faz uma diferença enorme.

Ela falou isso sabendo muito bem que não fazia diferença alguma. Ele estava morto, e isso era o que importava.

— Eles gostavam muito de Anders — disse Thomas, batendo no ombro dela. — Teriam todo o cuidado com ele.

— Estava chovendo forte naquela semana — contou a Dra. Budi. — E fazia muito calor. Os lakashi não enterrariam Anders onde pedimos e não tínhamos como enterrar o corpo.

— Então vocês desistiram dele. — A imagem clara de Karen veio à sua mente, deslizando até o chão da cozinha, pegando o cachorro nos braços. Karen sentiu tudo, mesmo nunca tendo visto aquele lugar. — Foi a única coisa que a Dra. Swenson contou na carta, que ele havia sido enterrado mantendo as tradições cristãs. Nem sei se ele tinha tradições cristãs, mas duvido que ele planejasse ser enterrado em uma floresta por um grupo de pessoas comendo cogumelos.

— Ela disse isso para confortar vocês — falou a Dra. Budi.

— Vamos voltar — disse Nancy, passando um braço em volta de Marina.

Não havia uma sensação clara de perda. Aquilo estava acontecendo muitas e muitas vezes, de mais de mil maneiras, e a única verdade era admitir que não dava para se acostumar. Karen Eckman quis que Marina fosse para o Brasil a fim de descobrir o que acontecera ao marido, mas, agora que estava lá, Marina entendia o que a Dra. Swenson havia dito no restaurante naquela primeira noite depois da ópera: podia ter sido qualquer coisa, qualquer febre, qualquer picada. O incrível não era Anders ter morrido, mas sim os outros conseguirem viver em um lugar para o qual eram tão fundamentalmente inaptos. Karen queria acreditar que saber a causa da morte de Anders e onde ele estava enterrado faria alguma diferença, mas não faria, não fazia. Em algum momento, Marina precisaria encontrar uma maneira de contar a ela.

Marina voltou para a varanda com o gosto da Martin ainda na língua e descobriu que Easter já tinha acordado e saído. Ela olhou os lençóis para ver se havia uma carta de Anders, mas não tinha nada lá. Easter sem dúvida estaria mostrando seus machucados para as outras crianças. Ela já o vira colocando dois gravetos bem afastados um do outro na lama para mostrar a eles como a cobra era comprida. Ela imaginou em que momento ele tinha perdido a audição e se teria a noção do que era uma língua para lamentar não poder usá-la quando havia uma história tão boa a ser contada. Ela adoraria saber como a cobra ficara guardada em sua memória, se ele pensava nela como o terror que foi ou como

uma grande aventura, ou talvez não pensasse nela exceto como a fonte da intensa dor em seu peito. Marina tinha que admitir que não sabia realmente o que Easter pensava sobre nada. Os pesadelos dele haviam diminuído desde a cobra, ele não gritava mais durante a noite, mas isso podia ser devido ao Ambien ou ao conforto de dormir a noite inteira na cama. Ou, quem sabe, depois de uma sucuri tê-lo apertado até quase a morte, não houvesse mais nada que pudesse deixá-lo com medo.

Marina ouviu a Dra. Swenson chamar seu nome do lado de fora e se inclinou por cima da balaustrada da varanda.

— Você desapareceu durante metade da manhã, Dra. Singh — disse a Dra. Swenson.

Ela vinha acompanhada de um lakashi que usava short e uma camiseta cinza muito suada. Os homens vestiam camisetas quando queriam se arrumar; certamente qualquer um que fosse falar com a Dra. Swenson de manhã cedo acharia uma camiseta para colocar. Ele segurava uma bolsa vermelha de lona grossa com as duas mãos. Daquele ângulo específico, olhando de cima para os dois, de uma altura entre dois metros e meio e três, ela não conseguiu imaginar como podia não ter notado a gravidez da Dra. Swenson. Ela era só barriga.

— Havia muito para conversar — respondeu Marina, e tinha a intenção de falar também com a Dra. Swenson sobre tudo: o enterro de Anders e quem estava financiando a pesquisa para a vacina da malária.

Mas o homem parado ao lado da sua mentora balançava para cima e para baixo nas solas dos pés e retorcendo as mãos nas alças da bolsa, tornando difícil se concentrar em outra coisa que não fosse ele. Ele se contorcia como se estivesse pisando em formigas e tentasse disfarçar.

— Vamos conversar, Dra. Singh. Não é uma conversa curta. Há muito tempo para esclarecermos tudo, mas agora preciso que venha comigo.

— Qual é o problema?

Obviamente havia um problema. O homem estava gemendo. Ela podia ouvi-lo por sobre o zumbido dos insetos, embora ele parecesse estar se esforçando muito para não fazer barulho, assim como tentava ao máximo, ela podia perceber apesar de toda sua movimentação, ficar parado. Não apenas a Dra. Swenson havia convencido os lakashi a se submeterem a testes como eles tinham medo

dela da mesma maneira que qualquer grupo de internos do primeiro ano. A grande façanha do homem de camiseta cinza era não estar gritando.

— Você vai gostar — disse a Dra. Swenson, e se virou para o caminho de onde eles tinham vindo. — Vai ao encontro dos seus interesses.

Marina saiu pela porta e desceu os degraus. A Dra. Swenson não esperou por ela e continuou a conversa sozinha.

— Sei quanto está ansiosa para praticar sua medicina durante sua estadia aqui. Acho que temos uma oportunidade.

Mesmo com a Dra. Swenson grávida de seis ou sete meses, Marina tinha de se apressar para manter o mesmo passo que eles. O homem ditava o ritmo e era rápido. Ela mantinha um olho no chão. Tinha um temor em particular de torcer o tornozelo.

— Eu não disse isso.

A Dra. Swenson parou e olhou para Marina. O homem parecia petrificado. Era imperativo que eles continuassem caminhando. Ele levantou a bolsa para o caso de ela haver esquecido e começou um rápido monólogo em lakashi, mas a Dra. Swenson levantou a mão.

— Você disse. Lembre-se, no barco. Estávamos conversando sobre a garota com o facão na cabeça.

— Eu me lembro — disse Marina, admirando-se de como o pânico que crescia nela estava eliminando todas as perguntas que queria fazer: *Por que você entregou Anders a eles?*, *Por que você mentiu?*, e havia outra coisa, mas no momento ela não conseguia lembrar. — Achei que fosse correto você atender os casos que aparecessem.

— Que aparecessem para mim como médica ou para você como médica. De qualquer maneira, você balançou a bandeira do juramento de Hipócrates sobre nossas cabeças; então, agora tem a chance de homenageá-lo.

— Eu sou farmacologista.

Para grande alívio do homem, a Dra. Swenson recomeçou a andar. O sol estava alto, brilhante e muito quente.

— Sim, bem, não posso me abaixar até o chão e nesta aldeia as coisas acontecem no chão. Se você planeja me dizer que deveriam levar a mulher dele para o laboratório, já sugeri isso. Mas ela não consegue descer as escadas. Por

mais que eu me oponha a fazer do meu escritório um consultório médico, tenho uma oposição consideravelmente maior a atendimentos domiciliares.

— O que há de errado com a mulher dele?

A Dra. Swenson passou por um tronco morto coberto de borboletas, e o deslocamento de ar que provocou fez com que elas se assustassem e dissipassem, formando uma nuvem vermelha brilhante.

— Tem algo a ver com o nascimento de uma criança. Se fosse para apostar em uma tragédia local, você nunca perderia se pusesse seu dinheiro nessa. Na maior parte das vezes, eles se saem notavelmente bem, mas o grande volume com que se reproduzem gera alguns erros.

— Você sabe qual foi o erro?

Marina andava cada vez mais rápido quando tudo nela dizia para parar.

A Dra. Swenson balançou a cabeça.

— Não tenho a menor ideia.

— Mas você disse que não queria interferir. — Interferência nas necessidades médicas de um povo indígena subitamente pareceu a Marina a pior ideia possível. Ela podia ver agora a virtude de deixá-los por conta própria, de observar sem imposições. — Você disse claramente que havia alguém...

— O médico feiticeiro local, sim. A malária o atingiu de novo. Ele está com tanta febre que nos pediram para examiná-lo mais tarde. Também há, e você vai ficar satisfeita em saber, uma parteira, e ela também está em trabalho de parto no momento. Está sendo atendida pela parteira em treinamento, que é filha dela e ficaria muito mais confortável se estivéssemos por perto.

— Quem disse isso? Não é possível.

— As mensagens chegam por Benoit, que as traz para a Dra. Nancy Saturn. Benoit e a Dra. Saturn conseguem se comunicar em português. Mas, francamente, a comunicação é tão fraca que corre o risco de chegarmos lá e descobrirmos que nada disso é verdade. Eu me comunico melhor com Easter do que com a maioria dos membros da tribo.

Na floresta, eles passaram pelas cabanas sobre estacas de diversas famílias, que se inclinaram nos parapeitos e acenaram. Um enorme galho caído bloqueou a trilha por um momento, mas o nativo a moveu antes que elas pudessem pensar em como escalá-lo. Marina começou de novo.

— Dra. Swenson, a senhora precisa me escutar. Não sou a pessoa mais indicada para esse trabalho. Há outros médicos aqui e qualquer um deles, posso garantir, é mais qualificado que eu.

— Vamos pedir à botânica? — perguntou a Dra. Swenson rispidamente. — Ou a um dos outros três? Duvido que já tenham trabalhado em algum lugar que não fosse um laboratório. Você está esquecendo que eu trabalho com esses *doutores* há anos. Eles realmente têm talento para classificar mosquitos, e esse é todo o crédito que dou a eles. Você pode ser farmacologista, Dra. Singh, mas, antes disso, foi minha aluna. Você sabe os procedimentos e, se não souber, estarei ao seu lado para lembrar. Não consigo mais me abaixar até o chão. Minhas pernas não deixam. Não vou me dar o trabalho de lhe falar que você pode dar meia-volta e deixar essa mulher entregue ao próprio destino porque seria uma perda do meu e do seu tempo. Você vai cuidar dela apesar do que estiver sentindo. Pelo menos isso eu já sei a seu respeito.

Marina sentiu um peso tão súbito nos pés que olhou para baixo, certa de haver pisado em algo.

— Alegre-se, Dra. Singh. É a sua chance de fazer o bem no mundo.

O couro cabeludo de Marina estava úmido de suor, que escorria pelos lados do rosto e pela nuca. Ela procurava anotações em sua cabeça e percebia que faltavam páginas inteiras. Claro que havia uma chance de estar tudo bem, de elas chegarem e não acharem nada além de um longo trabalho de parto e um marido nervoso. Se fosse somente uma questão de fazer o parto porque todos os outros estavam impossibilitados, ela poderia fazer. Qualquer um poderia. Ela apenas esperava que não houvesse qualquer cirurgia envolvida. Onde estava a bexiga exatamente? Quando terminou sua última cesariana, nunca pensou que talvez fosse obrigada a usar aquela habilidade de novo. Por que deveria se manter atualizada, participar dos congressos, ler os periódicos? Ela nem estava inscrita em obstetrícia. Qualquer bombeiro ou motorista de táxi poderia ser chamado para fazer um parto vaginal, mas uma pessoa desqualificada jamais seria escolhida para uma cirurgia. De alguma forma, esse pensamento a acalmou e, por um momento, Marina se permitiu visualizar a imagem prazerosa de um bebê deslizando facilmente por suas mãos enquanto a professora a observava. Não havia razão para pensar que desta vez não seria assim.

— Você está muito calada — comentou a Dra. Swenson. — Pensei que teria muito a falar durante o caminho. Todos no laboratório estavam ansiosos nessa manhã para saber como você estaria.

— Estou tentando me lembrar de como se faz um parto — disse Marina.

— Seu cérebro é um galpão de armazenamento. Você coloca sua experiência lá dentro, e ela espera que você necessite dela. Não se preocupe. Você vai se lembrar na hora.

Com essas palavras quase encorajadoras, eles chegaram ao destino. Se os lakashi morassem em uma cidade, aquela cabana estaria nas cercanias do subúrbio mais afastado. Era para os nativos que queriam privacidade, que queriam ter uma vista para o rio sem a interferência dos vizinhos. Eles sabiam que era a casa certa por causa de um grito penosamente fraco que vinha de lá. O homem e a sacola de lona saltaram sobre uma escada de mão à frente deles e sumiram.

A Dra. Swenson olhou para ele, aferindo a logística.

— Quando penso em terminar esse projeto e voltar para os Estados Unidos, imagino logo uma escadaria. Suponho que, se eu fosse mais ambiciosa em meus devaneios, pensaria em elevadores e escadas rolantes, mas não. Tudo o que quero é uma confortável escada com corrimão. Você é minha testemunha, Dra. Singh. Se eu sair viva deste país, nunca mais vou subir uma escada de mão.

Aos 73 anos, não era uma promessa chocante a se fazer. Marina considerou o comprimento dos braços e das pernas da Dra. Swenson em comparação à sua circunferência. Não parecia possível.

— Posso ajudar de alguma forma?

— Não, a não ser que me carregue nas costas. Acho que consigo subir, mas descer me preocupa. Não quero ficar presa lá em cima e acabar tendo que dar à luz nesta cabana.

— Não — disse Marina, embora o pensamento de subir sozinha não lhe parecesse sem problemas.

A Dra. Swenson esfregou as têmporas.

— Do que temos certeza, Dra. Singh? Sou uma mulher de 73 anos que está grávida e é baixa. Mas mulheres mais velhas, mais baixas e mais grávidas do que eu conseguem subir e descer essas escadas todos os dias das suas vidas, incluindo no dia do parto.

O homem de camiseta se agachou e olhou para elas com expectativa.

— Vir! Vir! — gritou ele em português.

— Ah, que bom — disse a Dra. Swenson. — Ele fala um pouco de português. Está dizendo que precisamos ir. — Ela olhou para cima de novo. — Acho que precisamos mesmo.

— Também sabemos com certeza que nenhuma dessas mulheres teve seu primeiro filho aos 73 anos — observou Marina. — Durante toda a vida, elas subiram e desceram essas escadas, grávidas ou não. Estão acostumadas.

A Dra. Swenson virou-se para ela e concordou com um gesto.

— Muito bem colocado, e admiro seu desejo de argumentar contra seus próprios interesses. Agora fique um degrau atrás de mim e se prepare para ser um touro. Você é bem forte, não é?

— Bastante — confirmou ela.

E então elas subiram, Marina esticando os braços compridos em volta da professora, suas mãos bem abaixo das da Dra. Swenson, suas coxas fortes abaixo das coxas da Dra. Swenson, e então elas foram em direção às lamúrias e aos gritos em português de “Agora!” do marido.

Benoit havia sido mandado antes com instruções de que a família devia esperá-las com uma grande quantidade de água, que fora fervida e coada duas vezes, e a primeira coisa que elas viram foram os baldes enfileirados, não exatamente limpos. Não se via Benoit, que evitava Marina desde o incidente com a cobra. A mulher encontrava-se deitada no chão em uma pilha de cobertores e tanto ela quanto os cobertores estavam tão molhados que pareciam recém-saídos do rio. No assoalho, sob a mulher, havia uma mancha escura e encharcada. O homem que as guiara até ali se ajoelhava do lado da esposa, segurando sua mão, arrumando seu cabelo molhado com os dedos enquanto os outros membros da família tratavam dos seus próprios afazeres. Um homem idoso sem camisa se esticava em uma rede enquanto duas crianças pequenas, um menino e uma menina, o empurravam para a frente e para trás, rindo em êxtase toda vez que a rede se afastava. Três mulheres, uma com um bebê no peito, amarravam cordas de pimentas vermelhas enquanto um homem em um canto afiava uma faca. Quando a Dra. Swenson chegou ao topo da escada, estava ofegante, e todos voltaram as cabeças em sua direção. Ela apontou para um caixote de madeira e uma das mulheres mais jovens correu para levá-lo até ela.

A Dra. Swenson sentou-se e lhe oferecerem uma cabaça cheia de água, que ela aceitou. Até a mulher nos cobertores calou-se em reconhecimento à honra de tê-la ali. E pensar que a Dra. Swenson havia ido à sua casa!

Marina não sabia se deveria atender antes a paciente ou a médica, quando na verdade não tinha certeza se possuía as habilidades para atender qualquer uma das duas.

— Aqui está o saco — disse a Dra. Swenson, e inclinou a cabeça em direção ao chão. — Você vai encontrar o que precisa. Vou lhe dizer, estou impressionada por eu ter conseguido. — Ela pôs a mão no coração. — Não subo uma escada de mão desde que esta provação toda começou.

Marina abriu a bolsa e correu a mão em círculos no seu interior, preocupada em perceber que teria de trabalhar com tão pouco. Havia uma barra de sabonete dentro de uma caixa, nenhuma escova, algumas toalhas desinfetadas e empacotadas, luvas empacotadas, um kit cirúrgico pré-empacotado, alguns remédios variados soltos no fundo da maleta parecendo inúteis. Havia dois objetos finos prateados com as extremidades curvadas para trás. Marina os segurou.

— O que são estas coisas?

— Calçadeiras! — esclareceu a Dra. Swenson animadamente. — Rodrigo tinha uma caixa cheia anos atrás. Servem como ótimos retratores.

Marina colocou-as no colo e inclinou a cabeça.

— Como vou esterilizar as calçadeiras?

— Como você vai esterilizar qualquer coisa? Você não vai, Dra. Singh. É assim. Vá em frente e lave no primeiro balde — ordenou a Dra. Swenson. — Estou recuperando meu fôlego.

A água do primeiro balde estava morna, e Marina esfregou o sabonete na pele várias vezes, perguntando-se como era possível que ela se encontrasse ali, que aquilo que estava prestes a ocorrer estivesse acontecendo de fato. Certamente, ela tivera uma participação ativa em todos os passos que levaram àquele lugar, concordando na ocasião em que deveria ter declinado. Ainda assim, não havia muito tempo ela se encontrava na Vogel, mapeando lipídios, e Anders estava vivo. Ela tentava tirar a sujeira de sob as unhas quando a mulher nos cobertores gritou tão alto que ela deu um pulo. Marina precisava delegar uma enfermeira, alguém para abrir os pacotes. Ela chamou uma das três mulheres,

balançando a cabeça até a mulher relutantemente deixar as pimentas de lado e se aproximar. Marina entregou-lhe o sabonete e fez uma mímica de lavar e abrir os pacotes enquanto a mulher a encarava como se ela estivesse louca. Marina imaginou se teria que realizar todos os estágios da cirurgia, mas naquele momento estava se precipitando. Ninguém dissera que haveria uma cirurgia. A Dra. Swenson colocara o caixote perto da mulher nos cobertores. Marina aproximou-se com sua enfermeira, que continuava carrancuda e incomodada, mas a Dra. Swenson a olhou nos olhos e foi o suficiente para apaziguá-la de vez.

Marina pôs as luvas e se ajoelhou. Quando a mulher nos cobertores a olhou, ela apontou para si mesma e disse:

— Marina.

A mulher retribuiu com um fraco meneio de cabeça e pronunciou um nome que ninguém conseguiu escutar. Passada a parte das apresentações, Marina ensaboou os genitais e as coxas da mulher, dobrou seus joelhos e mostrou à enfermeira como segurá-los.

— Seria bom ter um cobertor limpo para colocar embaixo dela.

— Se você tivesse um cobertor limpo, iria querer esterilizá-lo, e um cobertor esterilizado a faria pensar que não dá para fazer nada sem uma mesa e uma luz, e a mesa e a luz estão a um passo muito pequeno da necessidade de um monitor cardíaco fetal. Eu sei disso. Cheque se há dilatação suficiente.

Mais uma vez, Marina olhou para a mulher enquanto deslizava a mão para verificar o colo do útero. Havia espaço suficiente para um bebê bem posicionado de tamanho normal sair com facilidade, e Marina sentiu uma grande onda de alívio.

— Ela está com ótima dilatação. — Ela moveu a mão, procurando o bebê. Enquanto fazia isso, pensou que a constituição básica do corpo feminino não havia mudado desde a última vez em que o fizera. Ter a paciente no chão não fazia diferença: ela percebeu o bebê, embora tivesse quase certeza de que não era a cabeça dele o que estava sentindo. — São as nádegas — disse ela. Não seria sua primeira escolha, mas ela conseguiria. — Vou tentar virar a criança.

A Dra. Swenson balançou a cabeça.

— Isso toma muito tempo, causa muita dor e, na metade das vezes, não funciona. Vamos fazer uma cesariana.

Marina tirou a mão da mulher.

— O que você quer dizer com toma muito tempo? Até onde temos de ir?

Empoleirada em seu caixote de madeira, a Dra. Swenson descartou a sugestão.

— Não tem sentido fazer a mulher passar por isso se, no final das contas, você vai ter que fazer a cesárea de qualquer maneira.

Marina se pôs de cócoras.

— O problema é que não temos nada parecido com condições estéreis. A chance de ela morrer de uma infecção pós-operatória é o suficiente para indicar que a tentativa de virar o bebê vale a pena. Não tenho uma enfermeira para me ajudar com a cirurgia, não tenho um anestesista.

— Você acha que temos anestesistas por aqui?

— O que vocês têm?

Marina tirou a luva e remexeu na sacola.

— Cetamina. E não jogue as luvas fora. Aqui não é o Johns Hopkins.

— Cetamina? Você está planejando o quê? Dar uma droga para ela se divertir na boate? Quem no mundo usa cetamina?

— É assim que funciona, Dra. Singh. Você trabalha com o que tem, e eu tenho sorte de ter conseguido isso.

— Vou tentar virar o bebê — falou Marina.

— Não vai, não — rebateu a Dra. Swenson. — Já foi suficiente eu precisar subir uma escada como esta. Eu ficaria grata se você também não me obrigasse a ir para o chão. Mesmo que fosse possível tirar minhas pernas da equação, estou com edemas nas mãos.

A Dra. Swenson mostrou as mãos. Seus dedos estavam inchados, e a pele, repuxada. Dez pequenas salsichas.

— Meu Deus, quando isso aconteceu?

Marina estendeu a mão, mas a Dra. Swenson a empurrou.

— Eu teria dificuldade com o bisturi. Estou tendo dificuldade com um lápis. Tendo tudo isso em mente, ou você vai fazer a cesárea, ou faço eu. Essas são as opções.

— Como está a sua pressão sanguínea? — perguntou Marina.

— Eu não sou sua paciente. Você se sairia melhor se mantivesse a atenção no que está à sua frente.

O homem de camiseta cinza olhava para a Dra. Swenson e para a Dra. Singh, segurando a mão da esposa. A discussão entre as duas obviamente o preocupava. O mesmo não acontecia com sua mulher, que aproveitou a oportunidade para fechar os olhos nos dois minutos que teve entre as contrações. Se alguém perguntasse a Marina qual era a opinião mais valiosa naquela situação — a da ex-chefe de obstetrícia e cirurgia ginecológica de Johns Hopkins, que não havia tocado na paciente, ou a da desistente da área de obstetrícia e cirurgia ginecológica, que estava tocando sua primeira paciente em 13 anos —, Marina ficaria com a primeira opção. Ainda assim, mesmo sendo ela a segunda, estava convencida de que tinha razão e também de que não se sentia preparada para evitar fisicamente que sua mentora tomasse a frente no procedimento. O que só lhe deixava uma opção.

— Me diga como usar a cetamina — disse ela.

A seringa foi preenchida com a cetamina, e, uma vez que a agulha foi introduzida na veia, ficou espetada no braço da paciente, de modo que pudesse ser usada quando fosse necessário; com isso, a paciente parou de choramingar. Marina lavou e secou a barriga da mulher, esticou suas pernas e, colocando luvas limpas, mostrou à enfermeira como segurar a pele esticada. Agora, ela ganhara a atenção da sua auxiliar. A mulher arregalou os olhos e não se mexeu enquanto Marina deslizava o bisturi pela pele. Assim que sentiu a faca entrando, ocorreu-lhe que aquela não era sua primeira cirurgia em anos. Menos de uma semana antes, ela cortara a cobra. A gordura subcutânea jorrou pela linha da incisão como creme coalhado junto com as primeiras contas brilhantes de sangue.

Esse corte, feito sem qualquer som, salvo um pequeno suspiro do marido, subitamente prendeu a atenção de todos na cabana. Até o idoso se levantou da rede e levou as duas crianças para olharem. As outras duas mulheres e o homem com a faca, todos se reuniram para o espetáculo, inclinando-se para a frente e se empurrando um pouco para garantir a melhor vista. Marina sentiu o joelho de alguém em suas costas.

— Isso não está ajudando — disse ela.

A enfermeira, com as mãos firmes em ambos os lados da incisão, vociferou uma ordem e o círculo imediatamente deu um passo para trás.

— Agora estamos procurando a fáscia — falou a Dra. Swenson. — Eu não trouxe meus óculos. Você consegue ver, sob a gordura?

— Já encontrei — respondeu Marina.

Ela pegou as mãos da enfermeira e colocou uma calçadeira em cada uma delas. Marina enfiou as calçadeiras na incisão e ensinou à enfermeira como puxar. Lá estava o útero. Apesar do transbordante fluxo de adrenalina, ela conseguiu reconhecer tudo: intestino e bexiga, aquilo lhe era totalmente familiar. Por que era tão surpreendente? Ela havia desistido da profissão, não do conhecimento que adquirira. Marina, meio cega pelo próprio suor, virou o rosto para a Dra. Swenson, que pegou uma camiseta do chão e enxugou a testa dela. A Dra. Swenson então se inclinou para a frente e secou o rosto da enfermeira, que estava vigorosamente lutando para manter a cavidade bem aberta com as calçadeiras.

— Agora abaixe a bexiga — instruiu a Dra. Swenson. — Não a corte. Você está vendo a bexiga, não está?

— Estou — respondeu Marina.

Era um milagre que ela visse qualquer coisa sem luz direta. Ela cortou cuidadosamente o útero, evitando tudo o que não se podia cortar, e o sangue ferveu no vaso da barriga. O sangue, combinado com uma grande quantidade de líquido amniótico, formava um oceano escuro e espumoso que Marina não conseguia atravessar. O líquido quente caiu no chão e fez uma poça sob a médica e a paciente.

— Como é possível se fazer isso sem sucção?

— Tem uma bomba de sucção na bolsa — disse a Dra. Swenson.

— Preciso de outro par de mãos.

— Isso você não tem. Improvise.

Marina pegou a bomba, que pulou das suas luvas ensanguentadas e deslizou pelo chão, onde foi agarrada, como uma bola, por um menino de cinco anos que estava por ali.

— Jesus Cristo! — gritou Marina. — Pelo menos, peça para alguém lavar isso.

E a Dra. Swenson, sem uma palavra, pegou a bomba para passar pelo balde com água e sabão e depois a entregou para Marina, que a usou para retirar duzentos e cinquenta mililitros de líquido, jogando-os no chão ao lado. Depois repetiu a operação. Ali, embaixo de tantas camadas, ela conseguia ver o rosto do

bebê, os pés contra a cabeça, as nádegas alojadas firmemente na pélvis. Marina tentou sentar e puxar o bebê, mas ele estava preso.

— Levante o traseiro dele — falou a Dra. Swenson.

— Estou tentando — disse Marina, irritada.

— Puxe com força.

Marina moveu as calçadeiras para o interior do útero e fez um movimento para a enfermeira puxar, puxar de verdade, o que a mulher, que estava condenada a uma vida inteira de reprodução constante, fez com todas as suas forças enquanto Marina tentava alcançar e alavancar o bebê para fora. Ele estava fixado dentro da mãe como uma criança que tivesse se enfiado em um armário minúsculo durante uma brincadeira e não conseguisse sair. Os músculos dos ombros e do pescoço de Marina se retesaram, suas costas também estavam tensas. Era um teste físico de força, os sessenta e quatro quilos de Marina contra os dois quilos e setecentos do bebê, e então, com um enorme som de sucção, o bebê se desalojou. O homem que segurava a faca colocou a mão nas costas de Marina para impedir que ela caísse. Vermelho, branco e brilhante, um menino se virou sobre o peito da mãe.

— Olhe para isso. Poderia ter sido mais fácil? — A Dra. Swenson bateu uma única e decisiva palma. — Agora dê o bebê para eles. Disso eles entendem muito bem. — Tão logo as palavras foram ditas, o bebê escorregadio havia sido retirado de suas mãos, a placenta inteira indo com ele. Todos os presentes o conduziram para longe, velhos e jovens desaparecendo com o mais novo de todos. Eles agora tinham a prova de que algo espetacular havia acontecido. Mesmo com tantos nascimentos, ninguém ficava completamente habituado ao encanto dos bebês. — Você se lembra do restante? Massageie o útero agora. Esta é a parte de que sempre gostei, reconstruir, restaurar ordem ao caos. — A Dra. Swenson se inclinou para a frente, a fim de olhar melhor. — O bebê já se foi, ele agora é problema de outra pessoa; então você pode prestar mais atenção aos detalhes. Não há a mesma urgência.

Do outro lado da sala, o bebê chorava, e o marido, ainda preso à mão da mulher, levantou a cabeça ao ouvir o som do choro.

— Aplique mais cetamina — aconselhou a Dra. Swenson. — Não faz sentido acordá-la agora.

Marina aspirou a barriga de novo e se preparou para dar os pontos mais pesados, um procedimento tão delicado quanto fechar um peru de Natal com um barbante de cozinha. A enfermeira, muito mais corajosa do que se poderia ter imaginado, sabiamente movimentou as calçadeiras para trás enquanto Marina reunia tudo o que havia tirado do lugar: o útero costurado, a bexiga de volta ao topo.

— Esse é um homem bom — disse a Dra. Swenson, apontando para o marido. — Ele ficou aqui junto dela. Isso não é comum. Eles gostam de ir pescar. Às vezes, quando ficam sabendo que é menino, vêm dar uma olhada, mas só isso.

— Talvez seja o primeiro filho deles — disse Marina.

A Dra. Swenson balançou a cabeça.

— Eu deveria saber isso. Não consigo me lembrar.

Marina dava o último nó quando o bebê voltou. Ela tirou a injeção de cetamina do braço da mulher e deitou o bebê no lugar, embora a mãe, que mal conseguia mover as pálpebras, não fizesse qualquer movimento para segurá-lo. Era um bebê bonito, com sobrancelhas espessas e uma boca redonda, enfaixado em tiras de tecido amarelo. Ele fez um som meio de choro e de bocejo, e todos pareceram encantados.

Foi com esforço que Marina se levantou.

— Viu? — disse a Dra. Swenson, apontando. — É difícil até para você.

Marina concordou, tirando as luvas, e olhou para o sangue nos braços, o sangue no vestido, a enorme poça de sangue onde estivera sentada.

— Santo Deus! — exclamou.

Ela procurou o aparelho de pressão na bolsa.

A Dra. Swenson balançou a cabeça.

— Você não percebe quanto sangue sai quando tem todas aquelas pessoas a postos para enxugá-lo. Essa quantidade é perfeitamente razoável. Espere e verá, ela vai ficar bem. Os dois vão ficar bem.

A enfermeira se aproximou e cobriu a mulher com outro cobertor.

— Seria bom colocarmos essa mulher em um lugar seco — observou Marina. — Não posso deixar que ela fique deitada em toda essa sujeira.

— Há certas coisas que não podemos esperar dos lakashi — disse a Dra. Swenson. — Eles não sabem fazer cesarianas. Requer treinamento e

equipamento. Eles sabem que uma mulher doente não deve ser deixada em um cobertor encharcado e sabem perfeitamente como limpar isso tudo. Você volta à noite para checar sua paciente, Dra. Singh, e vem amanhã novamente. Vai ver como eles se viram bem sem você.

A mulher que estivera amamentando um bebê quando elas chegaram havia entregado a criança a alguém e agora amamentava o recém-nascido enquanto a mãe dormia no chão. O pai veio até Marina, que estava guardando o kit cirúrgico na sacola e, muito suavemente, deu-lhe um tapinha nas costas e nos braços com as mãos abertas. Então, os outros vieram, todos, exceto a mulher que amamentava o bebê e a que dormia, e fizeram o mesmo. As duas crianças bateram em suas pernas, e o homem idoso, em suas orelhas. Marina, por sua vez, deu um tapinha nas costas da enfermeira, que em momento algum tinha hesitado ou virado a cabeça durante a cirurgia, e ela gentilmente retribuiu o tapinha no rosto de Marina com as costas da mão.

— Vamos — disse a Dra. Swenson. — Uma vez que isso começa, pode durar horas. Você está se arriscando a voltar para casa com mais hematomas do que Easter.

A descida da Dra. Swenson pelas escadas foi trabalhosa, mas havia tantos lakashi esperando por ela embaixo, com os braços estendidos, que eles poderiam simplesmente segurá-la caso ela caísse, e carregá-la em seus braços por todo o caminho até o laboratório. Ela se deu alguns minutos para recuperar o fôlego e, enquanto esperavam, uma multidão se reuniu. Claramente, as notícias do parto bem-sucedido haviam se espalhado. Os nativos fizeram um grande círculo em volta de Marina e da Dra. Swenson, tagarelando e batendo palmas quando a Dra. Swenson deixou claro que eles deveriam bater as mãos neles mesmos.

— Estão todos admirando você — explicou a Dra. Swenson a Marina em voz alta.

Marina riu. Havia uma mulher atrás dela segurando sua trança, demarcando o território como se fosse seu.

— Isso é você que está dizendo. Você não tem ideia do que eles estão falando.

— Conheço a felicidade deles. Posso não saber os detalhes de cada frase, mas acredite em mim, há muitas maneiras de se escutar, e venho escutando este povo há muito tempo. — A multidão seguia em frente, e as duas médicas se

moviam com ela. — Eles acham que você vai me substituir — disse a Dra. Swenson a ela —, da mesma forma como substituí o Dr. Rapp. Benoit contou a eles que foi você quem matou a cobra para salvar Easter e que a trouxe para eles. Agora a viram tirar uma criança em uma cirurgia e deixar a mãe viva. É uma proeza e tanto por aqui.

— Eles não viram isso — falou Marina.

— É quase certo que viram. — A Dra. Swenson levantou a mão em direção ao céu. — Eles estavam nas árvores. O espetáculo cirúrgico estava lotado.

Marina olhou para os rostos de todos os lakashi sorridentes. O que teria acontecido se aquela mulher tivesse morrido? Se a criança estivesse morta?

— Não olhei para cima — disse ela.

— Melhor assim, é muita pressão. Você fez um bom trabalho. Posso afirmar que foi minha aluna. Você fez uma incisão em T clássica. Manteve a abertura no útero pequena. Você tem mãos bem firmes, Dra. Singh. É exatamente a pessoa que eu quero quando der à luz.

Que pensamento, fazer o parto da pessoa que a ensinara a realizar um parto!

— Não vou estar aqui quando você der à luz — observou Marina, e se confortou com esse pensamento. — Com quanto tempo de gestação você está?

— Pouco mais de vinte e seis semanas.

— Não, não — disse ela. — Isso não vai ser possível. Em quem você está pensando para realizar o parto?

— A parteira. Vou ser sincera, eu tinha imaginado uma experiência o mais perto possível dos lakashi, mas, quanto mais o tempo passa, mais penso que vou precisar de uma cesárea. Estou duvidando de que terei a dilatação necessária. Mascar as Martin não reverte a idade dos ossos. Vou precisar de uma cesárea e não há ninguém mais em quem eu confie para fazer isso.

— Então você vai para Manaus.

— Uma mulher da minha idade não pode ir ao hospital para ter um bebê. Isso geraria muitas perguntas.

— Acho que uma mulher da sua idade não poderia deixar de ir para o hospital. — Marina olhou para a Dra. Swenson e pôde ver que a mentora não estava escutando de novo. — Ainda que eu fosse estar aqui, e, acredite, não estarei, você não pode adivinhar que tipo de complicações vai ter. Você está sendo pioneira nisso, não pode esperar ter um bebê em sua mesa de trabalho.

Você acabou de me ver fazendo minha primeira cirurgia em 13 anos. Isso certamente não me qualifica a lidar com qualquer dificuldade que apareça.

— Mas você conseguiria. Vi seu trabalho. Em algum ponto, percebi que deveria fazer planos melhores para essa inevitabilidade, mas agora você está aqui. Você é uma cirurgiã, Dra. Singh, e toda a farmacologia do mundo não vai mudar isso. — Ela balançou a cabeça. — A farmacologia deveria ser restrita a médicos que não têm habilidades pessoais ou médicos com tremores incontroláveis que são propensos a cometer erros. Você nunca me disse por que mudou de especialidade.

Alguns membros da multidão em volta delas começaram a cantar enquanto outros estalavam a língua no céu da boca, fazendo um barulho que parecia ao mesmo tempo um lamento e algo alegre. As crianças limpavam o caminho à frente como um bando de cabras famintas, apanhando qualquer folha ou graveto, quebrando as trepadeiras, usando galhos para colocar sob as teias de aranha, até que a trilha estivesse tão limpa quanto a de um parque nacional.

— Você também nunca me disse por que mudou — replicou Marina.

— Não tive escolha. Vi o trabalho que precisava ser feito, e eu mesma tinha de fazê-lo. Não se pode desenhar um mapa deste lugar e então observar virem correndo para cá, pisoteando os Rapp, matando as martinets, desalojando a tribo. Quando eles entendessem o que estavam fazendo, já seria tarde demais. As condições para este ecossistema em particular teriam que ser reproduzidas. Algum dia pode ser que isso aconteça, mas, por enquanto, só existe aqui. Durante anos, meu estudo foi estritamente acadêmico. Eu queria registrar o papel das Martin na fertilidade. Não desejava sintetizar um composto. Nunca acreditei que as mulheres no mundo estão designadas a deixarem todas as suas opções em aberto pela vida inteira. Acredito menos ainda agora que estou grávida. Me dê sua mão, Dra. Singh, minha perna está me matando. Sim. Podemos andar um pouco mais devagar que os outros. — Com isso, os lakashi, que de vez em quando pareciam ter a estranha habilidade de entender inglês, diminuíram a velocidade do passo pela metade. — Mas, quando descobri a ligação com a malária, tudo mudou. Nenhum cientista poderia estar no limiar da vacinação contra a malária e não fazer uma tentativa. Tenho sido muito cuidadosa com as pessoas que trago aqui. São extremamente comprometidas, respeitosas. Não deixaria que nenhuma delas tirasse meu apêndice. Porém, no

que diz respeito ao desenvolvimento da droga, elas fizeram um progresso notável.

— Como você sabe que funciona?

A Dra. Swenson usou a mão livre para afagar a barriga.

— Do mesmo modo que sei que o aspecto da fertilidade funciona. Eu testei. Eu me exponho regularmente à malária há mais de trinta anos e nunca peguei a doença. Eu, o Dr. Nkomo, a Dra. Budi, os Saturn estamos todos expostos regularmente. Eu expus os lakashi. Posso lhe mostrar todos os dados. É a combinação da casca da Martin com as martinets roxas. Sabemos disso agora. É só uma questão de reproduzir a fórmula.

— E quanto à Vogel? — perguntou Marina.

— A Vogel financia. Eu poderia dizer que fui cautelosa ao escolher a Vogel também, mas o Sr. Fox ficou impaciente demais para o meu gosto. Ele não está interessado no que pode ser realizado. Só quer ver para onde o dinheiro está indo. Não que eu ache que outra empresa faria diferente. Todas alegam apoiar a ciência sem ter um entendimento real do que a ciência requer. O Dr. Rapp passou metade da vida aqui, fez o trabalho mais importante da história da sua área e somente arranhou a superfície da micologia que estava disponível a seus olhos. Essas coisas demandam um tempo extraordinário. Podem levar uma vida inteira. Você poderia pensar que eles ficariam agradecidos por eu ter lhes dado minha vida, mas alguém como Jim Fox seria incapaz de entender isso. Mandar o Dr. Eckman para cá foi o maior desastre de todos. A morte dele foi muito ruim para o moral. Durante uma semana ou duas, pensei que perderia todos eles. Mas, quando você veio, Dra. Singh, e mesmo que eu tenha lutado contra a sua vinda, pude ver que você tem um lugar aqui. Você se dá bem com todos, sua saúde parece excelente, e acho que você conseguirá abrandar o Sr. Fox, convencê-lo de que as coisas estão progredindo bem e de que só precisamos de um pouco mais de tempo.

— Mas por que eu faria isso? Eu trabalho para a Vogel. Eles têm despendido quantias enormes de dinheiro para desenvolver uma droga que você levou até eles, que foi você quem propôs. Você ainda nem contou sobre a vacina da malária e me parece que só tem trabalhado nisso. Por que eu iria acobertar você?

Marina contrabalançou o peso da Dra. Swenson em seu braço. Quanto mais andavam, mais a Dra. Swenson se apoiava nela.

— Não é questão de acobertar ninguém. Não é uma mentira contada na escola. As drogas estão entrelaçadas. Não conseguimos separá-las. Olhe para mim. Estou claramente prosseguindo em meu trabalho com a fertilidade, mesmo que meu interesse maior seja descobrir qual é sua relação com a malária. Não importa qual é meu interesse pessoal se acabarmos atingindo o mesmo objetivo. Quando conseguirmos uma droga, vamos ter conseguido a outra, e não vejo mal algum em fazer uma empresa farmacêutica americana pagar por uma vacina que vai trazer um enorme benefício à saúde mundial e nenhum benefício financeiro aos acionistas da empresa. As pessoas que precisam de uma vacina de malária nunca vão poder pagar por ela. Ao mesmo tempo, vou dar a eles uma droga que, no mínimo, vai debilitar a saúde das mulheres e fazer com que eles ganhem uma fortuna obscena. Não é uma troca razoável? Oitocentas mil crianças morrem todos os anos de malária. Imagine oitocentas mil crianças a mais pelo planeta quando essa vacina existir. Talvez, em vez de tentar a reprodução, essas mulheres pós-menopausa que querem ser mães possam adotar uma das crianças do excedente que certamente vai estar disponível.

Marina, como sempre, se sentiu cinco passos atrás na conversa.

— Parece que você devia dar uma chance à Vogel. Talvez descubra que eles estão tão interessados na vacina quanto você.

— Sua confiança seria encantadora se não fosse tão simplista — disse a Dra. Swenson, sem um pingo de rancor na voz. — Porque, se você estiver errada, e estou certa de que você está errada no que diz respeito a uma empresa farmacêutica americana querer pagar a conta de uma boa ação para o Terceiro Mundo, então perdemos tudo. Não é um risco que podemos correr, na medida em que o resultado de uma suposição incorreta é uma perda significativa de vidas anualmente.

Elas estavam de volta à aldeia, tendo arrastado muitos mais lakashi pelo caminho. Marina teve a sensação de que quase toda a tribo estava reunida.

— Venha ao laboratório — convidou a Dra. Swenson, batendo de leve no braço que ela segurava com a outra mão. — O Dr. Nkomo vai lhe mostrar nossos mosquitos.

— Deixe-me dar um mergulho primeiro — falou Marina. — Limpar o sangue.

A Dra. Swenson balançou a cabeça.

— Use uma bacia. Vou pedir para alguns homens trazerem baldes de água para você. Não é inteligente entrar no rio coberta de sangue. Você nunca sabe quem pode confundir você com o jantar.

— Entrei no rio quando eu estava com metade de uma sucuri em mim — lembrou Marina, olhando para o vestido, rígido por conta do sangue seco.

A Dra. Swenson balançou a cabeça.

— Estamos sendo mais cuidadosos com você agora.

Quando Marina voltou para a varanda, os lençóis de cama haviam sido arrumados e havia uma carta sobre o travesseiro. Ela entrou cuidadosamente no mosquiteiro e a pegou. Não queria tocar em nada enquanto não tivesse tomado um banho, mas, ainda assim, deslizou o dedo pelas bordas do envelope, fazendo-o voltar a ser uma folha de papel. Tudo o que tinha era o nome dela, *Karen Eckman, Karen Ellen Eckman, Mrs. Anders Eckman, Karen Smithson, Karen Eckman*. As letras estavam rabiscadas e eram irregulares. Em alguns lugares, a caneta havia rasgado o papel. Ele desenhara as letras, mas a mão havia tremido. Talvez tivesse dobrado aquela carta e a mantido na cama com ele. Talvez nunca tivesse pensado em mandá-la pelo correio.

DEZ

Todas as manhãs, Marina se desvencilhava dos membros adormecidos da criança suavemente entorpecida a seu lado e tomava o caminho para o campo de Martin. Ela não seguia o exemplo das nativas, que davam uma pausa de cinco dias em suas visitas. Como pensava que em cinco dias talvez não estivesse mais ali, Marina queria aproveitar ao máximo a casca para se tornar uma evidência médica antes de voltar para casa. Seu objetivo era compensar toda a casca que não comera no passado e antecipar a que não comeria no futuro. Aquele era o seu momento, o momento perfeito. Ela não se importava mais em adentrar a floresta sozinha, mesmo porque, todas as manhãs, cruzava com outras mulheres vez ou outra, tanto as lakashi quanto as doutoras. A Dra. Budi confirmara haver um precedente científico para mascar as árvores com tanta frequência no começo. As duas cientistas disseram que também haviam consumido uma dose exagerada. Talvez fosse apenas o entusiasmo pela descoberta, ou talvez fosse algo de que o corpo sempre tivesse sentido muita falta. A Dra. Budi contara a Marina que, mesmo naquele estágio inicial, ela ficaria imune à malária e seu período fértil se estenderia de três para treze dias por mês. Além disso, Marina começou a imaginar se não havia algo moderadamente viciante naquela casca com sabor de erva-doce, algo que mantinha as lakashi arrastando-se para as árvores mesmo depois de não aguentarem mais tantos bebês, algo que mantivesse os médicos em seus postos de trabalho anos após estarem prontos para ir embora. Talvez o Dr. Rapp estivesse correto em sua avaliação original de que haveria uma suave conexão entre os cogumelos e as árvores, um toque mínimo de narcótico na casca que mantinha as mulheres atreladas à floresta.

Quanto a ela, Marina sonhava com as Martin. Lá estavam as árvores, finas e majestosas — em frente aos seus olhos antes que ela os abrisse pela manhã e, quando os fechava à noite e caía no sono, em seus sonhos. Foi o pensamento de que poderia ficar viciada em qualquer coisa daquele lugar que a fez concluir pela primeira vez que já era hora de deixar a Amazônia, embora outras circunstâncias

já apontassem para essa direção antes. Na última semana, ela havia costurado as pálpebras de uma garota, mordida pelo próprio macaco que costumava ficar enrolado no pescoço da menina. Foi preciso que tanto o pai quanto a mãe a segurassem enquanto Marina manuseava uma agulha muito pesada e uma linha muito grossa para reconstituir o tecido delicado. Quando perguntou à Dra. Swenson sobre uma vacina antirrábica, ela respondeu que antes Marina deveria ver uma lâmina de cérebro de macaco. Ela também removera uma cunha de madeira de quinze centímetros entre o terceiro e o quarto dedos do pé de um homem que derrubava árvores a fim de construir barcos para irem até Manaus. Três homens o carregaram até o laboratório sem ao menos um torniquete, deixando que Marina fizesse o melhor que podia para juntar músculos e ossos de cujos nomes nem se lembrava mais. O terror da floresta agora estava redefinido em termos do tipo de trabalho que podia aparecer para ela. Enquanto isso, os outros médicos, sem dúvida aliviados porque ninguém lhes pedira para realizar tais tarefas, elogiavam-na a um ponto que beirava o ridículo, e os lakashi espiavam no parapeito de sua varanda à noite e se punham nas pontas dos pés para cheirar seu pescoço sempre que passavam perto dela. Estava claro para Marina que nada de bom sairia daquela situação. Ela estava cansada dos dois vestidos, cansada de acordar no meio da noite tentando encontrar uma maneira de levar Easter com ela quando partisse. Estava aborrecida tanto pelas repetidas referências da Dra. Swenson à data do “nosso” parto quanto pelas cartas do amigo morto que encontrava esperando por ela na cama à noite. Ela queria ir embora dali, mas, mesmo assim, ainda era dia naquele singular e lindo campo de árvores e ela juntou as mãos em volta do esbelto tronco de uma delas, inclinando-se.

Marina nunca havia visto os quartos dos outros médicos. Havia um pequeno círculo de cabanas atrás do laboratório, mas o laboratório era onde trabalhavam, comiam e conversavam à noite. Ela descobrira que uma das cabanas abrigava as ratas que eram forçadas a ter repetidas gestações, as barrigas pesadas batendo nas rodas de exercício, e agora ela ficara sabendo que havia uma segunda cabana cheia de mosquitos. As larvas cresciam na água morna das bandejas de plástico que ficavam empilhadas em uma estante alta de metal. Quando estavam prontas para chocar, eram transferidas para grandes baldes de plástico com um pedaço de meia-calça esticado e preso com uma tira elástica. A partir daí, os mosquitos

eram infectados com malária. Talvez estivessem quebrando o protocolo daquela maneira por se sentirem tão confiantes no sucesso das imunizações, mas, quando Alan Saturn os mostrou pela primeira vez a Marina, ela não se sentiu confortável com as centenas de insetos voadores de cada balde, jogando seus minúsculos pesos contra uma rede de náilon.

— Hora do lanche. — Alan encharcou um grande chumaço de algodão em uma xícara de xarope de açúcar. — Vá em frente e dê a eles um pouco do que eles realmente querem. Respire neles. Apenas incline-se e expire.

E assim ela fez, e eles se impulsionaram para cima como se formassem um soco negro e ineficiente. Marina recuou.

— Respiração de mamífero, é isso que os atrai. Você sabe, apenas as fêmeas picam. Os machos não contraem nem espalham os protozoários. — Ele deixou o algodão cair sobre a meia-calça esticada e os mosquitos avançaram como tubarões em uma isca sangrenta. Ele os observou por um minuto. — Eles sempre cumprem a sua parte.

Havia dois mata-moscas de plástico pendurados na parede, com as alças de arame enferrujadas.

— Como você se testa? — perguntou ela, não muito certa de que queria saber.

— Pegamos cinco mosquitos do balde infectado — Alan respondeu, tocando na aba do balde onde ela acabara de respirar. — Você precisava ver pelo que passamos logo que chegamos aqui. Nós nos cobríamos por completo para proteção: máscaras, luvas... Como se um a cada dez mosquitos lá fora não fosse transmitir a doença de qualquer maneira. Agora eu coloco só uma rede ali. Sei o que estou fazendo. Coloco os cinco em um copo com um pedaço no náilon no topo, então seguro o copo contra o braço, a perna, não importa. Quando já tenho cinco picadas, mato os mosquitos e corro para o microscópio para ter certeza de que todos estavam infectados. Basicamente, é isso.

— Só isso?

— Bom, então eu aguardo. A malária só se manifesta após dez dias. Mas ela não se manifesta. Nenhum de nós ficou doente.

— Então como pode ter certeza de que seus mosquitos são bons?

— O microscópio nos diz isso, e, de tempos em tempos, infectamos um dos homens da tribo com um mosquito do mesmo grupo. Dez dias depois, nem mais,

nem menos, ele tem malária. Trazemos algumas mulheres e as expomos ao mesmo grupo de mosquitos por um dia inteiro e nada acontece.

Alan estava inclinado sobre o balde. Ele expirou ali antes de aproximar o algodão para os mosquitos.

— E esse homem que contrai malária, como ele concorda com isso?

Ele se levantou e deu de ombros.

— Suponho que, se ele tivesse um advogado, poderia se dizer que não concordou ou que não tinha total conhecimento daquilo com que estava concordando. Tenho Coca-cola aqui, mas Annick não sabe. Eles adoram.

— Você lhes dá uma Coca-cola em troca de infectarem-se por malária?

— Não fale como se estivéssemos no Instituto Tuskegee, usando cobaias sem seu consentimento. São enormes as chances de que esses homens já tenham tido malária antes ou que acabassem tendo mesmo. A diferença é que, quando eles entram nessa sala, nós também vamos curar os infectados. Curar a malária não é problema, você sabe disso; o problema é descobrir uma vacina contra ela. Se eles ficam doentes por uns dois dias em nome do desenvolvimento de uma droga que pode proteger a tribo inteira, o mundo inteiro, então eu digo “que assim seja”.

— Tudo bem — replicou Marina, sentindo-se um pouco desconfortável com o argumento. — Mas eles não dizem “que assim seja”.

Alan Saturn pegou os baldes e começou a arrumá-los na bancada.

— É bom sair do sistema médico norte-americano por um tempo, Marina. Liberta a pessoa, faz com que ela pense no que é possível. — Ele pegou um copo de plástico vazio na mesa e o segurou na direção dela. — Quer experimentar? Pelo menos você pode se considerar como completamente ciente dos riscos e vai ter salvado um nativo desafortunado de ficar em seu lugar. A melhor parte é que tudo o que você vai ganhar no final das contas serão cinco picadas que coçam.

Marina pensou no Lariam, que tinha acabado havia muito tempo. Pensou no pai. Olhou para dentro do copo e balançou a cabeça.

— Acho que vou esperar.

— Pesquisas não acontecem em uma placa de Petri, sabe? E ratos só vão até certo ponto. São os testes humanos que fazem a diferença. Às vezes, você tem que ser aquele que arregaça as mangas.

No entanto, Marina não ficou para ver. Ela queria mais da casca de árvore antes de participar do experimento.

Querido Jim,

Sei que isso pode levar anos e que talvez tempo algum seja suficiente para descobrir tudo o que está acontecendo aqui, mas vou dar início à tentativa de voltar para casa. O primeiro passo é encontrar um barco. Pelos investimentos da Dra. Swenson em me manter aqui, duvido que ela se adiante e me ofereça o dela. Mas barcos vão e vêm, e sei a direção para Manaus. Em alguns dias, acho que vou ver um e nadar até ele, e, se Easter me seguir, então quem vai nos impedir?

Marina escrevia mais cartas agora. Escrevia todos os dias. A Dra. Budi deixava sua caixa de correspondência aberta na mesa e Nancy Saturn era generosa com os selos. Marina levava Easter com ela até o rio, e eles ficavam na margem jogando pedras na água ou iam nadar. Os barcos realmente apareciam — uma criança em uma canoa, um raro táxi aquático indo para a aldeia dos jinta —, mas então dois ou três dias se passavam sem qualquer movimento. Marina deixava Easter observando, com as cartas na mão, enquanto ela trabalhava. Não imaginava como era possível que o sistema funcionasse; mas funcionava, já que Anders havia mandado cartas — quem saberia quantas? — e algumas tinham chegado até Karen. Contudo, apesar da frequência com que escrevia ao Sr. Fox, ela não havia lhe contado nada. Não contara da malária, da gravidez da Dra. Swenson nem do enterro de Anders. Eram assuntos para se conversar pessoalmente.

Easter e Marina gostavam mais do rio às seis da tarde, quando o sol se espalhava por boa parte da superfície e os pássaros começavam a traçar seu caminho para casa, a fim de passar a noite. Eles se sentavam na margem úmida, o mais distante possível do calor da fogueira dos lakashi. Ainda era muito cedo para comer, mas mesmo assim ela sentia vontade de sair um pouco do laboratório, esticar as pernas e alongar o pescoço. Às vezes, ela se sentava por vinte, trinta minutos e, em outras noites, ficava até escurecer. Ela nunca havia visto um barco passar depois que escurecia, mas era um prazer tão grande sentar e olhar a bola vermelha e quente do sol afundar completamente na floresta que ela usava a espera por um barco como desculpa. Easter apontava para todos os peixes que saltavam na superfície do rio, e ela apontava para os morcegos nadando pelo céu púrpura do crepúsculo. Ela havia se habituado a passar o tempo com alguém que não falava. Achava que ver a noite caindo sem precisar

fazer qualquer comentário trazia uma sensação de tranquilidade que raramente experimentara.

Foi em meio a essa tranquilidade que um barco despontou a distância.

Ela ouviu o barulho antes de vê-lo, o som de um motor em bom funcionamento, que não parecia fazer esforço algum. Só isso já era digno de nota, já que os barcos normalmente eram de duas variedades: canoas/jangadas/montes de toras flutuantes completamente silenciosas e qualquer outra coisa com um motor que rangia. Ela se levantou com quatro cartas na mão, uma para a mãe, uma para Karen e duas para o Sr. Fox. O barco vinha rápido, um pequeno ponto de luz fixado na frente apontado rio acima; Easter, sempre pensando em tudo, correu e pegou dois longos galhos da fogueira, um para Marina e outro para ele, e eles entraram no rio até que a água batesse na altura de seus joelhos e balançaram os galhos por cima da cabeça. Um barco rápido assim certamente iria acabar indo para Manaus, muito embora estivesse na direção contrária agora. Ela queria aquele barco. Balançou a tocha por cima da cabeça e liberou um som alto e agudo, um som que nunca poderia adivinhar que tivesse dentro de si. Ela esperava que aquilo pudesse abarcar qualquer língua em que as palavras *Pare o barco* pudessem ser ditas. Se as pessoas a bordo a tinham ouvido, era impossível afirmar, pois estavam no limite entre longe e perto, mas os lakashi a ouviram, correram pela floresta com mais velocidade do que qualquer barco, acenderam galhos na fogueira e depois nos galhos dos outros e então soltaram um enorme urro, seu lema próprio e particular, tudo isso para que Marina pudesse enviar suas cartas. Abençoados os lakashi, e, naquela noite, abençoados por olharem por ela tão de perto, porque repentinamente o contorno das margens estava flamejante, o barulho que faziam era ensurdecedor e o barco, que estava quase chegando até eles agora, certamente vinha diminuindo a velocidade no rio escuro, embora não o suficiente para parecer que ia parar, e Marina, agarrada à energia das pessoas, gritou com os pulmões de uma soprano:

— Parem o barco!

Todos os sons cessaram, os lakashi surpresos em um breve silêncio com a intensidade da voz de Marina; até os sapos e os insetos prenderam a respiração por um instante. Ela não estava acostumada a fazer aquilo, o poder da própria voz; então, no novo silêncio, repetiu o grito:

— Parem o barco!

E o barco, que a essa altura já havia passado por eles, parou. Deu meia-volta e lentamente foi até o cais, a luz varrendo aos poucos a multidão na costa, da esquerda para a direita.

— Correspondência! — gritou Marina em português. Ela andara lendo um dicionário de português a noite toda, revezando com o Dickens. — Obrigado, obrigado — disse ela também em português.

Ela saiu da água e correu pelas tábuas do cais, as cartas em uma das mãos, o galho queimando na outra, e a luz do barco passou por ela e logo voltou a iluminá-la. Seu rosto foi atingido em cheio, e ela congelou no meio do caminho. Em sua própria defesa, fechou os olhos.

— Marina? — perguntou uma voz.

— Sou eu — respondeu.

Por que não pareceu estranho que alguém falasse seu nome? Com aquela luz, ela não conseguia ver sentido em tudo o que estava acontecendo.

— Marina! — A voz parecia feliz agora. Ela não sabia de quem era a voz, mas então a reconheceu. No segundo em que ela se deu conta, ele falou: — Sou eu, Milton!

A imensidão da felicidade de Marina foi captada por aquela luz. De todos os afluentes de todo o rio Amazonas, ele estava exatamente no dela. Milton, seu protetor, Milton, que saberia exatamente como fazer tudo dar certo. Ela jogou o galho na água e deixou sair um grito de alegria que chamava o nome dele:

— Milton!

Mas o grito que foi ao encontro do de Marina era agudo e sem dúvida feminino. E, saltitando na borda do barco direto para seus braços, surgiu Barbara Bovender, em um curto vestido cáqui com uma impressionante quantidade de bolsos. Milton pilotava o barco para Barbara Bovender! A luz de todas as tochas dos lakashi se refletia em seu cabelo embaraçado pelo vento. Marina abraçou as costas estreitas da amiga, que agarrou seu pescoço e cochichou algo em seu ouvido de maneira bem suave, de modo a ser ouvido apesar dos gritos dos lakashi. Ela exalava a um perfume com tons de flor de limoeiro.

— Como você está? — perguntou Marina.

Não havia maneira sensata de dizer: *Como você nos achou, por que veio, quanto tempo vai ficar e vai me levar com você quando for embora?*

Easter deu um salto do cais, em uma onda de alegria infantil, diretamente para os braços de Barbara, enterrando o rosto em seu cabelo. Marina sentiu uma ponta de algo — seria ciúme? Aquilo não podia estar certo. Era muito para absorver e era tudo tão maravilhoso e confuso! Os lakashi continuavam a cantar, e a fumaça de todo aquele fogaréu cegava tanto quanto a luz vinda do barco. Marina estava escalando a borda do barco agora para abraçar Milton, com os pés descalços, o vestido rasgado na costura do lado esquerdo, o cabelo cuidadosamente penteado e trançado porque estivera sentada durante muito tempo olhando o pôr do sol. Ela estendeu os braços para Milton, e ele pegou suas mãos, os braços esticados, e virou todo o corpo para que ela pudesse ver que havia uma terceira pessoa lá. Ela demorou a reconhecer de quem era aquela silhueta contra a luz. Devia ser Jackie, mas não era ele.

— Marina — disse o Sr. Fox.

Foi apenas uma palavra, seu nome, e de repente ela não tinha mais certeza de nada. Ela podia abraçá-lo? Eles iriam se beijar? À luz das tochas, ela podia perceber que todos os três visitantes tinham a mesma expressão, um olhar vazio e exausto, possivelmente amedrontado, sem dúvida o mesmo olhar que Marina teria tido naquela primeira noite em que cruzara o rio e vira as tochas ardentes dos lakashi. Naquele momento, os outros médicos estariam vindo do laboratório. Teriam ouvido toda a balbúrdia e iriam verificar por que aquela noite estava diferente de todas as outras. Ela podia beijar o Sr. Fox na frente da Dra. Swenson? Na frente de Barbara Bovender? Ela nunca havia mencionado aquela parte da história a qualquer um deles, nunca dissera que em todo o mundo era o Sr. Fox que ela beijava.

— Eu escrevi para você — disse ela, e mostrou as cartas como uma prova.

Ele usava uma camisa de algodão branca como a de Milton, e ela imaginou que ele teria chegado vestindo um terno de lã. Será que Milton o levara à loja de Rodrigo tarde da noite para comprar roupas apropriadas?

— Eu estava acenando para o barco para ver se levariam minhas cartas para você.

Ele pegou as cartas. Pegou a mão dela.

— Não recebi carta alguma — falou. Sua voz estava rouca. — Não tive qualquer notícia sua. — No tempo que ela ficara fora, ele envelhecera, a viagem de barco o envelhecera. Há quanto tempo ele estaria no Brasil? Quanto tempo

tinha levado para vencer a resistência dos Bovender? — Eu não sabia o que havia acontecido com você. Você está machucada?

— Estou bem — respondeu Marina.

— Seu vestido está todo manchado de sangue.

Marina olhou para baixo e certamente havia sangue ali, mas ela não conseguia se lembrar de quem era ou quanto dele era só uma mancha que ela não conseguira tirar. Os lakashi estavam subindo a bordo agora e sorriam largamente enquanto davam tapas no Sr. Fox, que recuou a princípio, mas depois levantou a mão no que parecia um gesto de autodefesa. Marina o puxou para trás. Eles estavam dando tapas em Milton e em Barbara Bovender, expressando sua maneira particular e agressiva de dar boas-vindas. Duas mulheres já tinham enfiado as mãos no cabelo cor de ouro branco de Barbara, e ela lutava desesperadamente para sair dali. Uma mala foi erguida e passou por cima de várias cabeças; Marina saltou para agarrá-la.

— Milton! — chamou. — Não deixe que eles levem as malas!

Milton conseguiu lutar e afastar dos nativos o que restava de equipamentos e cargas. Ele acenou para Easter, que veio a bordo, deu um tapa vigoroso na cintura de Milton e depois passou a enrolar os braços nas várias alças das malas.

Marina pegou a mão do Sr. Fox e a segurou com firmeza.

— Temos de manter os olhos em Barbara. Ela não vai conseguir lidar com isso.

— Eu não me preocuparia com a Sra. Bovender — falou ele com a voz calma.

Aquele não era o encontro que eles deveriam ter. Ela desejava que ele a tivesse esperado voltar, no aeroporto de Minneapolis. Não teria demorado muito. Assim que chegaram ao cais, ele soltou a mão dela. Talvez tivesse sido uma boa ideia o barco ter ido até lá, afinal. Não havia como associar Minnesota à Amazônia. Não havia como explicar um mundo para o outro. A Dra. Swenson andava em direção a eles.

— Chega! — ordenou ela, batendo palmas. — Deixem a mulher agora. — As duas mulheres que haviam brigado pelo cabelo de Barbara tinham deixado de lado as diferenças, e em um minuto Barbara estava com duas longas tranças amarradas por pedaços de linha tirados dos vestidos das lakashi. A Dra. Swenson

andou até Barbara quase sem olhar para ela. — Vamos conversar sobre isso mais tarde — avisou quando passou, e Barbara abaixou a cabeça.

Ao chegar ao final do cais, sua atenção se voltou toda para Milton.

— De quem é este barco?

— De um amigo de Rodrigo — disse Milton.

— Os amigos de Rodrigo não têm tanto dinheiro assim.

— Um deles tem. O homem que engarrafa Inca Kola. Rodrigo vende o refrigerante na loja.

A Dra. Swenson aquiesceu.

— Você também trouxe mantimentos, ou só convidados?

— Rodrigo fez uma lista de tudo o que a senhora deveria estar precisando e mais alguns itens que lhe agradariam. Ele tinha acabado de receber uma caixa de laranjas e mandou tudo para a senhora. Acho que fez um bom trabalho.

Tendo resolvido seus assuntos com dois dos viajantes, ela virou-se para o terceiro.

— Não tenho dúvidas de que você moveu céus e terras para isso, Sr. Fox.

O Sr. Fox estava parado no cais e encarou a Dra. Swenson e todo o quadro flamejante que se expandia atrás dela. Um morcego sobrevoou perigosamente sua cabeça, mas ele não recuou.

— Fizemos uma viagem difícil. Há muito que discutir, incluindo os céus e as terras que movi, mas agora preciso que você nos diga onde vamos dormir.

— Não sei onde vão dormir — respondeu a Dra. Swenson, sem fazer concessões à civilidade. — Estamos trabalhando aqui, não administrando um resort.

Os lakashi, sentindo que não havia mais motivo para comemoração, passaram a empilhar os galhos acesos em uma única e vigorosa fogueira, que ameaçava se espalhar para o cais onde eles estavam. Thomas Nkomo deu um passo à frente, saudando os visitantes com um aceno de mão.

— Vamos nos afastar do fogo — falou calmamente. — E nos certificaremos de que todos sejam acomodados.

Assim que os guiou gentilmente para a margem, disse a Barbara Bovender que ela poderia ficar com Marina, o Sr. Fox poderia dormir em um beliche com ele e Milton...

— Posso dormir no barco — disse Milton.

Thomas balançou a cabeça.

— Há uma cama dobrável no laboratório perto do escritório da Dra. Swenson. Ela ficará feliz se você dormir lá esta noite.

— Vamos deixar as suposições sobre a minha felicidade fora disso — falou a Dra. Swenson. Quando se virou e saiu andando, Marina percebeu que ela mancava muito e quis estender o braço para ela, mas também queria acompanhar o Sr. Fox, porque Thomas, dentre todos ali, seria quem lhes daria um momento juntos sem fazer perguntas. Porém, em vez disso, ela pegou a mão de Barbara Bovender e a guiou pela floresta em direção ao abrigo da despensa.

— Você sabe aonde estamos indo? — perguntou Barbara.

— Sei — disse Marina.

Jackie havia partido para Lima cinco dias antes, essa era a época em que as ondas quebravam na costa peruana com tanta força que espantavam os surfistas amadores das praias e atraíam os melhores dos outros continentes. Os Bovender haviam conversado muito e decidido que seria um ótimo tempo para ambos. Barbara poderia trabalhar no romance e ele poderia passar algumas semanas aproveitando as ondas gigantes.

— Pensamos em tudo o que poderia acontecer e decidimos que não havia nada com que eu não pudesse lidar sozinha. — Ela estava sentada na cadeira sobre o vestido extra de Marina. Fechou os olhos e balançou a cabeça. — Não levamos o Sr. Fox em conta. Eu disse que não sabia onde Annick estava. Isso levou três minutos.

— Ele é melhor do que eu nisso.

Os olhos azuis da Sra. Bovender se reviraram ao pensar nele.

— Ele é melhor do que qualquer um. A Vogel paga o aluguel do apartamento. Ele disse que eu podia estar no meio da rua em uma hora. Ele pegou Milton, e Milton arranjou o barco. Eu disse: tudo bem, boa sorte. E então ele me disse que eu viria com eles. Milton nunca tinha vindo aqui, e eu só viera com Jackie. E, naquela vez, passei metade do tempo dormindo. Jackie fica enjoado, a não ser que pilote o barco. Era eu quem devia dizer a eles como chegar aqui? Ah, Deus, foi horrível! Nós passávamos por um rio e então eu começava a pensar meia hora depois que era naquele que devíamos ter entrado.

— Mas vocês chegaram aqui — falou Marina.

Ela não tinha certeza de que conseguiria.

— Marina, nós saímos de lá há *dois* dias. Todos aqueles rios, todas aquelas árvores. Eu me perco em Manaus. — Suas mãos tremiam, então ela se sentou sobre elas. — Você tem um cigarro? Eu realmente preciso de um cigarro.

— Sinto muito — disse Marina.

— Graças a Deus que Milton estava com a gente. Primeiro, o Sr. Fox me fez uma porção de perguntas, a maioria sobre você, mas, quando se convenceu de que eu não tinha mesmo notícias suas, ele simplesmente parou de falar comigo. — Havia algo no cabelo de Barbara, as duas tranças amarelas pendendo nos ombros, que roubava sua considerável sofisticação e a fazia parecer uma garota de 14 anos. — Eu ficava olhando para a margem do rio o tempo todo. Sentia que estava tentando intuir onde você estava, como se isso fosse minha responsabilidade e eu não a tivesse cumprido. O Sr. Fox não acreditava quando eu dizia que não me lembrava. Ele achou que eu ainda estava tentando tirá-lo do caminho de Annick, como se fosse muito divertido para mim ficar perdida no meio daquele rio imenso. Então vi outro rio, um pequeno, e de repente tive certeza de que era o certo. A entrada seria tão fácil de perder! Se eu estivesse olhando para o outro lado do barco apenas por um minuto, teríamos continuado em frente. O Sr. Fox e Milton não conseguiram ver a princípio, e os dois se animaram porque eu tinha muita certeza. Subimos esse rio por metade do dia e tudo estava quieto. Eu continuei achando que eu estava certa na maior parte do tempo, e então comecei a pensar que tinha me enganado e já ia falar, estava me preparando para dizer, quando fizemos uma curva e vimos todas aquelas pessoas na margem do rio, com tangas e as testas pintadas de amarelo. Era como se estivessem lá desde sempre, esperando por nós, e eu ainda não me lembrava exatamente de como eram os lakashi. Eu estava tão cansada e tão confusa pelas escolhas erradas que já havia feito que honestamente não me lembrava.

Marina se inclinou para a frente na cama onde estava sentada. Colocou as mãos nos joelhos de Barbara Bovender. De todos os rios da Amazônia, ela sabia em qual deles aquela história havia se passado.

— Então eu falei: “Lá estão eles!”, e Milton diminuiu a velocidade do barco e cochichou para mim: “Você tem certeza, tem certeza?” Ele já tinha visto os lakashi. Eles vão até Manaus para vender madeira, de vez em quando acompanham Annick. Ele sabia que aquilo não estava certo, e então eu também

vi que não estava certo. O rio é estreito lá, todos eles levantaram seus arcos e flechas, e eram enormes.

Ela começou a chorar e tirou as mãos trêmulas de debaixo das pernas para enxugar os olhos.

— Você está bem — falou Marina. — Você me achou. Milton tirou você de lá.

Ela assentiu, mas seus dedos não eram tão rápidos a ponto de enxugar as lágrimas, que simplesmente eram muitas.

— Ele tirou, sim. Foi tão sagaz! Milton merece uma medalha. Ele nunca tinha pilotado aquele barco antes e deu uma guinada tão rápida que quase viramos. Quando olhei para trás, o ar estava cheio de flechas. Flechas! Como pode ser possível? Então eu vi... Pensei ter visto...

— O quê? — perguntou Marina.

Ela balançou a cabeça.

— Foi pior do que tudo, pior do que o Sr. Fox, pior do que nos perdermos ou do que aquelas pessoas atirando em nós. — Ela olhou para Marina, piscou, e por um momento o choro parou e um olhar de seriedade absoluta dominou seu belo rosto. Ela segurou as mãos de Marina. — Vi meu pai correndo entre as árvores — cochichou. — Não sei o que pode ser isso, uma visão, uma visita? Ele estava vindo direto na minha direção, descendo para a água, e eu me joguei no fundo do barco. Havia flechas por todo lado e Milton me disse para não tocar nelas. Tentei olhar de volta para ele, mas Milton me disse para ficar deitada. Marina, meu pai está morto. Ele morreu na Austrália quando eu tinha 10 anos. Penso nele o tempo todo, sonho com ele, mas eu nunca o tinha visto. Ele veio para mim porque sabia que eu ia morrer.

— Milton ou o Sr. Fox também viram?

Ela balançou a cabeça.

— O Sr. Fox estava no deque, e Milton estava pilotando. Mas não acho que eles conseguiriam ver, de qualquer maneira. Acho que ele estava lá apenas para mim.

* * *

— Quem diria que você havia sumido? — A Dra. Swenson conversava com o Sr. Fox quando Barbara e Marina entraram no laboratório. A Dra. Budi não parava de balançar a cabeça, e os Saturn estavam muito próximos um do outro. A infelicidade de ter uma imaginação fértil estava evidente em Thomas Nkomo. — Suponho que o homem da Inca Kola iria querer o barco de volta em algum momento. Quando Jackie Bovender voltasse de sua excursão de surfe em duas ou três semanas, eles viriam para cá juntos. Você não acha, Barbara? Ele viria procurá-la, então.

Barbara Bovender, agora o centro da atenção naquele ambiente nervoso, fez um breve gesto concordando.

A Dra. Swenson aproveitou essa confirmação.

— Um homem dando por falta de um barco, outro pela falta da mulher. O que vocês acham que eu deveria dizer a eles quando chegassem? Eu não teria a menor ideia de onde vocês estavam.

— Se você tivesse um telefone, ninguém precisaria arriscar a vida para encontrá-la — rebateu o Sr. Fox.

Como era possível que Marina não pudesse se aproximar dele? Por que ele não chegava perto dela agora, depois de ter sobrevivido a uma chuva de flechas envenenadas? Por que não a pegava nos braços, apesar dos outros presentes? Ele parecia extremamente deslocado com aquela camisa branca com bordados e com as calças cáqui, como se estivesse vestido para uma festa temática da Amazônia.

— Toda essa confusão pelo fato de eu não ter um telefone? Você acha que o Dr. Rapp vinha para a Amazônia com um telefone? Estou tentando finalizar meu trabalho. Primeiro, você manda até aqui um homem que acaba morrendo, e, quando decide segui-lo, parece determinado a morrer também, levando junto duas pessoas que trabalham para mim. É perturbador, Sr. Fox, você pode entender isso? Seus próprios interesses não progridem se você continua jogando essas tragédias no meu caminho.

— Eu estava procurando a Dra. Singh — falou ele, ajeitando os óculos no alto do nariz com o dedo indicador, um tique nervoso que Marina sabia ser uma leve manifestação exterior de uma fúria a ponto de estourar. — Eu não tive qualquer notícia dela. Não podia arriscar que outro funcionário meu ficasse doente ou estivesse em perigo.

“Outro funcionário meu”, pensou Marina. Bem, aí estava.

— Mas você mesmo os coloca em perigo! — rebateu a Dra. Swenson. — Você joga uma pessoa no rio e então faz um espetáculo ao pular para salvá-la.

Antes que o Sr. Fox tivesse a chance de responder, a Dra. Budi interferiu.

— Preciso pedir que parem com isso — disse ela, a voz inesperadamente forte. — Dra. Swenson, isso não é bom para a senhora. A discussão acabou. A senhora precisa se sentar.

A sala mergulhou em um repentino silêncio e, assim, eles conseguiam ouvir o inesperado som da Dra. Swenson lutando para recuperar o fôlego. Não havia como ignorar o conselho da Dra. Budi. A Dra. Swenson afundou pesadamente na cadeira e colocou o pé inchado para cima, sobre uma caixa à sua frente. Nancy Saturn apareceu com um copo de água, e a Dra. Swenson fez sinal de que não queria. Quando falou novamente, sua voz estava mais calma:

— Examine todos os dados que precisar para se tranquilizar, Sr. Fox. Os Drs. Saturn vão ajudar. Amanhã, quando estiver claro, a Dra. Budi vai acompanhá-lo para que você veja as Martin e, depois disso, vai entrar no Inca Kola e voltar para Manaus. Essa é toda a hospitalidade que sou capaz de conceder.

— A Dra. Singh vem conosco — exigiu o Sr. Fox.

Não era um gesto romântico, mas a primeira contraoferta da negociação em andamento.

A Dra. Swenson balançou a cabeça.

— Isso não vai ser possível. A Dra. Singh concordou em ficar aqui até que eu desse à luz. — Ela colocou as mãos inchadas em ambos os lados da barriga. — A grande revelação, Sr. Fox. Setenta e três anos e estou grávida. Se você se der o trabalho de olhar ao seu redor pela manhã, vai ver que não estou sozinha nesta condição. Estamos muito perto de lhe dar o que quer se você conseguir controlar seu impulso para interrupções. Estou mantendo nosso trato; espero que você também mantenha.

Por um momento, o Sr. Fox percebeu quanto estava atrasado. Ele havia perdido os testes nos roedores, os estudos nos mamíferos maiores. Não tinha conhecimento de uma primeira dose eficaz nem dos estudos de segurança de multidoses. Ele não havia visto nenhum relatório sobre a probabilidade de sucesso técnico e então, de repente, estava diante da primeira dose humana, com um atraso de seis meses. A primeira dose na espécie humana — por mais inerentemente sexista que fosse tal afirmação. Dado tudo o que havia para

absorver, foi necessário um momento para que as novidades se assentassem. No entanto, quando aconteceu, a expressão no rosto do Sr. Fox era tão terna quanto satisfeita e surpresa, como se aquela fosse a noite, 35 anos antes, em que sua própria esposa Mary havia feito anúncio semelhante. Ele deu alguns passos na direção da Dra. Swenson. Abrandou a voz.

— De quanto tempo?

— Quase sete meses.

— Não sou qualificada para a cesariana — disse Marina a ela. — Já lhe falei isso. Você precisa ir a um hospital.

— Eu me sentiria mais confortável com a Dra. Singh — afirmou a Dra. Swenson. — Não podemos arriscar mais brechas na segurança a esta altura. Não posso ir à cidade para ter esta criança. Já vi a Dra. Singh operar diversas vezes nos últimos dias. O trabalho dela é brilhante. Não tenho dúvidas quanto à sua completa competência.

Apesar de Marina ter percorrido um longo caminho ao contradizer a Dra. Swenson quando estavam sozinhas, ela ainda não conseguia fazê-lo publicamente. Não havia jeito de apontar que aqueles elogios eram sua estrada para a perdição.

— Podemos trazer um obstetra do Rio — falou o Sr. Fox. — Podemos trazer um de Johns Hopkins, se você quiser.

Ele já havia se esquecido da viagem para Manaus, da Sra. Bovender, dos hummocca. A droga funcionava, isso era tudo o que precisava saber. Ele não se importava com a papelada, com as árvores, não precisava ver Marina. Ele poderia voltar para o barco aquela noite.

— O que quero é o que eu já disse. Eu mesma treinei a Dra. Singh. Você pode abrir mão dela por um pouco mais de tempo.

— Posso — disse o Sr. Fox.

Marina começou a falar algo, mas a Dra. Swenson a interrompeu.

— A Dra. Budi está certa, estou cansada. Faça o favor de me acompanhar até a cabana, Dra. Singh. Já fiz o suficiente por hoje.

Ela estendeu a mão, e Marina a segurou. A pele entre os dedos da Dra. Swenson estava rachada e sangrava. O Sr. Fox tocou o ombro da médica antes de elas deixarem a sala.

Uma vez que estavam seguras sob o manto da escuridão, com as estrelas espalhando sua espuma no céu da noite, Marina começou:

— Eu lhe disse que não ficaria — cochichou ela rispidamente em meio ao chiado das asas dos insetos e ao coaxar sem fim dos sapos. — Você achou que poderia simplesmente me arrendar do meu patrão?

— Controle-se por mais dois minutos — falou a Dra. Swenson.

A cabana da Dra. Swenson era a mais próxima do laboratório. Era um quarto pequeno com uma cama de solteiro, uma cômoda e uma mesa dobrável com duas cadeiras. A Dra. Swenson subiu os quatro degraus com grande esforço, jogando seu peso contra Marina, e, quando entrou, se sentou pesadamente na cama.

— Preciso me deitar. — Esticou-se na cama, a barriga apontando para cima. Ela soltou um gemido baixo, mas Marina não tinha certeza se era dor ou alívio da dor. — Seja minha amiga e tire minhas sandálias, Dra. Singh.

Marina lutou com as Birkenstock, mas conseguiu tirá-las. Os dedos da Dra. Swenson estavam enterrados pela metade nos pés inchados, que tinham uma cor roxa nada natural.

— Não me faça ficar com pena de você — falou Marina. — Quanto mais me preocupo com você, mais certeza tenho de que é preciso ir para um hospital com médicos que saibam o que estão fazendo.

— Você sabe o que faz — rebateu a Dra. Swenson — e sentirá pena de mim porque é da sua natureza. Não há nada que eu possa fazer para evitar isso.

Marina se sentou na beira do colchão de solteiro.

— Quem é o homem na foto?

Ela colocou os dedos em volta do pulso da Dra. Swenson. Sua pulsação estava quase rápida demais para ser verificada.

A Dra. Swenson se virou e olhou o porta-retratos na mesa de cabeceira. Era uma fotografia em preto e branco de um homem — alto, magro, com um nariz bem delineado — de pé na floresta. Ele vestia uma camisa branca e parecia estar olhando por cima do ombro de quem quer que estivesse segurando a câmera.

— Nunca faça uma pergunta se já souber a resposta. Acho esse hábito extremamente irritante.

— Ele é muito bonito — comentou Marina.

— Ele era.

A Dra. Swenson fechou os olhos.

— Onde está o aparelho de pressão?

Ela apontou para a bolsa vermelha no chão, e Marina pegou o aparelho e o estetoscópio.

— O bebê está morto, Dra. Singh. Morreu ontem, talvez anteontem. Eu ia lhe contar hoje à noite, mas então as visitas chegaram. Você pode tentar ouvir, mas nada se mexe. Não tenho certeza de quando foi a última vez que se mexeu. Não consigo encontrar os batimentos cardíacos.

Marina colocou a mão no braço da professora, mas a Dra. Swenson a afastou.

— Vamos — falou a Dra. Swenson. — Tente.

Marina ajeitou o estetoscópio nos ouvidos e percorreu a barriga da Dra. Swenson, tentando um lugar, depois outro e outro.

— Não há nada aí — disse a Dra. Swenson.

— Não — Marina confirmou. Então, ela mediu a pressão duas vezes, para confirmar que estava correta. — Dezessete por onze.

A Dra. Swenson confirmou com a cabeça.

— Estou com pré-eclâmpsia. Não temos pitocina. Existe um xarope que os nativos usam para fazer o parto nessas circunstâncias, um extrato fervido de grilos ou algo parecido, mas acabei com a minha fase de cobaia humana. Não acho que sobreviveria ao parto, de qualquer maneira. Então a má notícia é que você vai ter de fazer a cesariana, e a boa é que não vai precisar esperar mais dois meses para isso. O Sr. Fox vai embora amanhã com a prova de que precisa de que a droga é viável, e só isso já vai nos dar bastante tempo. Se você puder ficar aqui apenas um pouco depois da cirurgia, para ter certeza de que não há complicações, eu ficaria grata. Depois, peço para Easter e os Saturn a levarem de volta a Manaus na balsa. Você pode fazer isso?

— Posso colocá-la naquele barco pela manhã e podemos ir a um hospital real com medicina real, uma sala cirúrgica estéril e um anestesista. Não vou operar com uma seringa cheia de cetamina.

A Dra. Swenson abanou a mão.

— Não seja ridícula. Temos bastante midazolam para ocasiões especiais.

Havia considerações a serem feitas sobre aquilo, mas Marina deixou passar.

— E essas circunstâncias são realmente sérias. Sei que não é o que você quer, mas tem de pensar como médica e não como etnobotânica. Se for com Milton e o Sr. Fox, vai chegar lá na metade do tempo do que na balsa. Você poderia estar em Manaus hoje à noite, o que, considerando a sua pressão sanguínea, é o mais certo a ser feito, de qualquer maneira. Você nunca deixaria isso passar se fosse com outra pessoa.

— Pela primeira vez, ouça o que estou dizendo, Dra. Singh. Não tenho energia para continuar me repetindo. Não vou a lugar algum hoje à noite; então, se eu morrer antes que você tenha a chance de me salvar, o ônus será completamente meu. Você não pode pedir ao Sr. Fox que me leve ao hospital. Todos os sonhos dele seriam destruídos, e os meus também. Não vou sacrificar uma potencial vacina de malária por uma cama de hospital em Manaus. Estou pedindo que você faça essa cirurgia para me salvar de uma cirurgia realizada por Alan Saturn. Não sei o que foi que pedi tanto a você no passado para você achar que não consegue realizar esse meu desejo.

Marina esperou, considerando o horror de tudo aquilo. No fim, ela não podia fazer nada mais além de um sinal de concordância com a cabeça.

— Há, claro, todas as razões para se pensar que isso vai me matar. — Ela abriu os olhos e encarou Marina. — É difícil dizer se seria o resultado da droga ou das circunstâncias da idade. Se esse vai ser o meu fim, veremos depois, mas quero que saiba que a droga está pronta, pelo menos no aspecto da fertilidade. O Sr. Fox pode ir e tomar um porre. Com um pouco de sorte, vamos conseguir esconder essa novidade dele por mais alguns anos enquanto ele financia a vacina da malária.

Marina balançou a cabeça. Ela atribuiu aquilo às circunstâncias. Em poucos meses, quando tudo aquilo já tivesse passado, a Dra. Swenson pensaria diferente.

— Você não deveria falar assim. Você trabalhou nisso por muitos anos para deixar para lá.

— E como vamos fazer testes no futuro? Estou comendo essas cascas há anos. Vi minha própria menstruação voltar quando eu tinha 60 anos. Sobrevivi às espinhas e às cólicas e digo que não havia nada aí para aproveitar. Não precisava ver esses aspectos da minha juventude de novo.

— É por isso que existem voluntários saudáveis normais. Ninguém espera que você mesma faça isso.

— Teríamos que achar muitas mulheres de 73 anos sem filhos que quisessem engravidar para que avaliássemos a segurança. Provavelmente acabaríamos com a melhor parte delas no curso dos testes com drogas.

— Provavelmente... — concordou Marina.

Ela abaixou os fios rebeldes do cabelo da Dra. Swenson com a mão.

— Não seja impressionável, Dra. Singh. Estamos bem da maneira como estamos. Só estou lhe contando isso porque quero que saiba que, se algo acontecer comigo agora, o que quer que seja, não é culpa sua. Eu me submeti à experiência em nome da ciência e não me arrependo de nada. Você entende isso? Tudo foi positivo. Estamos muito perto de uma vacina segura e, além do mais, sabemos o que o corpo já nos dizia, que as mulheres pós-menopausa não devem engravidar. Isso é o que tínhamos de aprender.

— Talvez não funcione aos 73. Mas não quer dizer que não funcione aos 50. Não é hora de jogar tudo fora.

— Deixe que as cinquentonas se consolem com fertilização *in vitro* como têm feito. Não tenho intenção de despejar essa agrura no mundo porque acredito que as mulheres devem parar de tentar em uma idade sensata. — Ela balançou a cabeça. — Então está bem assim — disse ela —, está bem. Vou dormir agora. Quero que você durma também. Faremos isso amanhã à tarde, quando todos tiverem partido e houver bastante luz. Faça o possível para dispensá-los cedo. Milton e Barbara nadariam correndo daqui, tenho certeza, mas o Sr. Fox talvez tente prolongar-se. Assim que conseguir que eles embarquem, peça à Dra. Budi para auxiliar você. Não tem sentido contar para ela agora.

— Tudo bem — concordou Marina.

Ela abaixou o mosquiteiro, cobrindo a cama. Apagou a luz da lanterna, mas não conseguia ir embora.

— Ainda está aqui — falou a Dra. Swenson finalmente.

— Pensei em ficar até você dormir.

— Eu sei dormir, Dra. Singh. Não preciso que você fique de vigília, a não ser que seja algo que você mesma esteja tentando aprender.

* * *

Quando Marina voltou ao laboratório, a Dra. Nancy Saturn explicava a relação entre as árvores Martin e as martinets roxas ao Sr. Fox, e Thomas Nkomo mostrava a ele os mapas das gestações, os pesos dos bebês, os nascidos vivos — e estavam todos mentindo, considerando o que deliberadamente omitiam. Milton e Barbara tinham preparado sanduíches com o pão trazido de Manaus. Todos se mostravam prestativos. Todos estavam se dando bem.

— Você viu tudo isso? — perguntou o Sr. Fox a Marina quando ela foi até eles.

— Vi — respondeu ela. — Estou aqui há bastante tempo.

— É um trabalho notável. Realmente um trabalho notável.

Ele sorria para ela agora sem qualquer traço conspiratório. Estava simplesmente feliz. Em breve, a droga estaria em suas mãos, o estoque excederia as expectativas, seu risco seria enaltecido por gerações de membros do conselho que ainda viriam.

A Dra. Budi entregou-lhe um prato com um sanduíche: frango enlatado, depois de tantas semanas de apresuntado.

— E a Dra. Swenson? — perguntou ela.

— A pressão está alta — respondeu Marina.

O Sr. Fox olhou para ela, e Marina balançou a cabeça.

— Ela está cansada. Precisa apenas descansar, só isso. Deve se estressar o mínimo possível.

Ela se lembrava dessa parte do diálogo quando, anos antes, era uma de suas tarefas atender aos pacientes. Sempre os consolava. Qualquer um podia abraçar a ideia de que a resposta era descansar.

— Vamos partir pela manhã — disse Milton.

— Depois de vermos as árvores — disse o Sr. Fox.

Marina esperou outro minuto em consideração aos velhos tempos. O Sr. Fox se inclinou sobre os dados, e ela queria muito colocar a mão no topo da cabeça dele. Provavelmente, era melhor que ele não olhasse para ela, que ele não a levasse para um canto e sussurrasse seus verdadeiros planos no ouvido dela. Se ele a amava agora, seria então mais triste depois, quando ele percebesse que ela mentira da mesma forma que todos os outros. Ele a deixaria assim que tudo fosse abaixo. Talvez levasse anos, mas, quando ele entendesse que estava financiando uma vacina para malária em vez de uma droga para fertilidade, e

que ela sabia e não havia feito nada para impedir, nada para avisá-lo, então ele acabaria com ela de todas as maneiras possíveis. Essa perda seria infinitamente mais difícil se algum dia ele a tivesse amado.

— Vamos para a cama agora — falou Marina calmamente.

Então ele levantou a cabeça, olhando-a como se fosse dizer que não tinha entendido.

— Vou com você — disse Barbara Bovender, colocando a segunda metade do sanduíche em um dos muitos bolsos do vestido. As duas levaram Easter, enquanto o restante do grupo desejava boa-noite, enquanto o Sr. Fox desejava boa-noite.

— Como isso funciona? — perguntou Barbara, olhando de novo para a configuração da varanda, o cômodo de dormir.

— Eu fico com a cama e Easter com a rede, mas, como ele está dormindo comigo, então acho que sobra a rede para você. Admito que não é grande coisa, mas é melhor do que se enrolar no chão em algum lugar.

Easter estava sentado no chão, limpando as solas dos pés com um pano velho. Era o único ritual antes de dormir que Marina havia ensinado a ele.

— Olhe — disse Barbara, enrolando uma das tranças grossas e amarelas nos dedos —, sei que esse é o seu lugar, mas, se não se importar muito, posso dormir com o Easter? Só por hoje. Estive praticamente fora do meu juízo o dia todo. Na verdade, se ele não estivesse aqui, eu ia pedir para dormir com você e não acho que nós duas caberíamos naquela cama. — Ela olhou com tristeza para a criança. — Foi uma péssima hora para Jackie viajar.

Marina assentiu. Ela entendia completamente os poderes calmantes de Easter. Ainda assim, enquanto espanava para fora da rede os excrementos do sagui, pensou em como, naquela noite em particular, preferiria não dormir sozinha.

Naquela noite, não foi com seu pai que Marina sonhou, mas com o de Barbara Bovender, correndo entre as árvores em direção ao rio. Quando acordou, estava com uma perna e os dois braços pendurados para fora da rede malcheirosa, e seu primeiro pensamento foi para as Martin. Havia um mínimo feixe de luz entrando pela varanda e Barbara e Easter ainda dormiam, Easter no short de náilon que usara no dia anterior e Barbara em uma camisola de algodão branca. Por um momento, Marina olhou para eles e se encantou que coisas como

aquela camisola existissem e que as pessoas realmente pensassem nelas na hora de dormir. Pegou a lanterna e adentrou a floresta, mantendo o feixe de luz apontado para o chão, pois ainda era tão cedo que as tarântulas estariam rastejando lentamente para casa. Ela queria chegar às árvores e voltar antes que qualquer pessoa saísse. Tinha absoluta certeza de que havia alguma outra característica na casca que ninguém estava lhe contando e sabia que não conseguiria passar por aquele dia em particular sem ela. Pensou em uma maneira de ir até lá em seu último dia e coletar alguns galhos das árvores que ficavam na extremidade mais distante do perímetro. Ela os serraria em pedaços menores e menores, os amarraria com barbante e poderia levá-los com ela. Ela se imaginou na cozinha de sua casa, o congelador cheio de galhinhos, tirando apenas o que precisasse, ou sentada sozinha na sala de estar, mascando a casca com os dentes, e, enquanto pensava nisso, esteve perigosamente prestes a colocar o pé em um ninho de formigas. Parou e as observou cruzar uma determinada trilha no meio do tapete de folhas. Ela estava andando rápido demais. Manteve os olhos baixos pelo resto do caminho e, quando afinal olhou para cima de novo, viu o sol nascendo e penetrando por entre as Martin, os delgados troncos amarelos completamente iluminados, as altas copas de flores cor-de-rosa roçando as extremidades do céu que acabara de se tornar azul. Talvez ela não lamentasse por não estar no barco que voltaria hoje. Enquanto sua boca tocava uma casca que já tinha uma abertura, uma sensação de paz e bem-estar percorreu seu corpo. Ela ficou se perguntando se realmente era a hora de partir.

Ela viu as primeiras três mulheres lakashi indo em direção às árvores com os mesmos vestidos de todos os dias, o mesmo vestido que ela usava todos os dias, e elas a cumprimentaram com um gesto de mão. Marina acenou de volta e foi rapidamente para o lado. A distância, podia ouvir Nancy Saturn dando uma aula sobre as martinets roxas, sua digestão e seu excremento e o invólucro larval. Marina só conhecia uma maneira de sair do local onde ficavam as árvores. Seria fácil pensar que ela poderia andar em qualquer direção e fazer um círculo contornando-as, mas não era o caso. Ela precisava de uma trilha. Tinha que partir do mesmo modo que chegara ou se perderia. Sentiu um desejo inconfundível de correr para dentro da floresta, mas por quê? O que havia lá para ela fugir? O Sr. Fox era seu namorado, os Saturn, seus amigos. De qualquer maneira, já ficara lá por tempo de mais.

— Marina! — chamou Alan.

Ela se aproximou. As lakashi estavam ocupadas nas árvores, e o som suave da mastigação era um conforto para ela. Uma das mulheres deu um tapinha no traseiro de Marina quando ela passou, a boca firme na casca. Era a enfermeira. Marina bateu na parte de trás da cabeça dela.

— Ela se tornou uma nativa — disse Alan ao Sr. Fox.

Como tudo naquele lugar, o Sr. Fox parecia melhor à luz do dia, parado entre dois troncos de Martin. Ele vestia uma camisa azul e calça escura. Marina quase não conseguia acreditar que, na correria para encontrá-la, ele levara mudas de roupas.

— Eu queria perguntar sobre o vestido de ontem à noite.

Marina esfregou a frente do tecido áspero.

— É o uniforme local.

— O que houve com suas roupas?

Marina balançou a cabeça.

— Um mal-entendido — respondeu. — Mas, de verdade, o vestido tem servido bem.

— Se minhas pernas fossem bonitas como as suas, eu também usaria um — comentou Nancy Saturn.

Embora as pernas de Marina fossem bem definidas, também estavam machucadas, não depiladas, com cicatrizes e cobertas por uma violenta topografia de picadas de inseto. Ocorreu a ela então que não era apenas o Sr. Fox que ela estava enganando. Também estava mentindo para os outros médicos, seus amigos, que certamente gostariam de saber que Marina tinha uma relação mais do que profissional com o homem para quem eles estavam mentindo. Uma lakashi baixinha, que já havia terminado de mastigar sua cota necessária de casca, veio por trás de Marina e deu dois fortes tapas em seu ombro, de maneira que Marina se sentou no chão com uma obediência irrefletida. Ela não se importava de se sentar sob as Martin. Os insetos, exceto pelas martinets roxas, não chegavam perto daquela parte da floresta. A mulher desamarrou a ponta da trança de Marina e penteou seus cabelos com os dedos.

— Isso é um serviço? — perguntou o Sr. Fox.

— Você não consegue impedi-las — contou Marina. — Não há como lutar contra isso.

— Eu tinha cabelo comprido no primeiro mês em que cheguei aqui — disse Nancy, concordando com Marina. — Elas ficavam todas em cima de mim. Assim que cortei, me tornei invisível.

— Elas arrumam o cabelo da Dra. Budi todas as manhãs — comentou Alan. — Vão até a cabana dela.

— Então você já se acostumou a este lugar? — perguntou o Sr. Fox, e, pela primeira vez, ele pareceu estar falando com Marina como se ela fosse alguém que ele já conhecesse.

Ela confirmou.

— Termine a sua excursão e depois eu o levo de volta. Você pode me atualizar de tudo o que aconteceu neste tempo no trabalho.

O Sr. Fox concordou e foi embora com os Saturn. Marina ouvia as vozes deles — Martin, martinets, nem uma única menção aos Rapp. Ela se inclinou para a frente e pegou um cogumelo que crescia na base da árvore, o menor, o mais azul. Era só um pouco maior que seu dedo mínimo. Levou-o até o nariz e o cheirou como se fosse uma margarida, e a mulher que penteava seu cabelo começou a rir. Ela se inclinou por cima do ombro de Marina e também cheirou o cogumelo; depois, passou os braços em volta da médica e a abraçou pelas costas, dando risadinhas em seu pescoço até que Marina também começou a rir. Quando a mulher terminou de pentear o cabelo de Marina, pegou o cogumelo de sua mão e, dando uma rápida e furtiva olhada para os lados, colocou-o na boca e foi embora.

Os Saturn ficaram para trás, com seus papéis de tornassol e suas amostras de algodão, e Marina acompanhou o Sr. Fox de volta ao laboratório. As lakashi passavam aos poucos, levantando as mãos para ela.

— Você é popular aqui — observou ele.

Ela parou e se virou para ele. Pegou suas mãos. Uma vez eles haviam ido a Chicago, reservado um quarto chique no Drake e ficado na cama até meio-dia.

— Escrevi para você. Algumas das cartas vão chegar lá em algum momento. A segunda mala também se perdeu, e eu fiquei sem o telefone. — Mais três mulheres passaram. Uma delas estapeou as coxas de Marina, e o Sr. Fox soltou as mãos dela. — Não se preocupe com as mulheres. Elas não vão reportar o que viram a ninguém.

— Mesmo assim... — começou ele.

— Não importa — interrompeu Marina. — Ninguém se importa com o que estamos fazendo. Antes também não importava.

Então ela o beijou, porque não sabia se teria outra chance. Ela se lembrou de que provavelmente estava com um cheiro horrível, embora não conseguisse mais distinguir qualquer cheiro. A cobra havia tirado seu olfato.

Ele a beijou apenas por um segundo. Havia muitas mulheres passando e elas riam baixinho entre si.

— Você está bem — falou ele, se afastando. — Você vai para casa logo e vamos ter tempo para conversar sobre tudo. O que vejo aqui é muito melhor do que eu poderia imaginar e tenho de agradecer muito a você por isso. Foi muito corajoso da sua parte vir para cá sozinha. Posso perceber isso agora.

Ele se virou, afastando-se dela, e deu um passo a frente. Marina viu a cobra, o pé dele quase pisando bem em cima do animal, e o puxou para trás, puxou-o em direção a si com uma força considerável. Era uma pequena jararaca, pequena o suficiente para ser imatura. Ela vira uma foto em um dos livros de Anders e a reconheceu um instante antes de a cobra fugir rastejando em meio à grama alta.

— Marina! — falou ele com rispidez, mas ela o segurava de maneira tão firme que ele não conseguiu se desvencilhar, e ela não o soltou imediatamente. Em vez disso, colou os lábios suavemente no ouvido dele.

— Cobra — disse ela.

* * *

Assim que eles voltaram, Marina foi conferir como estava a Dra. Swenson e encontrou Barbara vindo pela trilha. Seus olhos e suas bochechas estavam vermelhos. Marina não sabia se ela estivera chorando naquele momento ou se eram os resquícios de toda a choradeira da noite anterior.

— Ela está bem — falou Barbara, e parou na frente de Marina. — Mas você não deve ir lá. Ela disse que quer descansar.

— Você voltou a ser a guardiã do portão.

Barbara usava calças de linho branco e um top justo azul-marinho, e Marina imaginou se ela fizera as malas pensando que aquela roupa tinha uma aparência náutica, apropriada para a viagem de barco.

— Talvez você possa falar bem de mim para ela então, dizer que ainda estou fazendo meu trabalho — disse Barbara.

— Ela vai demiti-la por ter trazido o Sr. Fox aqui?

Barbara olhou para a porta de onde havia acabado de sair para ter certeza de que a Dra. Swenson não estava lá olhando.

— Não sei. Talvez ela só queira me assustar. Diz que não decidiu ainda. Ela me pareceu horrível, aliás. Achei que a ideia de esperar para ter filhos fosse boa, mas agora não tenho tanta certeza.

— Não é uma boa ideia — afirmou Marina.

A Sra. Bovender deu o braço para Marina e juntas andaram em direção à água.

— Não sei como você conseguiu viver aqui. Você estava tão infeliz em Manaus, mas isso é mil vezes pior. Talvez seja melhor que ela nos demita. Quero voltar para a Austrália. Odeio este país inteiro. Jackie também odeia.

— Então vocês deveriam ir embora.

Marina se pegou querendo pentear e trançar o cabelo amarelo que se espalhava nos ombros de Barbara como se fosse um cobertor solto. Ela ficou imaginando se aquele desejo de pentear fosse outro efeito das Martin que ainda não havia sido investigado.

— A questão é a seguinte: nunca vamos encontrar um trabalho tão fácil quanto esse em nenhum outro lugar do mundo — falou Barbara.

* * *

Barbara Bovender deu a Marina grande parte do que havia em sua mala antes de partir: duas calcinhas de renda e um sutiã combinando, a camisola de algodão branca e um pote de creme facial que cheirava a jasmim. O Sr. Fox lhe deu a camisa branca que havia usado no dia anterior e sua calça extra, que ela havia pensado em amarrar com um barbante. Milton lhe deu seu chapéu de palha.

— Mas você vai precisar usar este chapéu — disse ela.

Ele deu de ombros.

— Posso usar outro.

Ela segurou o chapéu por um minuto, olhou para a fina fita vermelha. Colocou-o na cabeça e imediatamente se sentiu mais corajosa.

— Vou levar de volta para você — prometeu ela.

— Então ele seria tão valioso para mim que nunca mais eu conseguiria usar.

Ocorreu a Marina que ela deveria ter fugido com Milton naquele primeiro momento em que o vira no aeroporto. Deveria ter implorado que ele a levasse ao Rio de Janeiro, onde poderiam ter sumido juntos nas multidões de dançarinas e homens bonitos. Ela e Easter foram até o cais e se despediram dos amigos. Ela beijou os três, e apenas o Sr. Fox ficou constrangido. Então deu um tapa em cada um na cintura. Os lakashi foram até lá e se postaram ao lado de Marina e de Easter e, juntos, olharam o lindo barco da Inca Kola se afastar. Marina colocou a mão na cabeça de Easter para se confortar. Todos acenaram. Muito depois de os detalhes das feições deles ficarem pequenos e indefinidos rio abaixo, ela ainda podia ver o brilho do cabelo de Barbara Bovender, que havia se tornado uma grande bandeira loura ao vento.

O futuro tinha um peso terrível. Marina ficou parada no cais por um longo tempo depois que o barco desapareceu e sentiu a pressão se abater sobre ela. Finalmente, foi até o laboratório para olhar os suprimentos cirúrgicos, conversar com a Dra. Budi sobre a assistência à cirurgia e fazer tudo o que estivesse a seu alcance para evitar o inevitável, mas a Dra. Swenson estava sentada em sua mesa diante de uma grande quantidade de papéis: pastas de arquivos, relatórios digitados e anotações escritas à mão tiradas de cadernos com espirais.

— Você não vai despedir os Bovender de verdade, não é? — perguntou Marina.

— Desde quando você se importa com os Bovender? Foram eles que a mantiveram por tanto tempo em Manaus.

— Você me manteve em Manaus — rebateu Marina. — Estavam apenas fazendo o trabalho deles.

— Então, no caso do Sr. Fox, eles não fizeram o trabalho direito, ou, posso afirmar, Barbara não fez trabalho algum.

— No entanto, no final, a vinda deles até aqui serviu aos seus propósitos. Tudo acabou da melhor maneira possível.

— Não estamos com pressa, Dra. Singh, mas também não temos todo o tempo do mundo. Perdoe-me por eu não querer me concentrar no que diz respeito ao emprego dos Bovender neste tempo de que dispomos. Há tanto a ser feito aqui! Estou tentando organizar algumas coisas, para prevenir. — Seus

dedos grossos passaram e repassaram as pilhas de papéis em frente a ela como um baralho de cartas enormes. — Mas estou vendo agora que não vai adiantar. Levaria pelo menos três meses de trabalho tornar esses papéis minimamente úteis para alguém que não fosse eu mesma. Percebo agora que escondi muito, fiquei com muita coisa apenas na cabeça. Há algumas notas aqui que mal fazem sentido para mim. Posso ver agora que fui muito otimista. Deveria ter levado o fracasso em conta.

— Fracasso em quê? — perguntou Marina.

A que distância estaria o barco agora? Seria possível que um deles tivesse mudado de ideia, se não o Sr. Fox, então Milton ou Barbara? Eles não poderiam ter insistido em dar a meia-volta para vir buscá-la?

A Dra. Swenson olhou por cima dos óculos.

— Acho que é seguro dizer que vamos fazer história na cirurgia de hoje, embora Deus saiba que não estamos levando crédito por isso. Não consigo imaginar que, antes de hoje, outras mulheres da minha idade já tenham passado por cesarianas.

Marina sentou-se pesadamente e apoiou os cotovelos na mesa. Com esse movimento, assustou vários pequenos morcegos que se aninhavam dentro da tábua do móvel. Cinco ou seis deles rodopiaram pela sala, perdidos na ofuscante luz do dia, até que, um por um, fixaram-se na parede e se estiraram, como grossas manchas de lama.

— Certamente, pode haver um problema de hemorragia, mas o Dr. Nkomo se ofereceu para uma transfusão caso eu precise. Ele é A positivo. É uma sorte.

— Você tem uma maleta com mais instrumentos? — perguntou Marina.

O que elas tinham e o que não tinham era um grande mistério para ela.

— Uma linha e duas agulhas, a gravidade faz o resto.

— Você só pode estar brincando comigo.

A Dra. Swenson balançou a cabeça.

— Você ficaria muito surpresa com tudo o que é possível fazer em estado de escassez. É só uma questão de criatividade. Não se afobe, Dra. Singh. Não há razão para nos apressarmos. Essa foi a sua desgraça em Baltimore. A pressa é o maior erro.

Marina ergueu o corpo, um som de alarme soando em sua cabeça.

— Baltimore?

A Dra. Swenson olhou para ela sem surpresa ou compaixão, duas coisas que Marina esperava ver; depois, a mentora olhou de volta para os papéis.

— Você achou que eu não me lembrava daquilo.

— Porque você *não* se lembrava. Quando a encontrei em Manaus, na ópera, você não me reconheceu.

— É verdade, não a reconheci. Depois me lembrei, não muito depois de termos ido embora, mas, naquele ponto, não fazia diferença. — Ela arrancou um artigo grosso de uma pilha, rabiscou uma nota no topo com uma letra ilegível e a colocou em uma pasta de papel azul. — Só mencionei agora porque não quero que esse fato pese para você durante a cirurgia. É por isso que quero que você faça a cesárea, sabe? Não só para ver se você consegue. Quero que recupere sua confiança. Você cometeu um erro muito comum. Apressou-se, nada mais que isso. Se não fosse o olho, você teria esquecido tudo aquilo em uma semana. Todos, em algum momento, arranham um crânio, arranham uma orelha. Foi apenas má sorte que a cabeça não estivesse posicionada um centímetro a mais em outra direção. Em retrospecto, a perda real foi você abandonar o programa. Se eu a conhecesse melhor, teria interferido. Mas, naquele momento — ela deu de ombros —, a decisão era sua. Isto aqui vai ser mais fácil. Não há a pressão de salvar um bebê.

Marina sentou-se em uma cadeira ao lado da mesa e lá se foi, a carga de uma vida inteira sendo retirada de seus ombros. Ela ficou pensando se poderia ter virado o bebê lakashi. Olhou para as próprias mãos. Pensou o que elas podiam ter realizado.

— Seria notável se tivesse dado certo, ter um bebê nessa idade, ter a chance de me ver em uma criança. Eu nunca teria pensado nisso, exceto pelo fato de que chegamos muito perto. — Ela fez uma nova anotação, igualmente ilegível, e a colocou do outro lado da mesa. — Lembre-se de congelar o feto, Dra. Singh. Quero fazer alguns testes depois. Vou querer ver quais os níveis de compostos nos tecidos.

Marina aquiesceu. Ela gostaria de ter ciência do que aquilo tudo significava, principalmente a parte que lhe cabia, mas estava perdida. O Sr. Fox descia o rio agora, e ela desejou que ele voltasse. Ela lhe contaria tudo. Começaria com o que acontecera durante sua residência e lhe narraria sua história até os dias de hoje.

A Dra. Swenson olhou para o relógio, tirou-o do pulso inchado e o deixou na mesa. Quando se levantou da cadeira, foi uma luta, o grande e vultoso fracasso de sua gravidez a precedendo.

— Temos de começar o trabalho agora, você não acha? Não há nada mais que eu possa fazer aqui.

ONZE

Muitas horas após a cirurgia e bem depois de escurecer, Easter e Thomas tiraram o colchão da cama na varanda e o carregaram para a cabana da Dra. Swenson. Eles tiveram que tirar a mesa e empurrar as duas cadeiras contra a parede mas, no final, conseguiram espaço suficiente para Easter e Marina dormirem. Não que Marina pegasse no sono; ela ficava observando a Dra. Swenson, acompanhando o desfile de todas as criaturas noturnas da Amazônia que passeavam pela sala. Parecia que estavam todas sendo atraídas pela luz, o que a fez se lembrar daquela primeira noite em Manaus e na loja de Rodrigo. No dia seguinte, ela mandou Benoit pegar o estrado e o mosquiteiro. Easter trouxera sua caixa. Por um instante, a Dra. Swenson abriu os olhos e os fitou enquanto eles rearranjavam os móveis mais uma vez.

— Não me lembro de ter pedido para vocês dois se mudarem para cá — disse ela, mas, antes que Marina começasse uma explicação, a Dra. Swenson já havia voltado a dormir.

Fora suas ligeiras idas matinais às Martin, Marina permaneceu perto de sua paciente, vendo-a entrar e sair de um estado febril. Quando ficava lúcida, a Dra. Swenson continuava a dar ordens: precisava falar com Alan Saturn sobre os mosquitos, queria resumos dos dados coletados desde a sua cirurgia, mandava Marina medir sua pressão. Então, com a mesma rapidez, a febre retornava, e ela chorava dormindo, uma grande inundação de lágrimas. Ela pedia gelo, e Marina pegava o pequeno bloco que mantinha no congelador em que estavam estocadas as amostras de sangue, cortando-o em lascas com uma faca. Era o mesmo congelador em que mantinha a criança com a cauda curvada. Sirenomelia. Havia dois dias que Marina se lembrara do nome da doença. A única vez em que ouvira falar naquilo fora em uma aula de anomalias genéticas que a Dra. Swenson dera em Johns Hopkins. Havia passado rapidamente em um único slide: *Sirenomelia, a Síndrome da Sereia, as pernas do feto são fundidas em uma única cauda, sem genitália visível. É algo que vocês provavelmente não vão ver.* E lá estava: com

um clique e um rápido lampejo na escuridão, eles passavam para o outro slide. O único ser que poderia conhecer a Dra. Swenson como mãe não viveu para ter a experiência. Uma vida de começo tão extraordinário havia, no final, se resumido a pouco mais do que um experimento científico. Marina tinha descansado a mão na cabeça mínima por um momento quando a coisa toda havia acabado, logo antes de a Dra. Budi cobrir o feto para mantê-lo protegido dos insetos e levá-lo para o laboratório.

Nos seus delírios febris, a Dra. Swenson constantemente dava aulas e, algumas vezes, eram aulas das quais Marina se lembrava. “Gestação ectópica e os danos para as tubas uterinas.” E então ela entrava em outro estado de sono agitado, o sangue de Thomas Nkomo fluindo lentamente por suas veias. Marina a tinha colocado no soro e injetava os antibióticos. Apesar de tudo o que faltava na floresta, o sortimento de antibióticos que tinham ali era tão abrangente quanto em qualquer hospital. Ela verificava a incisão, examinava se havia um inchaço excessivo. Sentava-se no pequeno quarto com a porta aberta e lia as abundantes anotações sobre malária. À medida que os dias passavam, a febre da Dra. Swenson cedia, mas logo voltava. Marina a combatia aumentando as dosagens. Somente após alguns dias puderam fazer a Dra. Swenson sentar-se e, depois, levantar-se. Marina se preocupava com os coágulos. Com Easter de um lado e Marina do outro, a Dra. Swenson andava metade do caminho até o laboratório. Ao voltar para a segurança da cama, muito cansada até para dormir, Marina lia para ela *Grandes esperanças*, de Dickens. Essa era sua nova rotina e, se o capítulo fosse particularmente bom, ou o dia tedioso, a Dra. Swenson pedia a Marina para ler mais um pouco. Easter se sentava no chão com um bloco de papel e praticava as linhas que formavam as letras do alfabeto. Marina escreveu *Dra. Swenson* em um papel e o colocou no peito da mentora. Escreveu a palavra *Marina* e colocou no próprio colo.

— Você achou que eu ia esquecer? — perguntou a Dra. Swenson quando acordou, olhando para o pedaço de papel.

— Estou tentando ensinar mais algumas palavras — respondeu Marina.

A Dra. Swenson colocou o pedaço de papel de volta no peito e deu um tapinha nele.

— Está bem. Deixe que ele se lembre disso. O Dr. Eckman sempre queria ensinar a escrever *Minnesota*. Isso não traria qualquer benefício.

— Nunca se sabe — disse Marina.

— Eu sei. Penso muito no Dr. Eckman agora. É muito diferente ficar com febre nos trópicos, não tem nada a ver com ter uma febre quando se está na própria casa. Aqui você sente o ar queimando dentro de si ou você está queimando nele. Depois de um tempo, perdem-se todos os parâmetros, até os parâmetros da pele. Acho que ele não tinha como entender o que estava acontecendo com ele.

— Provavelmente não — concordou Marina.

Havia quase uma semana que Easter não deixava nenhuma carta na cama. Talvez elas já tivessem acabado. Easter estava sentado sem camisa perto da porta, e o sol iluminava exatamente metade de seu corpo, uma perna e um braço, o lado esquerdo do rosto. Os hematomas, com o tempo, haviam descolorido para um tom verde esmaecido.

— Como você acha que estou agora?

— Já passou pelo pior, mas eu não diria que está curada. Vai levar um bom tempo. Você entende mais disso do que eu.

A Dra. Swenson assentiu.

— Concordo com você. A Dra. Budi, o Dr. Nkomo, até a botânica podem tomar conta de mim agora.

Na verdade, eles iam visitá-la todos os dias. Naquela manhã, a Dra. Budi havia levado um buquê de flores cor-de-rosa de Martin em um copo de água — sabe-se lá como ela havia conseguido colhê-las. As flores estavam na mesa de cabeceira, cobrindo parte do rosto do Dr. Rapp. Os lakashi vinham também, as mulheres mantendo uma vigília silenciosa do lado de fora da janela enquanto trançavam e retrançavam os cabelos umas das outras. Todas elas cuidariam da Dra. Swenson se tivessem a oportunidade. Marina disse isso para a médica.

— Nenhuma delas faria o trabalho como você. Afinal de contas, fui eu que a treinei. O seu acompanhamento é o melhor possível. Gostaria de continuar contando com você, Dra. Singh. Você certamente conseguiria lidar com a Vogel, manteria o pessoal de lá feliz enquanto todos os outros fazem o trabalho daqui. Os outros médicos gostam de você. Os lakashi criaram um vínculo com você como tinham criado com o Dr. Rapp. Alguém vai precisar olhar por eles quando eu for embora. Acho que nenhum dos outros tem capacidade para isso.

— Os lakashi podem tomar conta de si mesmos.

A Dra. Swenson balançou a cabeça.

— Não se o mundo vier atrás das Martin ou dos Rapp. Talvez eu me recupere dessa cirurgia, talvez não. Outras pessoas podem cuidar de mim, mas quem vai cuidar deles? A verdade é que posso continuar enumerando razões para você ficar. Já conheço você bem o suficiente para isso.

— Você fez um bom trabalho até agora — disse Marina, torcendo um pedaço de pano para lavar o rosto e o pescoço da Dra. Swenson.

— Pare por um minuto — falou a Dra. Swenson, empurrando a mão dela. — Sente-se. Estou tentando lhe dizer algo importante. É um conflito pelo qual estou passando. Estou dizendo que quero que você fique e, ao mesmo tempo, lhe dando um motivo para ir embora.

— Você não está me dando motivo algum para ir embora.

— Isso é porque você não para quieta. Não para de se mexer o tempo todo.

Marina sentou-se e segurou o pano molhado, que estava frio. O gelo derretia no pote.

A Dra. Swenson, parecendo muito pequena em sua cama, olhou para o teto. Havia uma mosca sobrevoando sua cabeça, e Marina se controlou para não enxotá-la.

— Barbara Bovender veio me ver na manhã em que partiu. Ela estava com medo de perder o trabalho e, por isso, me contou a história da visita deles aos hummocca. Era uma história que Milton já havia me contado, mas ela queria contar de novo para me mostrar quanto havia sofrido por isso. Ela se sentou nessa cadeira em que você está agora e chorou. Contou-me que estava tão perto da morte que viu o pai correndo pela floresta, acenando com as mãos... o pai que morreu quando ela era criança.

Era de Barbara Bovender que elas estavam falando? E não da criança com a cauda? Não da Vogel? Não de algo que acontecera treze anos atrás, no Johns Hopkins?

— Ela me contou a mesma história — falou Marina.

— Ela contou para você a mesma história? Então imagino que você tenha presumido as mesmas coisas. — A Dra. Swenson olhou para Easter sentado na porta. Manteve os olhos nele por um bom tempo. — Eu não sabia que ela havia lhe contado.

— Que eu tenha presumido o quê? — perguntou Marina.

Era algum tipo de jogo de perguntas e respostas, e ela não fazia ideia do que responder.

A Dra. Swenson olhou para ela de sua maneira usual, como se fosse algo óbvio.

— A Sra. Bovender é muito alta, loura e clara. Seu pai não seria igual? Não consigo deixar de pensar que o que ela viu foi um homem na floresta, um homem que não era seu pai, mas que, a distância, e com o medo que ela estava sentindo, devia parecer ser ele. Ele corria entre as árvores em direção a ela, em direção ao barco. Ela só deve ter visto o homem por alguns segundos. Perguntei se ele havia dito algo, se havia falado em inglês. Ela me contou que o pai pediu para ela esperar.

Pela primeira vez desde que deixara Manaus, naquela última manhã em que tinha acordado na frente do ar-condicionado, depois do pesadelo com seu pai, Marina Singh sentiu frio. Tanto frio que chegou a pensar que seus ossos iam se quebrar. Colocou o pano molhado de volta no pote. Parecia que havia gelo em volta de seu coração.

— Ele não está morto.

— Eu poderia jurar para você, de tudo o que entendo deste lugar, que ele estava morto; mas não, eu mesma não vi o corpo. Às vezes, quando o Dr. Eckman estava muito doente, ele vagueava por aí. Nunca foi muito longe. Uma vez, apareceu no depósito. Outra, caiu do parapeito da varanda e machucou o ombro. Deixei Easter vigiando-o. Quando ele começava a se levantar, o menino colocava-o de volta na cama. Easter era um acompanhante muito bom para o Dr. Eckman. Ficou muito ligado a ele, da mesma maneira que está ligado a você. Então, uma noite, Easter entrou na minha cabana muito depois da meia-noite e estava frenético, frenético. Puxou-me para fora da cama. Mal coloquei os pés nos sapatos, e ele estava me puxando para a cabana de despensa. Caía uma tempestade forte naquela noite, uma chuva que cegava, e Easter chorava como se fosse o fim do mundo. Presumi que o Dr. Eckman tivesse morrido. Lembro-me de como fiquei surpresa: por mais doente que ele estivesse, eu achava que ia ficar bom. Fomos até a varanda, seguindo a lanterna de Easter. Ele me mostrou a cama, me mostrou o quarto. O Dr. Eckman tinha sumido. Enquanto Easter dormia na rede, o Dr. Eckman havia saído pela noite. Acordei Benoit, e ele organizou um grupo de lakashi, mas ninguém conseguiu encontrar o Dr.

Eckman. Nem naquela noite, nem no dia seguinte. Nunca mais o vimos. Você esteve na floresta. Não é tão difícil imaginar que um homem muito doente poderia durar vinte minutos lá fora, à noite. Ele podia pisar em uma aranha. Ou entrar no tronco oco de uma árvore apodrecida e nunca mais acordar. Podia ser comido por algum bicho, ou ser arrastado para longe. Eu não sabia o que tinha acontecido, mas ele não estava mais aqui, Dra. Singh, tinha ido embora como qualquer homem que tivesse morrido; então, foi isso que contei. Falei aos outros médicos que os lakashi levavam seus mortos no meio da noite. Escrevi uma carta dizendo que havíamos enterrado o corpo. E acreditava que tinha lidado com a situação com o máximo de humanidade possível, até Barbara Bovender virar no afluente errado e ver o pai dela.

Marina pensava que tivesse compreendido aquele lugar. Ela tinha visto a jararaca, afinal; cortara a sucuri. Havia realizado em um chão sujo cirurgias para as quais não estava nem licenciada nem qualificada; tinha mascado casca de árvore, nadado em um rio com o vestido sujo de sangue, só para descobrir que nenhuma dessas aventuras entrava no teste. Na verdade, havia um círculo diabólico embaixo do próximo teste que requeria um conjunto de habilidades inteiramente diferentes, que ela não possuía. Mas ela teria de ir lá de qualquer maneira. Ela havia sido tola o suficiente para pensar que tinha desistido de tudo, quando, na verdade, percebia agora que nem havia começado. Anders Eckman talvez ainda estivesse vivo. Anders, seu amigo, pai de três crianças, estava rio abaixo com os canibais, esperando que algum outro barco passasse.

— Existe alguma maneira segura de eu fazer isso? — perguntou Marina finalmente.

A Dra. Swenson cobriu os olhos com as mãos.

— Não. Na verdade, imagino que eles iriam matá-la.

Anders tirou seu jaleco de laboratório e vestiu a jaqueta que estava pendurada atrás da porta. Refez o nó da gravata e pegou a maleta na mesa.

— Se eu tiver de ir a mais uma reunião, vou morrer — disse para Marina.

Marina olhou para fora da porta aberta. Ainda era de manhã. Não havia nem duas horas que estivera no campo das Martin.

— Preciso ir agora — disse ela.

— Depois que tivermos pensado bem nisso — falou a Dra. Swenson. — Primeiro, temos de bolar um plano.

Marina balançou a cabeça, pensando em Karen Eckman e o que ela havia dito sobre Anders não ficar confortável com as árvores. Ela teria se afastado da trilha naquele momento. Teria ido direto para a floresta a fim de procurá-lo.

— Não acho que amanhã vá ser melhor.

E saiu, com Easter em seu encalço.

Ela ouviu a Dra. Swenson chamar seu nome enquanto passava pelo laboratório, mas não voltou. Elas poderiam ficar falando disso pelo resto da vida. Marina só queria estar a bordo de um barco, na água, indo em direção a Anders e a seu próprio destino. Ela flutuava agora, apanhada em uma corrente que a impelia para a frente e, para sua surpresa, não se incomodou. Estava contente de flutuar, de ser puxada para baixo ou arremessada para cima. Ela se deixaria levar pela força do rio se o rio a levasse até Anders. Teria ido diretamente para o cais, mas precisava carregar algo. Estava tentando pensar em quê, o que poderia oferecer aos hummocca em troca do amigo. Olhou em volta, no depósito, abriu as caixas e descobriu dez laranjas no fundo de um caixote. Pegou-as com a manteiga de amendoim. Colocou a camisola branca que Barbara Bovender havia lhe dado em volta do pescoço como um cachecol, pensando que, se realmente havia uma linguagem universal de rendição, pelo menos ela teria meios de usá-la. Desejava ter botões, contas, facas e tinta. Desejava ter algo que não fosse seringa, papel de tornassol, tubos de vidro com rolhas de borracha, frascos de acetona. Sentou-se em uma caixa de coquetel de frutas e fechou os olhos. Viu Anders em sua mesa de trabalho examinando os guias de pássaros da Amazônia. Tentou pensar em algo que fosse tão valioso quanto a vida de Anders. E então Marina se lembrou dos Rapp.

Easter foi com ela, embora ele nunca tivesse ido até as Martin antes. O sol estava alto e quente, apesar de ainda não serem nove horas da manhã. Ela carregou uma cesta bem grande que havia achado no depósito, algo trançado pelas lakashi com folhas resistentes. Marina nunca tinha ido lá tão tarde. Nas últimas duas horas, desde que passara por aquela trilha, haviam se instalado na floresta bandos de pássaros totalmente diferentes, fazendo um alarido e emitindo sons que ela não conhecia. Os insetos que participavam do turno do meio da manhã haviam substituído os companheiros do alvorecer e começavam a fazer vibrar um novo e diverso conjunto de mensagens. Marina manteve o pensamento nas cobras que estariam enroladas nas árvores e enroscadas nas trepadeiras e

seguia a passos cautelosos. Ela não podia se dar ao luxo de cometer um erro agora. Parou por um minuto na orla do campo de Martin, inclinando-se para a frente a fim de enxugar o suor do rosto na barra da saia. A maneira como a brilhante luz do sol entrava no campo naquele momento deixava a casca em um tom de amarelo mais claro, e ela ficou lá, tentando captar tudo. Pegou um Rapp, estendeu-o a Easter e depois colocou na cesta. Colheu outro e mais outro, e ele a imitou, indo até as outras árvores, pegando só alguns de cada comunidade individual de cogumelos, desbastando-as enquanto a cesta ia se enchendo com uma pilha de joias azul-claras. Não importava quanto tirassem, não se percebia uma redução nos grupos. Talvez esse fosse parte do segredo. Ela nunca havia percebido a quantidade de cogumelos que havia ali. Proteger os Rapp significava proteger os lakashi, as Martin, a droga da fertilidade e a vacina contra malária. Jamais alguém poderia saber de onde os Rapp vinham. Mas quem pensou em proteger Anders? Se era isso o que ela tinha disponível, então era o que ela iria usar. Quando levantou a cesta, estava apenas um pouco mais pesada do que quando estava vazia; ela cobriu tudo com a camisola e tomou o caminho de volta.

Marina sabia que os cogumelos eram sua chance mais real, mas, em todo caso, fez Easter carregar a manteiga de amendoim e as laranjas. Colocou tudo no barco. Thomas a encontrou no cais, Benoit a seu lado.

— Não posso acreditar no que a Dra. Swenson acabou de me contar — falou Thomas, o pânico evidenciando-se na sua voz. — O que Anders deve ter pensado? Que nesse tempo nenhum de nós procuramos por ele?

Marina balançou a cabeça.

— Nós não sabíamos.

Thomas pegou a mão dela.

— Vou com você para encontrar Anders.

Os lakashi estavam lá agora, esperando para saltar a bordo.

Estava tudo planejado. A Dra. Swenson chamara Thomas assim que Marina saíra, contando tudo a ele, dizendo-lhe que devia ir com ela. Thomas, sentindo-se culpado por sua ignorância, entrou no jogo. No entanto, Thomas nada tinha a ver com essa história.

— Anders era meu amigo — disse Marina, e apertou de leve os dedos magros do médico. — Foi por causa dele que vim para cá. Acho que sou eu

quem deve ir.

— Entendo — disse Thomas. — Mas ele também era meu amigo; então é igualmente meu direito. E você não sabe falar uma língua em que possa pedir o Anders de volta.

— Você também não fala hummocca — rebateu Marina.

— Juntando o que eu e Benoit sabemos, temos algo mais próximo de hummocca do que o seu inglês. Não vou esperar neste cais imaginando o que aconteceu com você. Não vou esperar para ver se Anders está vivo. — Seu rosto demonstrava uma determinação tão intensa que era quase insuportável. — Já dei minha palavra à Dra. Swenson. Nós vamos juntos.

Benoit assentiu com a cabeça sem entender exatamente o que estava sendo prometido. Marina pensou que este gesto de Benoit não demonstrava tanta convicção.

— Se esperar muito mais para decidir, Alan Saturn vai ficar sabendo — disse Thomas. — E vai insistir em ir junto. Sempre se interessou pelos hummocca. E Nancy nunca o deixaria partir sem ela, você sabe, então conte com ela também. Não imagino que a Dra. Budi concordasse em ficar para trás para cuidar da Dra. Swenson, mas posso estar errado. Se ela insistir em ir também, então teríamos que colocar a Dra. Swenson no barco. Poderíamos fazer um leito para ela no deque com alguns cobertores.

Se Anders realmente estivesse vivo em uma tribo rio abaixo, ele estaria lá havia mais de três meses. Marina não deixaria que ele ficasse lá nem por mais uma única noite.

— Está bem — aceitou ela, finalmente. A única coisa que importava era que ela saísse o quanto antes. Importava menos quem iria com ela. — Está bem.

Thomas aquiesceu agradecido, feliz de ver concluída essa parte nas negociações. Quando disse a Marina que o próximo passo seria encontrar um presente, ela contou sobre as laranjas e a manteiga de amendoim, mas não mencionou os cogumelos.

— Gostaria que tivéssemos mais — lamentou ele, olhando as dez únicas laranjas com desânimo. — Mas podemos fazer uma boa apresentação. Podemos dizer a eles, em português: “Temos presentes” e “Deixem-nos ficar com o homem branco”.

Thomas disse as duas frases para Benoit, que as traduziu o mais aproximadamente possível do português para o lakashi. Parados no cais, os três repetiram as palavras várias e várias vezes. Marina rezou para que o linguista estivesse correto, que a língua se originara da mesma raiz previsível das línguas de todas as tribos no entorno, embora parecesse duvidoso que o tal linguista tivesse tido algum contato com os hummocca. Os lakashi os interromperam enquanto eles praticavam suas falas. Benoit tentou explicar que os presentes e o homem branco não diziam respeito a eles. A mente de Marina era exigente com cada sílaba, incrustando-as em seu cérebro: *Temos presentes. Deixem-nos ficar com o homem branco.*

— Precisamos ir agora — disse Thomas. — Antes que os outros cheguem. Podemos treinar no caminho.

— Preciso pegar água — falou ela, olhando em volta do barco — e um chapéu.

Thomas saiu para o cais.

— Eu vou — disse ele e fez um sinal com a cabeça apontando os lakashi. — Mantenha-os fora do barco. — Ele se virou e levantou a mão para ela. Nesse momento, Marina percebeu como seria fácil perder Thomas nessa viagem. De repente, ela o imaginou morto, uma flecha no peito, seu corpo deslizando por um lado do barco. Ela estremeceu e piscou. Como ela poderia arriscar a vida do marido da Sra. Nkomo enquanto ia procurar o marido da Sra. Eckman? Ela deu um forte tapa no ombro de Easter, impulsionando-o para acionar a ignição enquanto ela desamarrava a corda. Quando começaram a se movimentar, Benoit gritou para ela, apontando para o lugar que Thomas Nkomo tinha ocupado antes e, com isso, ela o empurrou para a água. Easter pareceu achar tudo aquilo muito engraçado, Marina empurrando o amigo para o rio, e acelerou para que os dois pudessem ir embora.

* * *

Durante quatro horas eles não viram ninguém, nenhum homem sobre um tronco flutuante, nenhuma criança dentro de uma canoa. Ocasionalmente, uma árvore cheia de macacos gritava para eles ou um bando de pardais prateados voava sobre a proa, mas, fora isso, estavam sozinhos. Marina abriu uma das laranjas e

deu metade para Easter. Eles tinham manteiga de amendoim e uma cesta de cogumelos alucinógenos. Marina mantinha os olhos fixos no lado direito do barco, tentando lembrar qual era a pequena separação de galhos que marcava onde eles deveriam virar.

— Está vendo aquele rio ali? — Alan Saturn havia dito a ela. — Você segue por ele para chegar à tribo hummocca.

Quando ela finalmente viu a entrada, ou teve uma vaga lembrança de onde era, cutucou o ombro de Easter e apontou a curva.

O rio que ia da aldeia lakashi aos jinta era um afluente do rio Negro. Um rio modesto, com metade da largura do rio Negro e uma pequena fração da do rio Amazonas, mas o afluente em que eles viraram era ainda menor, estreito e sem nome, parecendo pouco mais largo que um riacho. Marina estava segura no que dizia respeito a ter deixado Thomas e Benoit para trás até fazerem aquela curva. Agora, ela desejava que todos estivessem lá no deque — os Saturn, Budi e até mesmo a Dra. Swenson sobre uma pilha de cobertores. Ela desejou ter enchido cada canoa disponível com os lakashi, e que eles estivessem remando atrás dela. Se uma quantidade numérica significativa representava segurança, então ela e Easter estavam perigosamente vulneráveis. A floresta se fechou na entrada e, alguns minutos depois, ela não conseguia mais ver a saída. Em alguns lugares, as folhas das árvores de ambos os lados se tocavam e formavam uma cobertura, picotando a luz em sombras com formatos de folhas que cobriam a água. Marina imaginou Barbara Bovender e o Sr. Fox parados, quietos, na popa do barco, atrás de Milton, todos os três imaginando se a curva que haviam feito seria realmente a correta.

Easter diminuiu a velocidade, e o barco deslizou silenciosamente para a frente, a trilha de fumaça roxa desaparecendo três metros atrás deles. Marina não conseguia entender como aquela parte da floresta podia ser tão pior: aquelas eram as mesmas árvores, aquela era a mesma água. Eles continuaram por uma hora antes de o rio ficar mais amplo e então mais uma hora antes de estreitar de novo. Marina estava perto de Easter agora. Uma de suas mãos tocava as costas do menino.

— Eu queria sair daqui antes de escurecer — disse ela a ele, porque o som de uma voz, mesmo de sua própria voz, era um conforto, e foi então que as flechas começaram a chover de ambos os lados, metade estalando violentamente ao

atingir o deque enquanto as outras partiam a água como lâminas e afundavam. Easter saltou e ia tirar o barco de lá, mas Marina segurou sua mão. Ela puxou o manete para baixo, a fim de parar o motor, e passou os braços em volta do garoto. Aquilo, pensou, era consequência da carta que o Sr. Fox levara para o laboratório que ela e Anders dividiam: aquele momento, aquelas flechas, aquele calor e a floresta. Juntos, ela e Easter encaravam as folhas emaranhadas. Não havia mais flechas. Ela abriu a boca e gritou em lakashi a série de sílabas que esperava ter lembrado corretamente. Marina tinha um presente. Ela repetiu, o mais alto que pôde: — Temos presentes.

Era ridículo. Não eram palavras, eram só sons. Os únicos que ela sabia.

As paredes de árvores continuavam em silêncio. Ela soltou o manete um pouco para a frente, a fim de contrabalançar a correnteza do rio que os puxava para trás. As flechas haviam caído a pelo menos um metro de distância, e Marina queria pensar que se tratava de um bom sinal. Não seria tão difícil atingir o alvo se realmente fosse essa a intenção. Ela mantinha as mãos nas costas de Easter e contava os segundos pelas batidas regulares do coração do menino. Passaram-se alguns minutos. Ela gritou para a floresta mais uma vez, uma frase sem significado, que ecoou através das árvores até os pássaros gritarem de volta. Viu um movimento nas folhas e, então, deslizando em meio aos galhos, um único homem se aproximou, e depois outro. Eles pareciam ser gerados por completo pelas folhagem, um a um, aproximando-se para observá-la até que um grupo de trinta ou mais havia se reunido na margem do rio, com suas tangas e seus arcos, as testas amarelas como canários. As mulheres vinham atrás deles, segurando as crianças, com os rostos sem pintura. Marina pensou no pai exaltando as qualidades de uma balsa, mas, embora o barco se mantivesse estável na água, não era nada mais do que um palco flutuante. Ela e Easter ficaram parados, sem proteção diante dos hummocca, e, embora ela esperasse sentir medo, não sentiu. Finalmente, ela estava ali. Aquele era o lugar a que estivera tentando chegar desde o início de sua viagem, e esperaria ali pelo resto da vida. Ela deu um tapinha no manete para manter o barco no lugar. Eles a examinavam e ela os examinava. Marina empurrou Easter para trás de si e pegou a cesta de Rapp. Tentou jogar alguns cogumelos até a margem, mas eles flutuaram para a água como um punhado de penas azuis. Ela colocou a cesta no chão e, muito lentamente, pegou uma laranja da caixa, segurando-a primeiro como em uma

exibição, depois fazendo o movimento de jogá-la e em seguida jogando-a de modo a que caísse no centro do grupo. Eles deram um passo para trás, fazendo um grande semicírculo, e olharam para a laranja caída na lama até um homem sair de trás do grupo, ir até o centro e pegá-la. Seu cabelo era comprido e da cor do sol, a barba era ruiva e grisalha. Parecia ter sido dividido ao meio, de tão magro, mas, ainda assim, lá estava, ainda ele. Anders Eckman, exatamente como sua esposa havia especulado na insanidade de sua tristeza, estava apenas desaparecido. Quando Marina chamou seu nome, ele recuou como se alguém tivesse dado um tiro.

— Quem é? — gritou ele.

— Marina.

Ele ficou parado por um bom tempo, a laranja redonda em suas mãos, a camisa suja e puída, as calças rasgadas.

— Marina?

— Temos presentes — disse ela em inglês e então repetiu a frase em lakashi.

Houve um baixo murmúrio na margem, e Anders parecia estar escutando.

— O que é? — perguntou ele.

— Rapp. Trouxe manteiga de amendoim, algumas laranjas e uma grande cesta de Rapp.

Um dos homens levantou o arco em direção ao barco, e Anders caminhou até ele e se postou em sua frente até que ele o abaixasse. Anders dizia alguma coisa agora e, então, pressionou os dedos na laranja e a abriu ao meio, pegando um pedaço para si e o estendendo antes de colocar na boca. Depois dividiu a fruta em pedaços e os entregou aos homens que estavam parados em volta dele.

— Sob nenhuma circunstância entregue os Rapp a eles — falou ele calmamente.

— É o que tenho — disse ela.

— Você tem manteiga de amendoim. Se essas pessoas ficarem sabendo sobre os Rapp, vão trucidar cada lakashi antes do anoitecer e pegar todos os cogumelos. Como você me encontrou? — gritou ele para ela.

Um por um, cautelosamente, eles colocaram os pedaços de laranja na língua e, enquanto mastigavam, olharam para Anders com prazer e surpresa.

— Depois eu conto — respondeu ela. Era tudo o que podia fazer para não pular do barco e nadar até ele.

Anders apontou para a parte de trás do barco e, após outra conferência, chamou Marina.

— A laranja está boa. Eles querem saber o que você quer em troca.

Ela ficou se perguntando se ele estava falando sério, se ele realmente não sabia.

— Você — disse ela e emendou com a segunda frase que sabia: Deixem-nos ficar com o homem branco.

Ela pensou se alguma sílaba daquilo fazia sentido para eles. Podia sentir a respiração de Easter através do tecido do vestido. A boca do menino estava pressionada contra as costas dela. Ela havia sido uma idiota por tê-lo levado. Sabia que devia ter deixado Thomas e Benoit para trás e levou Easter sem nem pensar, como se ele não fosse nada mais do que um talismã, sua garantia de sorte. Nenhuma mãe levaria o filho para lá, mesmo que ele fosse a única pessoa que entendesse do rio e do barco.

Na margem, Anders apontava para o próprio peito e para o barco. Uma única garça patinou no rio. Depois de uma longa discussão, ele chamou Marina novamente.

— Eles querem que você traga o barco.

Mais uma vez, Marina esperou sentir medo, mas, de alguma maneira, não sentiu.

— Devo fazer isso?

— Sim — disse Anders. — Eles já estão com você de qualquer maneira. Apenas lhes dê um pouco de alguma coisa, o vidro de manteiga de amendoim para começar.

Marina concordou, foi até o manete e, nisso, Easter saiu de trás dela. Ele colocou as mãos no leme novamente. Ela tocou a cabeça dele e apontou para que ele levasse o barco até a margem, e ele concordou.

— É Easter quem está com você? — perguntou Anders. — Eu estou sem meus óculos.

— Eu não devia tê-lo trazido — lamentou ela.

Era uma distância de menos de cinco metros, e eles se aproximaram bem devagar. Os homens avançaram na água e as mulheres se mantiveram na margem, atrás deles. Anders estava muito perto agora, e ela podia ver suas faces encovadas sob a barba, e também podia ver seus olhos. Quando os hummocca

foram até o barco, Marina viu que o formato da cabeça deles era de fato um pouco diferente da dos lakashi, como a Dra. Swenson havia dito. Eles não eram tão altos como os lakashi, e Anders parecia uma torre ao lado deles. Ela entregou o vidro de manteiga de amendoim para um hummocca que parecia estar no comando e, por um momento, ele não soube o que fazer com aquilo, as mãos apertando o vidro. Ele olhou para Marina, em um gesto que talvez significasse que queria ajuda, ou então que iria matá-la, mas o que ele viu no barco foi Easter. O homem com a testa amarela ficou parado diante deles, com a cintura dentro da água, o corpo contra a balsa, e a expressão em seu rosto era a mesma que ela própria demonstrara instantes antes, quando avistara Anders: um misto de alegria e incredulidade, uma expressão que queria aceitar o que não era possível. Ele se virou e chamou uma mulher na margem, que colocou a criança que estava em seu colo no chão e caminhou para dentro da água. Quando viu Easter a distância, tentou se movimentar mais rápido, mas a água a impedia. Ela o chamou, esticando os braços, o tremor em seu corpo formando anéis de pequenas ondas dentro d'água. E então ela chegou, empurrando-se para dentro do barco; Easter se encolheu atrás de Marina, as mãos em volta da cintura dela tão apertadas quanto uma cobra.

Anders já estava na água e suas mãos seguravam o barco. Ele estava chamando os hummocca com duas sílabas ríspidas. A mulher subiu no barco com dificuldade, as pernas curtas enlameadas e molhadas. Ela se ajoelhou atrás de Easter, os braços molhados sobre os braços dele que continuavam em volta da cintura de Marina. Ela choramingou uma única palavra e a repetiu, enquanto Easter se mantinha inteiramente imóvel, apertando Marina com força. A mulher atrás dele tremia. O homem com o vidro de manteiga de amendoim falou algo para Anders que não pareceu ser dito com raiva.

— Eles querem Easter — disse Anders. Ele estava ao lado do barco agora, as mãos no deque. Fazia um sinal de concordância com a cabeça para os outros homens na água que falavam cada vez mais rápido, uma das mãos segurando uma flecha, outra desenhando círculos no ar. Anders olhou para Marina. Pela primeira vez, ela pôde ver seus olhos plenamente. — Entregue Easter, e nós vamos embora.

— Não — disse ela. Não podia fazer isso. Ela levara presentes. Havia ido atrás de Anders. Colocou as mãos sobre as mãos da mulher, sobre as mãos de

Easter. Os braços deles formavam uma estrutura que a sustentavam. Ela balançou a cabeça. — Vamos entregar os Rapp para eles.

— Não é uma escolha. Eles podem manter todos nós aqui, assim como o barco. Faça isso agora enquanto eles ainda estão confusos. Não temos qualquer poder de barganha aqui. — Anders entrou lentamente no barco e, inclinando-se na frente de Marina, desembaraçou as camadas de mãos. Somente nessa hora, Easter o viu claramente e entendeu por que haviam ido até lá. Ele pulou no pescoço de Anders e emitiu o som que produzia quando dormia, um grito alto e agudo que queria dizer: *Você não está morto*. *Você não está morto*. Os hummocca olharam da água e ficaram surpresos ao ver que o garoto deles conhecia aquele homem branco e claramente o amava tanto.

— Isso não — falou Marina. — Se ficarmos com ele, vamos ficar todos juntos.

— Pegue as laranjas e a manteiga de amendoim — disse Eckman, a mão na parte de trás da cabeça de Easter, o rosto no pescoço de Easter. Anders beijou o garoto, seu cabelo, sua orelha e seus olhos. Eles teriam menos de um minuto juntos. A mulher estava de pé agora, as mãos nas costas de Easter.

Marina pegou as frutas e a manteiga de amendoim e as entregou, enchendo cada mão estendida para ela. Então Anders levantou Easter pela cintura. Os pés do menino estavam descalços, e ele usava um short amarelo sujo e uma camiseta azul onde se lia “JazzFest 2003”. Marina anotou tudo isso mentalmente, como se houvesse alguém para quem pudesse descrever depois, uma agência que procurasse crianças desaparecidas. Anders entregou Easter às mãos estendidas do homem na água, e a mulher deslizou pelo lado do barco para ficar com o homem. A expressão no rosto do garoto quando seus olhos se moveram na direção de Marina, depois na de Anders e de volta a Marina, era de pavor diante daquele equívoco. Era pior do que a expressão que Marina tinha visto quando a cobra o apertara, porque ele compreendia o que se passava na situação da cobra. Ele esticou as mãos para ela, e Marina fechou os olhos. Ela o deixou lá. Ela o deixou partir.

O barco já estava virado no sentido oposto agora, e Anders se encontrava no leme. Em um minuto, eles seguiam a toda velocidade nas curvas estreitas do rio, e Marina mantinha os olhos fechados, a mão no mastro que segurava a cobertura esfarrapada no centro do barco. Ela havia considerado sua própria morte e

certamente havia considerado a morte de Anders, mas não estava pronta para lidar com o que tinha acontecido.

— Eles ficariam com Easter de qualquer jeito — disse Anders. — Se tivessem nos matado, se não tivessem nos matado, Easter teria ficado com eles de qualquer jeito.

Ele fez uma curva muito rápida e a cesta de Rapp balançou duas vezes e então deslizou para fora do barco, espalhando-se na água, uma oferenda de pequenas cortiças azuis. Marina agarrou a ponta da camisola antes que voasse e a amarrou com um nó em volta da cintura. Ela desejava ter ingerido um punhado daqueles cogumelos. Ficaria feliz em perder a cabeça por um momento. Ficaria grata por ver Deus. Havia tanto a dizer a Anders! Mas ela não falou nada. Queria saber o que havia acontecido com ele em todo aquele tempo, como ele tinha ido parar lá, se ainda estava doente, mas Easter estava na frente de todas as perguntas. Ela não o perdera ou matara. Ela o tinha levado para a floresta e entregado aos hummocca, e ninguém podia dizer nada diante daquele fato. Quando já estavam bem longe, Marina assumiu a direção do barco, e Anders deitou-se na proa do deque, os olhos fechados e as mãos cruzadas sobre o peito. Quando ela o viu dormindo, lembrou-se de que ele havia sido dado como morto por meses e que, para trazê-lo de volta, ela havia desistido de tudo o que conhecia no mundo. Anders, com quem ela trabalhava todos os dias, que ela conhecia tão bem e tão pouco, estava vivo novamente. Ele dormia agora como se tivesse ficado acordado todo o tempo em que estivera desaparecido, e havia momentos em que ela pensava que ele parecia morto de novo, mas ela não iria parar o barco para checar. De tempos em tempos, chovia e, quando não estava chovendo, a luz rareava nas copas das árvores, e os morcegos começavam a dar suas voltas sobre a água. Não era difícil pilotar um barco. Por que ela tinha pensado que precisava levar Easter? Marina enrolou a camisola em volta da cabeça e do pescoço e fechou um pouco os olhos em meio aos insetos do anoitecer.

Quando finalmente Anders acordou, horas mais tarde, foi por causa de um pesadelo. Suas mãos se lançaram no ar, ele deu um gemido e então se sentou. Já estava escuro como breu, e Marina pilotava devagar, iluminando a margem com a luz do barco. Ela estava preocupada de passar da aldeia dos lakashi, de virar em algum outro afluente e se perder novamente. Anders olhou o rio, depois o

barco, e para Marina. Ao longe, eles conseguiam vislumbrar pequenos pontos de fogo rio abaixo.

— Tive muito tempo para imaginar meu resgate — disse ele. — Soldados de elite, mercenários, até os lakashi. Em geral, eu pensava que Karen estaria no comando.

— Deveria ter sido Karen. Ela queria esse papel, mas eu disse que ela precisava ficar em casa com os garotos.

Anders fechou os olhos para visualizar os meninos mais claramente.

— Como estão os garotos?

— Todos estão bem.

— Em todos os sonhos que tive em relação à minha volta, nunca imaginei que fosse você quem viria me resgatar.

— Pensei que você estivesse morto.

— Eu estava morto.

Não demorou muito para que as vozes dos lakashi se espalhassem na água e os guiassem. Marina estava agradecida pelas tochas, pelo enorme barulho que eles faziam. Pela primeira vez em semanas, ela pensou em que horas seriam. Alguns homens começaram a nadar até o barco, pularam a bordo e, assim que pisaram no deque, emudeceram. Duas coisas inimagináveis tinham acontecido: Anders estava com ela, e Easter, não. Marina desligou o motor, com medo de atropelar alguém no escuro, e os homens que ainda nadavam puxaram o barco até o cais. Eles se inclinaram em direção a Anders, os galhos flamejantes bem acima de suas cabeças. Não deram tapinhas nele, mas baixaram os galhos para a água, onde o fogo se apagou com um assobio. Um por um, deslizaram para a margem. Voz por voz, a cantoria cessou. No escuro, Anders pegou a mão de Marina.

No cais, Thomas Nkomo segurava uma lanterna e parecia ter aguardado lá o dia inteiro, esperando que Marina se lembrasse dele. Logo que o viu, Marina pensou nas flechas que caíram no barco, mas ela não lhe disse que havia salvado sua vida. Thomas se aproximou de Anders e o segurou nos braços, e os dois homens altos e magros se abraçaram. A Dra. Budi apareceu por trás dele, seguida pelos Saturn, e cada um teve sua vez.

— E Easter? — perguntou Nancy Saturn, olhando em volta.

— Deixamos Easter lá — respondeu Marina.

Os lakashi começaram a se afastar e as luzes de todos os galhos flamejantes se arrastaram floresta adentro para todas as direções; os médicos se dirigiram ao laboratório.

Marina pegou a trilha para a cabana da Dra. Swenson. Não precisava de uma lanterna, a lua estava brilhante. Quando entrou, viu que seu catre fora retirado de lá.

— Mandei que tirassem hoje à tarde. Achei que você não voltaria.

A Dra. Swenson estava deitada na cama; havia um candeeiro aceso na mesa ao lado.

— Anders está aqui — falou Marina, parada perto da porta.

A Dra. Swenson levantou a cabeça.

— Barbara Bovender estava certa?

— Ele está no laboratório.

— Não conheço nenhuma história parecida com essa. — A Dra. Swenson balançou a cabeça. — Vou ficar feliz de ver o Dr. Eckman. Easter deve estar entusiasmado. Sempre achei que ele se culpasse por tê-lo deixado ir embora. O Dr. Eckman deve ter descido até o rio. Pensei nisso o dia inteiro e foi a única explicação que encontrei. Uma das canoas tinha sumido. Ele deve ter se arrastado para dentro dela e flutuado rio abaixo. Então, em algum lugar por aí, os hummocca o encontraram.

— Easter se foi.

— O que você quer dizer com isso?

— Os hummocca o pegaram. Foi assim que eu trouxe Anders de volta. Um homem e uma mulher tiraram Easter do barco. Pareciam achar que o menino era deles. Tinham certeza disso.

A expressão da Dra. Swenson tornou-se selvagem, e ela se escorou com as mãos para se sentar. Sua camisola era velha e estava rasgada no pescoço.

— Você tem de voltar lá. Tem que ir até lá e trazer Easter de volta.

Marina balançou a cabeça.

— Não posso.

— Não vou aceitar. É claro que você pode. Você pegou o Dr. Eckman e agora vai pegar Easter. Ele é surdo. Não entende o que aconteceu. Você não pode simplesmente deixar o menino lá.

Mas Marina já o havia deixado e ela entendia que, na vida, só se deve fazer a viagem ao inferno apenas uma vez. Não havia condições de voltar àquele lugar, por causa de ninguém.

— Onde você achou Easter? — perguntou ela.

— Eu já falei.

— Conte-me de novo — pediu Marina.

A Dra. Swenson se enterrou de volta nos travesseiros. Esperou um longo tempo antes de falar.

— Não contei porque você não ia gostar da história. Mas isso não importa agora, não é? Ninguém diz a verdade a quem não conhece bem; se disser, não é uma boa característica. Todos preferem algo mais bonito do que a verdade.

— Onde você achou Easter?

— Eles me deram o garoto. Ele foi trazido para cá. Na floresta, uma tribo sabe o que a outra está fazendo, já lhe contei isso, mesmo tribos com as quais eles não têm qualquer meio óbvio de comunicação. Um dia, os hummocca me procuraram. Foi há uns oito anos, não tenho certeza. Dois homens vieram em uma canoa para me buscar, mas eu não fui com eles. Eu sabia quem eram. O Dr. Rapp tinha feito algumas negociações com os hummocca trinta anos antes, nada que rendesse bons frutos. No dia seguinte, os mesmos homens voltaram com uma criança dentro do barco. O menino estava incrivelmente doente. Havia pus e sangue escorrendo dos ouvidos. As crianças aqui morrem com frequência, é por isso que eles precisam de tantas delas. Só posso imaginar que essa criança era de alguém muito importante, porque eles vieram me procurar. Eles se fizeram entender mesmo sem o benefício de uma língua em comum, queriam que eu salvasse o menino e, por isso, deixaram que ele ficasse aqui. Eu certamente não pedi isso. Ele estava com uma febre de quarenta e um graus, uma mastoidite bilateral, provavelmente meningite. Já estava surdo, não havia nada que eu pudesse fazer quanto a isso. Três dias depois, os mesmos homens voltaram, querendo levar o menino. Ele estava na penicilina, cinquenta mil unidades de seis em seis horas. Eu não podia mandar a criança de volta em uma canoa.

— Então você ficou com ele?

— Falei que o garoto tinha morrido. Era o que teria acontecido se não fosse por mim. Mas, se eles pudessem esperar algumas semanas, eu teria devolvido o menino; só que eles voltaram cedo demais, e a criança ainda estava muito doente

para ir. Eu não tinha como explicar nada daquilo, mas, pelo que eu sabia, era preferível afirmar que ele estava morto.

— Você podia ter mandado a criança de volta depois.

— Ele ficou doente por um mês, extremamente doente. Quando eu mandasse o menino de volta, já teriam se esquecido dele. Uma criança surda? Não saberiam o que fazer com ele. Você acha que não teria feito a mesma coisa? Ele já era Easter então, sabe? Depois de um mês alimentando, lavando e passando a noite toda em claro por causa das febres, você acha mesmo que eu iria devolver aquela criança para os canibais?

— Eu não teria tirado o filho de alguém — replicou Marina.

— Claro que teria. Você o teria tirado de mim. Você nunca teve a intenção de sair daqui sem ele, e eu nunca tive a intenção de deixá-lo partir. Ele era meu. Era meu garoto, e você o entregou.

Se ele ainda estivesse ali, Marina o teria colocado em uma canoa naquela noite e remado ela própria no escuro até o rio Amazonas.

— Eu teria levado Easter — admitiu Marina. — Você está certa. Só que agora não tenho mais essa chance. Por que você me deixou levar Easter até os hummocca? Por que não me disse que não era seguro?

— Ele não era deles — respondeu a Dra. Swenson. — Ele era meu.

Marina se conteve. Não havia nada a dizer. Ela teria jurado que Easter era dela.

— Anders e eu vamos embora amanhã de manhã.

— Leve o Dr. Eckman de volta a Manaus se quiser ou deixe que outra pessoa o leve, mas ainda preciso de você aqui.

— Eu vou com ele.

A Dra. Swenson balançou a cabeça.

— Não é assim que funciona. Acredite em mim, você não vai se adaptar mais. Você mudou. Traiu seu patrão e vai continuar traindo, e isso não vai fazer bem a alguém como você. Eu também mudei, faz muito tempo, mas também mudei. Segui meu professor até aqui. Achei que fosse ficar por um verão. Conheço essa história.

— Não é a mesma história.

— Claro que não é. Nada nunca é igual. Eu não era como o Dr. Rapp e, ainda assim, adotei este lugar. Você não é como eu, mas espere para ver: vai voltar

para lá e nada mais vai fazer sentido para você.

Marina parou ao lado da cama.

— Boa noite — falou ela.

— Você vai voltar — avisou a Dra. Swenson. — Mas não me deixe esperar para sempre. Nosso tempo não é infinito para esse trabalho. Easter vai voltar, você sabe. Ele pode até voltar amanhã de manhã. Ele vai roubar uma canoa quando todos estiverem dormindo. Ele sabe o caminho de casa. Ele não vai guardar rancor de você pelo que fez com ele. É uma criança. Ele vai nos perdoar.

Marina, porém, havia visto a expressão no rosto dele quando Anders o entregou. Ela não tinha certeza se a Dra. Swenson estava certa.

— Boa noite — disse ela de novo, e fechou a porta.

* * *

Quando Marina voltou ao laboratório para encontrar Anders, Alan Saturn disse que ele tinha ido tomar um banho. Thomas procurava a caixa onde haviam guardado as coisas dele, esperando que nem todas as suas roupas tivessem sido levadas. Nancy e Budi estavam quietas fitando o chão à frente.

— Ele contou que ainda tem febre intermitente — falou Alan finalmente. — Certifique-se de que ele pareça bem quando entrarem no avião. Se acharem que Anders tem malária, não vão deixá-lo voltar para casa.

— Ele pode estar com malária? — perguntou Marina.

A Dra. Budi olhou para cima, mas não disse nada.

— São os trópicos — respondeu Nancy. — Qualquer um pode ter pegado malária.

A Dra. Budi balançou a cabeça.

— Qualquer um, menos nós — corrigiu ela.

Marina voltou para a varanda. Ela se lavou em pé dentro de uma bacia e colocou a camisola da Sra. Bovender. Não estava mais particularmente limpa, mas era como um botão de edelvais em comparação com o vestido que ela vinha usando. Ela se sentia péssima de ficar naquele lugar sem Easter. Abriu a caixa dele, que havia voltado do quarto da Dra. Swenson com o catre, e lá, entre as penas e a pedra que parecia um olho, estava a carta de Anders em que anunciava uma recompensa pela entrega de Easter em segurança. Na caixa, ela achou não

só o passaporte de Anders, como também o dela. Também encontrou sua carteira, sua passagem de avião e seu telefone. Sentou-se com o aparelho nas mãos por um longo tempo antes de tentar ligá-lo e, quando finalmente teve coragem de apertar o botão, nada aconteceu. Estava sem bateria. Ela o colocou de volta na caixa.

— Esse era o meu quarto — disse Anders.

Marina olhou para cima e lá estava ele. A barba tinha desaparecido, e ele passou a mão no rosto. Era o rosto de que ela se lembrava.

— Uma mulher lakashi me barbeou. Parece que ela ficou incrivelmente feliz em fazer isso. Eu nunca tinha tido barba antes — disse ele. — E odiei.

— Agora você está parecendo você mesmo — comentou ela.

— Eu dormia aqui. — Ele apontou para a cama. — Easter dormia na rede.

— Eu sei. Imaginei. — Ela olhou para a caixa. — Ele dormia comigo. Tinha pesadelos horríveis depois que você foi embora.

— Eu também tinha — disse Anders. Ele desligou as duas lanternas e colocou a caixa no chão. — Abra um espaço para mim.

Marina se esticou para um lado da cama, e Anders se deitou a seu lado. Seus narizes se tocaram, e ele passou um dos braços pelos ombros dela.

— Desculpe — falou ele.

— Não — disse ela —, foi melhor assim.

— Amanhã vamos para casa.

Ela se inclinou na direção dele e se encostou em seu pescoço. Se pegassem no sono, deveria ser no mesmo minuto. Teriam que segurar um ao outro muito perto e ficar completamente parados até que acordassem de novo. Até aquele ponto, eles haviam se abraçado todos os anos quando ela comparecia à festa de Natal na casa dele. Ele abria a porta usando um suéter vermelho, e ela, lá fora na neve, segurava uma garrafa de vinho; ele lhe dava um rápido abraço e logo a conduzia para dentro de casa.

— Por que você? — perguntou ele.

— Não sei. Karen queria que eu viesse, e o Sr. Fox também. Eu precisava saber notícias sobre a Dra. Swenson e descobrir como você havia morrido. Fiquei muito triste quando soube da sua morte.

— Ninguém imaginou que eu estivesse desaparecido? — perguntou ele. — Ninguém achou estranho que não tivessem encontrado meu corpo?

Marina balançou a cabeça bem devagar no travesseiro dividido pelos dois.

— A Dra. Swenson falou que tinham enterrado você. Ela pensou que você estivesse morto. Tinha certeza de que você estava morto.

— Mas você não achou que eu estivesse.

Ele colocou a mão no ombro dela.

— Achei, sim — disse Marina. — Mas Karen, não. Ela tinha muita esperança, mas eu não acreditava nela. Pensei que ela simplesmente não conseguisse aceitar.

— Então por que você foi até lá me procurar?

— Barbara Bovender — respondeu ela, e foi então que o beijou, porque suas bocas estavam tão próximas, porque ele realmente estava vivo, porque ela não conseguia explicar nada daquilo. Ela estava na sala de estar dos Bovender, e Barbara havia lhe perguntando: "Você o ama?" Ela o amava agora, mas só agora. Naquela única noite, depois de um dia extraordinário, que ambos lembrariam pelo resto da vida, ela o beijou para provar a si mesma que tudo aquilo havia acontecido, e ele a beijou porque era verdade, ele estava ali. E quando uniram seus corpos, ainda parecia uma necessidade, os dois tentando deitar juntos em um espaço tão pequeno. Quando ela chorou, foi porque reviu o afluente e pensou novamente em como teria sido perder aquela entrada. Se tivesse perdido, ou se Barbara Bovender tivesse perdido, Anders nunca teria sido encontrado, e Easter nunca teria ido embora. Anders sabia, ele disse quando segurou a cabeça dela nas mãos. Quando fizeram amor, foi só para acalmar os medos que haviam suportado. Era um ato físico de gentileza, um conforto, um gesto sublime de ternura entre amigos. Ela teria feito amor com o Sr. Fox se ele estivesse lá, e Anders teria feito amor com a esposa, mas, naquela noite, eles só tinham um ao outro e, de qualquer maneira, depois de tudo o que havia acontecido entre eles, como poderiam não se entrelaçar, unir seus corpos para mostrar como, pelo menos até que o avião pousasse em Minneapolis, estavam profundamente ligados? Sem sentir por cima de si o peso do amigo, tão reduzido agora, Marina provavelmente teria ido para as sombras do rio para conferir se a Dra. Swenson estava certa e se Easter remaria de volta para casa em uma canoa roubada, talvez a mesma na qual Anders fora embora. Sem o calor dela, provavelmente ele não teria acreditado na inversão da sua sorte. Aquela seria a única parte da história de que nunca mais falariam, a parte em que ele a ergueu por cima dele, com seus

braços finos como brotos de árvores, e ela colocou seu rosto no peito dele, o beijou e chorou.

De manhã, miraculosamente, os dois ainda estavam equilibrados na cama, dois pratos finos empilhados em uma prateleira, Marina deitada de lado, com Anders Eckman cobrindo suas costas como um cobertor. Ela havia planejado visitar as Martin uma última vez antes de partir, mas agora a única coisa que queria era terminar tudo aquilo. Ela já estava farta das árvores. O fato de um dia ter considerado levar uma sacola cheia de galhos parecia ridículo e um pouco repulsivo agora. Tudo o que queria levar para casa era Anders. Ela estava nua ao lado do colega de trabalho e, ao tentar deslizar para fora da cama, o acordou.

— Ah, Marina — falou ele, mas ela balançou a cabeça e se inclinou para a frente.

Pela última vez na vida, o beijou.

— Vamos para casa.

E foi o que fizeram, Marina vestindo a camisola de Barbara Bovender com suas calças por baixo e uma das camisas do Sr. Fox por cima. Usava ainda o chapéu de Milton e carregava a caixa de Easter como uma pequena maleta. Os Saturn os levaram na balsa até Manaus. Estavam a apenas uma hora dos lakashi quando um enorme pássaro sobrevoou suas cabeças tão baixo que puderam ver a expressão do pequeno macaco pendurado pelas garras curvadas.

— É um gavião-real — gritou Anders, inclinando-se para um dos lados do barco para observá-lo passar. — Vocês viram?

— Não dava para não ver — respondeu Nancy Saturn.

A floresta ficou repentinamente silenciosa com a presença do pássaro, como se todas as criaturas que enxergassem tivessem prendido o fôlego.

— Era o pássaro que eu mais queria ver quando vim para cá. É quase impossível de achar. — O corpo de Anders ainda estava na direção da ave de rapina. — Não acredito que vi um gavião-real.

Quando chegaram a Manaus, ligaram para Milton do telefone pago do cais. Milton, sempre prestativo, tinha um amigo no guichê de passagens das companhias aéreas, o qual ficou muito interessado na história deles. Enquanto esperavam acertar os detalhes para dois lugares no próximo voo para Miami, com a primeira conexão possível para Minneapolis, foram ver Barbara Bovender para lhe contar que não fora seu pai que ela havia visto correndo entre as árvores

e também como, ao fazer aquela curva errada no rio, ela salvara a vida de Anders. Contando a história para outras pessoas, eles a contaram um ao outro: como cada um encontrou a Dra. Swenson; como Anders, com febre, havia ido até o rio e entrado em uma canoa; sobre os hummocca, que o acharam mais morto do que vivo, boiando no fundo do pequeno barco — e ele nunca saberia ao certo por onde tinha passado, já que todas aquelas lembranças vinham de um lugar tão completamente embaixo d'água agora, como uma cidade submersa por um rio —; sobre o cataplasma com odor de raiz-forte e alcatrão que haviam aplicado nele durante semanas e como a pele do seu peito havia ficado cheia de bolhas. Eles se aprimoraram tanto naquele ofício de conversar que, em algum ponto, Marina contou a Milton sobre a visão que tivera de Thomas Nkomo abatido por uma flecha, e Anders relatou a Barbara sobre como Easter fora tirado das suas mãos, embora tanto Barbara quanto Marina tivessem chorado ao ouvir essa parte da história. Quando embarcaram no avião, haviam conversado a respeito de tudo, menos do assunto sobre o qual jamais falariam. Beberam *bloody mary* e ficaram observando a Amazônia, que ficava cada vez mais distante no mapa da tela à frente deles. Acomodados nas poltronas reclináveis, os dois caíram em um sono que foi mais profundo e restaurador do que qualquer outro dos últimos meses.

Havia um bom motivo para ligar para Karen do aeroporto de Miami e um bom motivo para não ligar, indo direto para casa. Marina podia perceber partes iguais de amor e crueldade em qualquer uma das opções, e, embora tivesse votado pela ida direto para casa, afirmou que a decisão seria exclusivamente dele. Anders olhou o relógio e a fileira de telefones perto do portão de embarque, até que finalmente ouviram a chamada para o embarque do voo deles. Anders e Marina concordaram que haviam perdido suas habilidades com o telefone. Quanto mais perto de casa chegavam, mais voltavam a ser as pessoas de antes, dois médicos que dividiam um escritório em uma empresa farmacêutica no subúrbio de Minneapolis.

Minnesota! O lugar cheirava a framboesas, luz do sol e grama fresca. Era verão e tudo estava mais bonito do que qualquer fotografia que Marina havia levado. Quando estavam no táxi, ainda tinham consciência de que algo extraordinário havia acontecido, mas a atenção deles se dispersou, primeiro pelos altos prédios, depois pelas árvores carregadas de folhas, pelas vastas

pradarias que se estendiam a perder de vista em todas as direções, pela incrível leveza do ar. Anders se inclinou no banco e deu as indicações para o motorista nigeriano, uma curva de cada vez, enquanto Marina baixou o vidro do carro e deixou o vento bater nos dedos e esvoaçar seu cabelo trançado. Por alguma razão, ela pensou na ida com Milton e os Bovender para aquela praia fora de Manaus e na cabra que Milton conseguira não atropelar. Nunca houvera um lugar no mundo tão bonito quanto Minnesota.

Quando chegaram à rua sem saída, passaram por um garoto em uma bicicleta, mas Anders olhava na outra direção. Ele já havia enxergado dois garotos no jardim, que, a distância, corriam e brincavam como Easter; sua mão tocou o ombro do nigeriano, pedindo para ele parar o carro. A porta do táxi se abriu como a porta de uma jaula e Anders pulou para fora, gritando os nomes deles. Por alguns minutos, o táxi continuou parado e Marina ficou observando, observando aquele mundo que não tinha nada a ver com ela, embora ela mesma o tivesse construído. Ela viu o garoto na bicicleta fazendo uma curva longa e redonda e ir apressado pela rua na direção do pai. A porta da frente se escancarou com o som de tantos berros, os meninos gritando como os lakashi, e os vizinhos abrindo as portas. Ela não viu Karen abrir a porta, mas lá estava ela, voando para os braços do marido, os pés mal tocando o gramado. Ela estava pequena e resplandecente como uma criança. Era como se tivessem esperado por Anders todos os dias, segurando os galhos flamejantes por cima da cabeça, um desabafo em uma única voz ululante até ele voltar. E Marina o levara de volta. E sem um pensamento de que alguém deveria vê-la, pediu ao motorista para prosseguir.

sobre a autora

© Melissa Ann Pinney



Ann Patchett é autora premiada de cinco romances, entre eles *Bel Canto*, vencedor do Prêmio Orange e do PEN/Faulkner Award e finalista do National Book Critics Circle Award. Publicou também duas obras de não ficção e colabora para diversos veículos, como *New York Times Magazine*, *Elle*, *GQ*, *Financial Times*, *Paris Review* e *Vogue*. Eleita pela revista *Time* uma das 100 pessoas mais influentes de 2012, Ann Patchett é proprietária de uma pequena livraria na cidade de Nashville, Tennessee, onde mora.

Sumário

Capa
Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Dedicatória
Um
Dois
Três
Quatro
Cinco
Seis
Sete
Oito
Nove
Dez
Onze
Sobre a autora